

# **Sequeiro, casa e campo em Barcelos**

Intervenção arquitetónica para agroturismo

Marisa Fernandes Lopes

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
Arquitetura

# **SEQUEIRO, CASA E CAMPO EM BARCELOS**

INTERVENÇÃO ARQUITETÓNICA PARA AGROTURISMO

**Marisa Fernandes Lopes**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

**Arquitetura**

(Mestrado integrado)

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Rita Ochoa

Co-orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Miriam Ruiz Iñigo

**janeiro de 2023**



## Declaração de Integridade

Eu, Marisa Fernandes Lopes, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição 36479 do curso de Arquitetura da Faculdade de Engenharia, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridade da Universidade da Beira Interior**.

Mai concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 27 / 01/ 2023

*Marisa Fernandes Lopes*

---

## **AGRADEÇO,**

Às professoras Doutoras Miriam Iñigo e Rita Ochoa por terem aceite este desafio, pela entrega, atenção e orientação ao longo de todo o processo e sobretudo pela confiança e motivação;

Aos meus pais, um eterno obrigado, por me possibilitarem a realização deste sonho, pelo apoio contínuo nesta etapa da minha vida, em especial ao meu pai que de uma forma ou de outra me encorajou e influenciou a percorrer este caminho;

À minha irmã, que teve de crescer e aprender a lidar com a distância;

Ao meu namorado, pela motivação, paciência e por acreditar em mim todos os dias;

Agradeço ainda, aos amigos de sempre, pelas palavras de incentivo, pelo carinho e momentos partilhados;

Aos amigos mais recentes que a Covilhã me ofereceu, às histórias e memórias que retratam esta etapa, pela saudade;

À Covilhã que me acolheu como se fosse sua;

Obrigado, pelo auxílio na realização deste sonho, hoje realizado.



# RESUMO

**“O passado vivido deve ser considerado não como uma questão de estilo, mas como um elemento integrante e sempre renovado no processo de criação”**

(Kahn, 2002: 96)

As zonas rurais têm sofrido diversas transformações ao longo dos tempos, originando o desaparecimento de valores de uma entidade regional, que se tem vindo a desvanecer, em termos de tradições, culturas e memórias do local.

Simultaneamente, a Arquitetura Popular Portuguesa, tem vindo a ser esquecida ou mesmo desvalorizada, certamente por não corresponder às aceleradas mudanças dos modos de vida contemporâneos. No entanto, deparamo-nos atualmente com algum reverso da situação. Numa época caracterizada pela globalização que promove a homogeneização das culturas e conseqüentemente os modos de construir, afirma-se cada vez mais a necessidade de retomar questões associadas à identidade e o interesse de voltar a uma construção adaptada ao lugar.

Consciente desta realidade, a presente dissertação coloca como pressuposto fundamental compreender a importância da Arquitetura Popular portuguesa, com vista à preservação de uma identidade rural e agrícola, através da valorização e reinterpretação da sua arquitetura.

O trabalho parte de uma inquietação da autora sobre esta temática e reflete-se na recolha de conhecimento e análise desta arquitetura de forma a absorver os seus ensinamentos.

No contexto do Mestrado Integrado em Arquitetura da Universidade da Beira Interior, a intervenção prática a desenvolver consiste na realização de um projeto para alojamento local, assente no conceito de agroturismo. O local escolhido foi a Quinta da Torre, situada a 2,5 km do centro da cidade de Barcelos.

Num lugar onde a tradição agrícola parece sobreviver às constantes mutações dos tempos, procurou-se desenvolver um projeto de arquitetura capaz de reafirmar a identidade do local. Numa ciente concordância da ação do Homem com a Natureza, trabalha-se e explora-se como conceito a metáfora associada à atividade de cultivo, desde a preparação da terra, a sementeira ao processo de colheita do produto final.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agroturismo; Arquitetura; popular; Tradição arquitetónica; Rural, Barcelos.



# ABSTRACT

**"The lived past must be considered not as a matter of style, but as an integral and always renewed element in the creation process."**

(Kahn, 2002: 96)

The rural areas have been facing several transformations over time, originating the disappearance of values of a regional entity, which has been fading away, in terms of traditions, cultures and memories of the place.

Simultaneously, the Portuguese Popular Architecture, has been devalued and abandoned, certainly for not matching the fast-paced changes of the contemporary ways of life. However, we are currently facing some reversal of the situation, at a time defined by globalization, which promotes homogenization of cultures and consequently the ways to build. The need to retake issues associated with identity and the interest in returning to a construction adapted to the local is increasingly affirmed.

Aware of this reality, the present thesis(dissertation) sets as a fundamental objective to comprehend the importance of the Vernacular and Popular Portuguese Architecture, aiming to the preservation of this rural and agricultural identity, through the valorization and reinterpretation of its architecture.

The work comes from the authoress's increasingly restlessness for this theme and is reflected in the collection of knowledge and analysis of this architecture in order to absorb its teachings.

In the context of the Integrated Master's Degree in Architecture at the Universidade da Beira Interior, the practical intervention to develop consists of the accomplishment of a project for local accommodation, based on the concept of agritourism. The chosen location is the Quinta da Torre, settled 2,5 Km of the center of the city of Barcelos.

In a place where the agricultural tradition seems to survive to the constant mutations of time, the construction of an architectural project is sought, capable of reaffirming the identity of the place.

In a conscious agreement of the action of man with Nature, we work and explore as a concept, the metaphor associated with the activity of cultivation, from the preparation of the land, the sowing, and the process of harvesting the final product.

**KEY WORDS:** Agrotourism; Architecture; popular; Tradition architectural; Rural, Barcelos.



# ÍNDICE

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

## I. INTRODUÇÃO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	1
1.1 Justificação do tema .....	1
1.2 Objetivos .....	2
1.3 Metodologia .....	3
1.4 Estrutura da dissertação .....	4
<b>2. CONSTRUÇÃO DO PROGRAMA</b> .....	5
2.1. Primeiras considerações .....	5

## II. ARQUITETURA POPULAR PORTUGUESA

<b>1. ENQUADRAMENTO DO TEMA</b> .....	11
1.1 Contextualização histórica .....	11
<b>2. ARQUITETURA POPULAR MINHOTA</b> .....	17
2.1. Minho, Douro litoral e Beira litoral: zona 1 .....	17
2.2. As tipologias de edificação .....	20
2.3. Análise das tipologias .....	24

2.3.1 Espigueiro, eira e sequeiro .....	29
2.3.2 Complexo agrícola – Casa de Calvelhe .....	39
2.3.3 Casa da lavoura – Casa da Cachada .....	49

### **3. INFLUÊNCIAS DA ARQUITETURA POPULAR NA OBRA DE FERNANDO**

TÁVORA, EDUARDO SOUTO DE MOURA E CORREIA RAGAZZI.....	58
3.1. Casa de férias de Ofir .....	58
3.2. Casa de Moledo .....	68
3.3. Agroturismo em Melgaço.....	76
<b>4. EPÍLOGO .....</b>	<b>84</b>

## **III. PROPOSTA**

<b>1. ANÁLISE QUINTA DA TORRE.....</b>	<b>91</b>
<b>2. ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO .....</b>	<b>108</b>
<b>3. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO .....</b>	<b>122</b>
<b>4. SOLUÇÃO CONSTRUTIVA E MATERIALIDADE .....</b>	<b>152</b>
4.1. Área social – casa preexistente .....	152
4.2. Área de trabalho .....	157
4.3. Área de alojamento.....	162

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	169
LISTA E CREDITO DE FIGURAS.....	170
BIBLIOGRAFIA.....	180





## **EU SOU DO TAMANHO DO QUE VEJO**

"Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no  
Universo...

Por isso a minha aldeia é tão grande como outra qualquer

Porque eu sou do tamanho do que vejo

E não do tamanho da minha altura...

(...)"

Alberto Caeiro em  
O Guardador de Rebanhos - Poema VII  
Heterónimo de Fernando Pessoa

# I . INTRODUÇÃO

# 1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura pela Universidade da Beira Interior configura uma abordagem teórico-prática ao tema da Arquitetura Popular Portuguesa em contexto rural e centrada na revitalização das potencialidades do local.

Um pouco por todo o país, verificam-se diversas construções de carácter Popular em abandono, degradando-se em função do tempo, ou a sofrer transformações desmedidas. Tende-se assim a apagar por completo o legado desta arquitetura, tornando-se premente o interesse em estudar e compreender a essência da Arquitetura Popular Portuguesa e contribuir para a sua conservação e revitalização.

## 1.1 JUSTIFICAÇÃO DO TEMA

**“Só se ama aquilo que se conhece. É também de uma história de amor que este livro trata: amor pela paisagem, amor pelo território, amor pela arquitectura, nascida “deste chão duro e ruim” (...). É deste amor que tem que nascer a vontade de imaginar um futuro para o passado. E é talvez essa a principal mensagem deste livro, hoje.”**

Helena Roseta (AA.VV., 2004: VIII)

O tema deste trabalho surge da inquietação pessoal face à dicotomia entre rutura e continuidade, entre tradição e vanguarda, em simultâneo com uma crescente preocupação sobre a revitalização de um passado desvanecido em contexto rural, afetado pelas transformações nos modos de construir, cada vez mais padronizados e globais.

Com efeito, os centros urbanos crescem de forma acelerada e as zonas rurais são abandonadas, despovoadas, acarretando a extinção das culturas e tradições.

Consciente desta crescente descaracterização, desenvolve-se um trabalho de investigação na procura de compreender, analisar e interpretar a Arquitetura Popular Portuguesa, não apenas numa tentativa de preservação do passado, mas sim da necessidade de evolução, com base nos seus princípios arquitetónicos mais relevantes, como a harmonia com a natureza e o enquadramento na paisagem, a proporção, implantação e orientação solar e sustentabilidade. Tudo isto tendo considerado três premissas fundamentais: aprender com o passado, pensar o presente e projetar o futuro.

O projeto a desenvolver tem lugar na Quinta da Torre, um lugar repleto de histórias e memórias de vidas passadas, que abraçam as memórias e histórias da própria autora, servindo de atual sua habitação. Nesse sentido, a escolha do lugar foi motivada pelo apreço e familiaridade com a identidade do local, e sendo esta o fim de uma etapa importante no percurso académico é importante também o simbolismo que o próprio lugar representa.

## **1.2 OBJETIVOS**

A presente dissertação tem como objetivo principal apresentar um conjunto de soluções projetuais que proporcionem a valorização, a qualificação e a dinamização do espaço rural da Quinta da Torre, em Barcelos, tendo em consideração a sua identidade e cultura agrícola, explorando os seus hábitos, saberes e particularidades.

Paralelamente e para melhor poder atuar sobre este território, a dissertação tem como objetivo compreender a Arquitetura Popular portuguesa, com relevância na zona Minho. Pretende-se assim analisar edificados característicos desta arquitetura localizados especificamente no espaço que é objeto da intervenção, à luz do seu contexto histórico, cultural e geográfico. A dissertação compreende ainda a análise de um conjunto de casos de estudo considerados relevantes, em termos de conceitos e soluções e que possam por isso auxiliar a conformação do projeto.

Em relação ao projeto de arquitetura, optou-se pelo desenvolvimento de um programa de alojamento rural, com base no conceito de agroturismo que pudesse tirar partido das tradições e costumes da região.

Neste sentido, o projeto da Quinta da Torre em Barcelos, envolve a reabilitação de dois edifícios como complemento do alojamento: a casa e o sequeiro.

A casa em questão apresenta atualmente boas condições de habitabilidade, desse modo a intervenção procura adaptar-se às novas funções do programa, numa conformidade entre passado e presente, renovando a sua identidade.

Quanto ao sequeiro, verifica-se a necessidade de intervir reforçando a sua estrutura original, conservando a sua forma e função e em simultâneo suscitar a versatilidade de possíveis usos deste espaço.

O alojamento insere-se dois novos edifícios, criados de raiz, que exploram, essencialmente o carácter da arquitetura popular assente na contemporaneidade.

A intervenção assume-se assim como uma intervenção contemporânea capaz de articular o antigo e o novo, de modo a estimular o interesse pela atividade agrícola predominante daquele espaço e proporcionar ao mesmo tempo diferentes vivências e experiências.

### **1.3 METODOLOGIA**

De forma a alcançar os objetivos antes estabelecidos, a metodologia aplicada consistiu em várias etapas. Num primeiro momento, procedeu-se à recolha de informação bibliográfica, para suporte da parte teórica da dissertação, bem como de análise e visitas a obras de arquitetura relacionadas com o tema desenvolvido.

Num segundo momento, mais focado numa análise do local de intervenção, foram efetuadas diversas visitas ao local, para compreender, *in situ*, as suas características, valências, mas também as suas fraquezas e oportunidades. Com base neste conhecimento e nesta apreensão do local, a fase seguinte consistiu na construção do programa específico para o projeto.

Como ferramenta essencial de investigação, utilizou-se o Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa. Neste sentido é feita uma breve contextualização sobre a sua importância, passando pela análise de casos arquitetónicos de carácter popular.

Como complemento, são analisadas as influências desta arquitetura na arquitetura contemporânea portuguesa, nomeadamente nas obras de Fernando Távora, Eduardo Souto de Moura e o atelier dos Correia Ragazzi, arquitetos de gerações distintas, que abordam o tema de forma muito particular.

Estes nomes de referência na arquitetura portuguesa desde cedo suscitaram interesse, pela forma particular que interpretam a arquitetura regional e a importância que expressam nas suas obras em implementar uma arquitetura adequada ao local e à sua identidade.

A fase final consistiu na elaboração da proposta, com base nos conhecimentos antes adquiridos, recorrendo-se por isso ao conjunto de metodologias próprias do ato de projeto, tais como a realização de diversas maquetes de estudo, de desenho técnico e à mão levantada e ainda do recurso à experimentação tridimensional, tanto através da maquete como de perspetivas de estudo exploratórias tanto da relação com a envolvente como dos ambientes projetados.

#### **1.4. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO**

A presente dissertação organiza-se em três capítulos complementares, partindo de uma análise sobre a Arquitetura da zona Minho até à Quinta da Torre e ao respetivo projeto.

O primeiro capítulo (introdução) aborda a direção da dissertação (o quê?), contemplando a justificação do tema (porquê?), a apresentação dos objetivos estabelecidos (para quê?) e a exposição da metodologia e estrutura adotada para o alcance dos objetivos pretendidos (como?).

O segundo capítulo é dedicado à investigação sobre o tema da Arquitetura Popular Portuguesa, com seu enquadramento e contextualização, desde uma perspetiva geral até uma abordagem mais específica, relacionada com a região onde se localiza a intervenção, o Minho.

No terceiro capítulo (Proposta) é desenvolvida a análise do local, contemplando a topografia, hábitos e costumes, com especial enfoque nas suas preexistências. Segue-se a vertente prática da dissertação, fundamentada pelo estudo teórico realizado até então. Por fim, sucede-se a conclusão, integrando os conhecimentos obtidos e a partilha de experiências e vivências tidas ao longo do processo deste trabalho.

## **2. CONSTRUÇÃO DO PROGRAMA**

### **2.1. PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES**



Barcelos é um concelho do distrito de Braga, que dista apenas 18 Km de Braga e cerca de 70 Km da fronteira de Espanha. Localiza-se a norte de Portugal, na sub-região do Cávado. É um município com 378,9Km<sup>2</sup> de área e é constituído por 61 freguesias com 120.000 habitantes.

Barcelos é limitado a norte por Viana do Castelo e Ponte de Lima, a leste por Vila Verde e Braga, a sudeste por Vila Nova de Famalicão, a sudoeste por Povia de Varzim e a oeste por Esposende. (Magalhães,1987:11)

O concelho de Barcelos instala-se numa zona privilegiada, apresentando facilidade no acesso entre o litoral e o interior. O seu território caracteriza-se por uma simultaneidade de espaços rurais / naturais e uma urbanização e industrialização disseminada.

A Quinta da Torre localiza-se na freguesia de Abade de Neiva, na encosta do monte Penedo da Moura, a 2.5 Km de distância do centro da cidade (Fig.3). A particularidade da sua localização permite-nos estar numa zona rural, relativamente próxima da zona urbana, proporcionado uma perceção do que é o desenvolvimento urbano em contraste com a resistente área agrícola e florestal. Sendo Barcelos um concelho intimamente ligado às rotas ancestrais dos Caminhos de Santiago, os trabalhos de artesanato, as festividades minhotas, o folclore, entre outros, a cultura agrícola detém um importante papel na subsistência das famílias.



QUINTA DA TORRE

INSTITUTO POLITÉCNICO  
DO CÁVADO E DO AVE

CÂMARA MUNICIPAL

HOSPITAL

ESTAÇÃO  
DE COMBOIO

TERMINAL  
RODOVIÁRIO

Após a consciencialização desta premissa, pretende-se combater este desvanecer da cultura agrícola e contribuir para a sua revitalização, fortemente enraizada nos espaços rurais. Neste sentido, considera-se que a Quinta da Torre apresenta bastante potencial para acolher uma proposta arquitetónica de agroturismo.

Após a análise do local, confirmamos este seu potencial, não só pela sua localização privilegiada, mas também pelas duas preexistências arquitetónicas de carácter popular que reforçam e complementam a temática associada à cultura agrícola, como será comprovado adiante.

O terreno em questão compreende um conjunto de soluções e abordagens vernaculares, quanto à adaptação do Homem à natureza que o envolve. Considerando o declive acentuado do terreno, verifica-se que a solução empregue de forma a possibilitar a utilização desta área foi o uso de patamares e socalcos agrícolas com o propósito de vencer a diferenciação de cotas.

Nas visitas ao local, este sistema de patamares e socalcos agrícolas sustentados por robustos muros de pedra despertou o interesse da autora, não só pela solução em si, mas pela forma como a mesma interfere na paisagem e na identidade do local. Nesta crescente análise, a necessidade de explorar saberes populares, hábitos e costumes contribuem para o desenvolvimento do cariz conceptual do projeto, associado à dicotomia entre tradição e vanguarda, rutura e continuidade.







II . ARQUITETURA  
POPULAR  
PORTUGUESA

# 1. ENQUADRAMENTO DO TEMA

De Norte a Sul de Portugal, existem vários testemunhos da arquitetura popular que se diferenciam consoante as características próprias do lugar, como o clima, geologia, economia, cultura, entre outras.

O cariz popular desta arquitetura traduz o conhecimento que resultou de uma experiência acumulada ao longo do tempo, que terá sido passada de geração em geração, numa constante adequação às necessidades vigentes. Estas construções caracterizam-se pela estreita relação do Homem e a Natureza, desenvolvem-se consoante as condições do local onde se inserem e têm como base estratégias passivas, engenhosas e simples de adequação ao meio envolvente. (Fernandes; Mateus, 2001)

Estas estratégias caracterizam-se na sua generalidade pela utilização dos materiais existentes na região, adotando técnicas tradicionais que se regem consoante as próprias limitações económicas. É uma arquitetura que nasce e se caracteriza em conformidade com a envolvente onde se instala, tirando partido do máximo de recursos disponíveis. (AA.VV., 2004: 118)

**“(...) a casa de pedra, estável, como a casa do lavrador; a de madeira – como o barco -, para o pescador e o cabaneiro pobre, que se acomodam como uma construção improvisada, incerta e provisória – quase colante – como as suas vidas.”** (Galhano, Oliveira, 2003, p.15)

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Em Portugal, no início do século XX, o movimento da “Casa Portuguesa” fundamentado pelo discurso nacionalista e impulsionado por Raul Lino começa a desencadear alguma relevância.

Nesta busca pelo “estilo nacionalista” genericamente defendia-se a existência de um tipo específico de habitação popular que se designaria justamente por “casa portuguesa”. A ideia de chegar a um estilo idealizado como casa portuguesa, resultou

numa cultura arquitetónica assente no “pastiche” e na “colagem” de elementos alegadamente característicos da arquitetura popular, entendia-se a arquitetura meramente como objeto estético na paisagem.

**“(… referir que a obra do passado constituindo um valor cultural do espaço, e porque este é irreversível, não podendo vir a ser o que já foi ou mesmo continuar a ser o que foi, (…) não de verá ser actualizada pela utilização do «pastiche», solução que denuncia apenas a incapacidade de encontrar aquela outra que, por contemporânea, possa ombrear – sem ofuscar nem ser ofuscada – com o valor que o passado nos legou.”** (Távora, 2006: 58)

A linguagem da casa portuguesa de Raul Lino, no seu entender, seria aquela que melhor representaria o espírito português da casa popular, (Leal,2009: 7) essa leitura romantizada da arquitetura portuguesa era perceptível na sua obra Casas portuguesas. Como o próprio exprime:

**“Essas simpáticas casinhas à beira da estrada, ou entre os campos, melhor nos revelam o seu português sentido. Que alegres no seu variado matriz; que acomodadas nas proporções; que graça, que modéstia e contentamento não respiram! Nada têm de forçado ou de menos seguro efeito; tudo parece nascido do próprio lugar com naturalidade. Parece que estas casas de uma espécie de bom-senso que as impedia de tomar atitudes agressivas, na forma ou na cor, que incomodam o viajante, que nenhuma obrigação tem de actuar extravagância e imbecilidade.”** (Lino, 1992: 73).

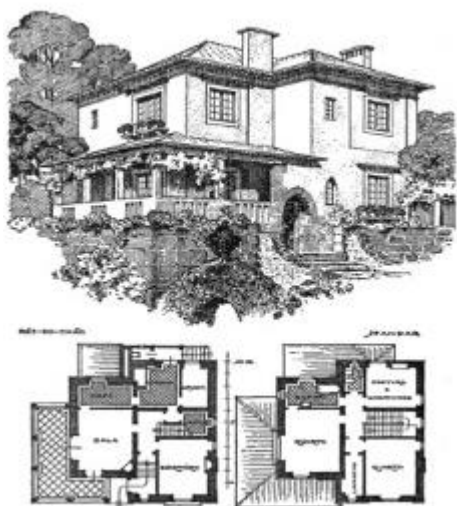


Fig. 6 Casa num subúrbio no Porto, ilustração do livro “Casas Portuguesas” (Lino, 1992)

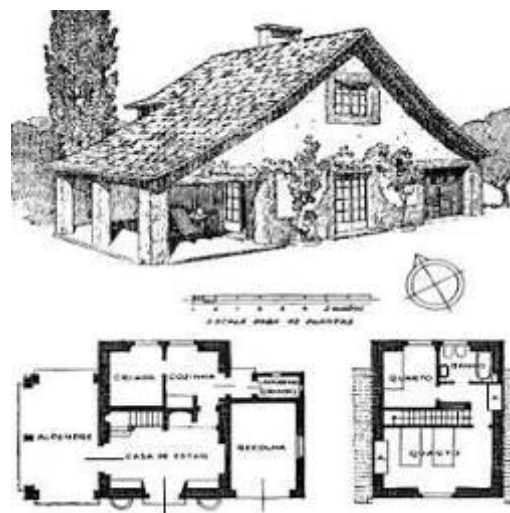


Fig. 7 Casa de férias, ilustração do livro “Casas Portuguesas” (Lino, 1992)

O regime salazarista reprimia todo e qualquer tipo de expressão modernista ou “estilo internacional”, esta atitude radical surge na procura da definição de um “estilo nacional” português. É importante salientar que este objetivo do Estado Novo, assentava na criação de um estilo idílico de forma a reinventar a história.

Consequentemente, sucede-se um forte atraso tecnológico e industrial, num país que nesta época seria predominantemente rural. (Rodrigues, 2009). Estes fatores expressaram-se na arquitetura portuguesa numa simbiose entre o desejo de conservar e inovar, entre a modernidade e a tradição.

Num período marcado pela controvérsia e contestação ao regime de Salazar, vários arquitetos portugueses e em destaque Fernando Távora e Francisco Keil do Amaral, publicavam diversas reflexões reforçando a importância de estudar o contexto português, visto que o território se distingue pela sua heterogeneidade que originou distintas manifestações arquitetónicas, com o intuito de refutar a ideia de um “estilo nacional” e poder explorar ideias modernistas através da aprendizagem da arquitetura portuguesa existente (Costa, 2007: 60). Já na segunda metade da década de 50 e início de 60, verifica-se claramente uma nova tendência na arquitetura, moderna, funcionalista e racionalista. Ao mesmo tempo, a arquitetura portuguesa começa a abordar novos conceitos relacionados com a defesa do património, a implementação do turismo e a relevância do ambiente. Princípios que já vigoravam nas vanguardas europeias desde os anos 20, tendo efeito em Portugal, em 1948, com o 1º Congresso Nacional de Arquitetura, realizado em Lisboa.

Neste seguimento, nasce o Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal (AA.VV.,2004), publicado em 1961, que se distancia da ideia da Casa Portuguesa de Raul Lino, proporcionando uma nova maneira de encarar a arquitetura em Portugal, desenvolvendo um extenso registo de forma a resgatar a pluralidade regional da arquitetura de Portugal.

**“Portugal, por exemplo, carece de unidade em matéria de Architectura. Não existem, de todo, um “Arquitetura portuguesa” ou uma “casa portuguesa”. Entre uma aldeia minhota e um “monte” alentejano, há diferenças muito mais profundas do que entre certas construções portuguesas gregas.”**

(AA.VV.,2004: XXI)

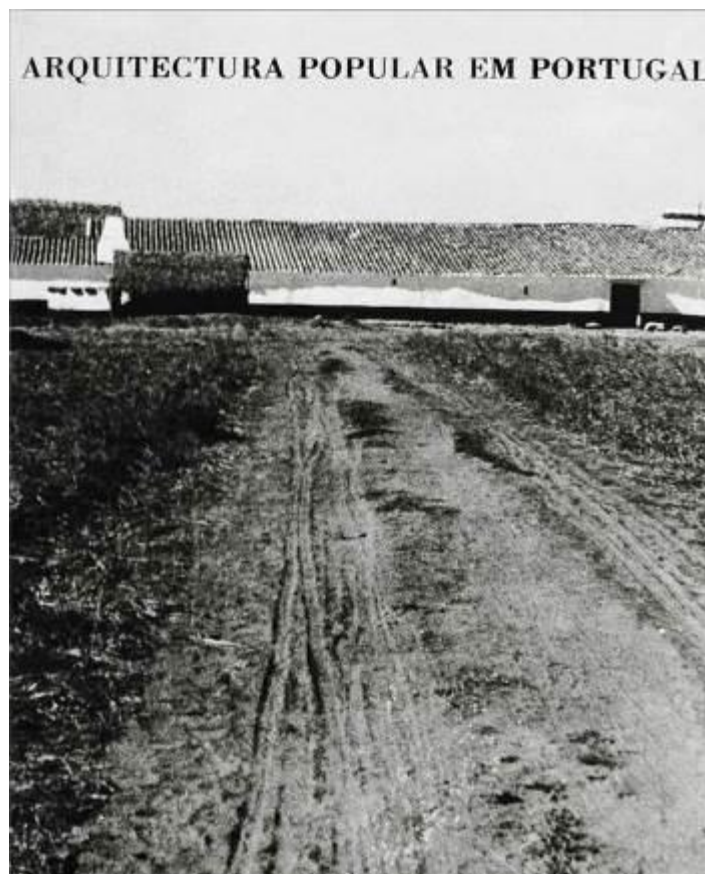


Fig. 8 Capa volume I e II de Arquitectura Popular em Portugal

O inquérito, valoriza o gosto pelas características rurais, uma arquitetura resumida ao essencial, porém as degradações de edifícios em algumas regiões confrontam-se com a realidade que se agravou com o passar dos anos, uma herança histórica que se desvanece. Por esse motivo, o livro *Arquitetura Popular em Portugal*, passa a ser um documento essencial para a compreensão da arquitetura portuguesa, devido à ausência notável de estudos nesse âmbito que se estende por um longo período.

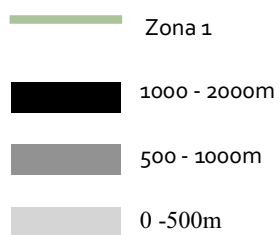
Após a publicação do Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal, verifica-se um novo desinteresse por esta temática, quando se tinha trabalhado até então com o objetivo de salvaguardar uma arquitetura relevante que pouco ou nada teria sido estudada. Este declínio poderá ter sido provocado pelo fenómeno de emigração e da migração, que se faz sentir em Portugal, afirmando o direito e a necessidade de conforto contemporâneo, “quer através das casas de betão e tijolo, que os regressados emigrantes começaram a construir nas aldeias duas décadas depois, quer das barracas solidificadas durante a noite pelos vizinhos, com muito tijolo, cimento e materiais roubados aos estaleiros das obras ou às demolições, nos alastrados «bairros de lata» das periferias de Lisboa, Porto ou Setúbal .” (Dias, 2008: 315)

Na década de 60, assiste-se ao desenvolvimento económico da faixa costeira do país, influenciando a ocupação progressiva do litoral português, entre Braga e Setúbal. Este vigoroso crescimento do litoral do país, motivou a desertificação do resto do território nacional, e consigo o empobrecimento da atividade agrícola. (Alvarez, 1978: 37)

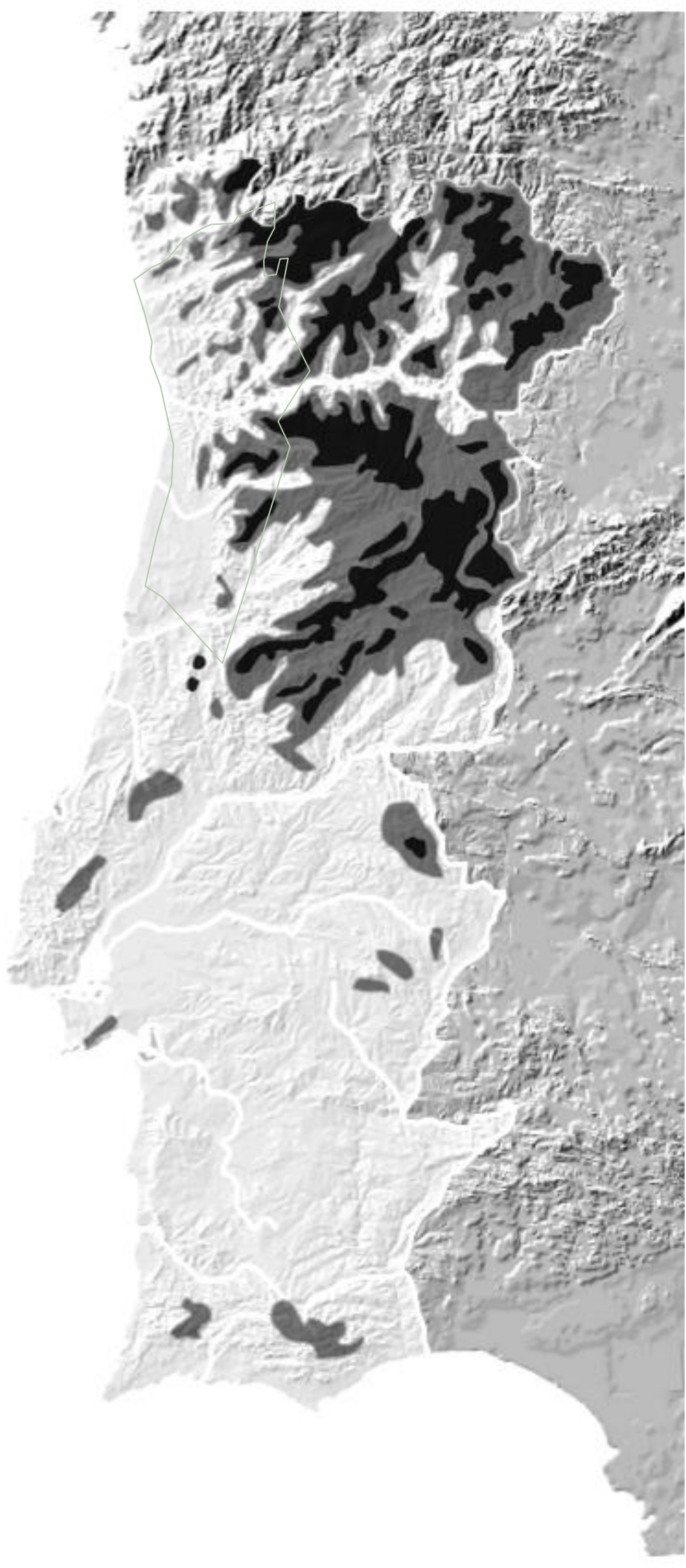
Por conseguinte, a construção industrial substitui por completo a construção popular, com isso a singularidade destas construções limitadas aos materiais existentes no local e aos conhecimentos empíricos de cada povo são praticamente postos de parte ou, quando são utilizados, servem apenas de “camuflagem” da construção real.

Hoje é possível constatar que a paisagem é reflexo duma mescla de acontecimentos em constante mutação, concluímos que a questão da autenticidade e identidade de um lugar é ambígua, porque a cultura de um povo não é estática, a cultura desenvolve-se numa fusão constante de referências. Por esse motivo, é essencial conhecer e compreender todo o historial do lugar, para que se aponte os elementos

que realmente importam a  
continuidade.



0 100 km



## 2. ARQUITETURA POPULAR MINHOTA

### 2.1 MINHO, DOURO LITORAL E BEIRA LITORAL: ZONA 1

As regiões do Minho, Douro Litoral e Beira Litoral (Fig. 9), caracterizam-se geograficamente, pela grande quantidade de rios que retalham o território numa malha apertada de cursos de água, a isto se devendo a permeabilidade do solo granítico, o denso revestimento vegetal e as precipitações regulares. Helena Roseta in (AA.VV. 2004: 6)

O relevo destas regiões pode dividir-se sobretudo em três faixas: a da costa, recortada pela foz dos rios que varia entre os 0 e 400 metros; a do interior, formada pela sucessão de vales, colinas e montes; e a da montanha, constituída pelas formações rochosas. (AA.VV., Helena Roseta, 2004: 7)

A heterogeneidade desta zona e as suas características particulares conferem à região condições propícias para a fixação de povos, dos quais se registam diversos tipos de povoamentos. Com base em duas faixas referidas anteriormente (interior e montanha), destacam-se três tipos de povoamento, o povoamento concentrado (Fig. 10), o povoamento de montanha (Fig. 11) e o povoamento disseminado (Fig. 12). (AA.VV.,2004: 25-29-37)

Todos os fatores, como as variantes climáticas e condições do solo são importantes aspetos que determinam o tipo de construção, o uso de materiais disponíveis em cada região e conseqüentemente o tipo de povoamento que se instala.

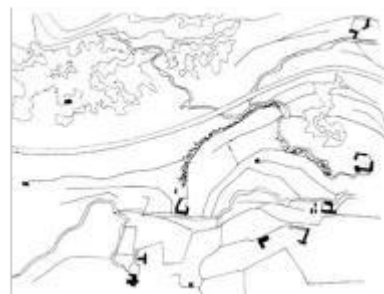


Fig. 10 Povoamento concentrado

Fig. 11 Povoamento de Montanha

Fig. 12 Povoamento disseminado

No interior, os socalcos agrícolas caracterizam a sua paisagem, inerente às necessidades da atividade principal da região, a agricultura. Este povoamento geralmente concentrado (Fig. 10), instala-se nas encostas, próximos de cursos de água, como fontes ou riachos, onde o solo é manipulado pelos habitantes, em leiras (faixa de terreno para cultivo), erguendo os socalcos, adaptando a terra em função das suas necessidades.

Como o local é demarcado por irregularidades da própria natureza, as construções procuram uma adaptação ao terreno, acomodando-se junto às encostas. Torna-se assim evidente que a população, ao estar concentrada, não consegue aumentar as suas propriedades tendendo a usufruir de vários terrenos em pequena escala espalhados pela região.

Nas áreas montanhosas (Fig. 11), em semelhança ao povoamento concentrado, os habitantes procuram o seu sustento no cultivo das terras, mas também na criação de gado, no entanto sujeito a condições mais ríspidas.

No povoamento de montanha, as habitações estão estritamente relacionadas com a riqueza que os tipos de produção podem facultar. Nas zonas mais altas, a criação de gado é o principal meio de subsistência, por esse motivo, a construção limita-se à casa e ao curral. Nos locais onde a abundância de água existe, o milho é o cultivo predominante, pelo que surgem os espigueiros e as eiras.

Como referimos anteriormente, as casas estão intimamente ligadas à agricultura. Como exemplo disso, temos a casa da lavoura (Fig.13), um coletivo de construções, que alberga a habitação, o sequeiro, o espigueiro e a eira, equipamentos que constituem um bom exemplo de funcionalismo e eficiência.

Al longo da região, como resultado da prolongada evolução da sociedade rural minhota, surge o povoamento disseminado (Fig. 12), caracterizado pela fixação do lavrador e da sua família junto das terras que explora, proporcionando um afastamento significativo entre habitações do tipo casa de lavoura.

Em meados do século XX, verifica-se um drástico abandono das casas, particularmente em zonas pobres, devido à acentuada taxa de emigração, contribuindo para o desvanecer do seu carácter popular.

A partir da década de 60, nota-se uma transformação dos modos de vida, forma de estar e viver, refletindo-se nas zonas rurais, mais propriamente na modernização da agricultura, através da mecanização, especialização e industrialização, afetando a cultura tradicional camponesa. (Domingues, 2011: 126)

Podemos afirmar que este tipo de construção popular não só varia de região para região, como também varia de indivíduo para indivíduo, por isso é que cada caso é um caso e detém a sua própria identidade.

**“(...) a casa é acima de tudo um produto do Homem, um facto de cultura, e será no próprio Homem e nas leis da sua criação cultural que se devem procurar a razão de ser e a explicação decisivas da casa que é a sua obra.”**

(Oliveira, Galhano, 1992: 14)

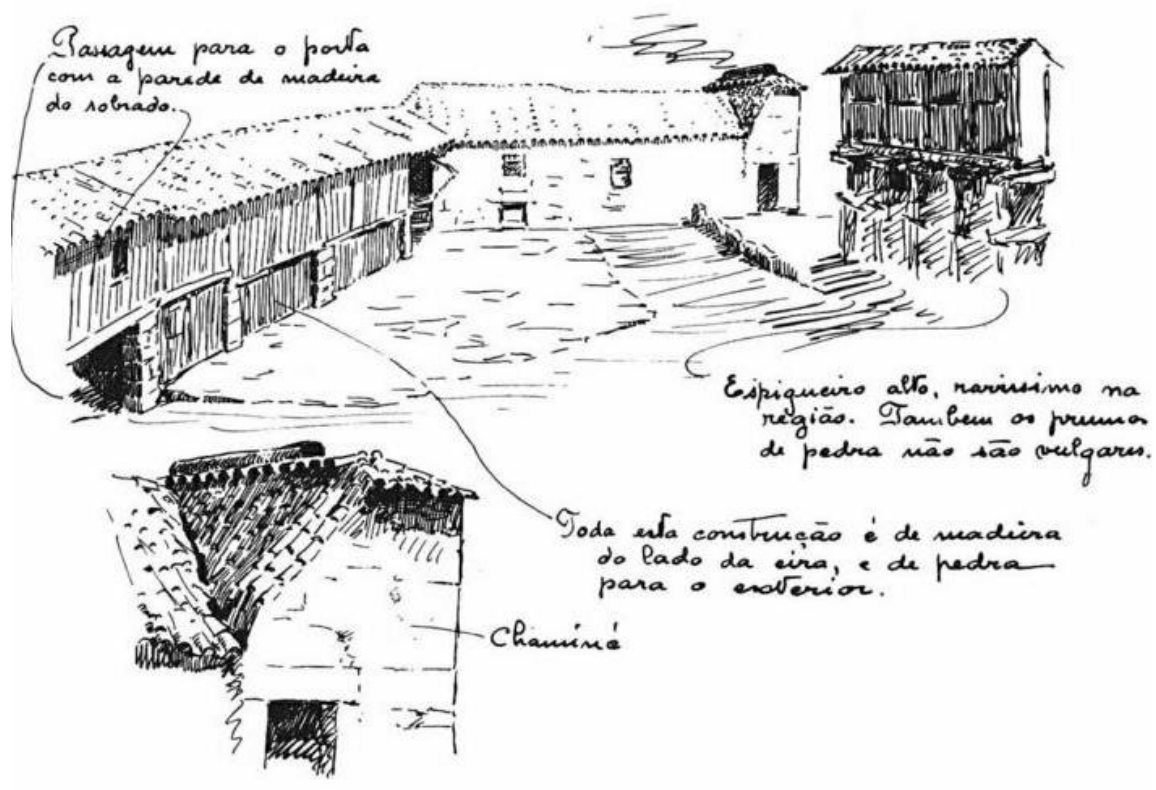


Fig. 13 Casa da lavoura- Celorico de Basto, Carvalho Pousada: Duas Casa de caseiros do mesmo proprietário, com a eira comum. Fonte: Books.openedition.org/etnoqraficapress/6558

## 2.2 AS TIPOLOGIAS DE EDIFICAÇÃO

A Arquitetura popular do Minho contempla diversas tipologias arquitetónicas, em articulação com o modo de vida rural, variando a sua formação conforme a necessidade laboral, o contexto económico do proprietário, a morfologia do terreno e a própria época de construção.

A designação Arquitetura popular refere-se a um tipo de arquitetura não planeada, construída, muitas das vezes, consoante as possibilidades e necessidades vigentes. Por esse motivo, cada construção possui as suas histórias e identidade próprias. Utiliza materiais disponíveis na região, manipula-os de forma a torná-los funcionais ao combate às intempéries e fixa-se em locais estratégicos junto a recursos de água, vegetação e terrenos de cultivo, conferindo-lhe características indispensáveis para o habitar. (Vieira, 2018: 31)

**“(...) a casa popular, e sobretudo a casa rural, é mesmo concebida não apenas como um abrigo, mas sobretudo como um verdadeiro instrumento agrícola que é preciso adaptar às necessidades de exploração da terra, designadamente sem que se refira ao seu dimensionamento e importância e distribuição relativa dos transportes das pessoas, dos estábulos e das lojas de arrumação das alfaias e ferramentas da lavoura.” (Galhano, Oliveira, 1992: 5)**

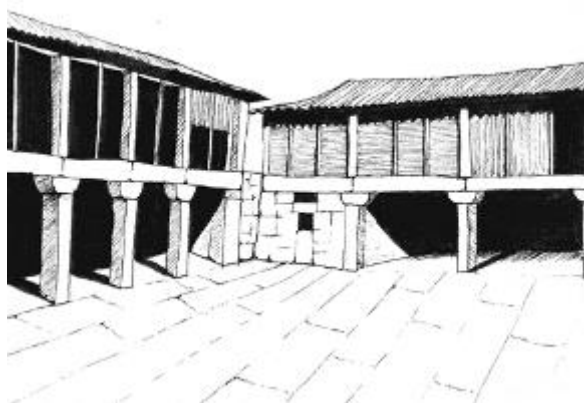


Fig. 14 Esquisso casa de lavoura, sequeiro e eira

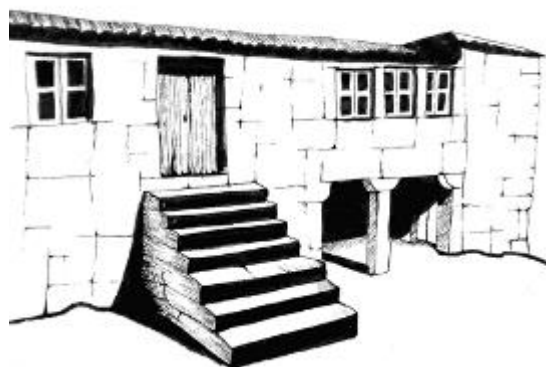

















Fig. 15 Esquisso casa de lavoura, escada perpendicular à fachada

-  Identificação área da cidade de Barcelos
-  Torres
-  solares
-  Complexo agrícola
-  Casa de Lavoura 8c/escada integrada)
-  Casa de Lavoura
-  Casa-sequeiro
-  Sequeiro
-  Espigueiro de madeira
-  Espigueiro de pedra
-  Igrejas
-  Capelas de peregrinação
-  Mercados
-  Noras cobertas
-  Abrigos de barcos e utensílios de sargaceiros

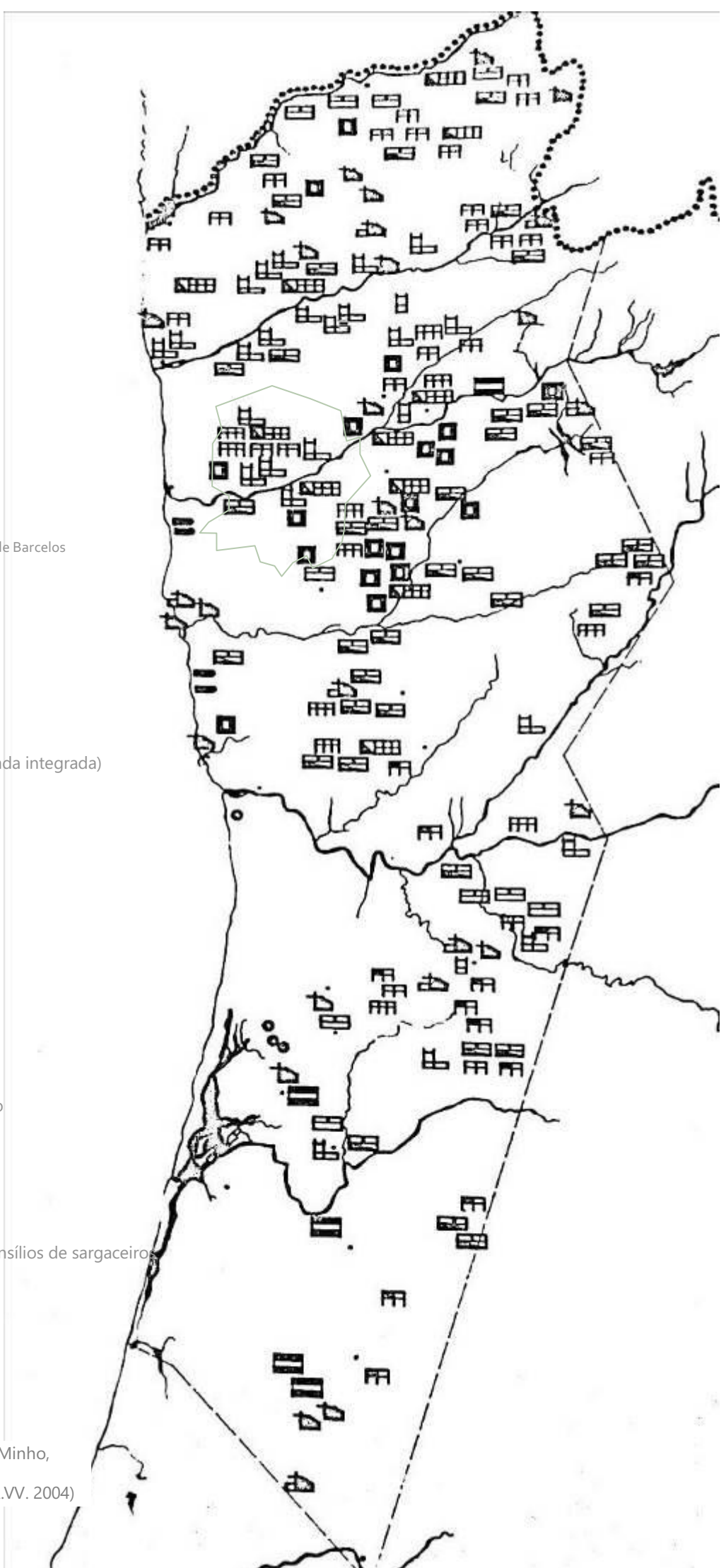


Fig. 16 Mapa tipológico região Minho,  
 Douro Litoral e Beira Litoral (AA.VV. 2004)

Em termos gerais, a casa popular minhota apresenta-se de forma linear, de paredes lisas e nuas, quando não são mesmo toscas e rudes em pedra, com cobertura de quatro águas. Normalmente apresenta dois pisos, o piso térreo contém as cortes ou aidos, estábulos, currais e pocilgas para os animais, a adega, o lagar, o palheiro e arrumações diversas, no piso superior desenvolve-se a habitação. Estes dois pisos são sobrepostos, mas de funcionalidades e vivências independentes, sendo essa individualidade dos pisos reforçada através do acesso exterior por escada (Fig. 15), de pedra, encostada ou perpendicular à fachada, por vezes acompanhada pelo alpendre ou varanda. (Galhano, Oliveira, 1992: 18)

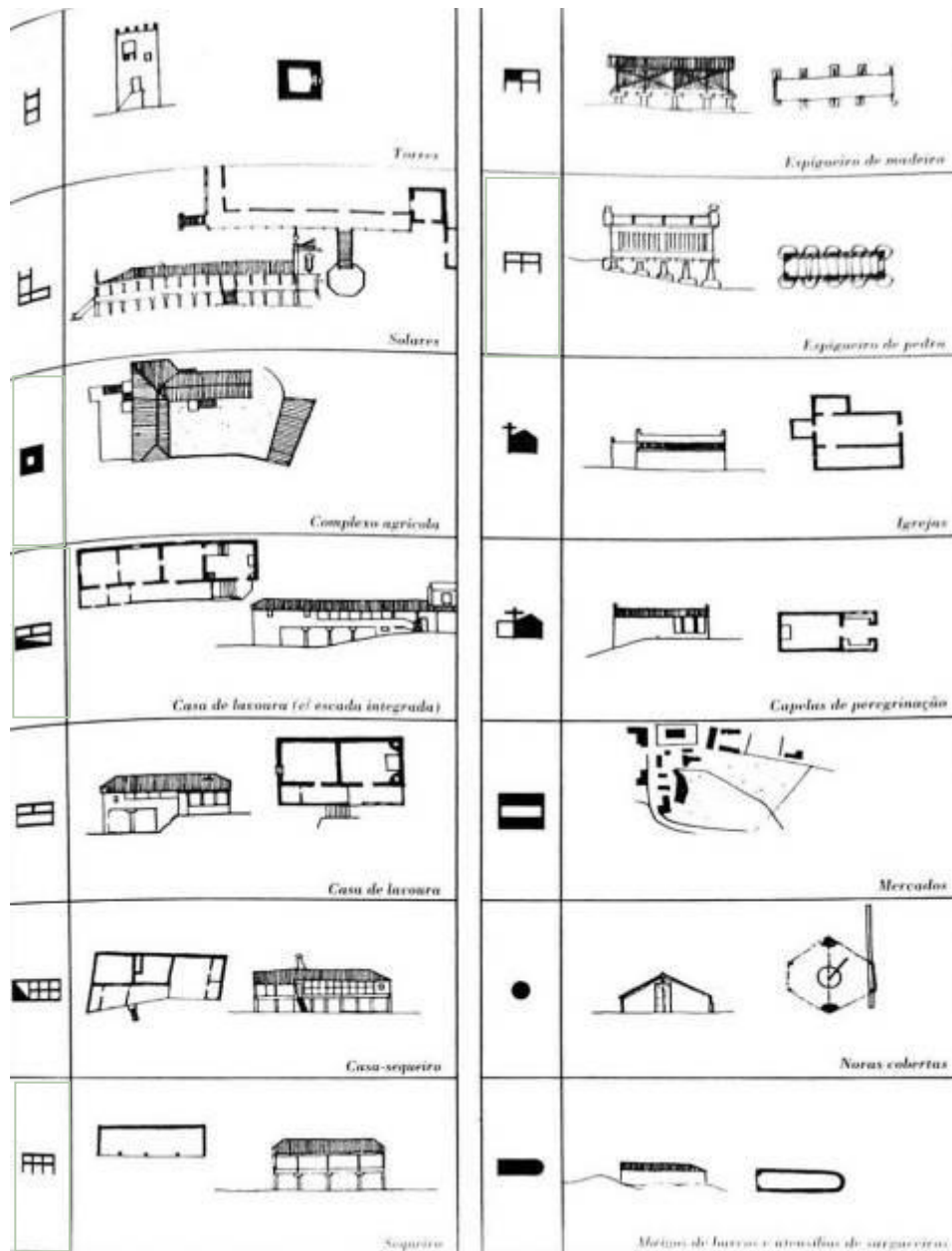
A predominância de construções de dois pisos deve-se à natureza dos materiais utilizados, no caso da pedra, que permite uma construção sólida em altura, representando também, a evolução das construções primitivas, onde se pernoitava sobre o abrigo animal, para melhor os vigiar e proteger. Paralelamente, esta lógica organizacional dos espaços, da habitação sobre a área de abrigo animal, mantinha as habitações mais quentes. (Galhano, Oliveira, 1992: 19)

As suas dimensões, como mencionado, ajustam-se às necessidades do tipo económico-social da região (agricultura), revelando uma rigorosa dependência da lavoura vão se instalando edifícios independentes exclusivos à atividade.

Estes edifícios independentes, como sequeiros ou casas da eira (Fig. 14), o coberto, o palheiro e os espigueiros, são disposto em torno de um pátio, terreiro, quinteiro ou eira. (Galhano, Oliveira, 1992: 13,14)

As construções tipicamente minhotas exibem características notáveis, que o inquérito da *Arquitetura Popular em Portugal* e os estudos e monografias do Etnólogo Ernesto Veiga de Oliveira comprovam, através de levantamentos e reconhecimento destas construções. Por esse motivo, estas serão as ferramentas de estudo que orientam o caminho desta investigação.

No inquérito à *Arquitetura Popular Portuguesa*, é apresentado um mapa tipológico referente à zona 1 (Fig.16), que viabiliza a variedade de tipologias presentes nesta região.




 Tipologia em análise

Fig. 17 Legenda do mapa tipológico região Minho, Douro Litoral e Beira Litoral (AA.VV. 2004)

## 2.3 ANÁLISE DAS TIPOLOGIAS

**“Em toda boa Architectura exista uma lógica dominante, uma profunda razão em todas as suas partes, uma íntima e constante força que unifica e prende entre si e todas as formas, fazendo de cada edifício um corpo vivo, um organismo com alma e linguagem próprias.”** (Távora, 1947)

O inquérito à arquitetura popular foi um importante contributo para o estudo destas construções, servindo de incentivo para a seleção dos casos em análise. Assim, este trabalho terá como foco principal a essência das construções rurais da zona Minho, em particular da cidade de Barcelos, intimamente ligadas à agricultura como o complexo agrícola, a casa da lavoura, o espigueiro, a eira e o sequeiro. Este é o contexto que nos interessa analisar, em concordância com o cenário do nosso caso prático na Quinta da Torre.

Estas construções são um marco na história da arquitetura portuguesa e atualmente é visível o aparente abandono ou até a sua transformação para satisfazer as necessidades dos atuais proprietários. Contudo, deparamo-nos com alguns exemplares que preservam a sua originalidade ou parte dela.

De forma a estabelecer uma metodologia de análise coerente destacamos quatro pontos que se consideram essenciais na análise da arquitetura popular minhota, a relação com o terreno e a sua topografia, os acessos, a morfologia e a materialidade.

**“O exercício da observação é prioritário para um arquitecto. Quanto mais observarmos, mais clara surgirá a essência do objecto. E esta consolidar-se-á como conhecimento vago, intuitivo.”** (Siza, 1998: 25)

Como consideramos imprescindível conhecer o contexto físico e social das realidades em estudo, segue-se a análise a partir de observação *in situ* a edifícios que nos permitam compreender as características da arquitetura popular com registo fotográfico, de desenho e redação de anotações.

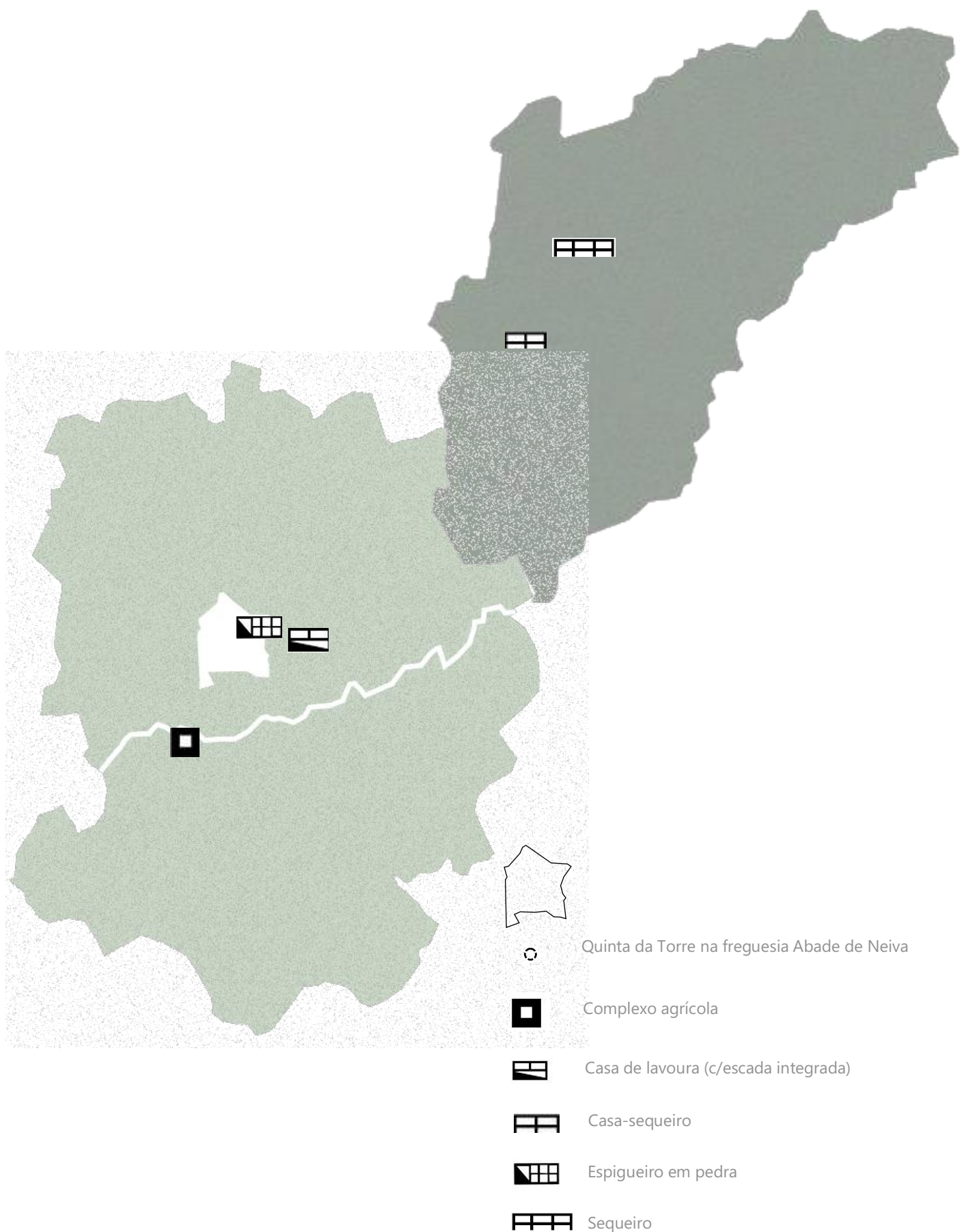


Fig. 18 Mapa tipológico dos casos em análise





ESPIGUEIRO,  
EIRA E SEQUEIRO

### **2.3.1 ESPIGUEIRO, EIRA E SEQUEIRO**

A fertilidade do solo minhoto possibilita a abundância de alimentos, e consequentemente nasce a necessidade de os armazenar dando origem a diversas estruturas. Estruturas que alteraram significativamente a paisagem do Minho, tornando-se parte da identidade cultural regional e nacional.

Destacam-se algumas construções de apoio, tal como espigueiros, sequeiros e eiras, que exercem a funcionalidade de secagem, preparação e armazenamento dos produtos. (Macedo, 2011: 20)

Entre diversos tipos de cultivo, o milho é sem dúvida o produto que se destaca na região do Minho. Derivadas desta cultura cerealista apresentam-se três estruturas que desempenham diferentes funções ao longo do processo e tratamento do milho.

Assim que o cereal estivesse pronto a ser colhido, era transportado até à eira para ser desfolhado (Fig.19) que consiste na separação da espiga da palha que a envolve. Normalmente esta tarefa era realizada à noite, após o dia intensivo da colheita. Este momento de reunião de valor cultural, social, festivo e histórico, são parte da memória das comunidades e representam o que em tempos seria um dos mais importantes fenómenos da cultura cerealista portuguesa.

Após a tarefa da desfolhada, a espiga é armazenada no espigueiro para facilitar a secagem do grão de milho, para que mais tarde possa ser malhado na eira (Fig.20) que consiste na extração do grão de milho da espiga.

Em seguida, nos dias de sol o grão de milho é estendido sobre a eira (Fig.21) e recolhido no final do dia para o interior do sequeiro, esta tarefa repete-se diariamente no espaço de um mês, dependendo das condições climatéricas.

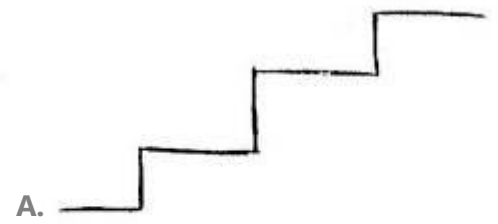


Fig. 22 Caso de estudo na aldeia de Sistelo. A. Esquema explicativo da topografia

Fig. 23 Caso de estudo Quinta Terra Rosa em Vila verde. B. Esquema explicativo da topografia

Fig. 24 Caso de estudo na Quinta de Montinho em Vila Verde C. Esquema explicativo da topografia

## **A TOPOGRAFIA**

Ao longo do estudo e análise de locais com espigueiros, eiras e sequeiros, foi possível averiguar que estamos perante uma composição de construções que, sendo autónimas e independentes, funcionam como conjunto (Fig. 29).

Nem sempre existem as três estruturas em simultâneo. Embora a eira esteja sempre presente existem, no entanto, situações e que a eira funciona em conjunto com o espigueiro ou o sequeiro. Como exemplo, apresentamos a eira e o espigueiro em Sistelo (Fig.26)

Após o olhar atento sobre estes elementos é evidente que estamos perante estruturas que devido à sua simplicidade e eficiência, adaptam-se a diferentes lugares.

Para melhor compreendermos o contexto destas estruturas, selecionamos três exemplos de espaços diferentes capazes de demonstrar a variedade de implantações que existem.

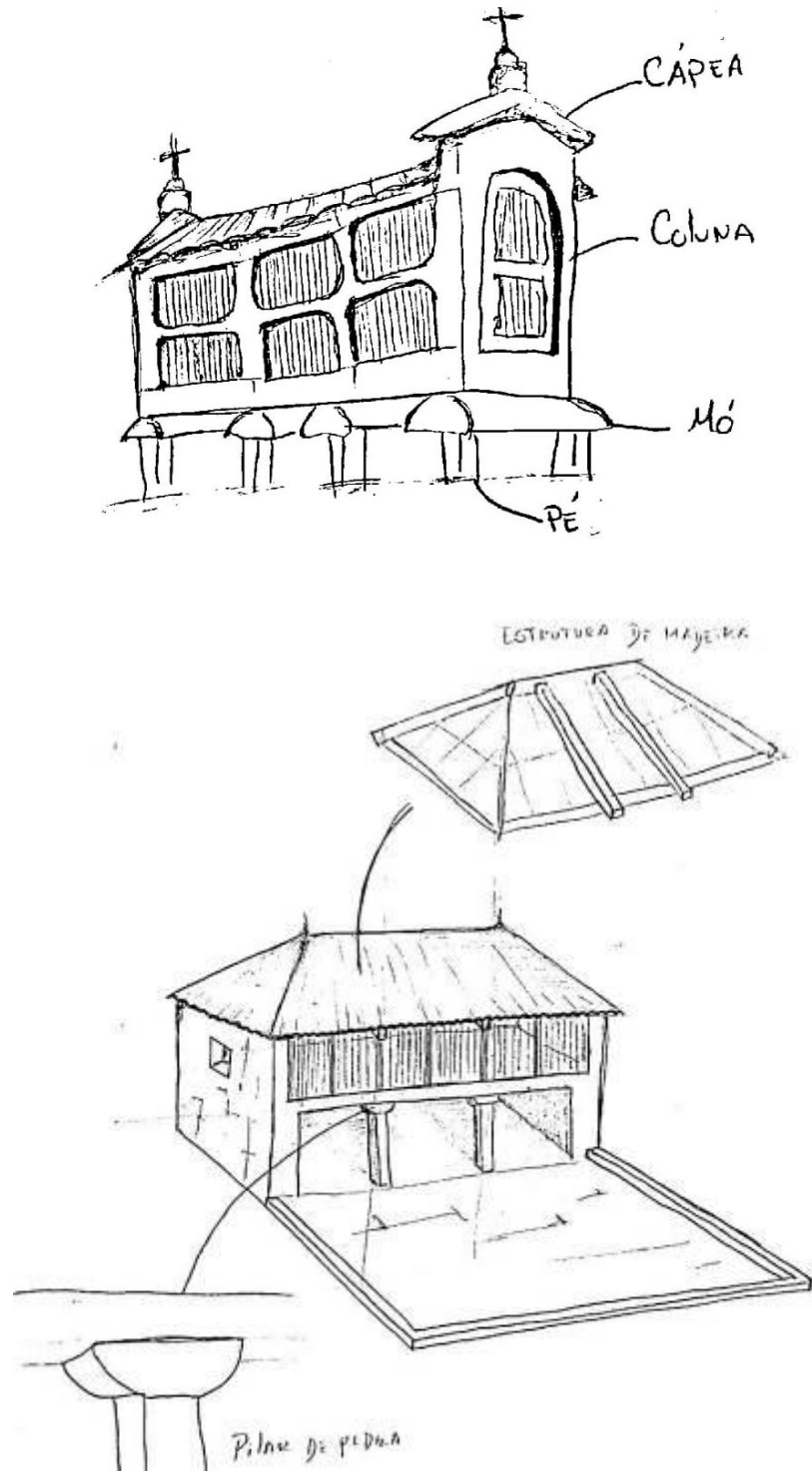
A aldeia de Sistelo distingue-se pela sua paisagem composta por socalcos sucessivos e assimétricos, que definem os campos, os terrenos de habitação, os jardins e os caminhos. Este jogo de desníveis do terreno e a conseqüente adaptação das construções à topografia estabelece uma relação direta da construção com a sua envolvente.

Para além de se destacarem na paisagem os socalcos agrícolas (Fig. 22), destacam-se também os emblemáticos espigueiros de pedra granítica que se espalham pelos campos junto das eiras.

A Quinta Terra Rosa (Fig. 23), exhibe uma topografia regular, onde o edifício de habitação e restantes construções de apoio situam-se no ponto mais elevado do terreno, rodeado pela extensa vinha e campos de cultivo.

A Quinta do Montinho (Fig. 24) em Vila Verde é o intermédio das duas situações, implantada numa encosta de declive razoável, apresentando a mesma solução de adaptação do solo a partir do sistema de socalcos, estes mais amplos e espaçosos do que verificamos na aldeia de Sistelo.

Sendo a secagem das colheitas a função principal destas estruturas, é importante referir que normalmente são orientadas a sul para um maior aproveitamento da luz solar, e estes três exemplares comprovam isso mesmo.



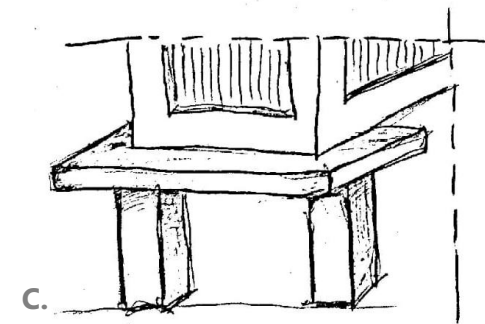
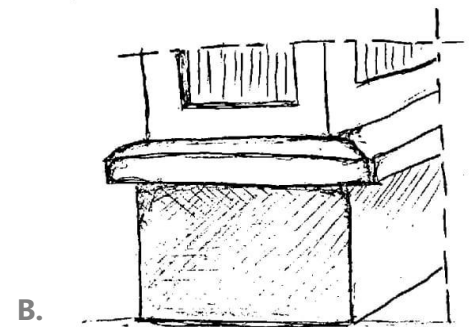
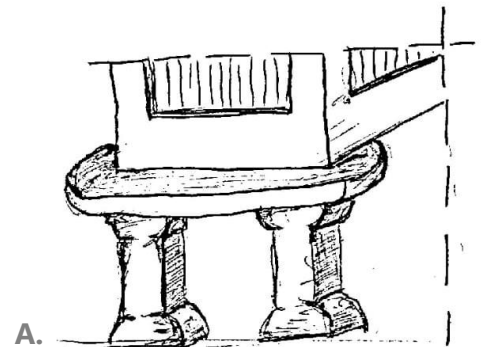


Fig. 25 (na página anterior) Esquema explicativo do espigueiro e sequeiro minhoto.

Fig. 26 Espigueiro e eira em Sistelo, foto da autora 2022.

Fig. 27 Espigueiro e tanque de rega, Casa Terra Rosa em Vila Verde, foto da autora 2022.

Fig. 28 Estrutura de Espigueiro, Casa Terra Rosa em Vila Verde, foto da autora 2022.

Fig. 29 Espigueiro, Sequeiro e Eira, Quinta do Montinho, Vila Verde, foto da autora 2022.

## **A FORMA**

Nos três casos de análise antes apresentados, é possível constatar diversas características semelhantes, no que conta à forma das estruturas, simples e coerentes, de plantas retangulares e de materialidade predominantemente em pedra granítica e madeira.

O espigueiro é uma construção que tem como única função armazenar as espigas do milho, preservando-as contra a humidade do ar e do solo. É, por esse motivo, que se apresentam de forma elevada em relação ao solo, com aberturas de fendas nas paredes ou ripados de madeira para promover a circulação de ar. (Dias; Oliveira; Galhano, 1994: 18)

Ao analisar os três espigueiros nos casos apresentados deparamo-nos com mós e pés distintos, no espigueiro da aldeia de Sistelo verificamos que as mós são arredondadas assentes sobre os pés de pedra afeiçoada e trabalhada com linhas curvas (Fig. 26 – A.). No caso do espigueiro da Terra Rosa em Vila verde deparamo-nos com um assentamento incomum na região, um pé continuou e maciço (Fig. 27 – B.). Já no espigueiro da Quinta Do Montinho encontramos o sistema mais comum da região, mós ou mesas retangulares e retas assentes em pés singelos e simples (Fig. 29 – C.).

A eira é uma construção simples, plana e de forma retangular, normalmente construída em placas de granito e, em certas circunstâncias, em placas de lousa ou até em cimento, quando nos deparamos com eiras em cimento percebemos que estamos perante um proprietário em situação de dificuldade económica.

O sequeiro é uma construção simples de um ou dois pisos, de forma geralmente retangular caracterizando-se essencialmente pela integração de uma fachada bem ventilada e iluminada, delineada por pilares em pedra, permitindo a abertura de grandes vãos com portadas, para proteger o produto das intempéries e animais, e encerrada nas restantes fachadas. (Macedo, 2011: 30)

O sequeiro da Quinta de Montinho localiza-se a norte, de forma a prestar apoio à eira. De planta retangular, organiza-se em dois pisos, com cobertura de quatro águas assente sobre uma estrutura em madeira.

Ao observar estes três exemplares, percebemos a forma harmoniosa que se implantam estas estruturas, integradas perto das habitações contribuindo para uma lógica de construção separada através de acessos e caminhos e em simultâneo conferindo, ao lugar, o sentimento de uniformidade.

## **A MATERIALIDADE**

Na construção destas estruturas predominantemente utiliza-se a pedra e a madeira, sendo estes os materiais naturais e certamente disponíveis no local.

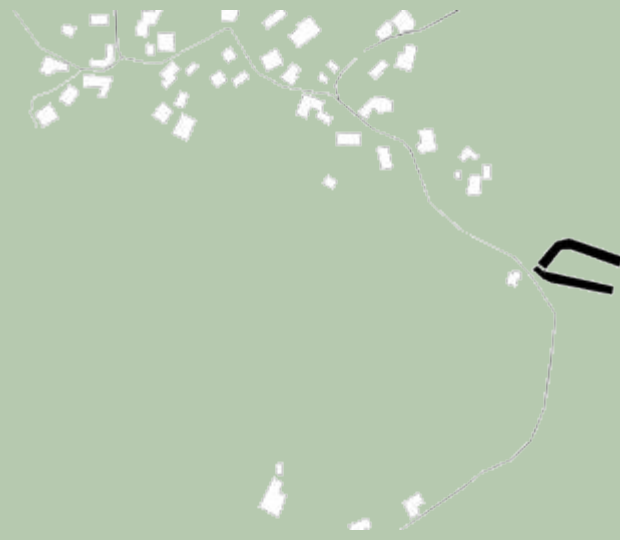
A pedra é crucial na estrutura da construção, utilizada principalmente nas alvenarias de paredes estruturais do sequeiro com uma espessura que varia entre os 30 cm e os 40 cm, surgindo ainda no esqueleto estrutural do espigueiro (Fig. 28) também como material de pavimento da eira (Fig. 26).

A madeira surge como material estrutural secundário, presente na estrutura da cobertura, na estrutura da laje de piso com pavimento assoalhado no sequeiro, e nas paredes em ripado que encerram o espigueiro.

Na Quinta de Montinho em Vila Verde, o sequeiro apresenta portadas em chapa (Fig.29). No entanto existem também casos em que as portadas são em ripados de madeira.



- Fig. 30 Vista de conjunto, Fachada Sul, Fotografia da autora, 2022  
Fig. 31 Fachada Oeste, Entrada principal e entrada para o pátio. Fotografia da autora, 2022  
Fig. 32 Tanque de rega  
Fig. 33 Capela Senhora da Lapa, Foto da autora, 2022  
Fig. 34 Entrada principal para zona habitacional, Foto da autora, 2022



# COMPLEXO AGRÍCOLA

### **2.3.2 COMPLEXO AGRÍCOLA - CASA DE CALVELHE**

**“Quando o proprietário rico, e também lavrador, ainda vive nas suas terras, em que a faina dos campos domina e enforma o seu carácter, a casa de lavoura, como um prolongamento directo da vida do agro, amplia-se e as instalações tomam proporções que as necessidades exigem. E, embora o tamanho aumente, o esquema mantém-se igual ao da casa do remediado, e os objectos, animais e pessoas albergam-se, na mesma, lado a lado.”**

(AA.VV., 2004: 43)

A casa de Calvelhe situa-se na Freguesia de Creixomil, a 6.6 Km de distância do centro da cidade de Barcelos. É uma das casas mais importantes de Creixomil, construída pela família Vessadas aproximadamente em 1580, sendo que desde então passou por diversos proprietários. (Fonseca, 1948: 219)

Esta construção de tipologia de complexo agrícola, despertou-nos interesse não só pela dimensão, mas também pela sua configuração arquitetónica, composta por diferentes estruturas que se integram num conjunto construtivo em perfeita harmonia com a envolvente.

#### **A TOPOGRAFIA**

A casa de Calvelhe implanta-se sobre uma encosta de pendente moderada virada a Sul. enquadra-se no tipo de povoamento disseminado, com um afastamento significativo de outras construções na envolvente.

Em redor do complexo agrícola estende-se uma vasta área de cultivo que se organiza sobre amplos socalcos agrícolas sustentados por muros de pedra, que contribuem para definir a lógica de implantação das edificações (Fig. 30).

A integração da construção perante os socalcos, os quais surgem de forma a vencer os desníveis, estabelece uma relação direta com o terreno, possibilitando o diálogo entre

edifícios a partir de diferentes cotas (Fig. 35). A organização da implantação do conjunto em formato de "U" (Fig. 36) dá origem a um pátio central, que enriquece o diálogo entre os diferentes espaços.

Neste pátio central, evidencia-se o socalco que define a divisão de funções, a ala Sul destinada ao abrigo dos animais, a ala Oeste à habitação e à capela, e a ala Norte às estruturas de apoio à agricultura.

Este jogo de desníveis, acessos, cheios e vazios (Fig. 35) demonstra a relevância que cada edifício tem no conjunto construtivo. Sendo este um complexo agrícola, entende-se que a maior área atende aos serviços da lavoura.

Podemos reconhecer que a topografia e a forma como a construção se adapta ao lugar, conferem unidade mediante um sentido de horizontalidade (Fig. 30), numa "(..) continuidade dos telhados, estendendo-se em baixa pendente, vêm rematar os tectos de folhagem das ramadas circundantes, e abraçam o conjunto". (AA.VV. 1988: 46)

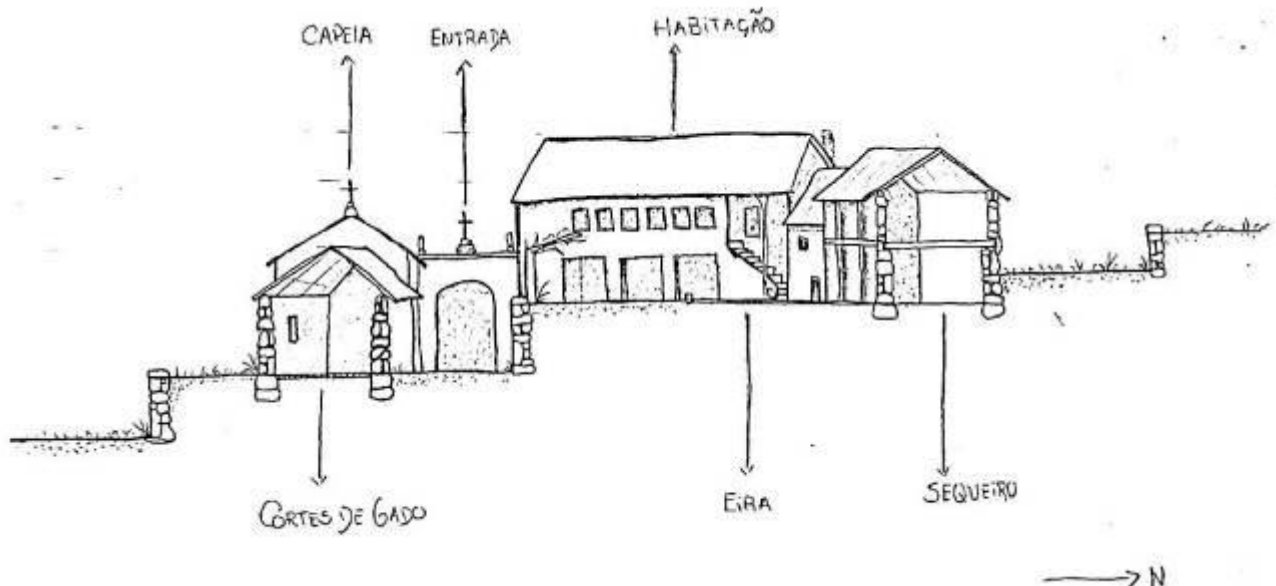
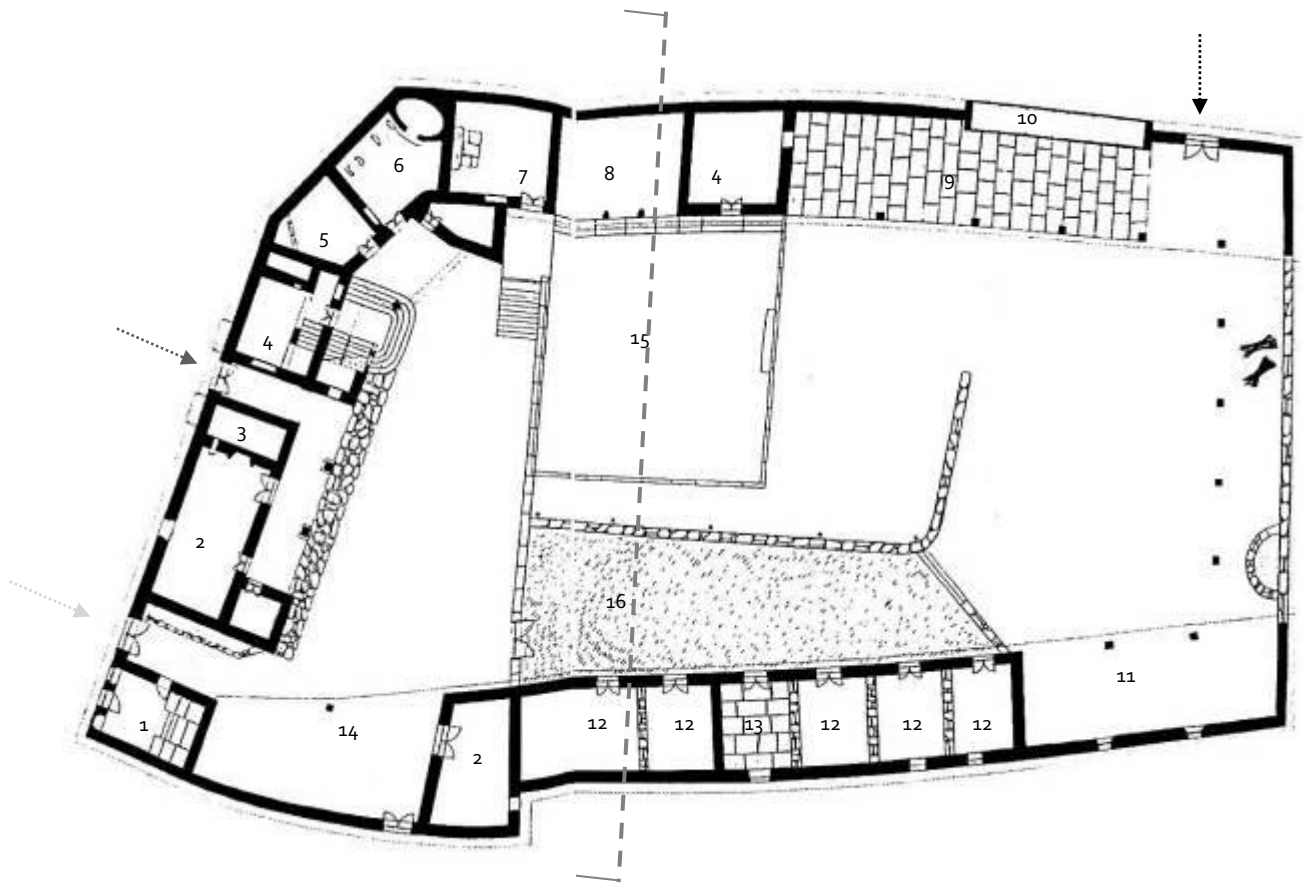


Fig. 35 Análise da relação topográfica da Casa de Calvelhe



- 1 - CAPELA
- 2 - ADEGA
- 3 - CUBAS
- 4 - LOJA
- 5 - CORTE DE GADO

- 6 - CASA DO FORNO
- 7 - COZINHA TRABALHADORES
- 8 - SEQUEIRO
- 9 - EIRA COBERTA
- 10 - ESPIGUEIRO

- 11 - COBERTO
- 12 - CORTES DE GADO
- 13 - PENSO DO GADO
- 14 - COBERTO/OFICINA
- 15 - EIRA
- 16 - EIDO

.....➤ ENTRADA PARA O PÁTIO

.....➤ ENTRADA PRINCIPAL

.....➤ ACESSO A TERRENOS

N



41

Fig. 36 Planta de piso R/C Casa de Calvelhe



Fig. 37 Escada de acesso à habitação, Foto da autora, 2022  
Fig. 38 Ala Norte e Oeste, Foto da autora, 2022  
Fig. 39 Sequeiro, Eira e coberto, Foto da autora, 2022.  
Fig. 40 Eido, Foto da autora, 2022.  
Fig. 41 Eira, Foto da autora, 2022.

## A FORMA

Como referimos anteriormente, o pátio é um grande influenciador do diálogo entre edifícios. Imbuídos nesta perspetiva, podemos constatar, através das fachadas orientadas para o pátio, que a vivência destes espaços se dá para o interior do conjunto construtivo.

O reconhecimento *in situ* permitiu compreender esta leitura através da abertura de vãos, acessos e organização espacial. Comparando a morfologia das fachadas voltadas para o interior do pátio com as fachadas voltadas para o exterior do complexo, detetamos abordagens completamente distintas.

O exterior adota uma linguagem linear e modesta, marcada pelas aberturas de minúsculas janelas e pelo largo portão de acesso. Já o interior é caracterizado pelas aberturas de grandes vãos de diferentes dimensões e pela imponente escada em pedra da zona habitacional.

Quanto à morfologia das estruturas de apoio agrícola, como o sequeiro e a eira, estas apresentam-se dentro dos parâmetros analisados no capítulo anterior, sublinhando duas situações: uma eira coberta e um espigueiro integrado na parede do coberto, os quais acreditamos tenham sido as últimas ampliações realizadas (Fig. 42).

A habitação é composta por dois pisos, sendo o piso térreo destinado a áreas de trabalho, adega, lojas, casa do forno e abrigo animal e o segundo piso destinado à moradia do proprietário.



Fig. 42 Eira coberta e espigueiro embutido, Foto da autora, 2022

Fig. 43 Andar sobrado, Foto da autora, 2022

Fig. 44 Quarto Foto da autora, 2022.

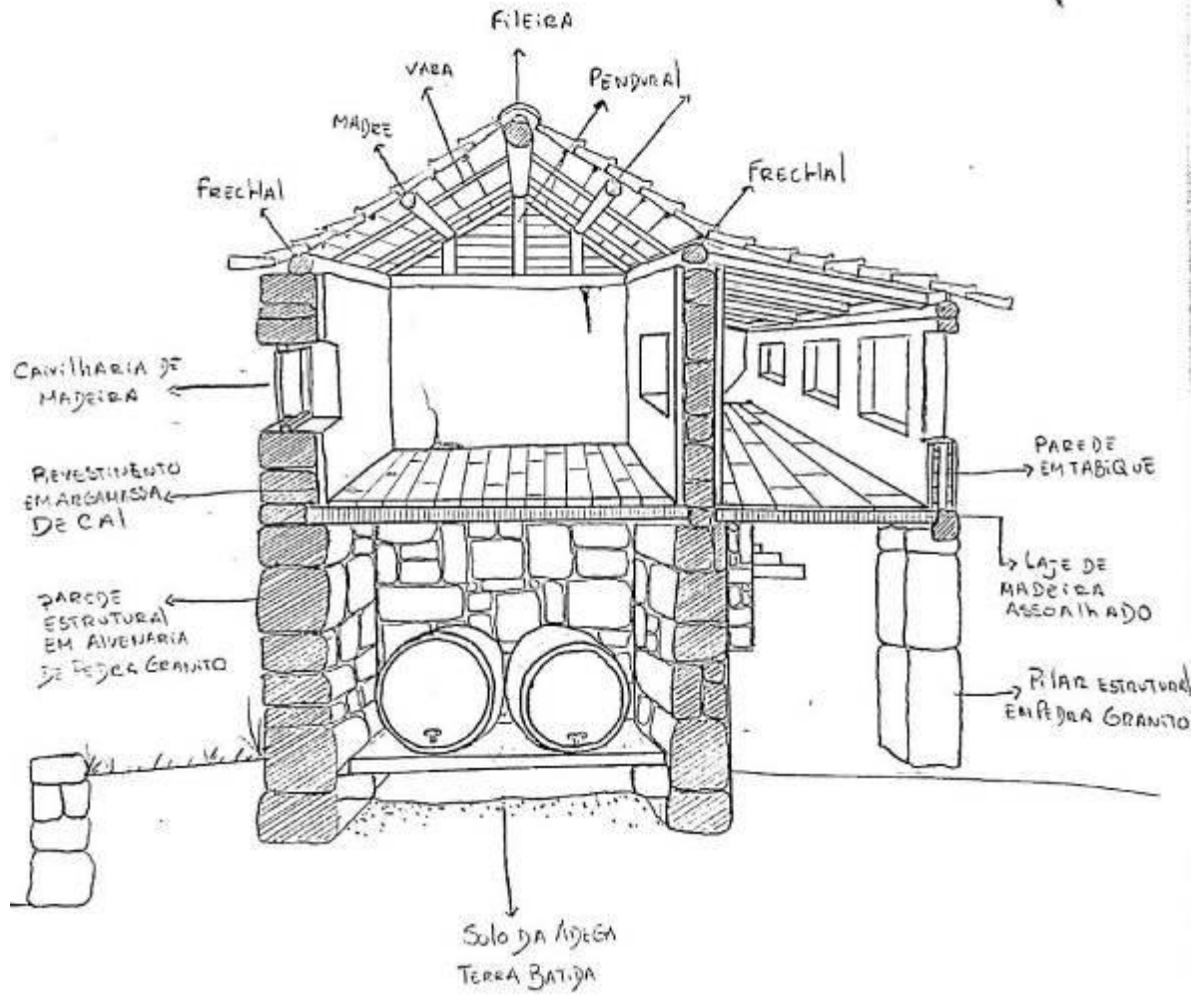


Fig. 45 Análise sistemas construtivos, Casa de Calvelhe.

## **A MATERIALIDADE**

Na análise da composição do edifício em termos de materiais torna-se evidente que a pedra é o material mais utilizado. Quando observamos as fachadas voltadas para o exterior do edifício percebemos que a pedra é um elemento de integração com o envolvente, colaborando com a horizontalidade dos muros de pedra dos socalcos. No entanto, as fachadas voltadas para o pátio apresentam maior variedade nos materiais (Fig. 45).

Quanto à habitação, sendo parcialmente em alvenaria de pedra, eleva-se no piso térreo sobre o patim alpendrado, de paredes em tabique revestido com argamassa de cal (Fig. 43). Esta tonalidade mais clara e sem textura, evidencia-se em relação às restantes construções, esta condição só ocorre no piso da moradia (Fig. 37).

No sequeiro e na eira coberta verificamos alvenarias de tijolo e pedra, onde o seu dimensionamento e aparelhamento - quer nas paredes como no pavimento da eira coberta - reforçam a suspeita que possa ter sido uma construção posterior em relação ao resto do complexo.

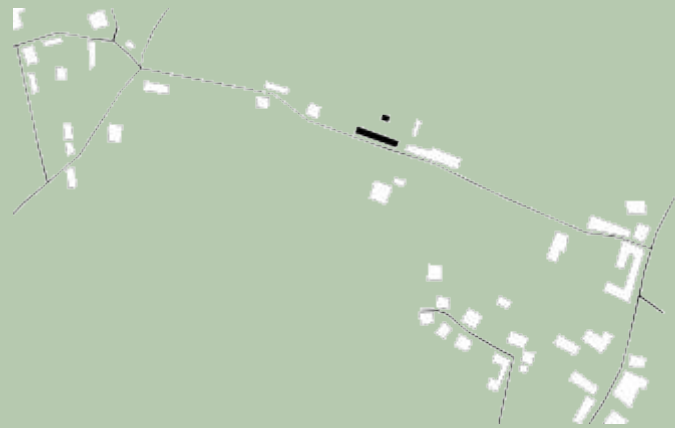
Quanto aos pavimentos, verificamos que os pisos térreos da habitação e do abrigo animal são em terra batida. Já no piso da moradia e no sequeiro o pavimento é assoalhado, assente perpendicularmente sobre vigas de madeira, que se apoiam na alvenaria de pedra.

A madeira, para além de estar presente nas portas, caixilharias, janelas e pavimentos, tem também grande destaque nas portadas do sequeiro e na estrutura dos telhados.

As coberturas de duas e quatro águas assentam sobre um sistema estrutural sobre asnas de madeira, que servem de base para o assentamento e suporte de vigas de madeira como madres, fileiras e frechais que suportam uma malha de varas em madeira onde assentam as telhas de canudo (Fig. 45).



- Fig. 46 Fachada Norte, Foto da autora, 2022.  
Fig. 47 Acesso por escada exterior, Foto da autora, 2022.  
Fig. 48 Sequeiro, Foto da autora, 2022.  
Fig. 49 Fachada Sul, Foto da autora, 2022.



# CASA DA LAVOURA

### **2.3.3 CASA DA LAVOURA – CASA DA CACHADA**

**“A casa popular, e sobretudo a casa rural, é mesmo concebida não apenas como um abrigo, mas sobretudo como um verdadeiro instrumento agrícola que é preciso adptar às necessidades de exploração da terra, designadamente no que se refere ao seu dimensionamento e à importância e distribuição relativa dos alojamentos das pessoas, dos estábulos e das lojas de arrumação das alfaias e ferramentas da lavoura.”** (Oliveira; Galhano, 1992: 13)

A Casa da Cachada situa-se na freguesia de Vila Boa, a 3.5 Km de distância do centro da cidade de Barcelos.

A dificuldade de obter documentação sobre a casa não nos possibilitou determinar o ano de construção. A través de conversas e entrevistas informais a habitantes da freguesia, foi possível datar a construção aproximadamente do ano de 1900.

Atualmente a casa apresenta-se em aparente abandono, consumida pela vegetação.

Esta construção de casa da lavoura é um exemplar das casas dos pequenos lavradores, na zona de Barcelos existem várias habitações semelhantes à casa da cachada, inclusive a casa da Quinta da Torre, o caso prático a desenvolver neste trabalho.

### **A TOPOGRAFIA**

A casa da Cachada enquadra-se no tipo de povoamento disseminado, tendo em conta que a freguesia de Vila Boa tem apresentado um constante crescimento, devido à proximidade das periferias da cidade de Barcelos. Neste âmbito consideramos que a tendência do local parece ser um aumento da construção.

O terreno revela-se relativamente nivelado, apresentado uma ligeira inclinação em sentido Norte (Fig. 51), aspeto que certamente foi favorecido pela atividade agrícola da zona, considerando a sua envolvente, que até aos dias de hoje é fortemente marcada pelo verde dos campos agrícolas que continuam a ser cultivados.

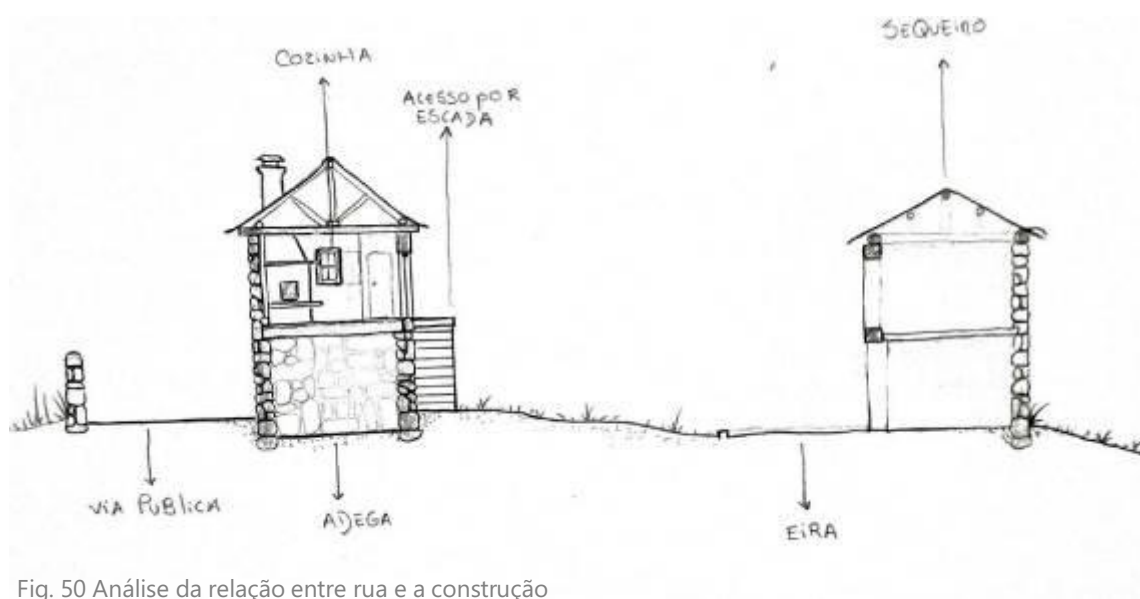
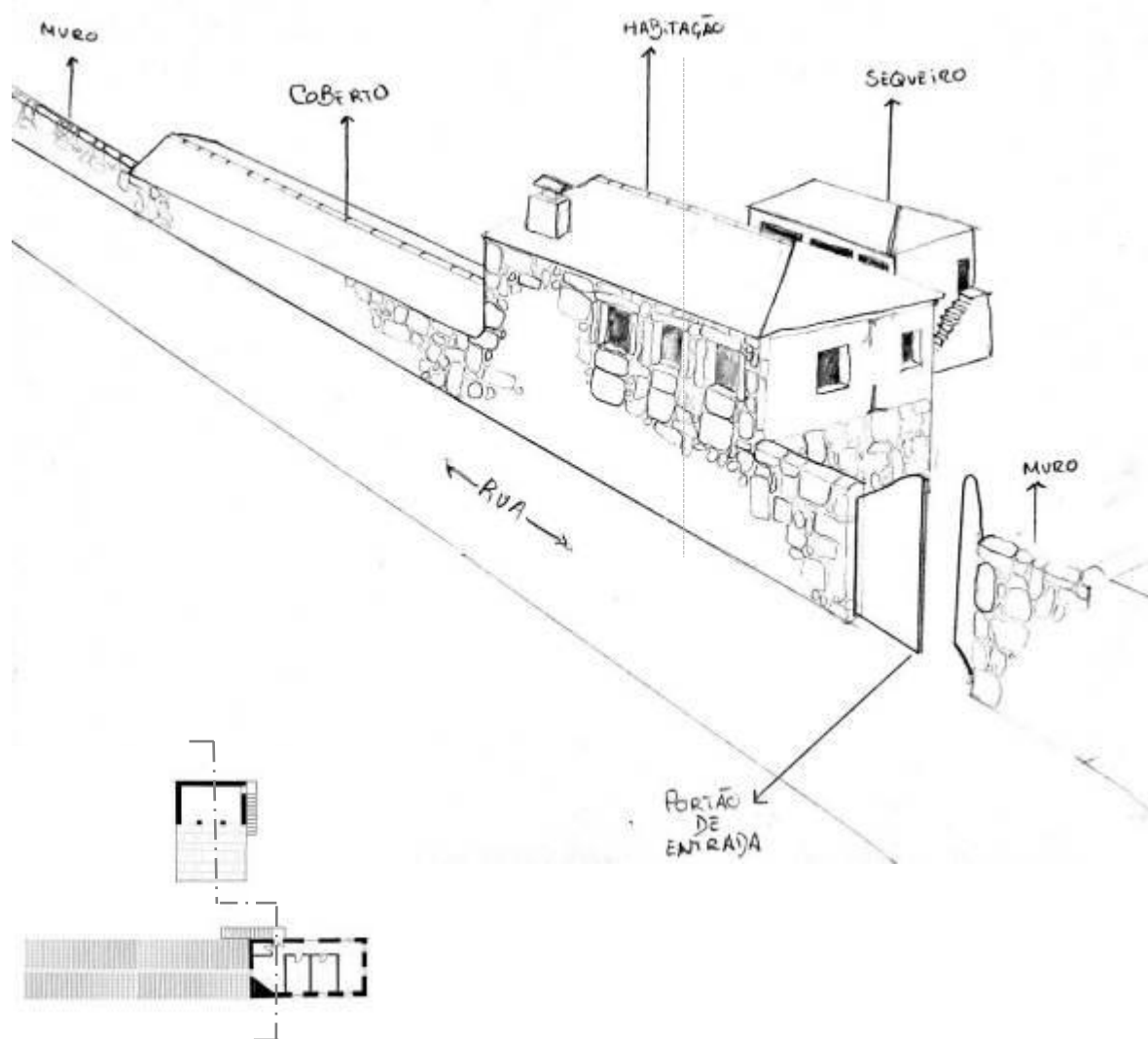


Fig. 50 Análise da relação entre rua e a construção

Fig. 51 Análise sobre a relação topográfica da Casa da Cachada

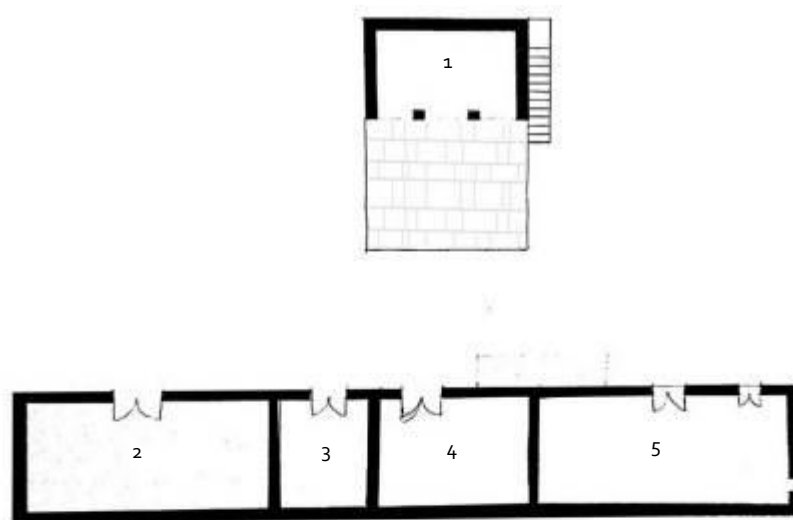


Fig. 52 Planta piso R/C – Casa da Cachada

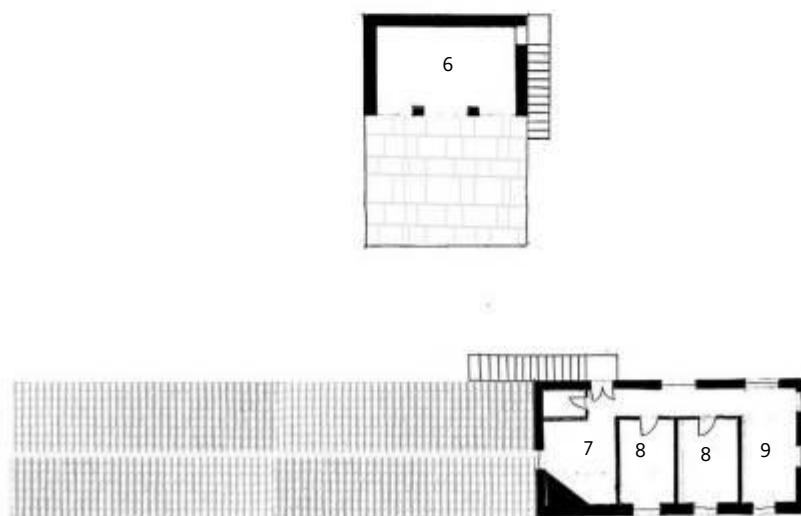


Fig. 53 Planta piso 1 – Casa da Cachada

- 1 - SEQUEIRO
- 2 -CORTE DE GADO
- 3 - LOJA
- 4 - ARRUMOS
- 5 -ADEGA
- 6 - SEQUEIRO
- 7 - COZINHA
- 8 - QUARTO
- 9- SALA

## A FORMA

A Casa da Cachada, de tipologia casa da lavoura, revela-nos, pelas suas dimensões e respetiva área agrícola, que estamos perante a habitação de um lavrador modesto. Integra um conjunto de estruturas como, habitação, sequeiro, eira e coberto.

Através do reconhecimento *in situ* e face aos exemplares que observámos ao longo da investigação, percebemos que se trata de uma implantação incomum. A habitação e o coberto assentam no limite do terreno a par da via pública (Fig. 51).

Através da leitura da fachada a Sul, observamos que a estratégia de implantação se baseia na integração da habitação e coberto no muro de pedra que encerra a área privada da casa da Cachada (Fig. 50).

Esta solução confere à construção características semelhantes à Casa de Calvelhe antes analisada, que, através da horizontalidade proporcionada pelos muros de pedra, envolve as estruturas da construção no seguimento desta linha do muro.

De destacar será também a forma como se entra para a casa da Cachada. como verificamos, a habitação implanta-se no limite do terreno para da rua. no entanto, a entrada é feita pelo portão integrado no muro de pedra (Fig. 50) e, assim sendo, percebemos que a vivência da casa da Cachada se dá para o centro do conjunto construtivo.

**“A sensação de unidade que a rua dá, começa a particularizar-se desde o momento em que se passa a prestar atenção aos elementos de transição para o interior das habitações – escadas e varandas. Porque, normalmente, a casa aparece-nos construída por dois pavimentos: um térreo, (...) e destinado a lojas; outro elevado, (...) constituindo a habitação propriamente dita.”** (AA.VV, 2004: 138)

Pela forma como se implantam as estruturas e acessos, verificamos que não estamos perante um pátio central encerrado sobre si. A habitação (Fig. 46) e o coberto expressam através da abertura de vãos a Norte que esta é a fachada de comunicação entre interior e exterior, sendo que todos os acessos se fazem a partir da mesma.

A habitação é composta por dois pisos, sendo o piso inferior destinado a adega e o superior à moradia. O afastamento funcional destes dois pisos é reforçado pelo acesso em escada exterior para o piso da moradia (Fig. 46). O coberto estende-se num único piso, composto pela loja, arrumos e abrigo animal (Fig. 52).

O sequeiro e a eira, sempre orientados a Sul para o maior aproveitamento da luz solar, implanta-se em confronto com a habitação e o coberto, reforçando esta vivência central do conjunto construtivo (Fig.53).

## **A MATERIALIDADE**

**“Sintomas de progresso tanto podem ser dados pelo apuramento do trabalho dos materiais de construção, como pela versatilidade dos métodos construtivos, ainda que utilizando materiais e princípios rudimentares.”**

(AA.VV., 2004: 143)

A casa da Cachada é um exemplo em que o progresso industrial se reflete nos sistemas construtivos que a compõem. Comparativamente à Casa de Calvelhe, analisada anteriormente, esta é uma construção consideravelmente mais recente; no entanto, percebemos que lógica arquitetónica é semelhante.

A pedra continua a ser o material que mais se destaca, presente nos muros e alvenarias, importante pelo seu uso estrutural na construção. Na habitação, é utilizada a alvenaria de pedra “ordinária”, na fachada sul e no piso térreo. no piso superior é aplicada alvenaria de tijolo revestida com argamassa e cal, sendo este sistema significativamente mais leve e surgindo sobre as paredes estruturais de pedra. Nas paredes divisórias interiores é utilizado o tabique revestido com argamassa e cal (Fig. 54).

Nas lajes de piso e cobertura detetamos a utilização do sistema de laje aligeirada, formada por uma série de vigotas estruturais, com tijolo cerâmico apoiado sobre essas vigotas (Fig. 54).

Quanto aos pavimentos, verificamos que os pisos térreos, à semelhança da Casa de Calvelhe, são em terra batida. Já no piso da habitação utiliza-se o soalho de madeira.

O sistema estrutural da cobertura é de quatro águas, em madeira, servindo de base para o assentamento e suporte de vigas de madeira como madres, fileiras e frechais, que suportam uma malha de varas em madeira onde assentam as telhas lusa (Fig. 54).

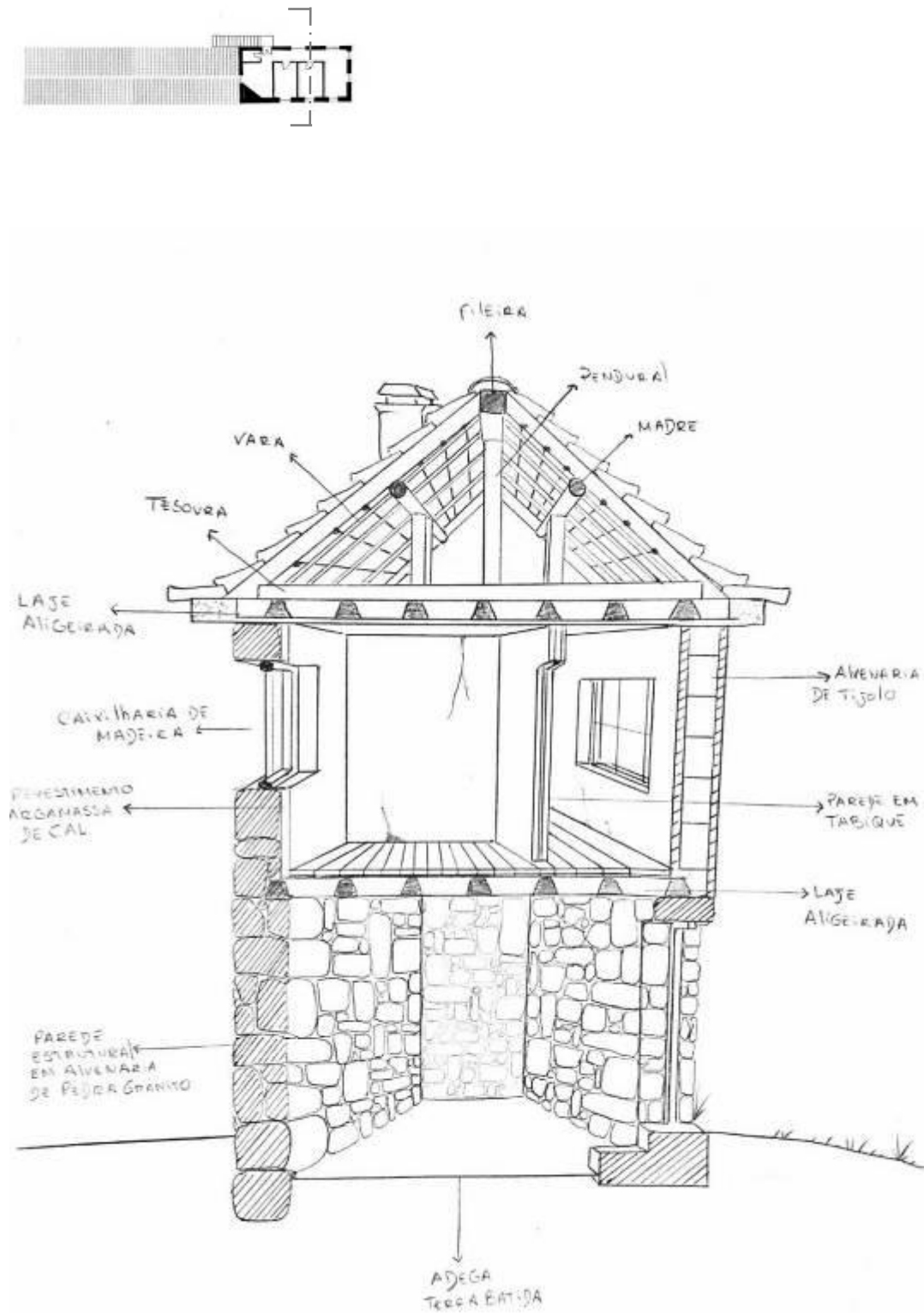


Fig. 54 Análise sistemas construtivos, Casa da Cachada.

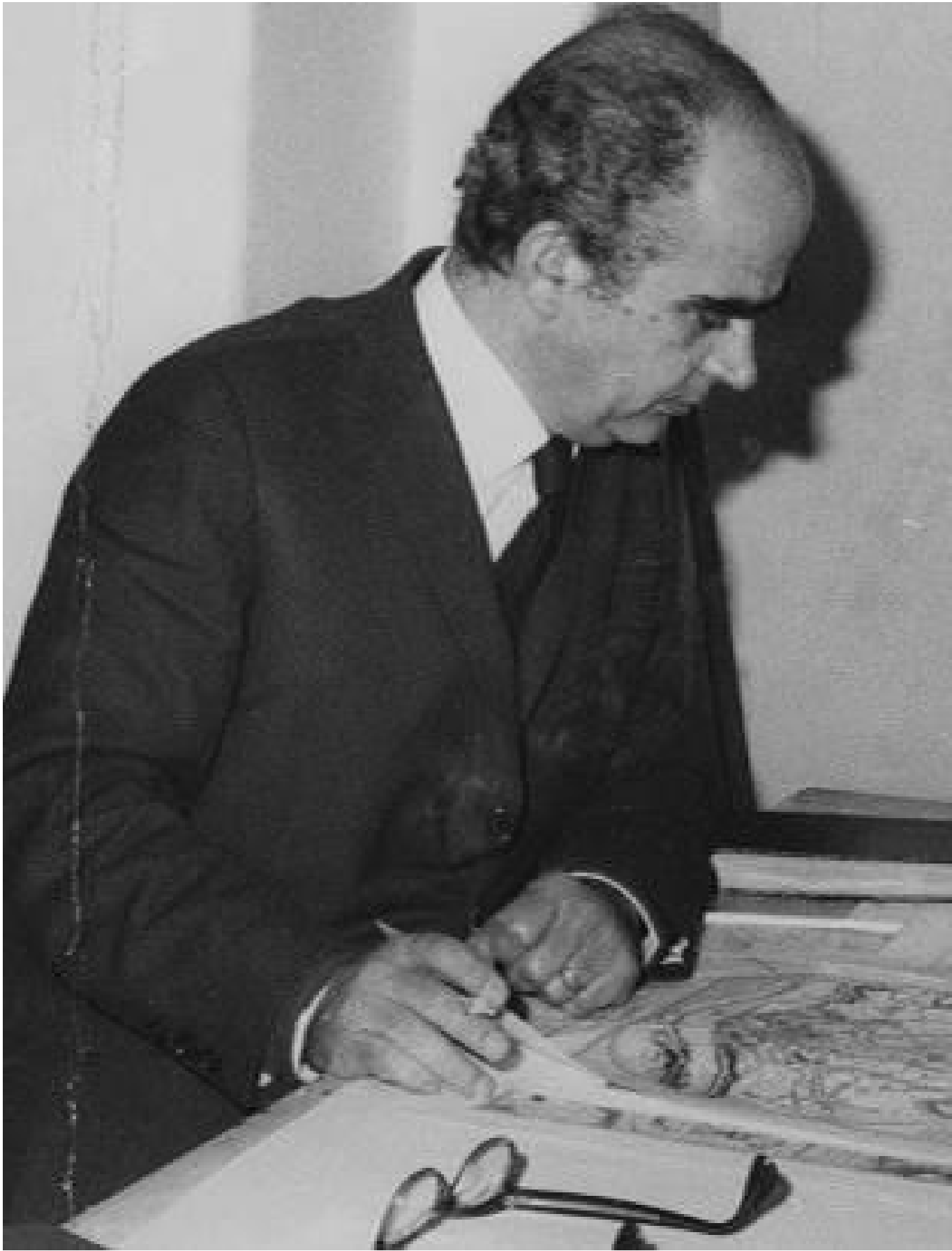


Fig.55 Fernando Távora.

INFLUÊNCIAS DA  
ARQUITETURA POPULAR

NA OBRA DE **FERNANDO TÁVORA**, EDUARDO SOUTO DE  
MOURA E CORREIA/RAGAZZI



Fig.56 Casa de Ofir, fachada Este, entrada principal, fotografia de Rui Moraes de Sousa

Fig.57 Casa de Ofir, fachada Este, Pátio, fotografia de Rui Moraes de Sousa

Fig.58 Casa de Ofir, fachada Oeste, entrada de garagem, fotografia de Rui Moraes de Sousa

Fig.59 Casa de Ofir, fachada Sul, fotografia de Rui Moraes de Sousa

### **3. INFLUÊNCIAS DA ARQUITETURA POPULAR NA OBRA DE FERNANDO TÁVORA, EDUARDO SOUTO DE MOURA E DOS CORREIA RAGAZZI**

#### **3.1 CASA DE FÉRIAS DE OFIR**

**“É função da história o conhecer a existência das manifestações do homem e determinar as possíveis constantes que essa existência apresenta. É função necessária e indispensável que justifica todo o interesse do passado pelo contributo que pode trazer ao presente.”** (Távora, 1993: 7)

Fernando Távora evidencia-se pela forma como o próprio compreende a arquitetura. Para Távora, a arquitetura é um acontecimento natural, onde a forma depende da função, sendo que forma sem função não se poderia justificar. Távora defende a simplicidade e a clareza na arquitetura como expressão moderna, de sobriedade e leveza.<sup>1</sup>

Após a realização e participação no inquérito à arquitetura popular, Fernando Távora fortalece as suas ideias de uma arquitetura pensada de forma singular para cada lugar, tendo em conta o conjunto de características que variam consoante a região, como o clima, a economia e os fatores sociais, os materiais e técnicas utilizadas.

Távora valoriza o conhecimento e a sensibilidade do lugar, tendo consciência do tempo e do conhecimento para a boa prática de arquitetura.

A Casa de Férias em Ofir de Fernando Távora foi construída entre 1957 e 1958 e revela-nos o seu grande conhecimento da história da arquitetura portuguesa. É um exemplo de diálogo entre tradição e a modernidade. Por esse motivo, interessa analisar esta obra à luz do conhecimento obtido nas análises anteriores.

---

<sup>1</sup> Documentário Visita Guiada: Três Casas Modernas no Minho, Ep. 16, RTP Arquivo

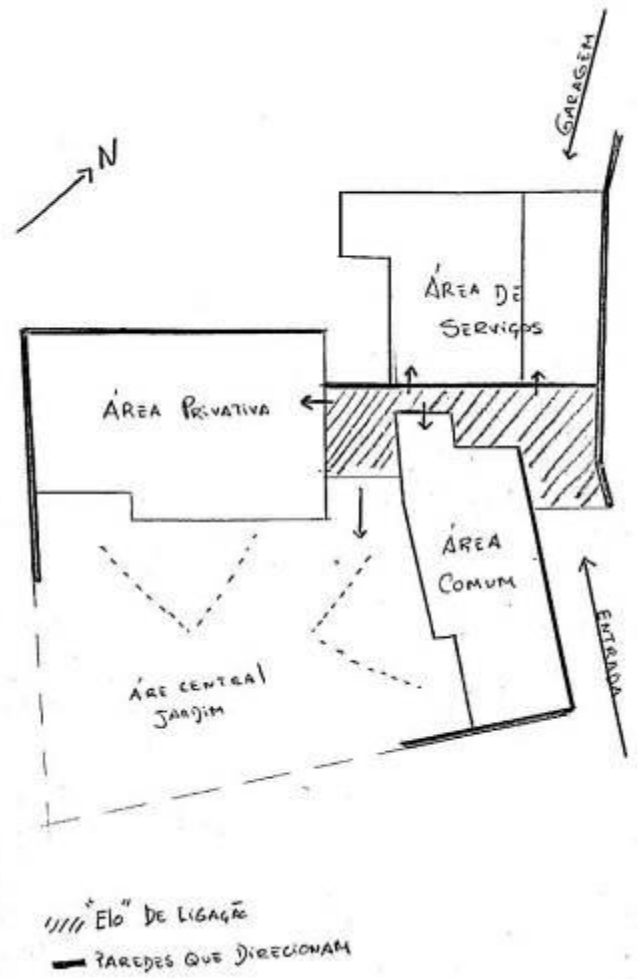
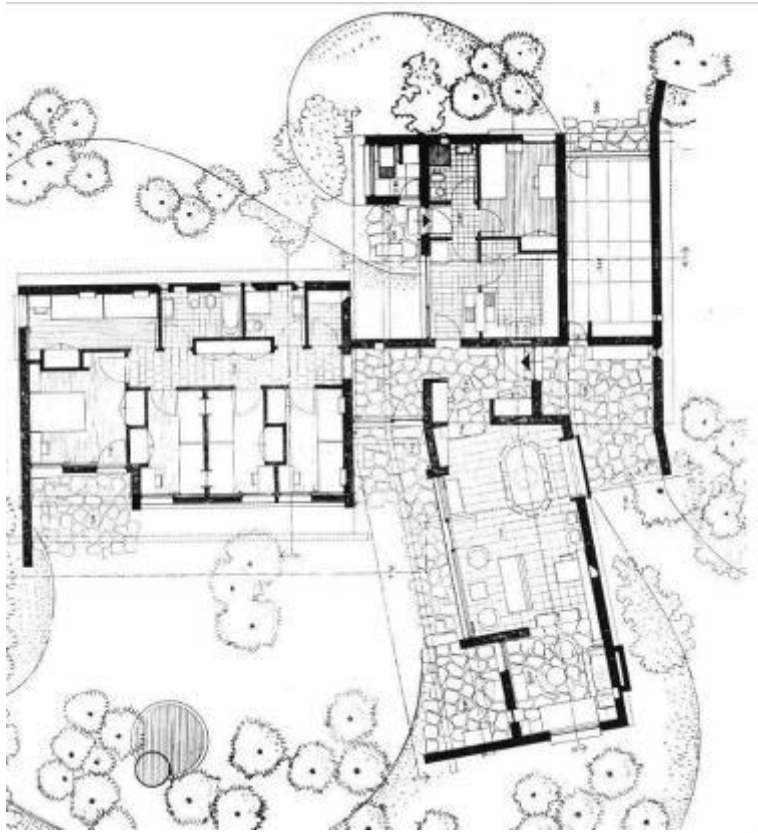


Fig.60 Planta R/C Casa de Ofir  
 Fig.61 Esquema analítico da planta da Casa de Ofir  
 Fig.62 Secção Transversal

## **A TOPOGRAFIA**

O terreno da casa de Ofir é relativamente nivelado, distinguindo-se pela sua vegetação, a sua envolvente e características climatéricas.

Estamos perante um local de características muito específicas, o pinhal da praia de Ofir, uma das maiores manchas verdes do litoral minhoto, entre o rio Cávado e o mar.

Por isso, Távora teve em atenção as especificidades do lugar como, ventos fortes, insolação e materiais.

## **A FORMA**

A casa de Ofir expressa o reconhecimento dos métodos racionais da cultura popular, reinterpretando-os num desenho moderno capaz de dominar a identidade do tradicional e as novas formas de viver a modernidade. Na casa de Ofir verificamos uma influência direta das "casas de lavoura" analisadas no inquérito, desde estratégias de implantação, organização, materialidade e morfologia. Sendo esta uma casa de férias é particularmente relevante perceber como Fernando Távora adapta características típicas da casa popular minhota numa casa de férias moderna.

A casa é constituída por três volumes diferenciados por função, área comum, área privativa e área de serviços (Fig.61), no entanto, volumetricamente essa distinção não é tão clara, sendo que a cobertura surge como elemento que confere uniformidade à construção (Fig. 60). Os telhados, articulados em continuidade e em baixa pendente, expressam um jogo de inovação e tradição, através da junção de coberturas de uma água, duas águas e cobertura plana.

Esta lógica organizacional através da distinção de funcionalidades, formada por volumes independentes que funcionam como conjunto, é também uma característica da arquitetura popular minhota, como podemos comprovar através da análise da Casa de Calvelhe e a Casa da Cachada antes realizadas.

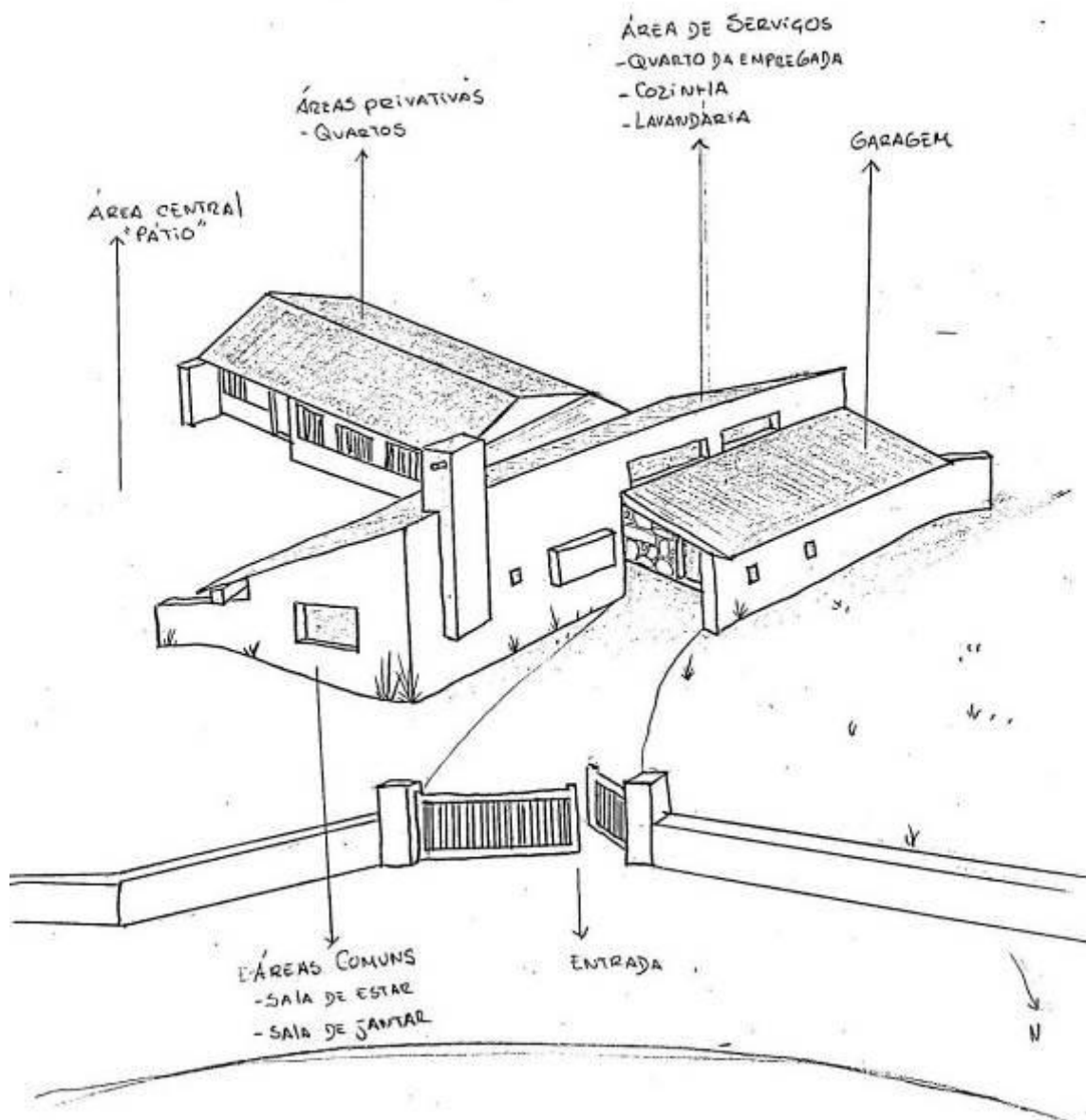


Fig.63 Análise Casa de Ofir

O “elo” de comunicação entre os diferentes volumes é marcado pelo percurso, com início no portão de entrada da propriedade, passando ao longo da fachada norte da sala até à zona da entrada., de um espaço amplo exterior, passamos para um espaço mais comprimido e intimista, o corredor de circulação, pelas diferentes entradas dos três volumes até ao pátio exterior central, para onde os volumes de área comum e área privativa se voltam. Esta característica de voltar a vivência dos espaços para o centro, não é novidade, mas Fernando Távora intensifica esta intenção através do prolongamento das paredes laterais (Fig. 61).

Observamos que esta estratégia do prolongamento das paredes, repete-se junto à entrada principal e à entrada da garagem, porém, através da análise *in situ*, interpretamos que seja um método de “camuflar” estas entradas em relação à rua e, em simultâneo, uma forma de direcionar o indivíduo para as entradas (Fig. 63).

Quanto às fachadas, observamos que se preserva a abordagem das “casas de lavoura”, as faces mais vivas e abertas, como a área comum e área privada, voltam-se para sul tirando partido da exposição solar e do pátio, enquanto que as faces voltadas para a rua, quase cegas, se destacam pela abertura de minúsculos vãos. Ainda nesta fachada norte, detetamos a saliência de dois volumes como a chaminé e um balcão de apoio (Fig. 64), na tentativa de recriar as reentrâncias que existem em várias casas populares (Fig. 65). No entanto, a menor espessura da parede da casa de Ofir promove esta saliência visível no exterior (Fig. 63).



Fig. 64 Balcão de apoio, Casa de Ofir



Fig. 65 Vão do quarto da Casa de Calvelhe.

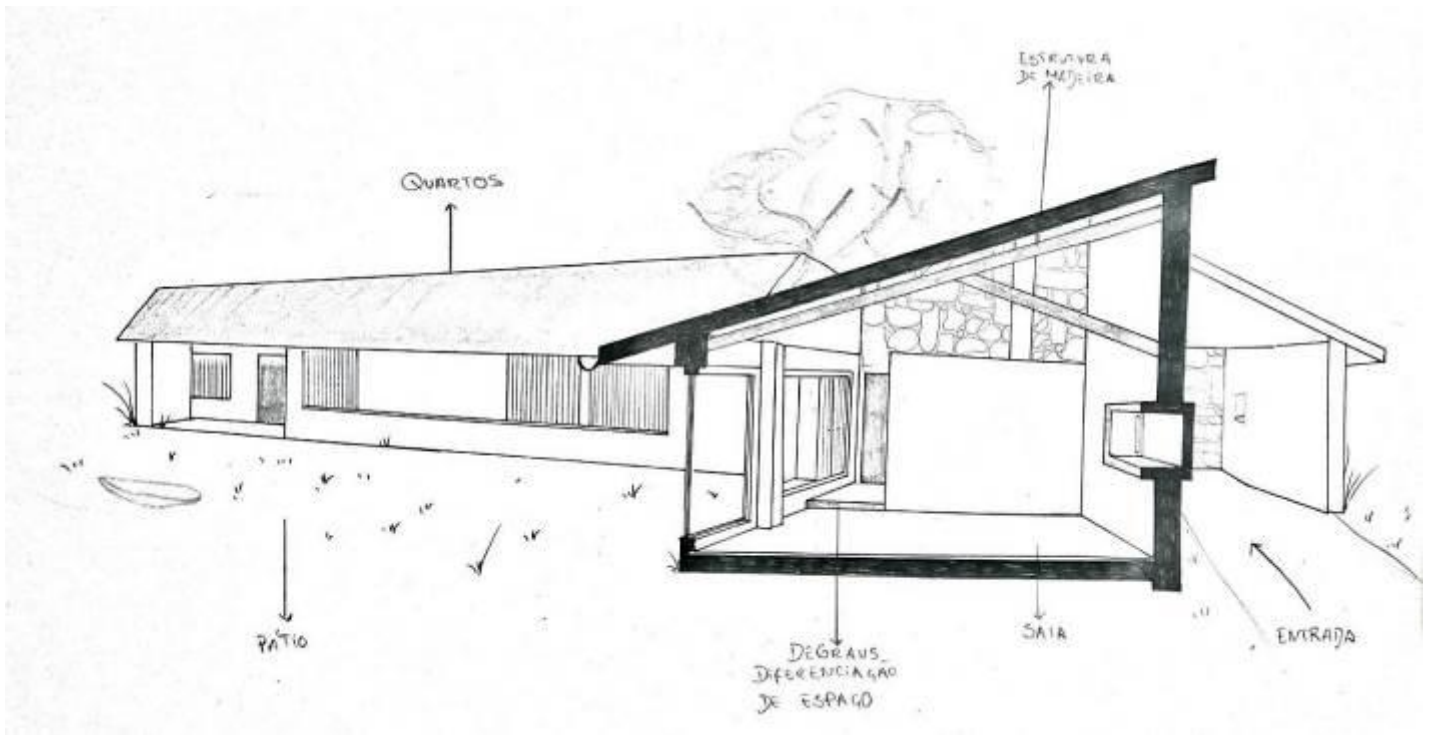


Fig.66 Análise morfológica, Casa de Ofir.

## A MATERIALIDADE

A casa de Ofir, sendo um testemunho com referências no movimento moderno e no caráter tradicional da arquitetura popular portuguesa, a materialidade é um importante elemento com o papel de enriquecer essa relação entre tradição e modernidade.

Destacam-se materiais como a pedra caiada ou à vista, o betão, o vidro, a madeira e a telha. No entanto, o tratamento destes materiais, bem como a sua aplicação adaptam-se ao lugar e ao tempo, assumindo-se e revelando a verdade da construção.

A cobertura é assente sobre uma estrutura em madeira de pinho, com os tetos forrados com placas de um aglomerado isolante constituído por aparas de madeira e cimento. As caixilharias e as portas, também elas em madeira de pinho, sendo que a sua espessura varia consoante a função, são mais finas quando fixas e mais largas quando móveis, este tipo de detalhe revela a sensibilidade na adequação dos materiais.

O pavimento surge como elemento de transição que dinamiza a relação entre interior e exterior. Por exemplo, o pavimento em pedra estabelece uniformidade nos espaços de circulação interior e exterior proporcionando esse momento de transição com o pátio e a entrada na moradia (Fig. 60).

Os materiais, as cores e as texturas remetem para elementos artesanais e naturais, revelando uma preocupação com o ambiente dos espaços.



Fig.67 Pátio central Casa de Ofir

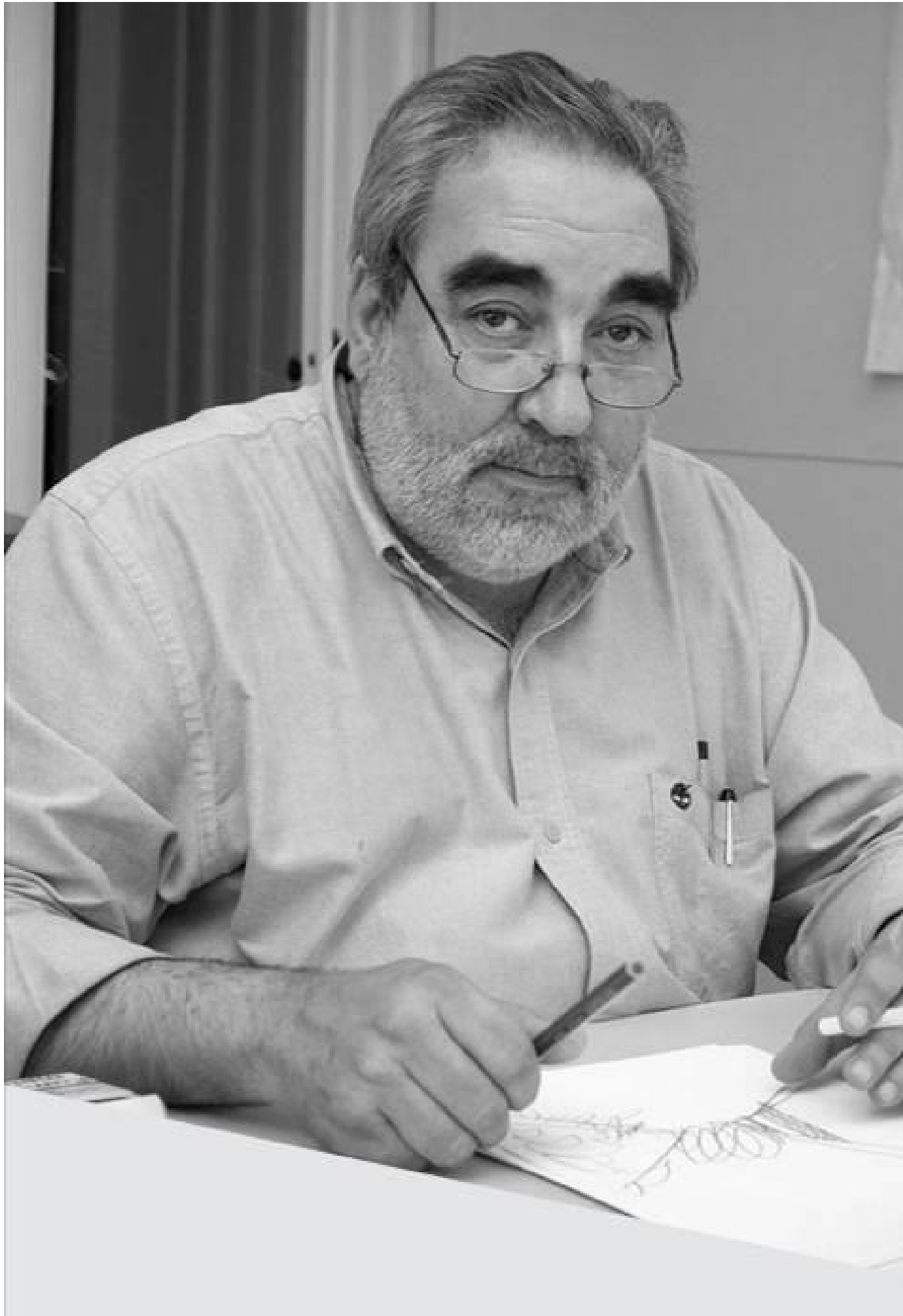


Fig.68 Eduardo Souto de Moura.

# INFLUÊNCIAS DA ARQUITETURA POPULAR

NA OBRA DE FERNANDO TÁVORA, **EDUARDO SOUTO DE  
MOURA** E CORREIA/RAGAZZI

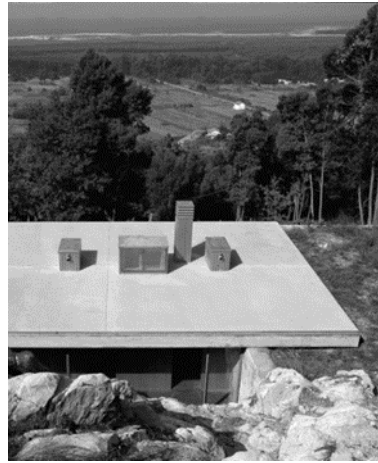


Fig.69 Fachada Oeste

Fig.70 Escada integrada no muro de socalco.

Fig.71 Vista sobre o mar de Moledo.

Fig.72 Entrada principal, pavimento exterior placas de granito

## 3.2 CASA DE MOLEDO

**“(..) entendi o Movimento Moderno como uma continuidade do classicismo (...) discurso de continuidade com meios técnicos e intenções diferentes, mas com um campo comum: as proporções, a relação da estrutura com a forma, a linguagem depurada.”** Souto Moura em (Trigueiros, 2003: 31)

A linguagem de Souto de Moura tem como base princípios que revelam a sua sensibilidade quanto arquiteto e responsável por intervir nos lugares e nos espaços tendo em conta o local, a história, as memórias, a identidade, as condicionantes, os materiais, o tempo e as pessoas.

Souto de Moura interessa-se pela Arquitetura Popular, encarando-a como aprendizagem quanto à relação da topografia, da tipologia e morfologias que surgem logicamente como resposta às necessidades em cada projeto, tentando conciliar técnicas tradicionais e utilização de materiais locais com técnicas contemporâneas, numa execução cuidada e harmoniosa entre tradição e evolução.

Imbuídos pelas suas ideologias e linguagem, optamos por analisar a obra casa de Moledo, que exhibe semelhanças com o local de intervenção desta dissertação.

### A TOPOGRAFIA

A topografia do terreno foi definitivamente o fator que mais influenciou a intervenção de Souto de Moura. O terreno constituía um conjunto de socalcos com um metro e meio de altura, no entanto, a sua disposição não possibilitava a implantação pretendida. Por esse motivo, o arquiteto optou por uma profunda transformação do terreno. Assim, altera definitivamente a topografia da encosta, (re)criando os socalcos, duplicando em planta as suas dimensões com desníveis de três metros, e assim permitindo que a casa se adapte ao socalco (Fig. 73).

Esta intervenção procura alcançar a harmonia que se encontra na Arquitetura popular, numa perfeita conformidade entre a obra e a natureza, mas para que tal acontecesse foi necessária esta modelação do terreno.

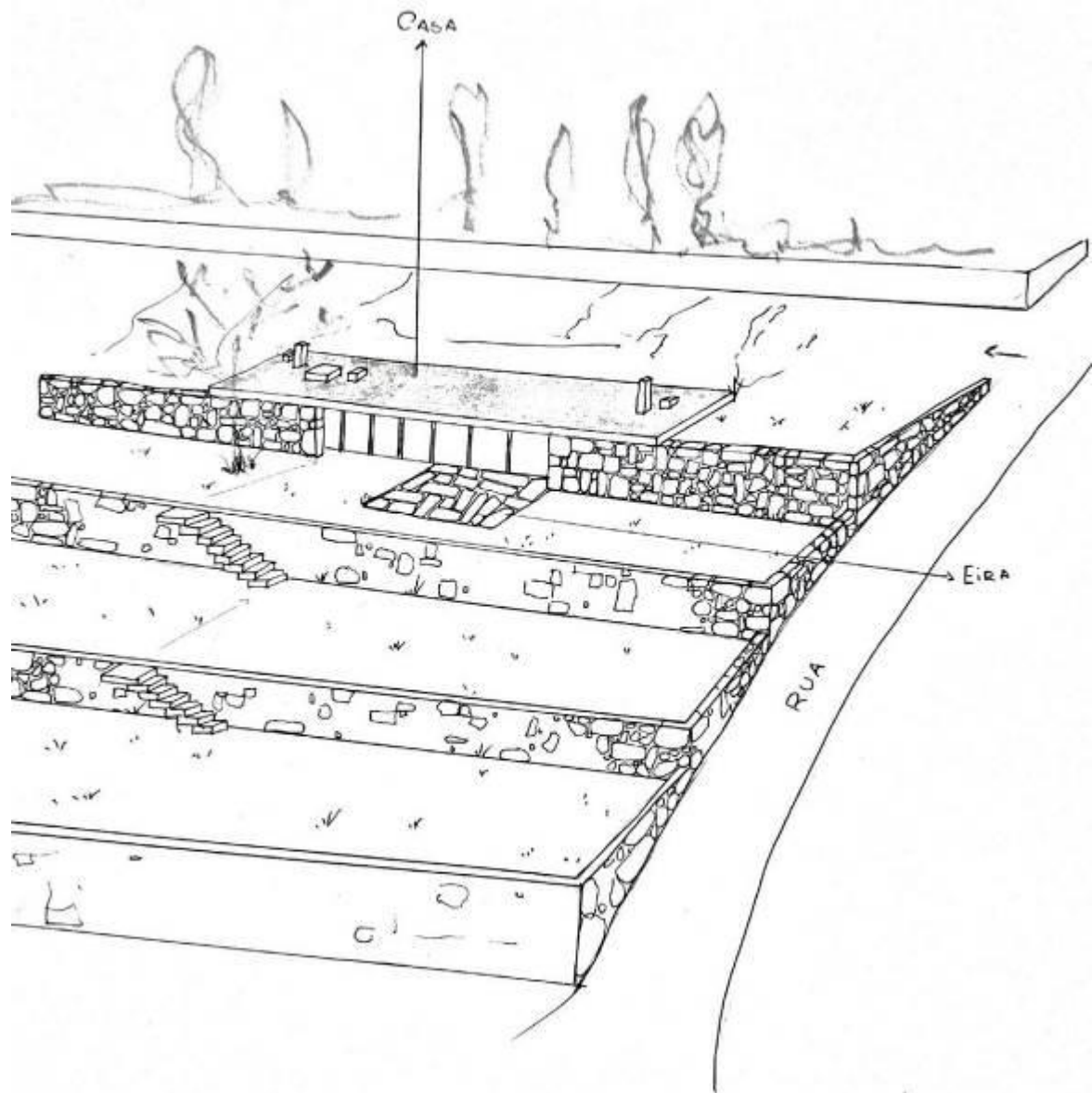


Fig.73 Análise relação topográfica Casa de Moledo

## **A FORMA**

A existência de socalcos agrícolas no terreno valorizava só por si o carácter e identidade da casa de Moledo. No entanto, a alteração desses valores prevaleceram e potencializaram a ideia e o projeto.

A casa instala-se como camuflada entre um socalco, sendo apenas perceptível pela fachada de vidro que surge como interrupção do muro de pedra e a cobertura plana pousada sobre o terreno e a fachada de vidro (Fig.71).

Já no interior, a casa, com apenas um piso de planta retangular (Fig. 74), apresenta um sistema de distribuição bastante intuitivo e fluído. A sala é simultaneamente entrada da casa, servindo de acesso para a cozinha e para o corredor de distribuição que se encontra junto à fachada posterior, iluminado pela luz natural que entra através das rochas da escavação (Fig. 76). Neste espaço, acede-se aos quartos, à instalação sanitária e à lavandaria.

Esta forma de organizar os espaços e em particular a disposição de um corredor de distribuição junto a uma das fachadas, foi possível verificar na casa da Cachada analisada anteriormente. em contrapartida, Souto Moura aplica planos envidraçados nas fachadas capazes de estabelecer uma relação com a natureza envolvente e desta forma minimizar o impacto da construção, assumindo-a como espaço de contemplação.

De salientar são ainda os acessos para a habitação e entre socalcos agrícolas, sendo que aqui verificamos a minúcia do arquiteto. Percebemos que toda a obra revela a inspiração da própria região, com o passado e cultura do local numa constante adaptação de saberes e conhecimentos.

A rua em calçada encaminha-nos ao acesso pedonal da habitação, um percurso constituído por pedras irregulares que terminam sobre a "eira" da casa de Moledo (Fig.72).

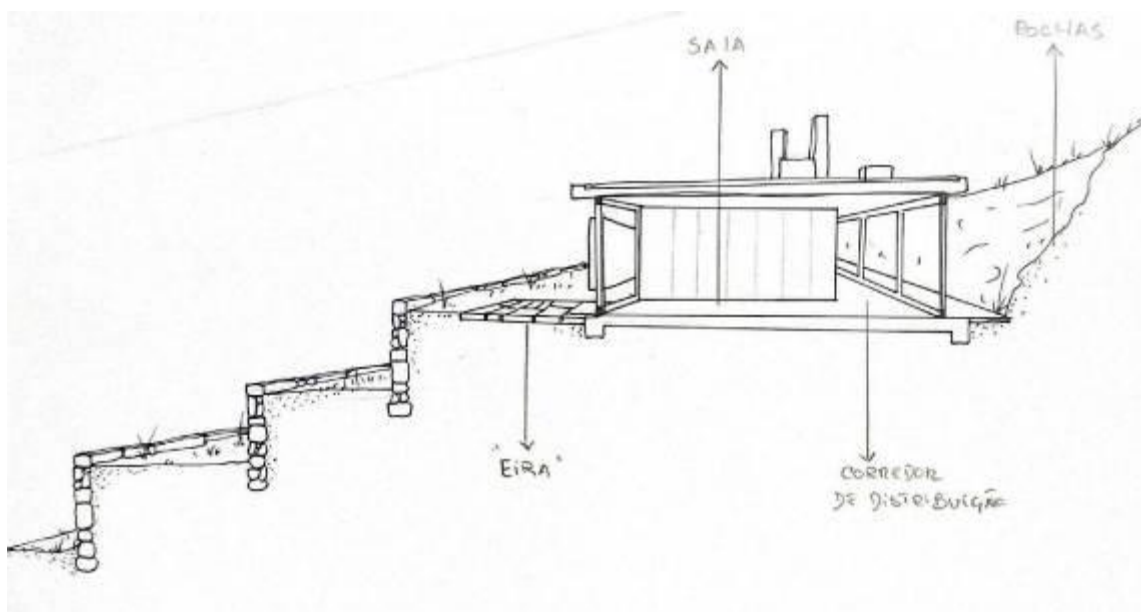
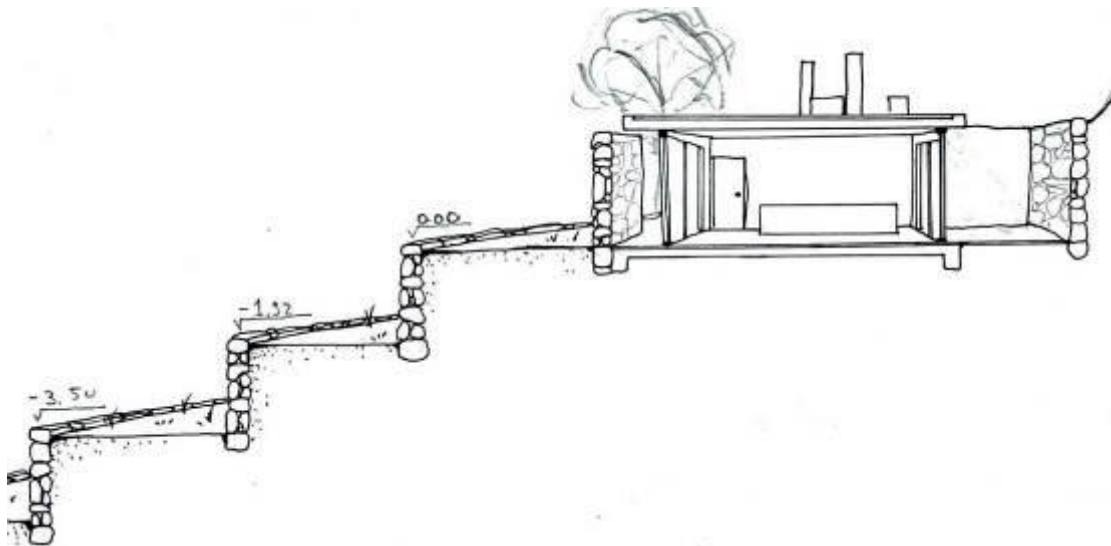
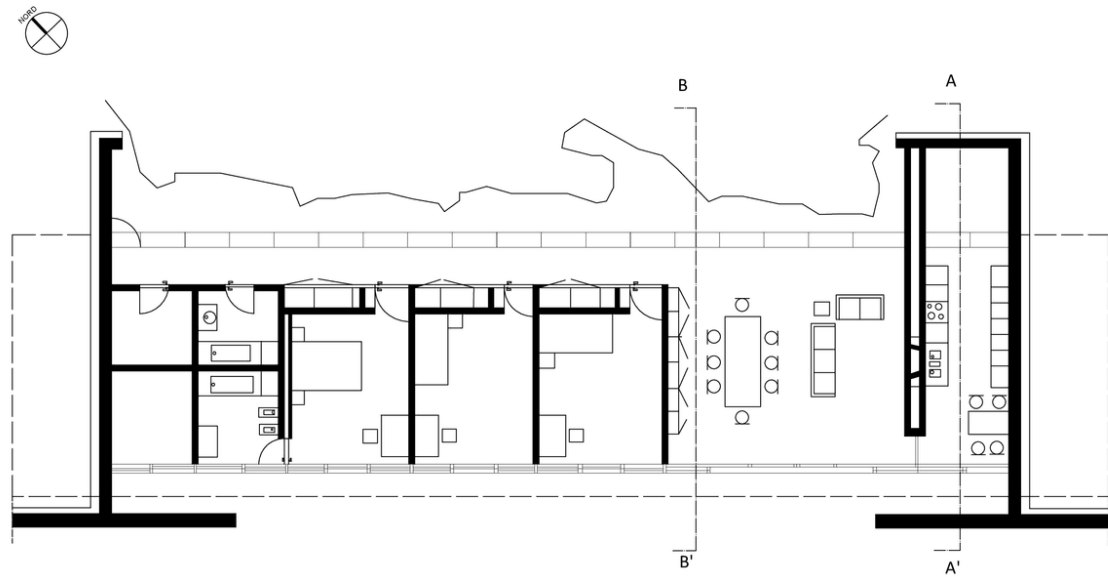


Fig.74 Planta Casa de Moledo.

Fig.75 Análise relação da construção com o terreno - Secção A.

Fig.76 Análise relação da construção com o terreno - Secção B.

Decidimos designar este espaço pavimentado em pedra por “eira” (Fig. 76), pela sua morfologia que se assemelha à tradicional eira que analisamos anteriormente. Este gesto de apropriação das características de eira transferido para a Casa de Moledo, conferem à construção uma relação clara com o passado e cultura da região, transformando um elemento icónico da arquitetura popular num espaço de transição e contemplação da envolvente.

Destacam-se ainda as escadas encastradas nos muros de pedra (Fig. 69), servindo de acesso aos diferentes desníveis do terreno. Este sistema, normalmente utilizado neste contexto de socalcos, é perpetuado na intervenção do arquiteto.

A casa de Moledo torna-se assim exemplar, no que diz respeito à adequação de uma intervenção contemporânea conciliada com a identidade e cultura regional intrínseca à essência do lugar.

## **A MATERIALIDADE**

A pedra é sem dúvida o material que se destaca nesta construção, presente no exterior e na envolvente, desde os muros dos socalcos, às paredes exteriores que envolvem e sustentam a casa no terreno e ainda nos afloramentos graníticos existentes no solo.

No interior da casa predomina a madeira, presente no próprio mobiliário, no pavimento e ainda nas paredes divisórias dos quartos. Este material contrasta com a rudeza da pedra, proporcionando um ambiente acolhedor. Ainda no interior, deparamo-nos na sala com uma parede em pedra, onde se integra a lareira, a qual consideramos relacionada com as lareiras típicas em pedra da casa minhota.

Observamos que também as caixilharias, na fachada principal orientada para a paisagem do rio e das montanhas são em madeira, enquanto que, na fachada posterior orientada para o maciço rochoso, são em aço. Existe um contraste de materiais, entre os associados ao tradicional, como a pedra e a madeira, com o vidro e o aço. A forma harmoniosa como conjugam revelam como através de materiais e conhecimentos tradicionais podemos adaptar aos saberes e necessidades do contemporâneo.



Fig. 77 Graça Correia e Roberto Ragazzi.

# INFLUÊNCIAS DA ARQUITETURA POPULAR

NA OBRA DE FERNANDO TÁVORA, EDUARDO SOUTO DE  
MOURA E **CORREIA/RAGAZZI**



Fig. 78 Agroturismo em Melgaço.

Fig. 79 Fachada Norte.

Fig. 80 Fachada Oeste.

### 3.3 AGROTURISMO EM MELGAÇO

No estudo das obras de Graça Correia e Roberto Ragazzi admiramos a capacidade das suas intervenções dialogarem com uma preexistência e um passado, apresentando uma arquitetura de extrema sensibilidade ao lugar, e as especificidades de cada intervenção. Consideramos relevante analisar a intervenção em Melgaço para fins de agroturismo, pela proximidade temática do projeto prático desta dissertação.

#### A TOPOGRAFIA

O terreno da intervenção em Melgaço encontra-se numa encosta de declive acentuado, composto por área de cultivo, vinha e pinhal, e ainda uma ruína de habitação rural (Fig. 81).

No terreno, destaca-se novamente o sistema de socalcos agrícolas suportados por robustos muros de pedra. Mais uma vez, estamos perante uma intervenção que adota este sistema como solução para a implantação do projeto.

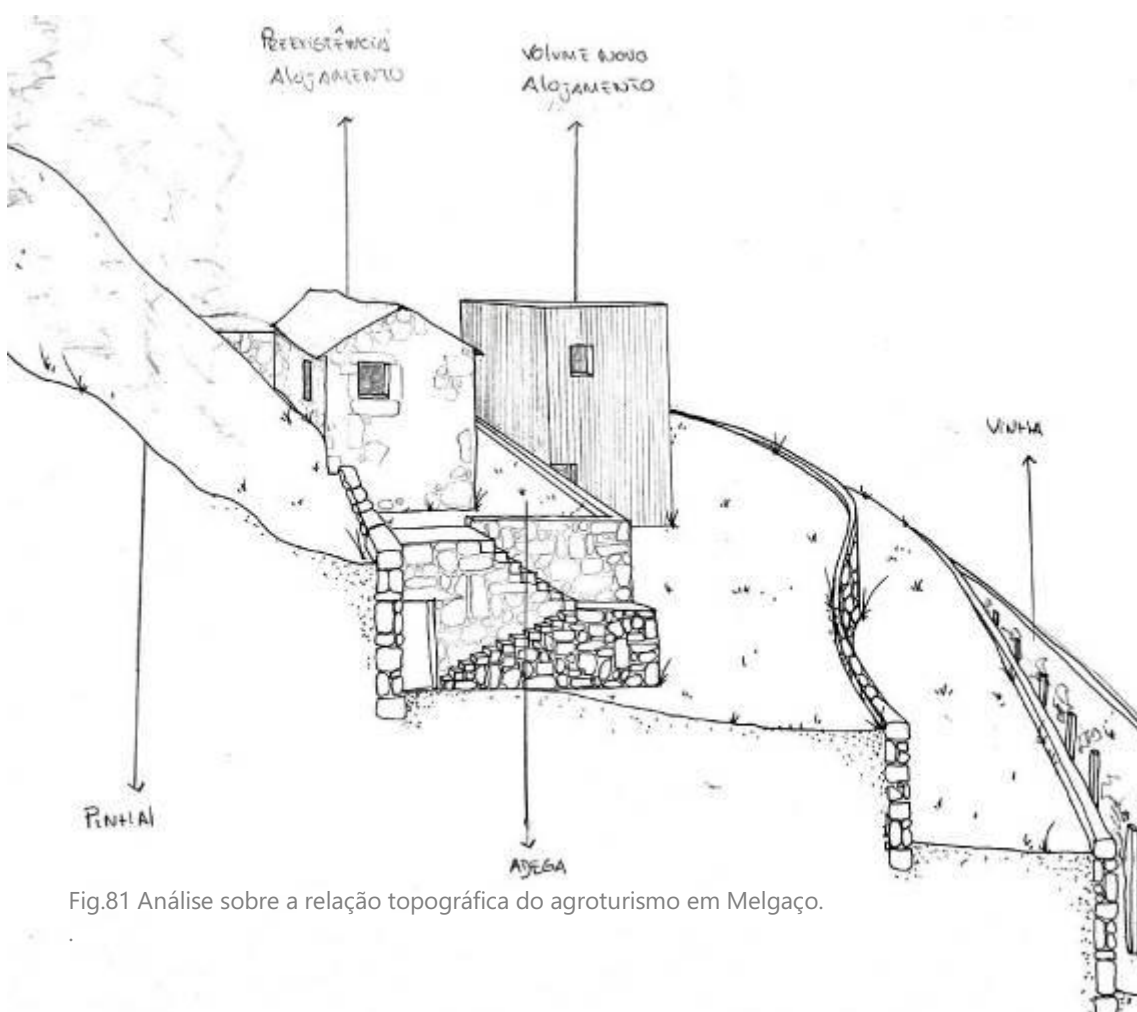


Fig.81 Análise sobre a relação topográfica do agroturismo em Melgaço.

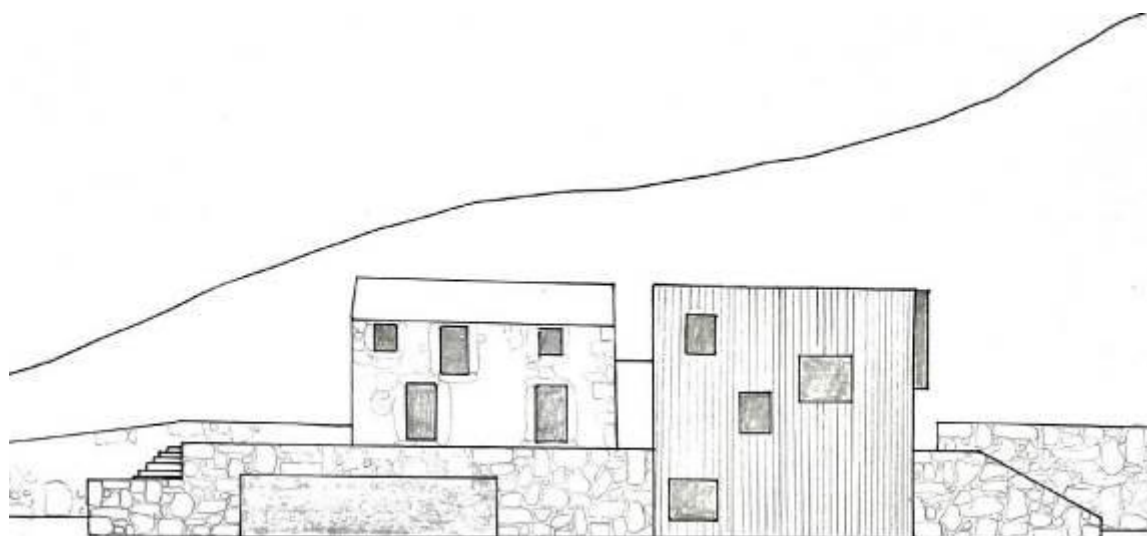
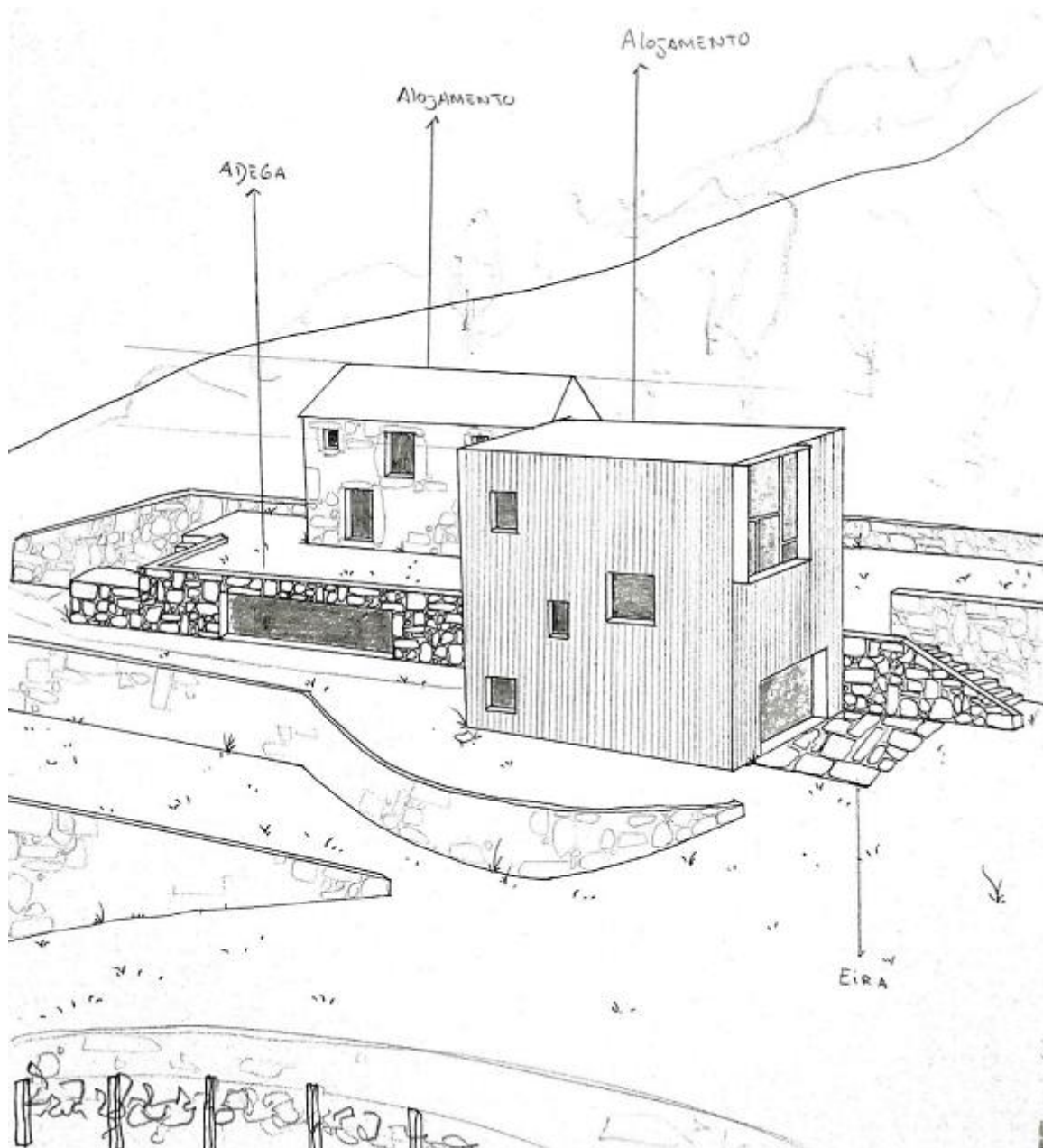


Fig. 82 Análise sobre a relação topográfica do agroturismo em Melgaço.  
 Fig. 83 Análise ritmo de vãos, Fachada Oeste.

## A FORMA

A adaptação da propriedade para fins de agroturismo exigiu a implementação de novos espaços. Nesse sentido, é realizada a recuperação e ampliação da habitação e ainda construção de uma adega e uma área de prova de vinhos.

No terreno evidenciam-se os dois volumes que se destinam ao alojamento, interrompendo a horizontalidade vincada pelos socalcos e muros de pedra que caracterizam a morfologia do terreno. No entanto, a relação dimensional dos volumes (Fig.83), minimiza o impacto da intervenção no terreno, tornando-a harmoniosa e uniforme.

A ampliação resulta num novo volume que procura estabelecer uma relação com o lugar, evidencia-se pela sua materialidade - um revestimento em placagem de betão pré-fabricado. No entanto, a sua proporção, implantação, simplicidade e o ritmo dos vãos (Fig. 83) determinam o diálogo entre a preexistência e o novo, ou seja, o novo volume apropria-se das características da preexistência e incorpora-as com o propósito de expressar essa relação através das semelhanças (Fig.82).

A ampliação destina-se ao alojamento e é implementada no desnível que se sucede à preexistência, estando numa cota inferior (Fig.83) e organizando-se sobre três pisos atingindo a céntrica máxima da preexistência. Este aspeto enriquece o diálogo viabilizando o equilíbrio entre construções.

Entre os dois volumes surge a adega e a sala de provas de vinhos inserida no socalco, sendo apenas perceptível através do vão que interrompe o muro de pedra. A sua cobertura verde dá origem a um espaço de lazer que articula a comunicação entre os dois volumes que servem o alojamento.

Os percursos e acessos pedonais, fundamentam a relação entre construções que sendo independentes funcionam como conjunto. Estes acessos apresentam-se de forma fluida dando origem a um percurso circular, com pontos de pausa e contemplação que tiram partido de paisagens específicas do local, a vinha, o pinhal, as montanhas ou para o riacho que atravessa o terreno (Fig. 84). Identificamos dois momentos de pausa e

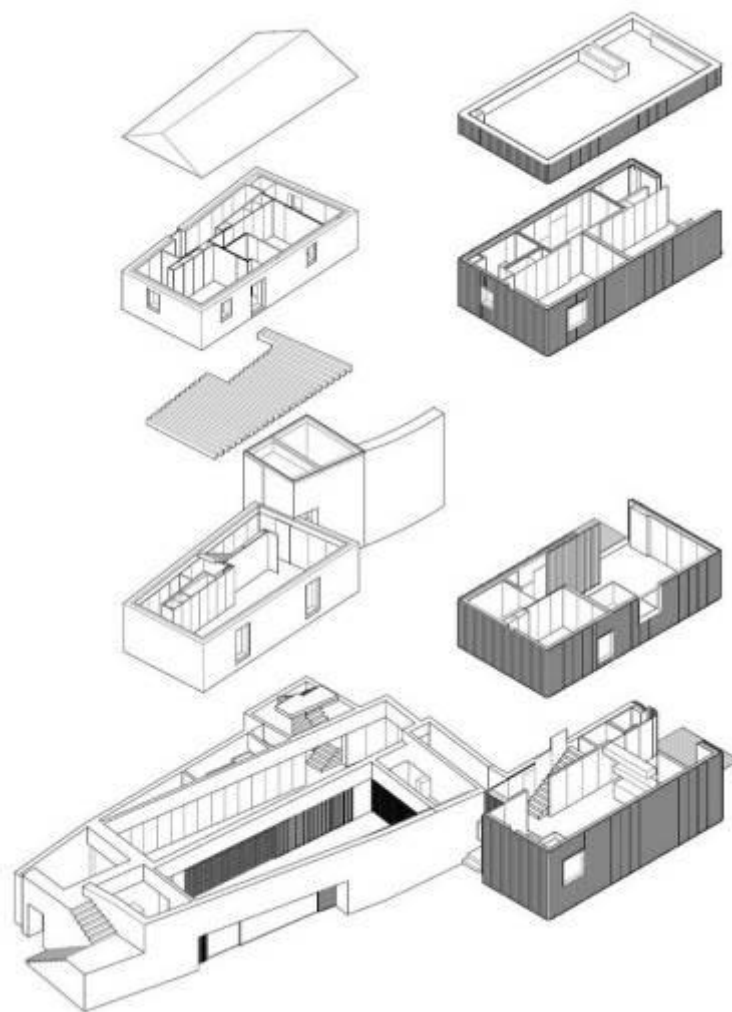
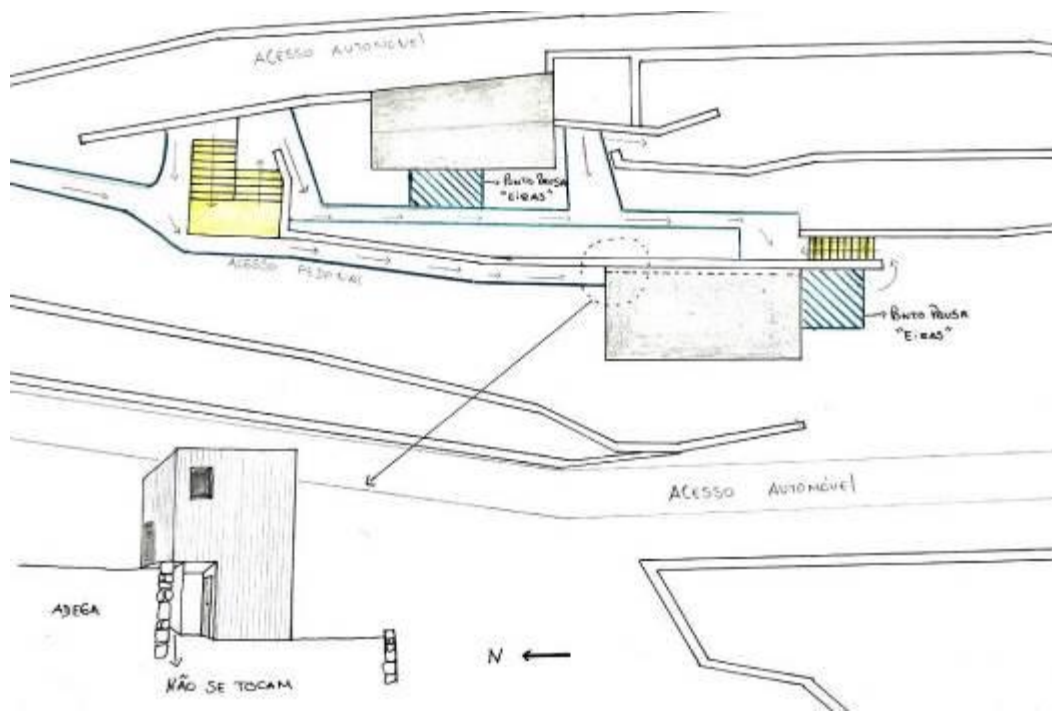


Fig. 84 Análise de percursos e acessos.

Fig. 85 axonometria do conjunto construtivo do agroturismo em Melgaço.

contemplação, que decidimos nomear como "eiras" (Fig. 84) devido às semelhanças que exprimem em relação à típica eira minhota. Esta dispõe-se junto dos alojamentos, integradas com os acessos pedonais, reforçando a continuidade e comunicação entre espaços.

No interior, mantem-se a valorização dos pontos de vista através de vãos, com a particularidade de salvaguardar a privacidade. Este aspeto é explorado através da altura e dimensão dos vãos, captando pontos específicos da sua envolvente. Em simultâneo, proporcionam-se interessantes jogos de luz, que acentuam a simplicidade e pureza das linhas interiores (Fig. 86).

## **A MATERIALIDADE**

A arquitetura popular ensina-nos que a intervenção depende do lugar em diversos fatores, inclusive na materialidade. O projeto de agroturismo em Melgaço é reflexo dessa aprendizagem.

A pedra é o material que predomina na construção, desde a preexistência aos muros dos socacos e ao pavimento exterior. A preservação deste material respeita e valoriza o passado do local, no entanto, adapta-se às necessidades da contemporaneidade.

A preexistência, encontrada em ruínas, é recuperada quanto à sua morfologia adotando como sistema estrutural o betão armado e nas paredes alvenaria de tijolo, aproveitando as pedras da ruína para servir de revestimento exterior e assim perpetuar a memória deste local.

Quanto ao volume novo de alojamento, também ele com estrutura em betão armado e paredes em alvenaria de tijolo, adota como revestimento exterior a placagem de betão pré-fabricado, material este reaproveitado dos esteios da vinha antiga. Este gesto de acolher o que o lugar nos fornece, remetendo às práticas da arquitetura popular, revela uma extrema sensibilidade, engenho e criatividade por parte dos arquitetos.

Em relação ao interior do alojamento, o material predominante é a madeira e o betão à vista, dois materiais que surgem como contraste da "dureza" austera do exterior.



Fig. 86 Relação interior e exterior zona de refeição.  
Fig. 87 relação interior e exterior a partir do quarto.  
Fig. 88 Relação interior e exterior a partir da sala de jantar.  
Fig. 89 relação interior e exterior a partir da sala de estar.

Nos alojamentos, a madeira surge no mobiliário e no revestimento interior das paredes, proporcionando uma uniformidade nos elementos verticais, os tetos brancos e os pavimentos, num tom mais escuro proveniente do cimento queimado, suscitando em termos de perceção visual um alongamento do espaço.

Verificamos que nos espaços mais íntimos, como quartos e sala de estar, o teto é também revestido em madeira, contribuindo para um ambiente mais acolhedor e compacto.

A adega, sendo um espaço para a produção do vinho, pretende-se que seja mais fresco. nesse sentido, este espaço é predominantemente em betão à vista, exibido pontualmente detalhes em madeira, especificamente em momentos de circulação ou receção. A sala de provas de vinhos pretende-se como espaço acolhedor, usando-se a madeira e tirando partido da luz e vistas.

# EPÍLOGO

## 6. EPÍLOGO

**(...) Projectar, planejar, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquitecto na criação de formas vazias de sentido, impostas por capricho da moda ou por capricho de qualquer natureza. As formas que ele criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente que conhecer e ser se confundem.”** (Távora, 1993)

A arquitetura popular é um património que se encontra em vias de desaparecer, pelo que sentimos que seja urgente preservar esta arquitetura que nasce em função da sabedoria do povo, refletindo as memórias, hábitos e costumes do passado regional.

A ânsia de compreender os conceitos e saberes desta arquitetura retém-se na elaboração deste trabalho, onde se pretende valorizar o conjunto construtivo de arquitetura popular em Barcelos, na Quinta da Torre.

Neste sentido, a análise de construções de arquitetura popular e a análise de arquiteturas modernas e contemporâneas que têm como base conhecimentos e saberes da arquitetura popular, revelaram-se preponderantes para o entendimento desta temática.

**“O exercício da observação é prioritário para um arquitecto. Quanto mais observamos, mais clara surgirá a essência do objeto. E esta consolidar-se-á como conhecimento vago, instintivo.”** (Siza, 1998: 25)

Desde cedo, desabrochou a curiosidade pelas histórias dos antigos, a arquitetura sempre presente, quer nas histórias das grandes colheitas de milho que terminavam junto às eiras, sequeiros e espigueiros, quer nos fins de semanas longos em que as mulheres se reuniam e faziam o pão para a família no forno de pedra.

A nostalgia inconsciente que se sente ao observar estas construções gera uma relação de proximidade e familiaridade com o local. A observação *in situ* da maioria dos casos em análise permitiu reconhecer a origem e a influência destas construções, tirando partido de uma vivência.

**“A lembrança da ternura das coisas e dos lugares, de tudo o que constitui, depois, as tradições, não é um ritual fúnebre, uma intenção passadista. É antes um acto assumido de indagação e conhecimento simples ou complexo – que justificam a compreensão da herança que nos foi legada no presente em que nos foi dado participar, para projectarmos os amanhã em que valha a pena viver.”**

(Pacheco, 1985)





## III. PROPOSTA



Fig. 91 Colheita da batata, anos 50/60, Artur Pastor.

Fig. 92 Colheita e seleção da batata, anos 50/60, Artur Pastor.

Fig. 93 Regadio do milho, anos 50/60, Artur Pastor

Fig. 94 Preparação da terra com auxílio do gado, anos 50/60, Artur Pastor.



Fig.95 Meda de palha, uma técnica de secagem e armazenamento, na Quinta da Torre.

Fig.96 Exploração de mel, na Quinta da Torre.

Fig.97 Secagem do feijão na eira da Quinta da Torre.

Fig.98 Cultivo de batata na Quinta da Torre.

Fig.99 Cultivo de milho na Quinta da Torre.

Fig.100 Réstia de cebola, técnica de armazenamento, na Quinta da Torre.

# 1. ANÁLISE QUINTA DA TORRE

## O LUGAR

**“(...) De há muito nos conhecíamos...**

**Eu sabia algo da sua alma e do seu corpo.**

**Sabia-a forte e segura nas suas espessas paredes de granito.**

**De há muito que nos conhecíamos...**

**Mas só comecei a conhecê-la melhor quando juntos iniciamos o Romance da sua - e nossa - transformação. Havia que tocar-lhe e tocar-lhe foi um acto de amor, longo e lento, persistente e cauteloso, com dúvidas e certezas, foi um processo sinuoso e flexível e não um projeto de estirador, foi um método de homem apaixonado e não de frio tecnocrata, foi um desenho de gesto mais do que um desenho no papel. (...) Porém, agora conhecemo-nos melhor e ambos estamos diferentes”** (Távora, 1963-1988: in acervo de Fernando Távora na Fundação Marques da Silva)

Assim descreve Fernando Távora o momento em que inicia a transformação da Casa e quinta da Covilhã em Guimarães, um lugar de extrema cumplicidade e relação afetiva para com o arquiteto.

O lugar onde se desenvolve a componente prática desta dissertação reflete parte da vida da autora. Considera-se que esta proximidade e relação emocional com o lugar acarreta uma bagagem extra para o desenvolvimento desta intervenção, e tal como Távora refere, o início da transformação não acontece somente no projeto.

A Quinta da Torre situa-se na região Minho. E através de conversas informais a antigos trabalhadores da quinta, foi possível perceber que o expoente máximo da sua exploração agrícola deu-se por volta dos anos 50/60 do século 20, tornando-se benéfico para os conterrâneos por proporcionar uma fonte de rendimento, disponibilizando o trabalho sazonal. Consequentemente, o convívio e as amizades resultaram em relações familiares que germinaram neste lugar. A consciencialização da importância e das vivências que se proporcionaram outrora na Quinta da Torre,

despertam na autora uma crescente inquietação pelo desvanecer das histórias do lugar, o que em tempos servia a comunidade, fechou-se atualmente, para o núcleo familiar dos proprietários.

**“A consciência do que nos rodeia na infância torna-se evidente com o passar dos anos e não podemos nem devemos esquecê-lo. O rural permite-nos dar conta da presença da vegetação, da consciência do clima, da complementaridade necessária entre o construído e o espaço livre, da possibilidade de trabalhar o solo com o mínimo, com o necessário.** Carlos Quintáns in (ArqA ,2012: 38)

As histórias que desde cedo se vão ouvindo e contando, neste contexto rural, invadem-nos o subconsciente e de uma memória romantizada do passado que não vivemos, nascendo o sentimento de pertença, como se delas tivéssemos vivenciado.

A afinidade e o fascínio pelo lugar condensam-se no propósito do presente trabalho, uma conexão de lugares, memórias, histórias, referências, ideias e pessoas que resultam no projeto de intervenção arquitetónica para agroturismo da Quinta da Torre, na procura de criar novas histórias e vivências.

## **A ENVOLVENTE**

A Quinta da Torre integra-se no tipo de povoamento disseminado em contexto rural, privilegiada pela relativa proximidade do centro da cidade de Barcelos.

A sua disposição junto à encosta do Penedo da Moura confere-lhe características singulares que definem a identidade da quinta, em destaque, a paisagem desafogada sobre os campos agrícolas, a zona urbana e a linha de horizonte marcada pelas montanhas, incluído, no terreno diferentes ambientes, desde a área florestal à área agrícola.

Ao seu redor encontram-se construções maioritariamente de habitação, sendo que nos últimos dez anos, verificamos um aumento da construção na zona. Numa análise superficial aos edifícios da redondeza, verificamos que a maioria são construções dos anos 80/90, mantendo-se alguns edifícios de apoio à atividade agrícola, como sequeiros, eiras e espigueiros, aparentemente as construções de caráter popular da zona ou estão abandonadas ou “adulteradas”.

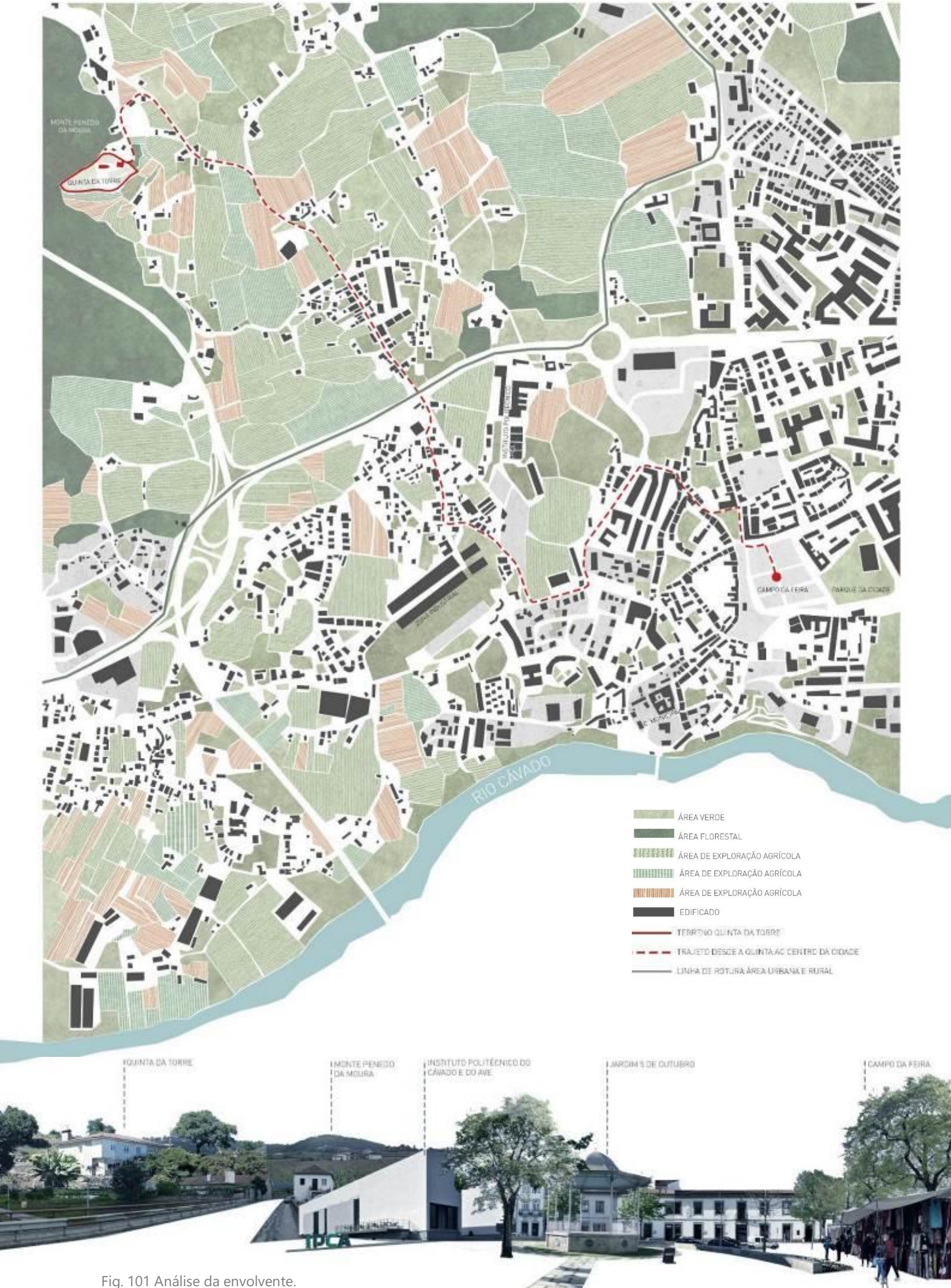


Fig. 101 Análise da envolvente.



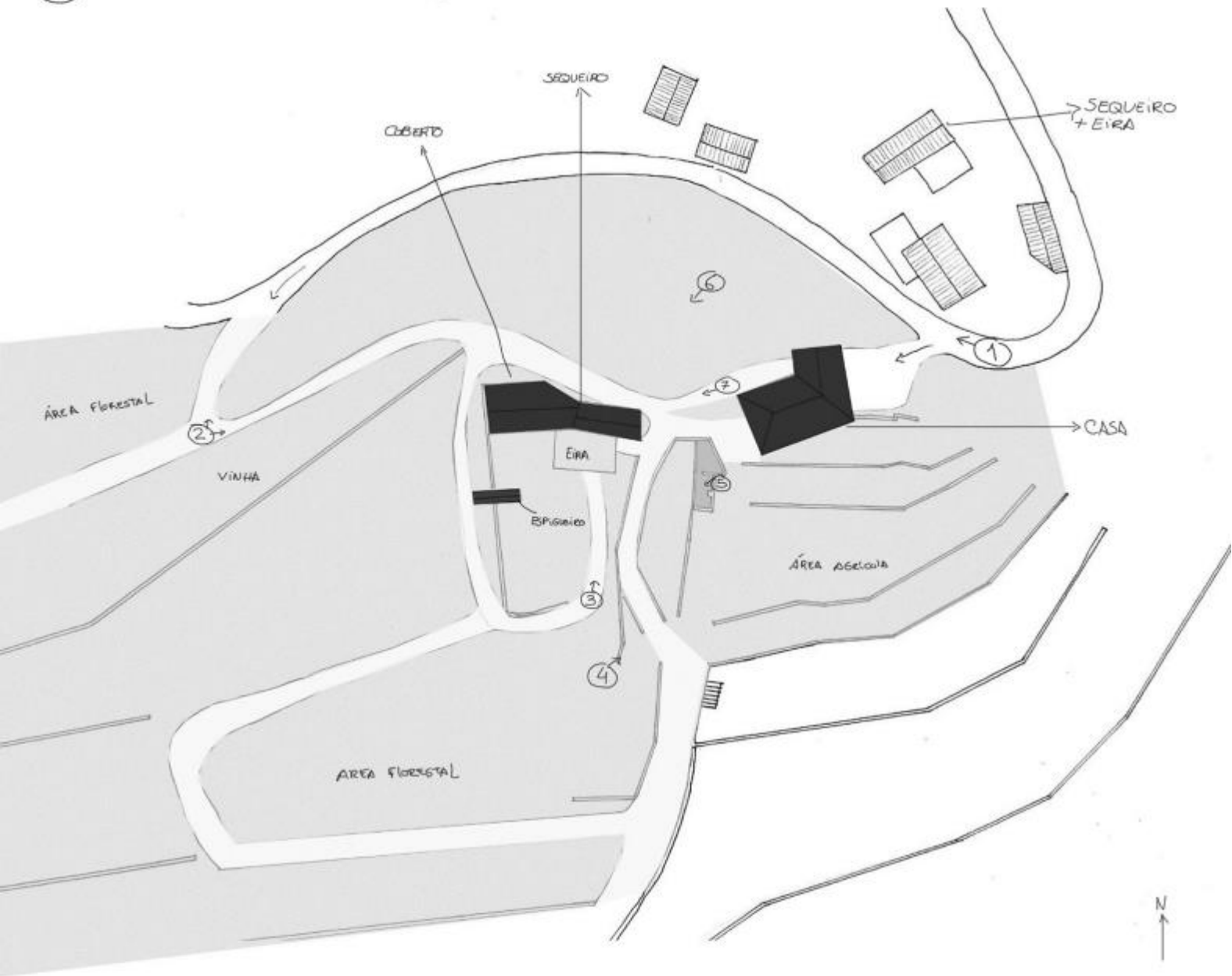
1



2



3



4



5



6



7

Fig. 102 Análise Do terreno Quinta da Torre.

Relativamente próximos, encontram-se o Instituto Politécnico do Cávado e do Ave e uma escola primária. dada a componente pedagógica que se pretende introduzir na proposta para a Quinta da Torre, consideramos favorável esta proximidade (Fig. 101).

## A TOPOGRAFIA

A topografia do terreno da Quinta da Torre caracteriza-se por duas zonas distintas: a sul, uma área com desníveis pautados pela crescente formação de socalcos agrícolas, a norte, a formação de um vale em ligação à área florestal de maior inclinação. No geral, trata-se de um declive moderado, com 23 metros de diferença entre o ponto mais baixo e o mais alto do terreno.

Os muros que sustentam os socalcos, de morfologia irregular, seguem uma lógica de implantação perpendicular à pendente do terreno (Fig.104). Este sistema de socalcos agrícolas surge de forma a neutralizar o solo, criando espaços capazes de receber a agricultura.

Consequentemente, esta técnica de manipulação do solo confere à paisagem do lugar um caráter identitário, próprio das zonas de montanha, numa abordagem capaz de horizontalizar o terreno, num conjunto de camadas. Para além de possibilitar o aproveitamento do solo para atividade agrícola, resolve também a implantação dos edifícios no terreno. Tal é visível na implantação dos edifícios pré-existentes da Quinta da Torre (Fig.103).

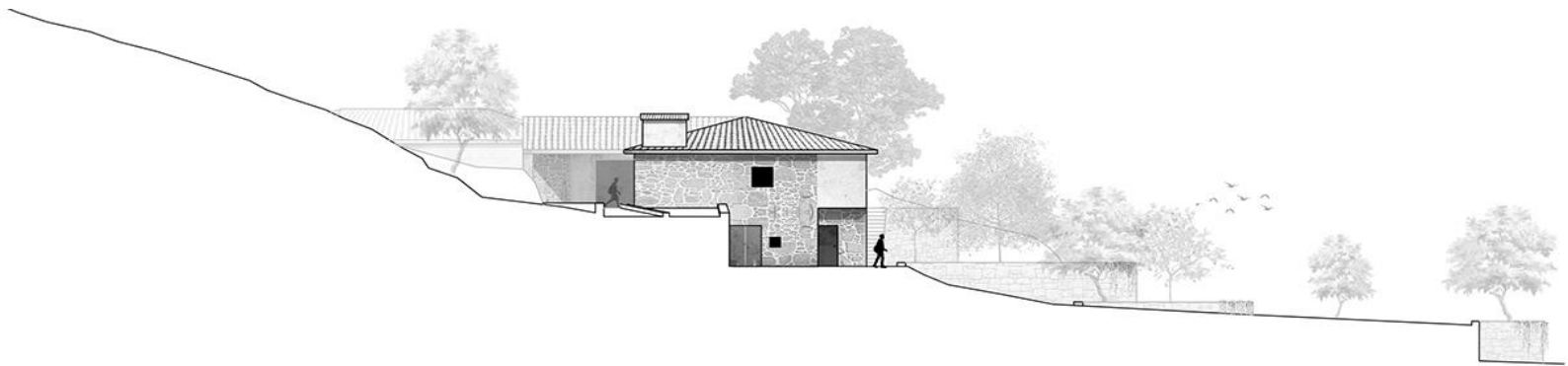


Fig. 103 Análise sobre a relação topográfica da Casa da Quinta da Torre.

Fig. 104 (página seguinte) Análise de relação da construção com o terreno e os socalcos agrícolas existentes.



—— Socalcos preexistentes no terreno.



## **AS PREEXISTÊNCIAS**

A Quinta da Torre é constituída por três preexistências, construídas aproximadamente em 1900, tendo sofrido algumas alterações e ampliações ao longo do tempo, em função de cada proprietário. Sendo uma arquitetura não planeada, segue uma lógica de construção em função das possibilidades e necessidades, conferindo a cada construção a sua própria história e identidade.

As preexistências são a Casa, o sequeiro, a eira e o coberto (Fig. 104) e apresentam características que as distinguem, remetendo à arquitetura popular, sendo possível de as identificar pela forma, função, materialidade, orientação e organização.

No terreno existem dois acessos, a entrada principal junto à habitação, e uma entrada secundária, normalmente utilizada para a circulação de veículos agrícolas. este último acesso vai de encontro aos campos e à área florestal do terreno.

Tendo em conta atividade principal da quinta, a agricultura, é importante mencionar a autenticidade da cultura do regadio. no terreno encontram-se vários pontos de água, sendo este um recurso imprescindível para o regadio dos cultivos. Existem assim dois tanques de água estrategicamente implantados nos pontos mais elevados, para permitiram através da gravidade o encaminhamento das águas (Fig. 104).

Uma das aprendizagens obtidas ao longo da análise de construções tipicamente populares é que todos os seus elementos têm uma função determinada, por esse motivo consideramos imprescindível conhecer parte dos hábitos, costumes e tradições regionais que definitivamente no ajudam a compreender a essência destas construções.

### **A FORMA – CASA**

A Casa, implantada na encosta, tira partido da lógica contínua dos socalcos agrícolas, estabelecendo uma relação harmoniosa com o terreno, sendo que a partir da entrada principal, a casa parece possuir um único piso (Fig. 105). Tal é explicado pelo facto de a sua disposição esconder o piso inferior, que só é visível a sul e a oeste (Fig. 107 – 108).



Fig.105 Fachada Este, entrada principal.

Fig.106 Fachada Norte.

Fig.107 Fachada Oeste, entrada adega.

Fig.108 Fachada Sul.

Como verificamos nas características específicas da casa de Lavoura, a casa da Quinta da Torre organiza-se em dois pisos, sendo o piso inferior destinado à adega e abrigo de animais e o piso superior exclusivo à habitação.

De planta retangular, tenta tirar partido dos ganhos solares quanto à sua orientação. tendo em conta que casa se instala sobre a encosta, é compreensível que a fachada orientada para esta encosta, a norte, não consiga ter a melhor exposição solar, estando suscetível à sombra a maior parte do dia. Consequentemente, estamos perante um espaço termicamente mais frio.

Nesse sentido, a norte situa-se a cozinha e o espaço de entrada para a habitação, sendo as restantes divisões como os quartos e a sala orientados a sul, para contrapor as problemáticas da fachada norte. Esta fachada a sul, tira partido da vista privilegiada sobre a cidade de Barcelos, os montes e os campos agrícolas.

Destacamos a disposição da cozinha, que pertencendo ao conjunto do piso, apresenta-se isolada do resto das divisões, tendo em conta que o seu único acesso é feito pelo exterior através do alpendre.

No piso inferior encontram-se a adega, o abrigo de animais e o espaço de arrumos das alfaias agrícolas, sendo a adega parcialmente subterrada, o que atribui ao espaço temperaturas frescas, benéficas para a preservação dos vinhos.

É importante referir que a ligação entre os dois pisos é feita pelo exterior do edifício, reforçando a distinção de espaços, mesmo estando dispostos num único volume. Um dos acessos é feito pela fachada Sul, onde contamos com a escada em pedra, que nos orienta até à sala da habitação.

Segundo informações de antigos conterrâneos, o piso de habitação sofreu algumas alterações, pelo que se considera que a organização interior não corresponda à construção original da casa. Não tendo a possibilidade de aceder a documentações sobre a construção da casa, estas considerações são encaradas como possibilidades e não contribuem para a estratégia de intervenção.

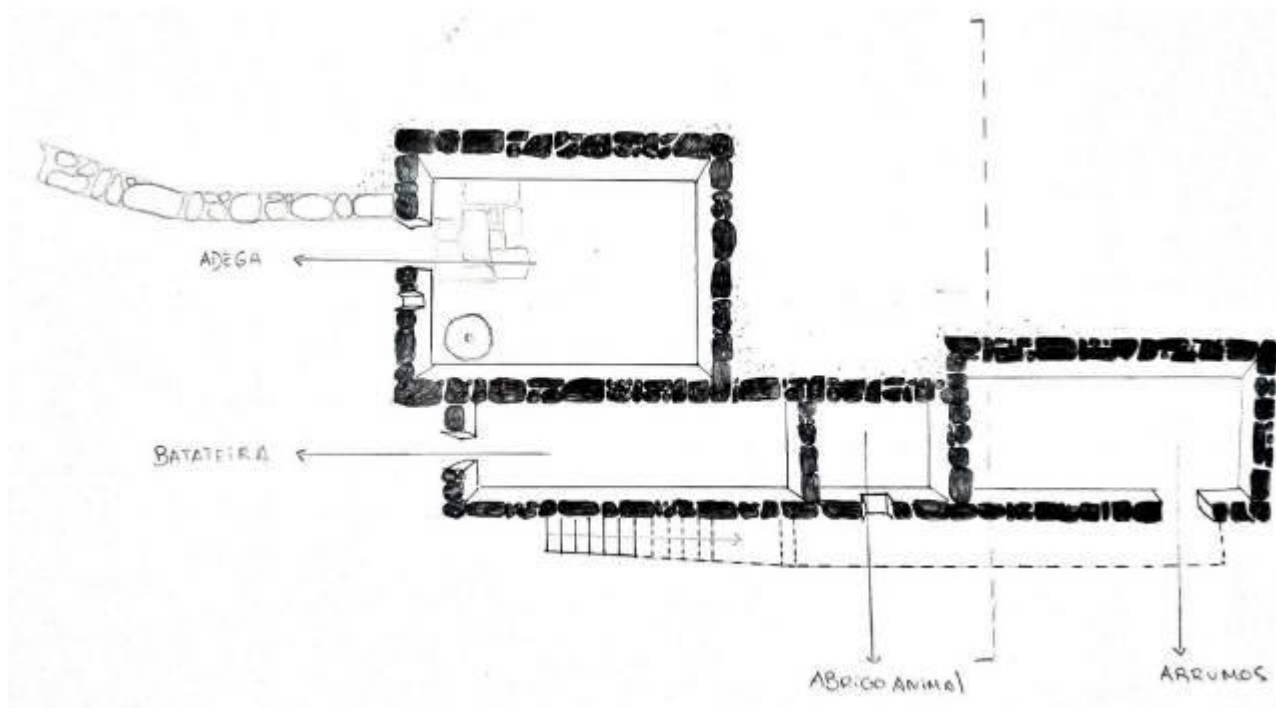
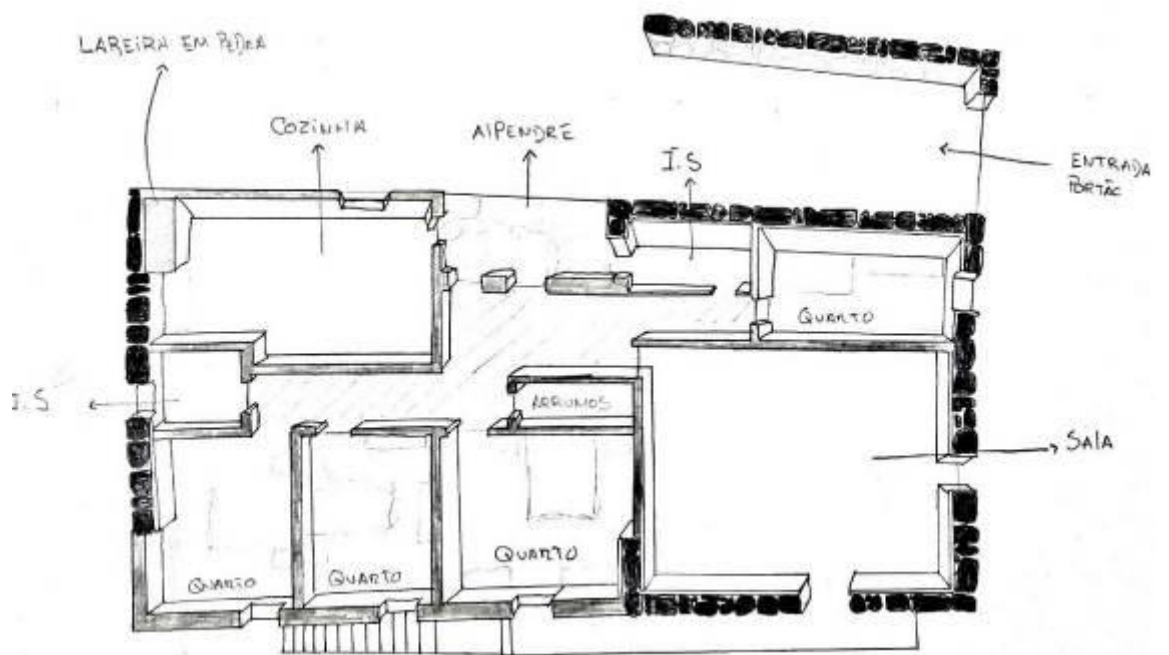


Fig.109 Planta piso 1.  
Fig.110 Planta piso térreo.

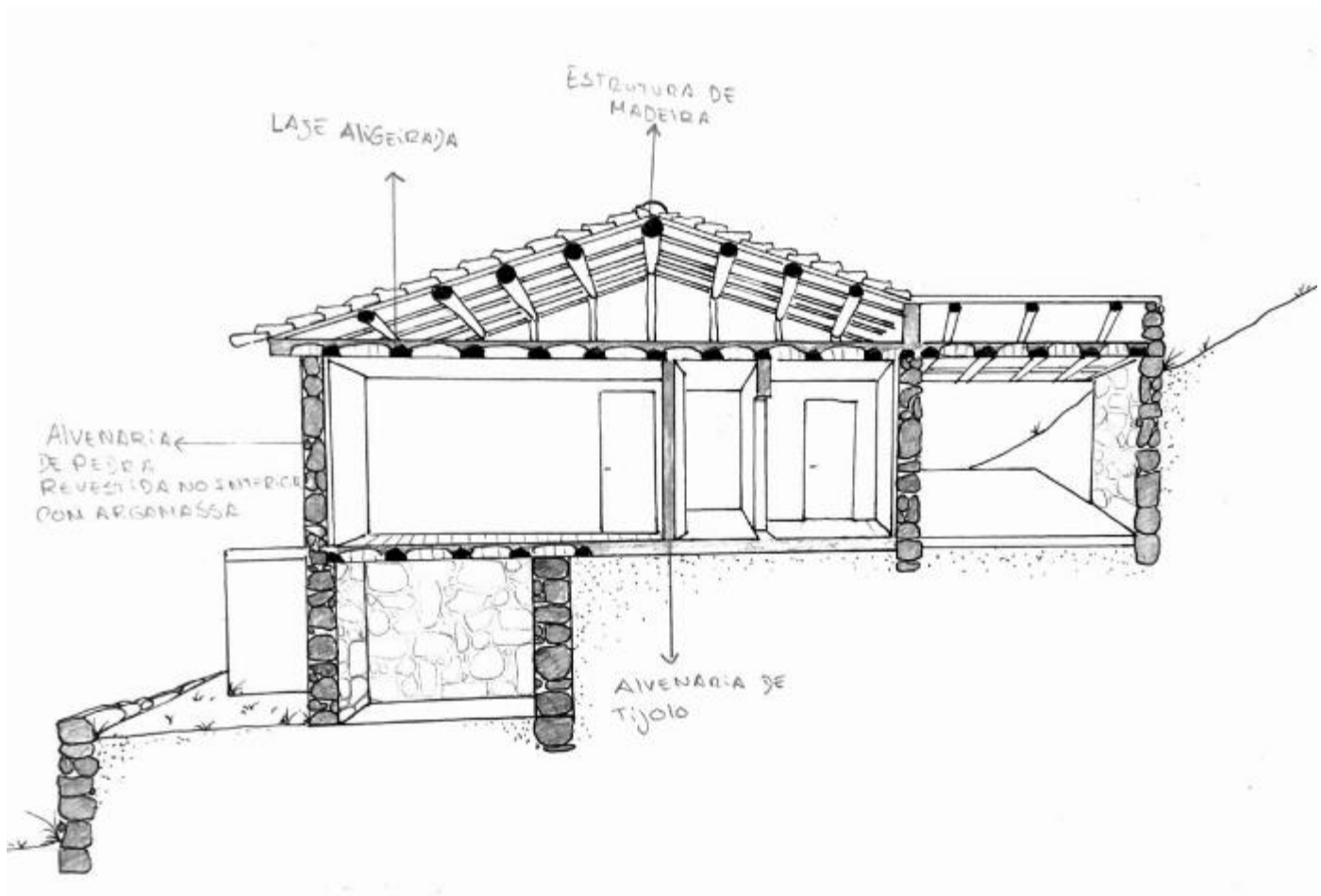


Fig.111 Secção e análise de sistemas construtivos.

## **A MATERIALIDADE - CASA**

No que respeita à materialidade, averiguamos diversas semelhanças com a Casa da Cachada que analisamos anteriormente, um exemplo onde os progressos industriais se refletem nos sistemas construtivos.

No exterior, a pedra é o material de maior destaque, importante na função estrutural da casa e na sustentação das terras. Maioritariamente, é utilizada alvenaria de pedra ordinária e, no segundo piso, na fachada sul, deparamo-nos com aplicação de alvenaria de tijolo revestida com argamassa (Fig.111). Segundo os esclarecimentos de antigos trabalhadores da quinta, acreditamos que esta divisão tenha sido construída posteriormente sobre um alpendre que serviria de apoio à secagem dos produtos da terra.

Nas divisões interiores da habitação é utilizada alvenaria de tijolo, sendo praticamente todas as paredes revestidas com argamassa. Esta característica confere um claro contraste entre interior e exterior, entre a textura rústica da pedra visível no exterior e uniformidade das paredes lisas interiores.

Como laje de piso e cobertura, detetamos a utilização do sistema de laje aligeirada (Fig. 111), formada por uma série de vigotas estruturais, com tijolo cerâmico apoiado sobre as vigotas, visível no piso térreo e no coberto de entrada do segundo piso.

Quanto aos pavimentos verificamos que no piso térreo assume-se a terra batida. No entanto, a adega apresenta um pavimento em pedra granítica. No piso da habitação nas zonas húmidas como cozinha e instalações sanitárias utilizam-se o pavimento cerâmico e, nas restantes divisões, o pavimento flutuante laminado.

A cobertura de quatro águas assenta sobre uma estrutura de madeira apoiada sobre as paredes estruturais da casa e a laje aligeirada, apresentando-se atualmente alguns problemas em relação à permeabilidade, que conseqüentemente afetou a estrutura em madeira.



Fig. 112 Vista de conjunto, sequeiro, eira, coberto e espigueiro.

Fig. 113 Alçado Norte.

Fig. 114 Alçado Sul

Fig. 115 Alçado Este.

Fig. 116 Espigueiro construído pelo atual proprietário.

## **A FORMA** - SEQUEIRO, EIRA E COBERTO

O sequeiro, a eira e o coberto exercem funções fundamentais para o cotidiano da vida rural da Quinta da Torre (Fig.114).

O sequeiro organiza-se num único piso de apoio à eira. Estamos perante uma tipologia não muito comum na região, sendo que, segundo as análises e estudos realizados sobre a arquitetura popular na região, os sequeiros normalmente dispõem de dois pisos, com o piso térreo em pedra e o superior em alvenaria de tijolo ou madeira, como acontece no caso de análise da Quinta de Montinho em Vila Verde.

A eira surge como complemento, em que a comunicação entre a eira e o sequeiro acontece pela abertura de vãos orientados para a eira a sul, encerrando-se quase na totalidade nos restantes sentidos.

O coberto, construído toscamente por um dos proprietários da quinta, surge junto ao sequeiro, aproveitando a sua parede lateral e o muro do socalco agrícola para a sua implantação. Esta estratégia engenhosa de reaproveitar o muro do socalco e a parede do sequeiro para a ampliação de um coberto garante o diálogo entre os elementos, apesar de construídos em fases distintas (Fig. 113).

Através de conversas com antigos trabalhadores, presumimos que esta construção se tenha desenvolvido por volta dos anos 90. Considera-se imprescindível a existência deste espaço para satisfazer as necessidades da quinta.

Quanto à organização espacial, realça-se os espaços amplos e fluídos indicando a multiplicidade de usos que possam surgir consoante a atividade e/ou cultivo que esteja a decorrer no momento (Fig. 117).

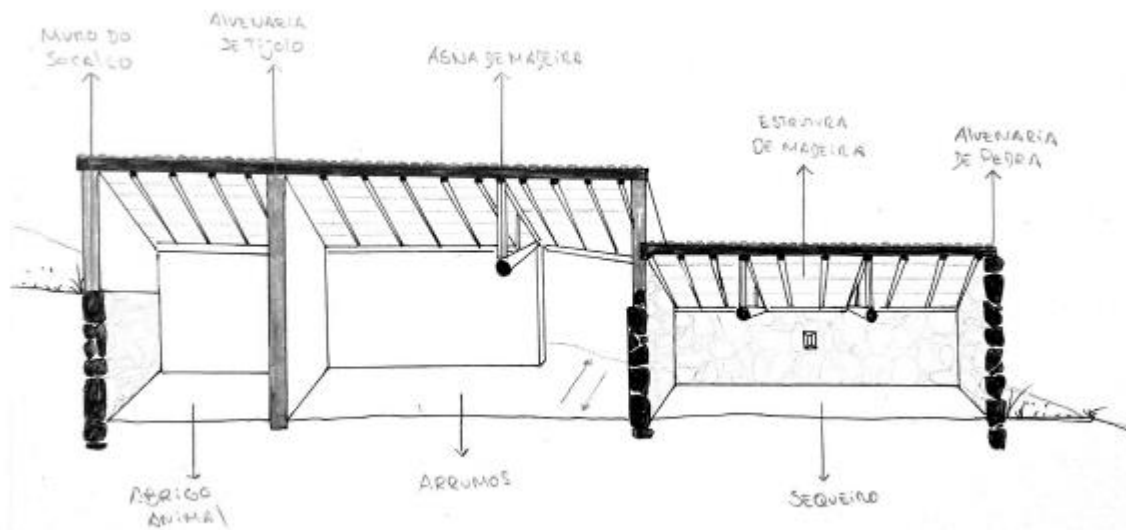
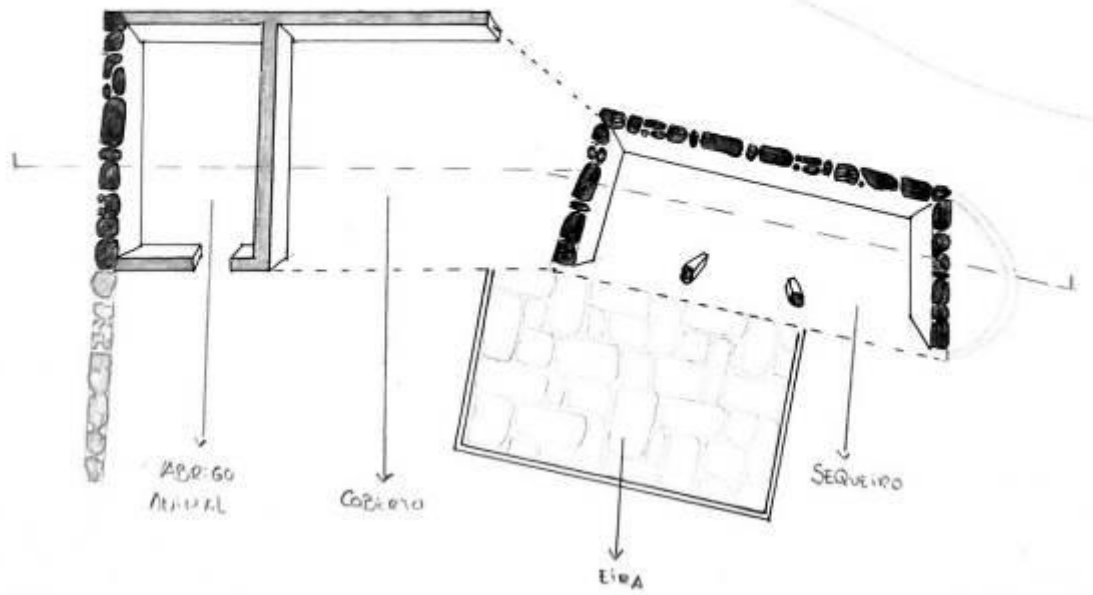


Fig. 117 planta sequeiro, eira e coberto.  
 Fig. 118 secção e análise de sistemas construtivos.

## **MATERIALIDADE – SEQUEIRO, EIRA E COBERTO**

O Sequeiro ergue-se sobre uma estrutura simples e eficiente, composta por resistentes paredes em pedra de alvenaria ordinária, sendo a fachada sul marcada pela abertura de vãos, balizada por dois pilares estruturais em pedra que sustentam as duas asnas em madeira da cobertura (Fig. 118).

A cobertura de duas águas apresenta uma estrutura em madeira construída sobre duas asnas, que servem de base para o assentamento e suporte de vigas de madeira como fileiras, madres e frechais, que sustentam uma malha de varas onde a telha de canudo é aplicada.

Quanto ao coberto, devido à materialidade aplicada, é visível que esta é uma construção recente, erguendo-se paredes em alvenaria de tijolo de cimento, sem qualquer revestimento interior ou exterior. A Este e Oeste tira-se partido da parede e muro do socalco, revelando assim a contenção e adaptabilidade da construção às condições encontradas no local. Na Cobertura, também ela de duas águas, utiliza-se o mesmo sistema encontrado no sequeiro, no entanto é aplicada a telha lusa.

Em relação ao pavimento, destaca-se a eira em pedra granítica, conferindo-lhe o caráter tradicional em perfeita conformidade com a materialidade do sequeiro, da habitação e dos muros dos socalcos agrícolas. No interior do sequeiro, deparamo-nos com o pavimento em cimento, que acreditamos que tenha sido aplicado posteriormente à construção original, possivelmente em terra batida ou em pinho.

No coberto, quer na área de abrigo animal como a de arrumos, o pavimento de terra batida.

No conjunto de equipamentos é possível assimilar que ao longo do tempo ocorreram algumas alterações. Desprovidos de preconceitos, percebemos que estas construções desenvolvidas de uma forma espontânea carregam consigo parte da história do lugar.

# ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO



Fig. 119 Diagrama conceptual: Preparação da terra, Semear e Colher.

## 2. ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO – CONCEITO

Após a análise do local, do terreno a intervir e das preexistências da Quinta da Torre, verificamos estar perante um lugar notável pela sua história, exibindo qualidades e potencialidades que fundamentam a proposta de recuperação e intervenção.

Para desenvolver a proposta, surge o tema primordial da Arquitetura Popular Portuguesa, essencial para uma melhor compreensão das preexistências, da cultura, hábitos e costumes do lugar.

A proposta interventiva ambiciona combater o desvanecer da cultura agrícola e popular, cumprindo os objetivos principais de valorização, qualificação e dinamização da Quinta da Torre, através da exploração da sua identidade, das memórias, das histórias e características que lhe estão intrínsecas.

A cidade de Barcelos integra diversas iniciativas que valorizam a cultura agrícola e popular da região através de eventos culturais e pedagógicos, porém consideramos essencial a conceção de um espaço capaz de proporcionar uma aproximação com a cultura agrícola e a natureza, servindo de refúgio do ritmo acelerado da vida urbana. Imbuídos nesta perspetiva, nasce o projeto para um espaço dedicado ao agroturismo, “despertador” de memórias e experiências.

Seguindo este pressuposto, tenta-se tirar partido do potencial das estruturas existentes e reinterpreta-las em função da contemporaneidade, integrando novos elementos que se adaptem às atuais realidades, assumindo a transformação da sua paisagem preservando a sua essência.

A intenção de projeto consolidou-se no princípio de relacionar o novo com o antigo, o passado com o presente, e a fusão de conhecimentos populares na arquitetura contemporânea. Assim sendo, na procura de um método de raciocínio surge o conceito: estabelecer uma alusão à atividade agrícola, através de três etapas inerentes à agricultura: **preparar da terra, o semear e o colher**. Estes três momentos ajustam-se simbolicamente às três etapas de desenvolvimento do projeto.

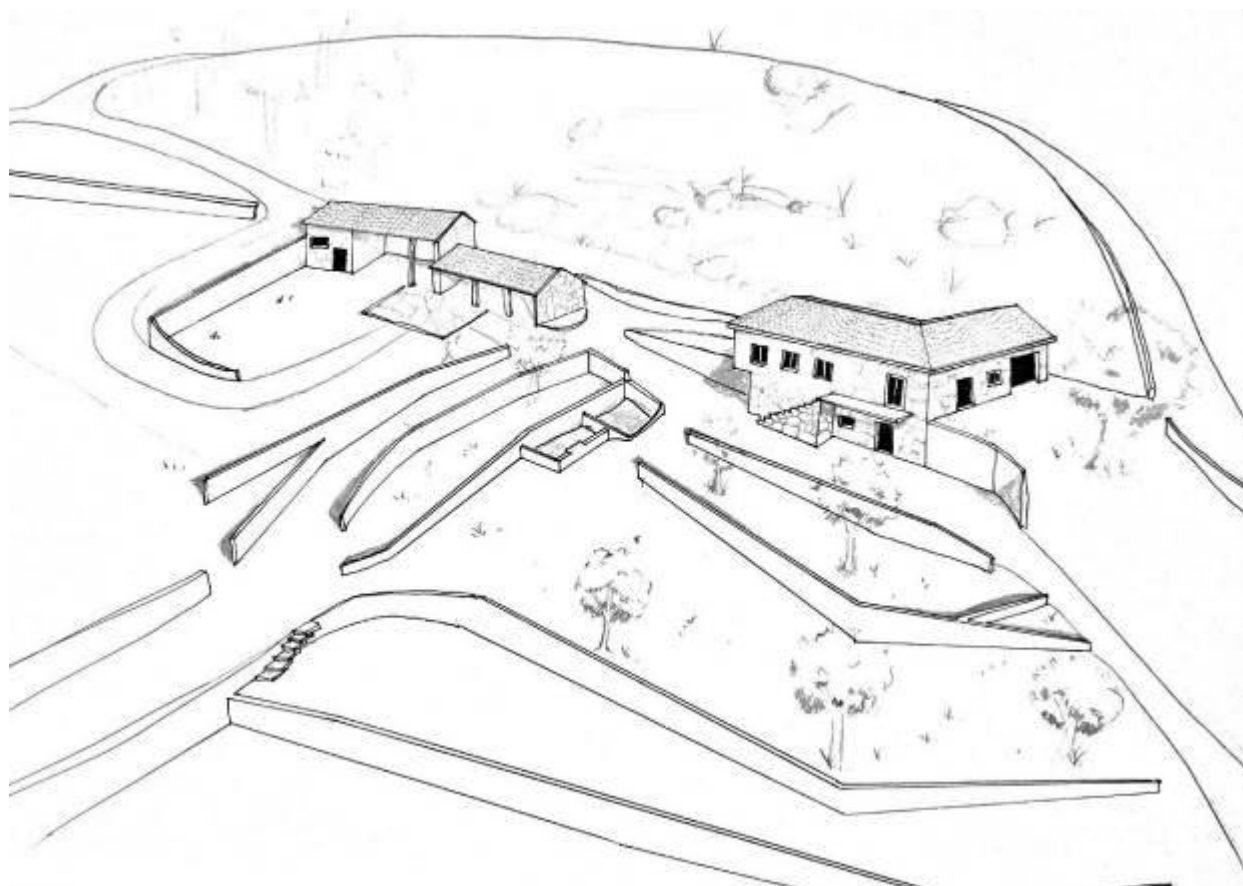


Fig. 120 1ª etapa – PREPARAÇÃO DA TERRA.

## **1ª ETAPA – PREPARAÇÃO DA TERRA**

**“Também eu quero abrir-te e semear**

**Um grão de poesia no teu seio!**

**Anda tudo a lavrar,**

**Tudo a enterrar centeio,**

**E são horas de eu pôr a germinar**

**A semente dos versos que granjeio. (...)**”

(Miguel Torga, 1946)

A etapa da preparação da terra ou lavoura exige a leitura do local, sendo todas as suas características analisadas de forma a compreender qual a melhor abordagem, considerando o tipo de cultivo, o produto e as suas condições.

Remetendo simbolicamente esta etapa ao processo de desenvolvimento do projeto, abordámos neste momento a construção do programa da intervenção.

Dentro do objetivo de conceber um espaço dedicado ao agroturismo, pretende-se proporcionar experiências pedagógicas, espaços de lazer e contemplação, em paralelo a alojamento temporário.

Após a leitura do terreno e das suas preexistências, percebemos que seria benéfico para o programa aumentar a área de construção e assim explorar a relação entre o novo e o antigo.

À medida que se desenvolve a solução programática, estipulamos a divisão de três áreas primordiais, área comum (1º momento), área de trabalho (2º momento) e área de alojamento (3º momento). Esta resposta resultou de uma fusão de conhecimentos, em especial o ensinamento da arquitetura popular onde cada estrutura serve uma função assumindo-se como independente, mas que, no entanto, funcionam como conjunto. Esta característica já se apresentava no terreno através das suas preexistências. Decidimos assim que a implementação do alojamento se processa de forma independente às preexistências.

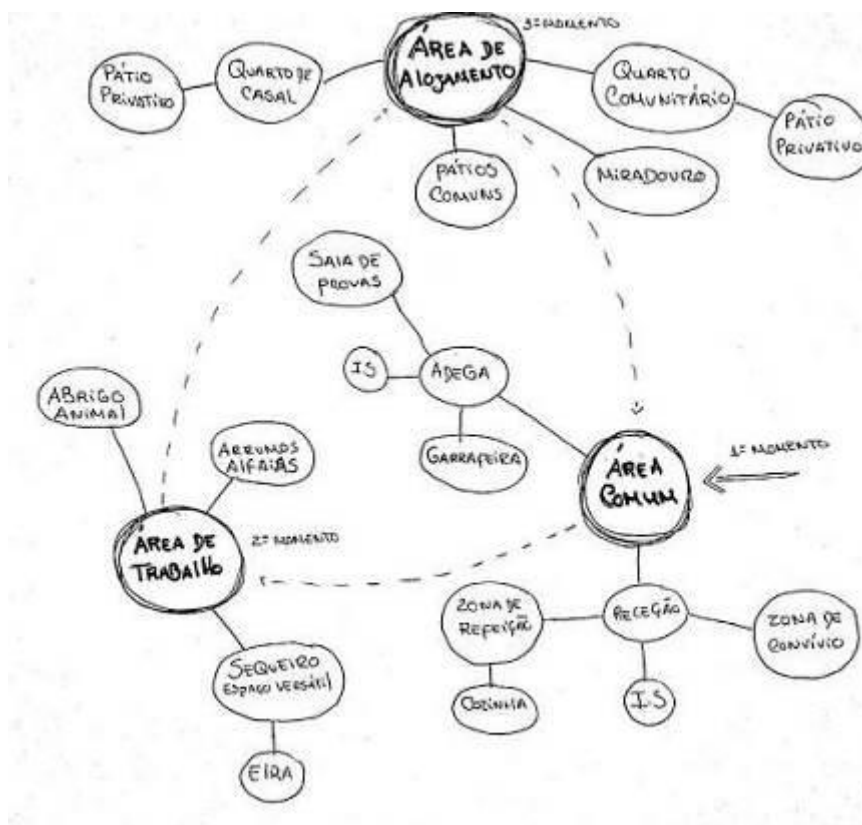


Fig. 121 Diagrama programático da intervenção.

A adaptação da Quinta da Torre para agroturismo promoveu a transformação de espaços e funcionalidades a fim de satisfazer as exigências do programa. Neste sentido, a divisão em três áreas primordiais organiza-se mediante as preexistências e a forma como se relacionam, sugerindo um percurso circular e fluído (Fig.121).

Como primeiro momento, temos a área comum, que se instala na casa preexistente, estabelecendo um vínculo entre a função antiga da habitação e a nova intervenção. A casa remete-nos para um ambiente familiar e acolhedor. Nesta perspetiva, transformar este espaço como área comum e de receção, permite-nos conservar a essência original da casa, atribuindo-lhe novas funcionalidades.

Como segundo momento, temos a área de trabalho, referindo-se ao sequeiro, eira e o coberto. Neste local pretende-se preservar a função original das estruturas essenciais ao cotidiano rural. Intuitivamente entendemos que este será o momento de maior envolvência com hábitos, costumes e tradições regionais, por esse motivo é importante apontar a multifuncionalidade para este espaço, podendo servir em situações de eventos pedagógicos.

O terceiro momento destina-se à área de alojamento, onde se pretende criar um espaço de repouso, reflexão e contemplação, explorando de diversas formas a relação entre antigo e o novo numa sucessiva metamorfose de ambientes.

Nesta etapa de preparação, concluímos que, estando o projeto organizado em três momentos independentes, é importante compreender como estabelecer a comunicação entre eles. Posto isto, o percurso será a chave desta problemática. Consideramos que o percurso e a deambulação no espaço resultará numa leitura do projeto como narrativa, numa aliança entre a paisagem, o passado, o presente e a cultura do lugar, proporcionando diferentes atmosferas, vivências, aprendizagens e sensações.

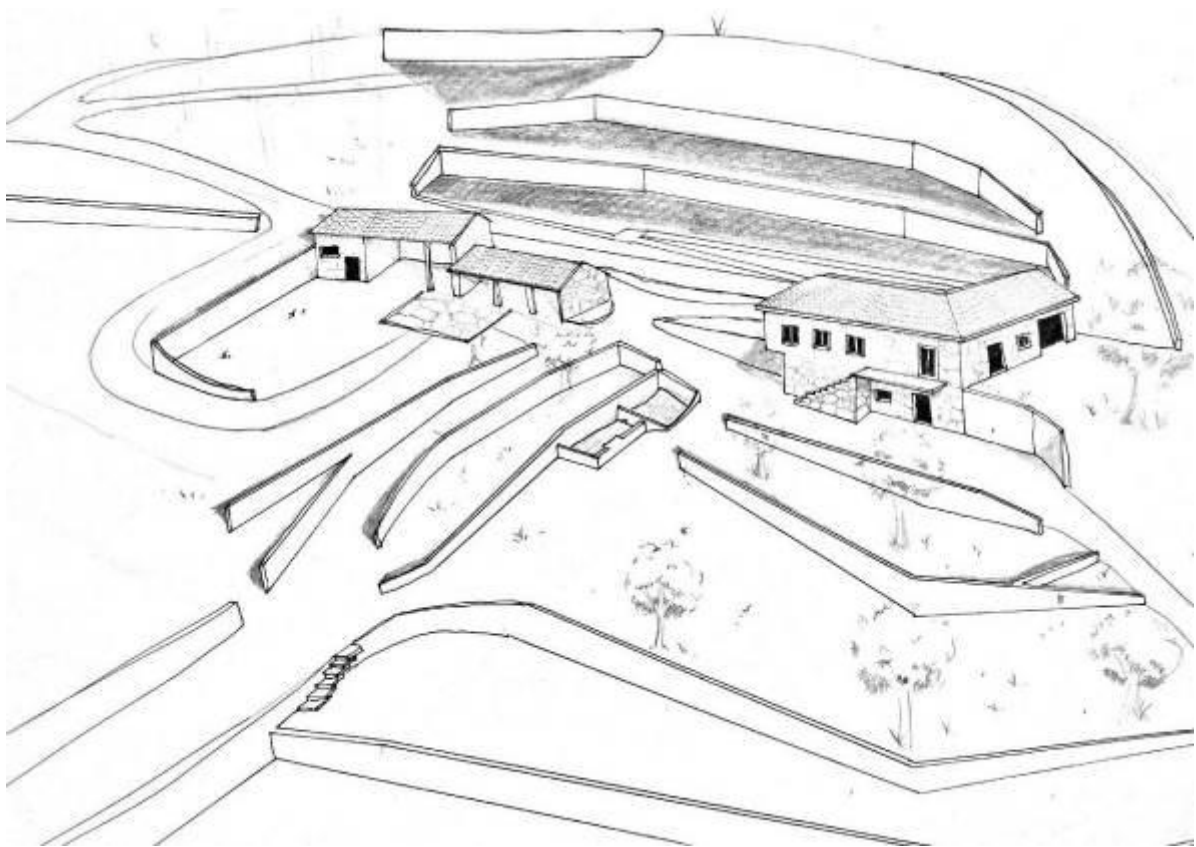


Fig. 122 2<sup>a</sup> etapa – SEMEAR.

## **2ª ETAPA – SEMEAR**

**“(...) Terra, minha aliada**

**Na criação!**

**Seja fecunda a vessada,**

**Seja à tona do chão,**

**Nada fecundas, nada,**

**Que eu não fermente também de inspiração! (...)”**

(Miguel Torga, 1946)

Após a preparação do solo, a terra, pronta a receber a sementeira, sinaliza o início da transformação da paisagem. Algo como uma semente brotará e de um espaço vazio, onde irá nascer vida. Associamos simbolicamente esta etapa à fase de manipulação do terreno, para que nele sejam conformadas novas construções.

Na compreensão do contexto e no assimilar das incertezas em relação à intervenção, foi importante eleger os objetivos principais de valorização, qualificação e dinamização da Quinta da Torre através duma exploração da sua identidade, das memórias, das histórias e características que lhe estão intrínsecas.

Após a análise da relação destas construções independentes, foi importante entender como o percurso e a sequência de muros de pedra que na sua generalidade limitam os caminhos funcionam como elo de comunicação entre as preexistências e como esta construção instintiva de muros age em conformidade num todo.

Captamos *a priori*, a relevância dos socalcos agrícolas que se estendem ao longo do terreno, que claramente influenciaram a implantação das preexistências. Nesta perspetiva, o terreno sugeria-nos a continuidade da estratégia de manipulação do solo através de socalcos e patamares.

Decidimos que, para a integração da área de alojamento, seria conveniente a transformação da topografia do terreno com a finalidade de incorporar os novos volumes em relação à fisionomia da encosta, desenvolvendo-se sobre linhas irregulares

associadas à organicidade dos muros dos socalcos agrícolas já existentes e assim perpetuar esta linguagem.

A implantação dos alojamentos exigiu uma reinterpretação do terreno, tendo em conta que a encosta é a zona mais elevada e de maior declive. Assim sendo, desenvolveram-se diversos estudos sobre as cotas em busca de uma implantação harmoniosa.

Decidimos que a implantação dos alojamentos no ponto mais elevado do terreno, seria benéfica para o conjunto construtivo, tirando partido das potencialidades do lugar, como a morfologia do terreno, a exposição solar e a paisagem.

Nesta etapa da sementeira, concluímos que a estratégia a adotar seria explorar o sistema de socalco e patamares. Desta forma vencemos a discrepância entre cotas e moldamos o terreno respeitando e valorizando as características que o definem.

Foram criados novos patamares junto à encosta, elevando-se gradualmente numa média entre 2 a 3 metros, em conformidade com os socalcos já existentes, implantando assim os novos volumes uniformizados em relação ao terreno e às preexistências.

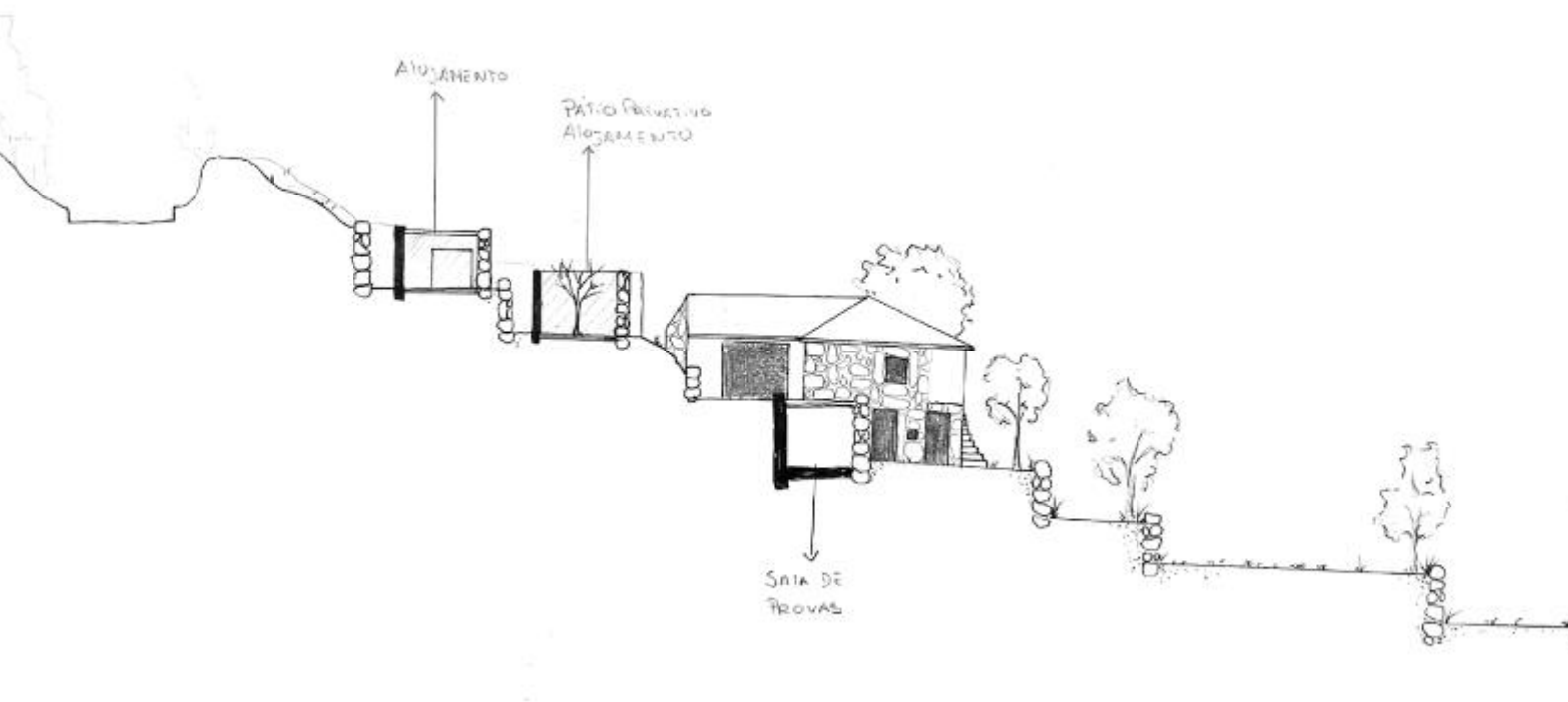
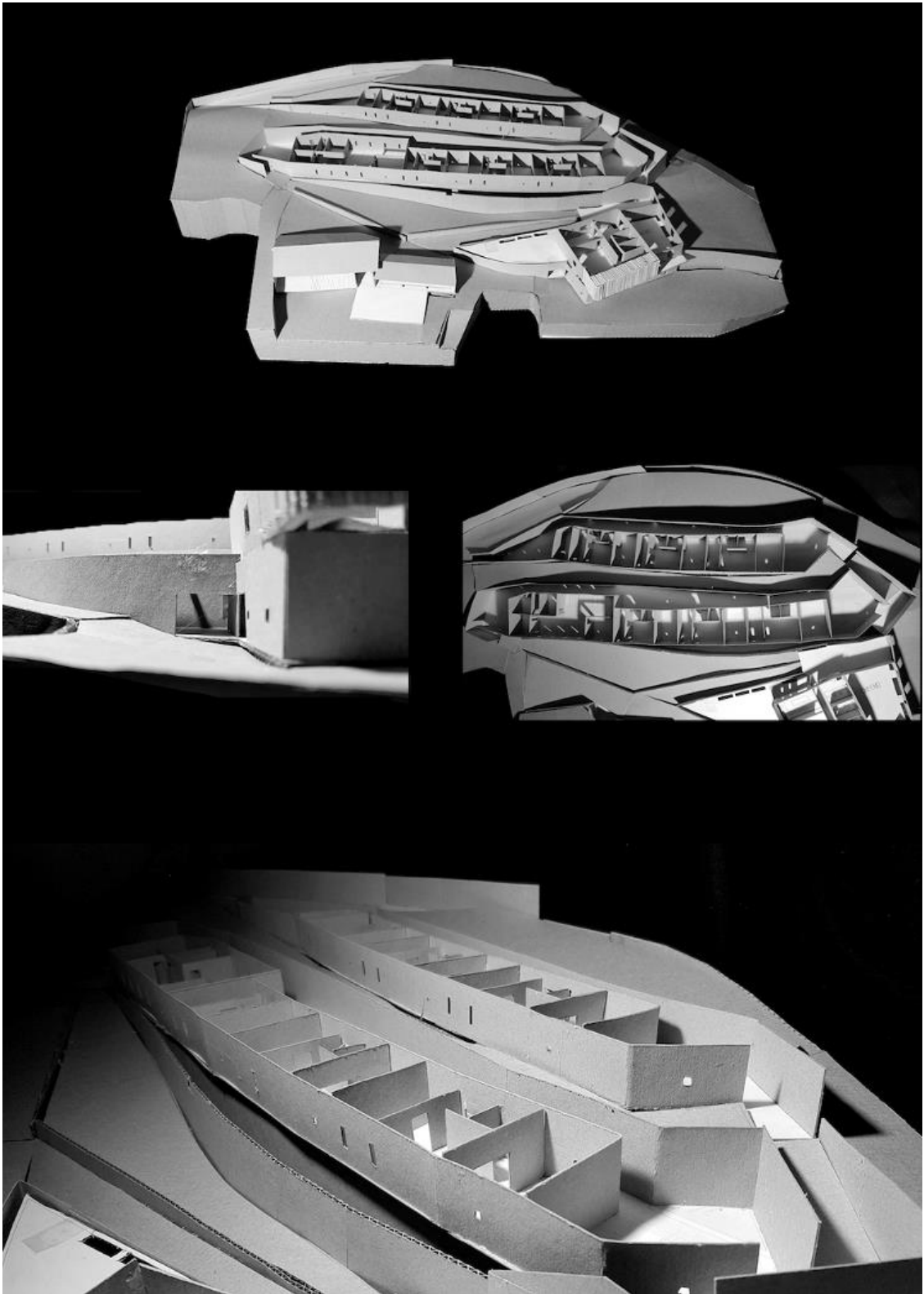


Fig. 123 Análise sobre a relação topográfica e a implementação de novos volumes.

Fig. 124 (página seguinte) Estudo de implantação através de maquete.



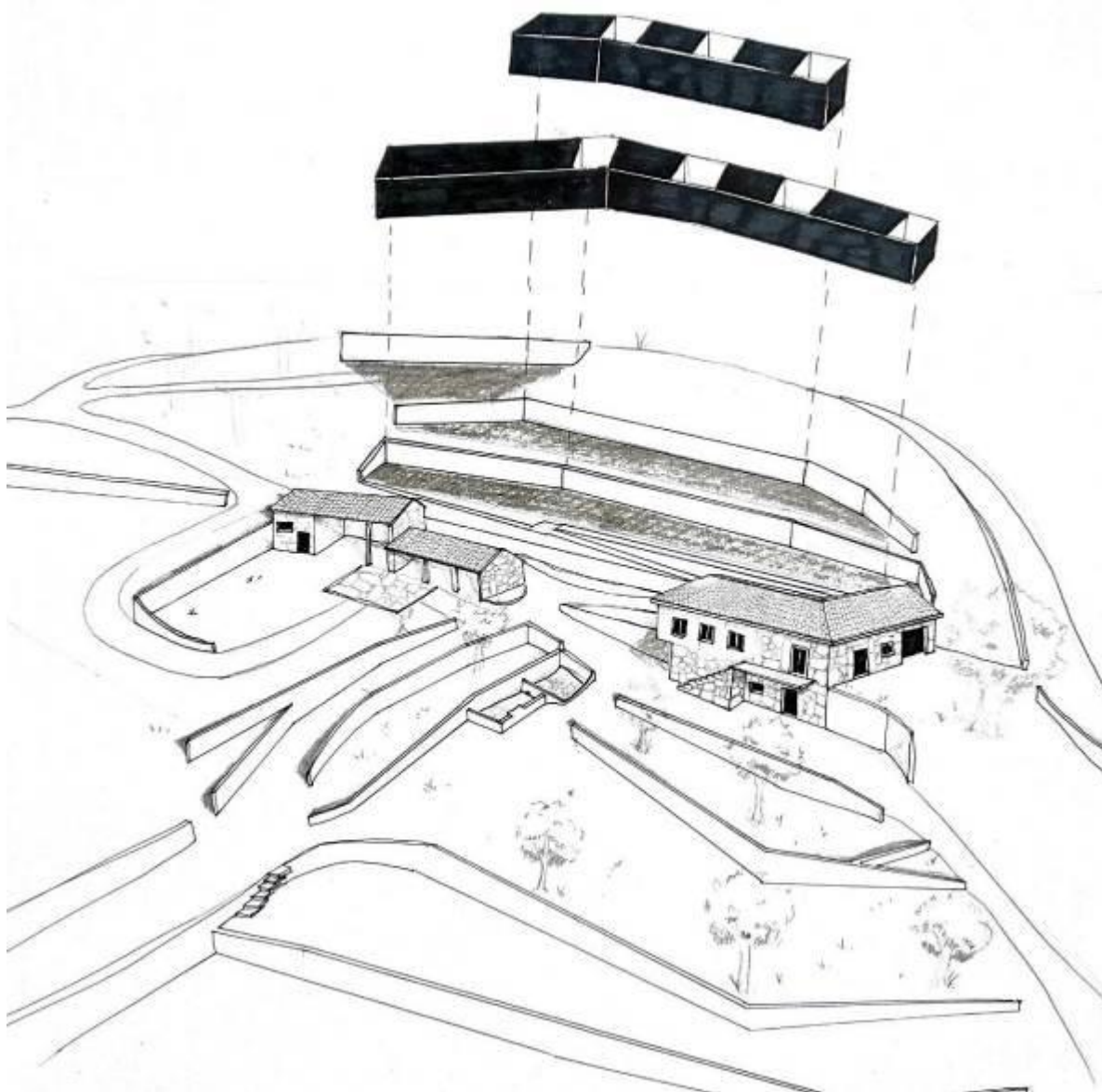


Fig. 125 3<sup>a</sup> etapa – COLHER.

### **3ª ETAPA – COLHER**

**“(...) E por isso te rasgo de magia**

**E te lanço nos braços a colheita**

**Que hás de parir depois...**

**Poesia desfeita,**

**Fruto maduro de nós dois. (...)”**

(Miguel Torga, 1946)

Colher é o resultado das etapas anteriores - preparação da terra e semear, sendo este o momento de maior envolvimento com a atividade agrícola, pois recebemos o que outrora demos ao solo - colhemos o “fruto” semeado.

Remetemos simbolicamente esta etapa ao resultado final da intervenção, onde obtemos a percepção do culminar de ideias e decisões que de uma forma ou de outra tentam explorar a identidade rural da Quinta da Torre.

A casa preexistente encontra-se em bom estado e neste sentido resolveu-se intervir minuciosamente. Esta intervenção procura conservar a memória e a imagem da casa, pelo que decidimos então, manter todas as fachadas em alvenaria de pedra, redesenhando as paredes de alvenaria de tijolo quer a nível interior como exterior. No piso térreo resolvemos aumentar a área de construção de forma integrada na morfologia do terreno, com o objetivo proporcionar o máximo de vivências e interações com o espaço.

Em relação ao sequeiro, eira e coberto, decidiu-se intervir diferenciadamente consoante a edificação. No caso do sequeiro optamos pela recuperação procurando manter a identidade original. O coberto construído toscamente por um dos proprietários não apresentava qualquer cuidado em termos de acabamento. Nesta perspetiva, entendemos que a demolição e a construção de um novo coberto seria a melhor opção. Respeitando a memória do espaço, preserva-se a sua localização e implantação original, tendo em conta alguns pontos como o reaproveitamento do muro de pedra do socalco

preexistente e a circulação fluída do espaço. O alojamento surge de forma a valorizar o caráter do lugar. Para a sua integração assumiu-se a manipulação e transformação do terreno, gerando uma nova topografia que segue sequentemente a formação de socacos do local.

O muro de pedra é um elemento fundamental nesta intervenção, onde entre muros e paredes de alvenaria de pedra se limitam os espaços comuns e privados, conferindo continuidade à paisagem existente.

O momento do percurso, torna-se um elemento articulador vital para a integridade da proposta, permitindo a experiência sensorial do lugar.

O percurso pelo terreno conta-nos uma história, uma narrativa, da ligação dos três momentos principais, a Casa, o Sequeiro e o Alojamento, proporcionando a união e a continuidade desses três momentos, promovendo lugares de passagem, de repouso, de aprendizagem, de reflexão e contemplação.

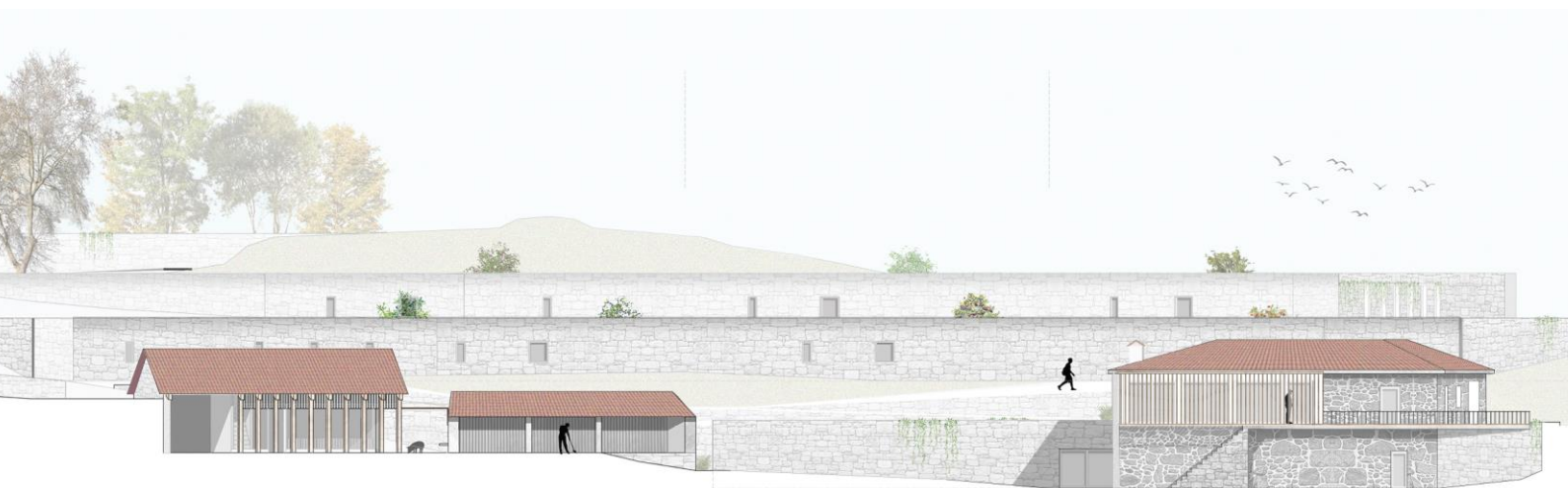
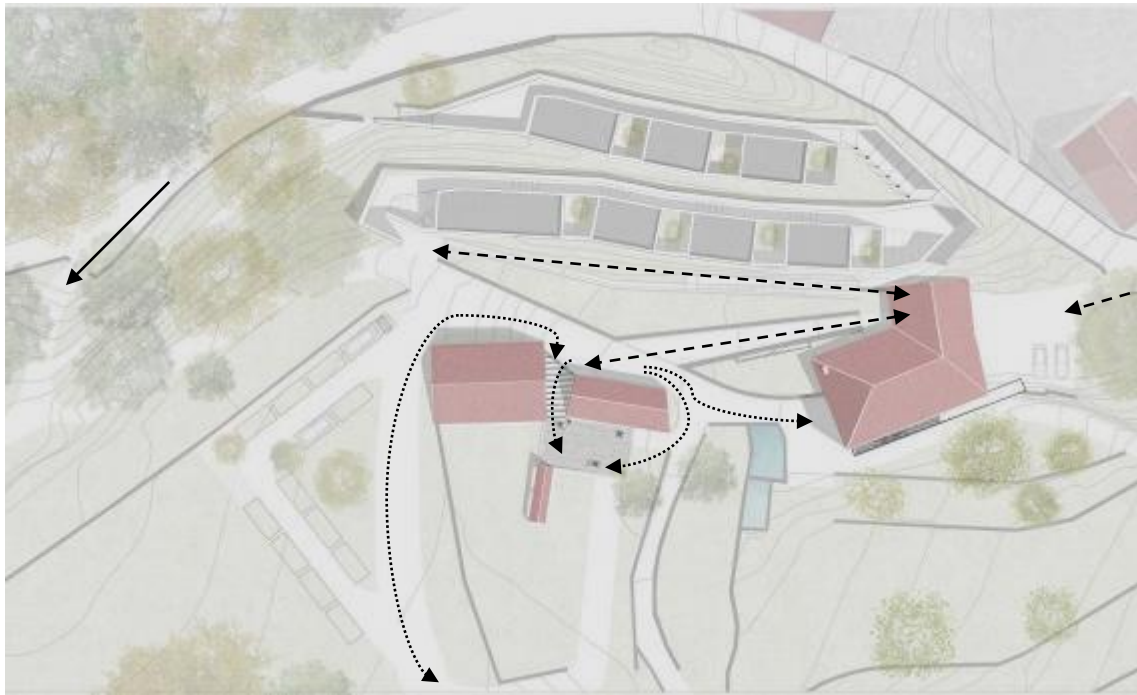


Fig. 126 Proposta Quinta da Torre.

PROPOSTA DE  
INTERVENÇÃO



- ← - - - Acesso principal
- ← - - - Percurso articulador
- ← ····· Ramificação de percurso
- ← - - - Acesso secundário

N  
↑

Fig. 127 Análise de percursos preexistentes em comparação com a proposta de intervenção.

### 3. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

**“(...) os projectos desenvolvem-se a partir de uma complexidade de envolventes, de ambientes urbanos, ou mesmo quando não são urbanos, de envolventes preexistentes. (...)” (Gili, 1998: 127)**

A intervenção na Quinta da Torre procura estabelecer uma relação com o contexto arquitetónico e estético das casas rurais da região em paralelo com a contemporaneidade, traduzindo-se pela transformação funcional, numa adaptação do programa para agroturismo.

Anteriormente, referimos que parte da intenção de projeto passaria pela exploração da relação entre o novo e o antigo. Assim sendo, a proposta procura conservar a essência da sua paisagem, através de intervenções dissimuladas, acreditamos que desta forma prolongamos e respeitamos as histórias e memórias do lugar.

Seguindo o método de apresentação anterior, abordamos a proposta segmentada de acordo com as três áreas da intervenção – área social, área de trabalho e área de alojamento, sendo o percurso o elemento articulador para a integridade da proposta.

#### PERCURSO

Partindo da intervenção definida em três zonas e tendo em conta as suas disposições dispersas, entendemos que o percurso é um elemento estruturante entre volumes.

Neste sentido, optamos pela preservação dos acessos e percursos já existentes, intervindo minuciosamente de forma a permitir uma vivência mais prática e consequentemente otimizar os espaços (Fig. 127).

Através das análises antes realizadas, concluímos que o muro de pedra responsável pela sustentação das terras é um elemento que normalmente indica a existência de um percurso. Após a implantação de novos volumes destinados ao alojamento, tornou-se imprescindível a criação de acessos, consoante o contexto, pelo que decidimos implantar acessos encaminhados por muros e paredes de pedra.

Destacamos dois percursos fundamentais na articulação entre volumes (Fig. 127), ambos tendo como ponto comum a casa, destinada à área social da proposta e distinguind-se pelo acesso em rampa que nos encaminha quer à área de alojamento quer à área de trabalho, ramificando-se em diversas direções e promovendo a deambulação pelo terreno de forma fluída e espontânea, estabelecendo ligações entre a envolvente e a arquitetura.

## **ÁREA SOCIAL – CASA**

O acesso principal à Quinta da Torre acontece junto à habitação, até ao primeiro momento de receção, a casa. Após a análise do terreno, percebemos de imediato que este acesso é o ponto de partida do percurso pela quinta, desde o momento de entrada junto à casa, prolongando-se até à área de trabalho e ramificando-se para as restantes estruturas.

A decisão de adaptação da casa para área social surge na tentativa de preservação da essência da sua funcionalidade original, receber e acolher.

Analisamos anteriormente a composição da casa, composta por dois pisos, sendo o piso superior referente à habitação e o piso térreo à adega. No piso térreo, optamos por valorizar a área destinada à adega, reorganizando as restantes divisões com a garrafeira e a lavandaria. Neste seguimento, sentimos a necessidade de aumentar a área do piso, de forma a receber uma sala de provas de vinhos (Fig. 128).

A preexistência de um soalco a Oeste junto à casa incentivou o reaproveitamento deste mesmo soalco para a criação da sala de provas, e assim dissimular esta intervenção tirando partido das características do terreno.

Para o piso superior, de 172 m<sup>2</sup> de área útil, propomos uma zona de receção, uma instalação sanitária, a cozinha, a zona de refeição e a zona de convívio.

A entrada é feita pela fachada Norte, onde se encontrava a entrada original da habitação. Optamos por instalar a receção sobre o antigo alpendre, responsável pela organização e distribuição dos espaços. Desta forma é possível manter a diversidade de acessos, proporcionando uma deambulação pelo piso mais fluída desde a receção.

## PISO TÉRREO

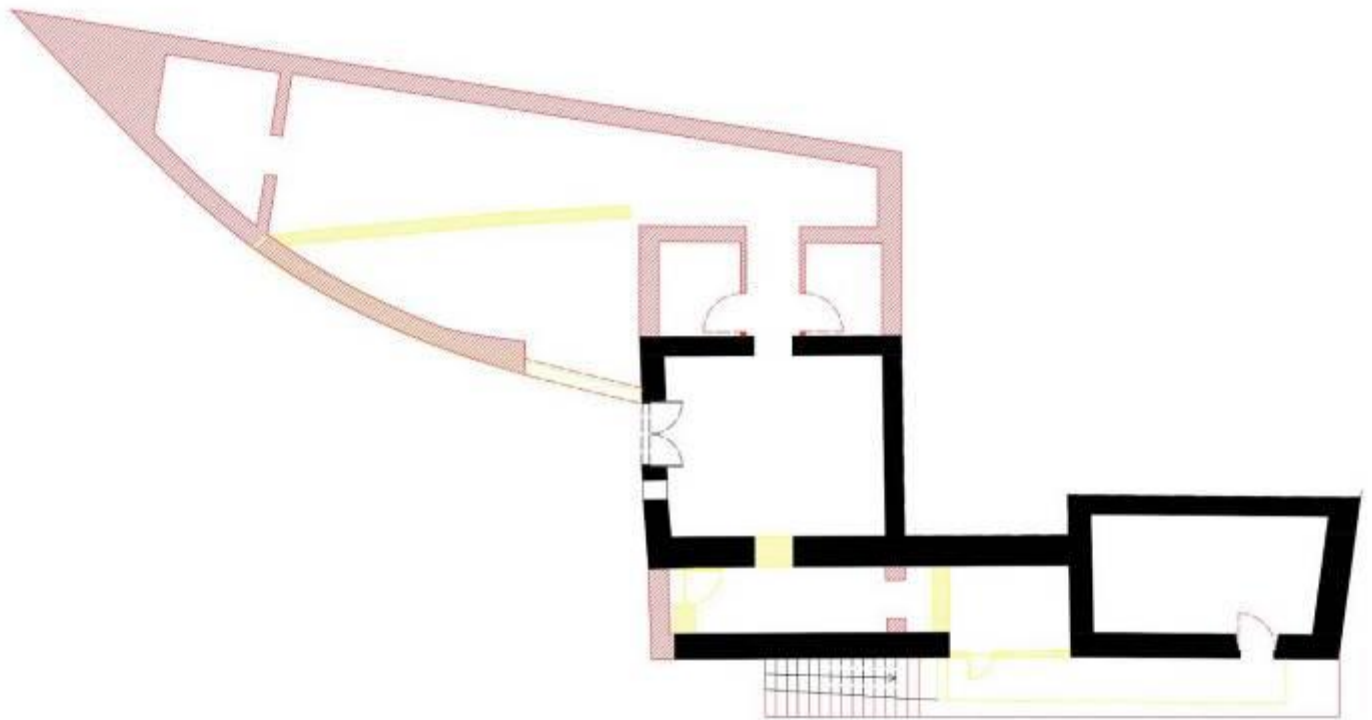


Fig. 128 Piso térreo – Vermelhos e amarelos \_1.200  
Amarelos – Demolições  
Vermelhos – Construção nova

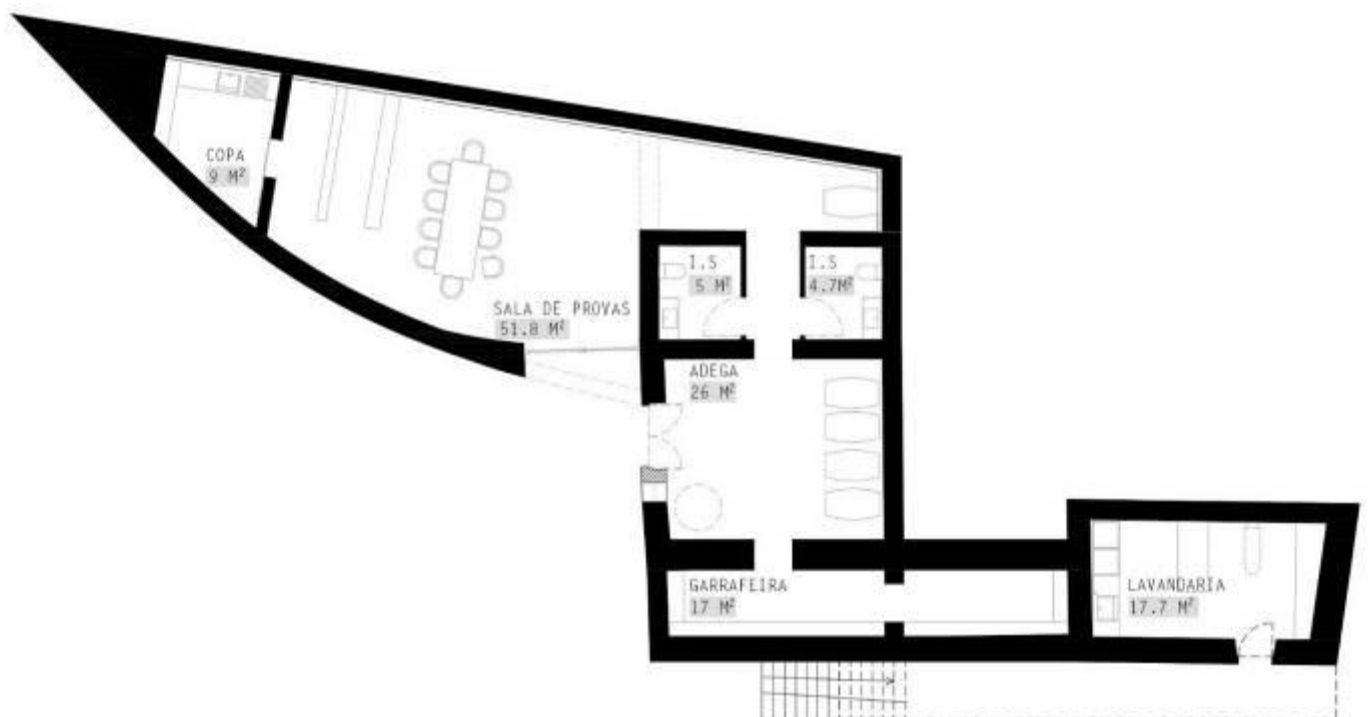


Fig. 129 Piso térreo – Planta\_1.200

## PISO SUPERIOR

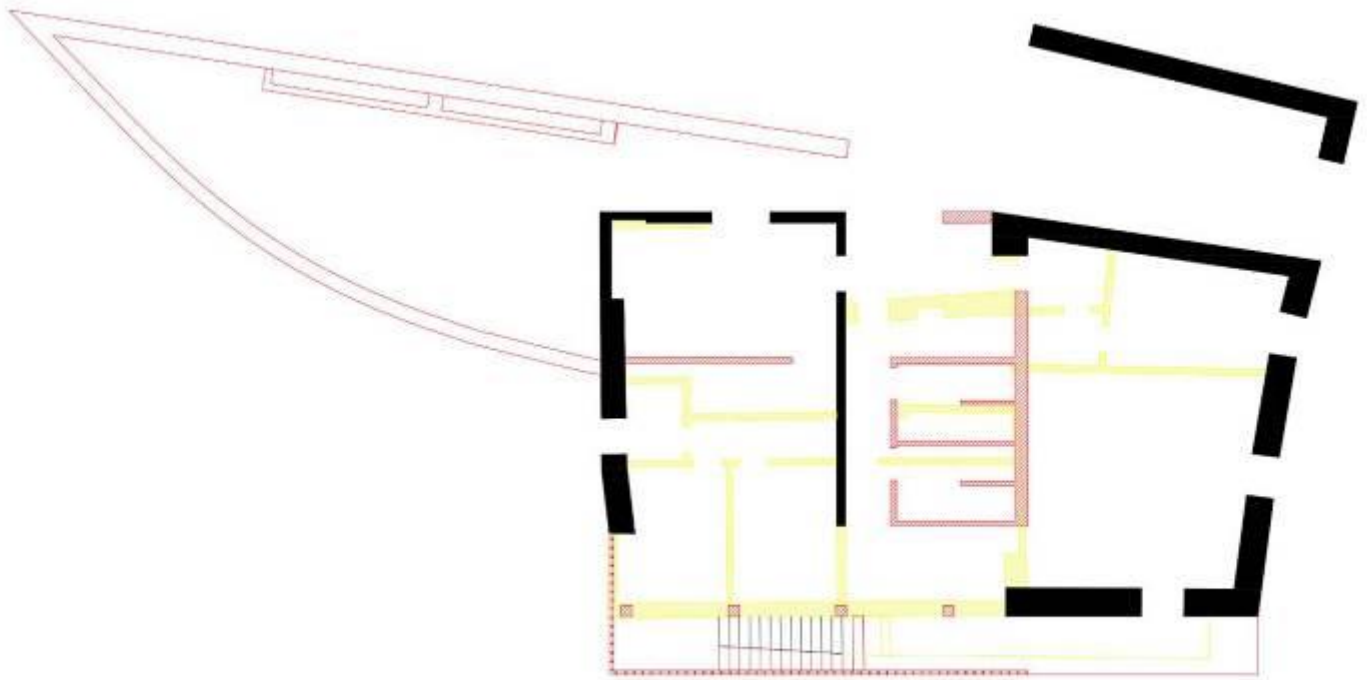


Fig. 130 Piso 1 – Vermelhos e amarelos \_1.200  
 Amarelos – Demolições  
 Vermelhos – Construção nova

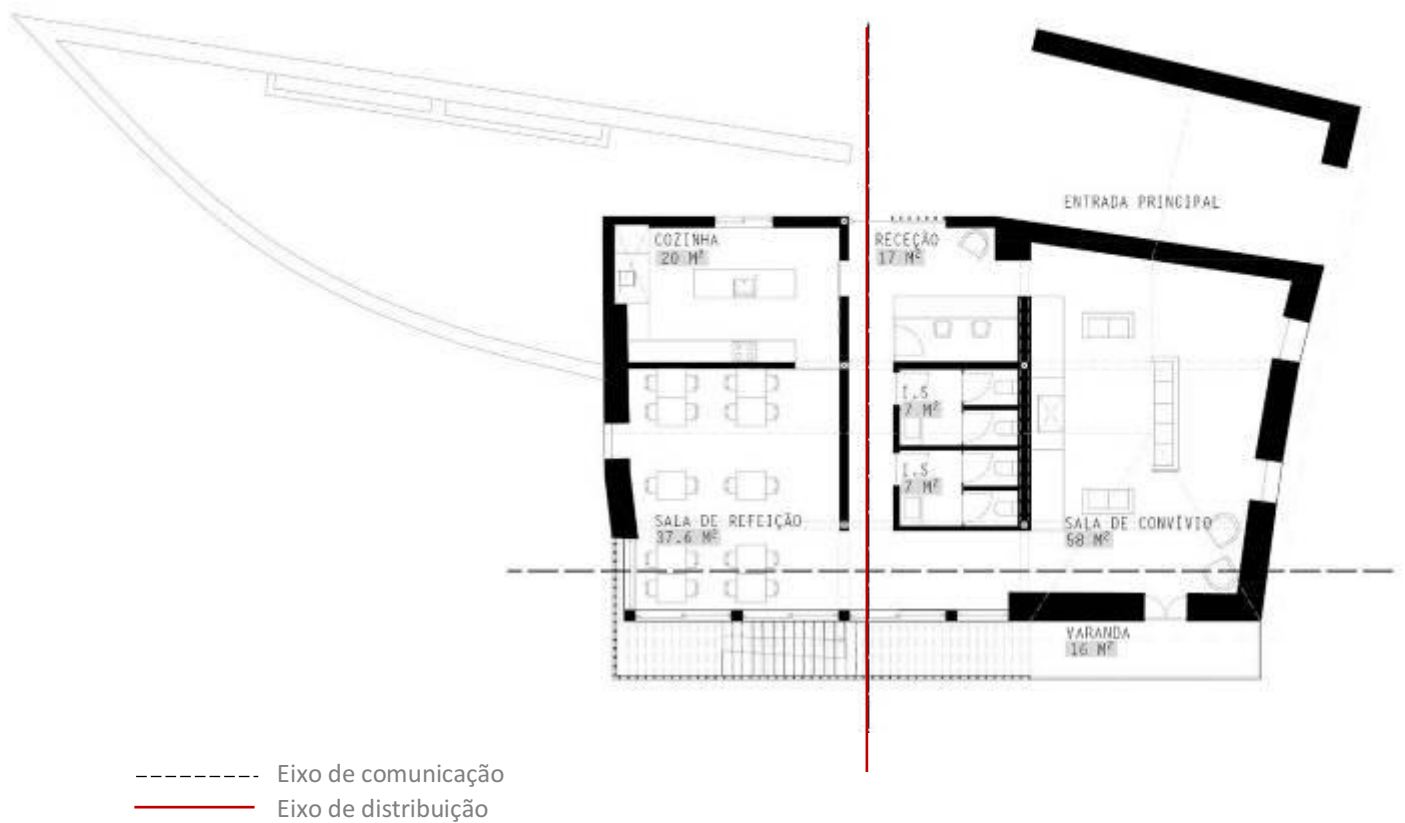


Fig. 131 – Planta \_ 1.200

No interior, definimos dois eixos fundamentais para a organização de espaços, o eixo de distribuição e o eixo de comunicação (Fig. 131). O eixo de distribuição estende-se sobre um corredor, responsável pela separação da área de convívio e área de refeição.

A zona de refeição e a cozinha situam-se no lado Oeste da casa. Dado o seu afastamento com a zona de convívio, situada a Este, percebemos que seria essencial estabelecer um vínculo de comunicação entre as duas áreas. Assim sendo, traçamos o eixo de comunicação, referente ao acesso a par da fachada sul, articulando a comunicação não só entre a zona de refeição e convívio, mas também entre interior e exterior, através dos vãos, com vista sobre a cidade e os campos agrícolas.

O objetivo inicial seria manter intactas todas as paredes de fachada exterior da preexistência. No entanto, uma das potencialidades da Quinta da Torre é a sua paisagem. Por esse motivo, consideramos que abertura de uma sequência de vãos seria uma solução vantajosa para o ambiente interior da casa.

Procuramos não modificar as paredes de alvenaria de pedra encarregues do sistema estrutural da casa, por isso optamos por implementar a sequência de vãos sobre a alvenaria de tijolo da fachada Sul, proporcionando uma conexão com a envolvente. Não obstante, sendo esta a fachada Sul, questionamos se seria benéfico para o ambiente interior a incidência de luz direta.

Na procura de soluções para o controlo da incidência solar, surge o sistema de ripado característico das construções de arquitetura popular da região. verificamos que eficácia deste sistema permite a passagem de ar cooperando na secagem dos produtos, e em simultâneo protegendo da entrada de animais roedores.

Propomos assim o ripado nesta situação, como solução para o controlo da incidência da luz, possibilitando a relação visual entre interior e exterior.

Analisando a circunstância, destacamos que nesta fachada se situa a escada em pedra e a varanda que nos guia até à sala de convívio. A sua morfologia retangular intuitivamente remeteu-nos à morfologia do espigueiro minhoto, sendo que após esta associação tentamos relacionar as duas partes.

A definição da abertura de vãos seguiu o padrão estrutural do tradicional Espigueiro, marcada pela sequência de vãos interrompidos por pilares estruturais, ou seja, desconstruindo o espigueiro por camadas (Fig. 133). Percebemos que o seu sistema estrutural simples adequa-se ao sistema estrutural da casa e desta forma assume-se a estrutura na fachada, proporcionando a abertura de vãos. O ripado apresenta-se sobre uma estrutura suspensa ao longo das escadas exteriores (Fig.132), numa alusão à desagregação das camadas do espigueiro (Fig.133).

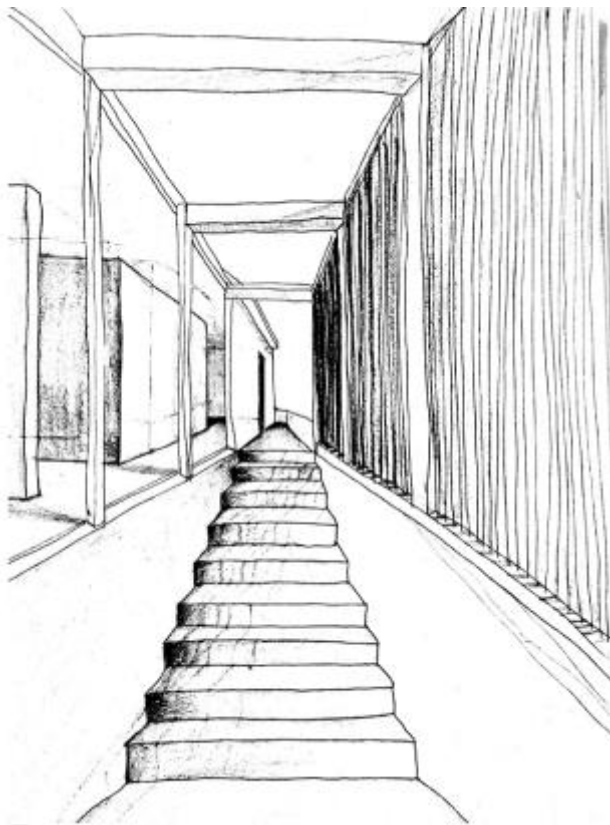


Fig. 132 Perspetiva da escada exterior.

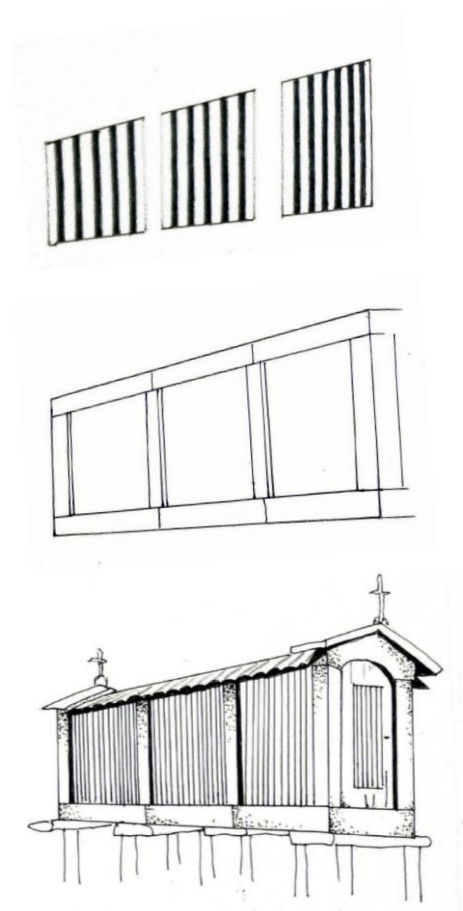


Fig. 133 Desagregação de camadas do espigueiro.

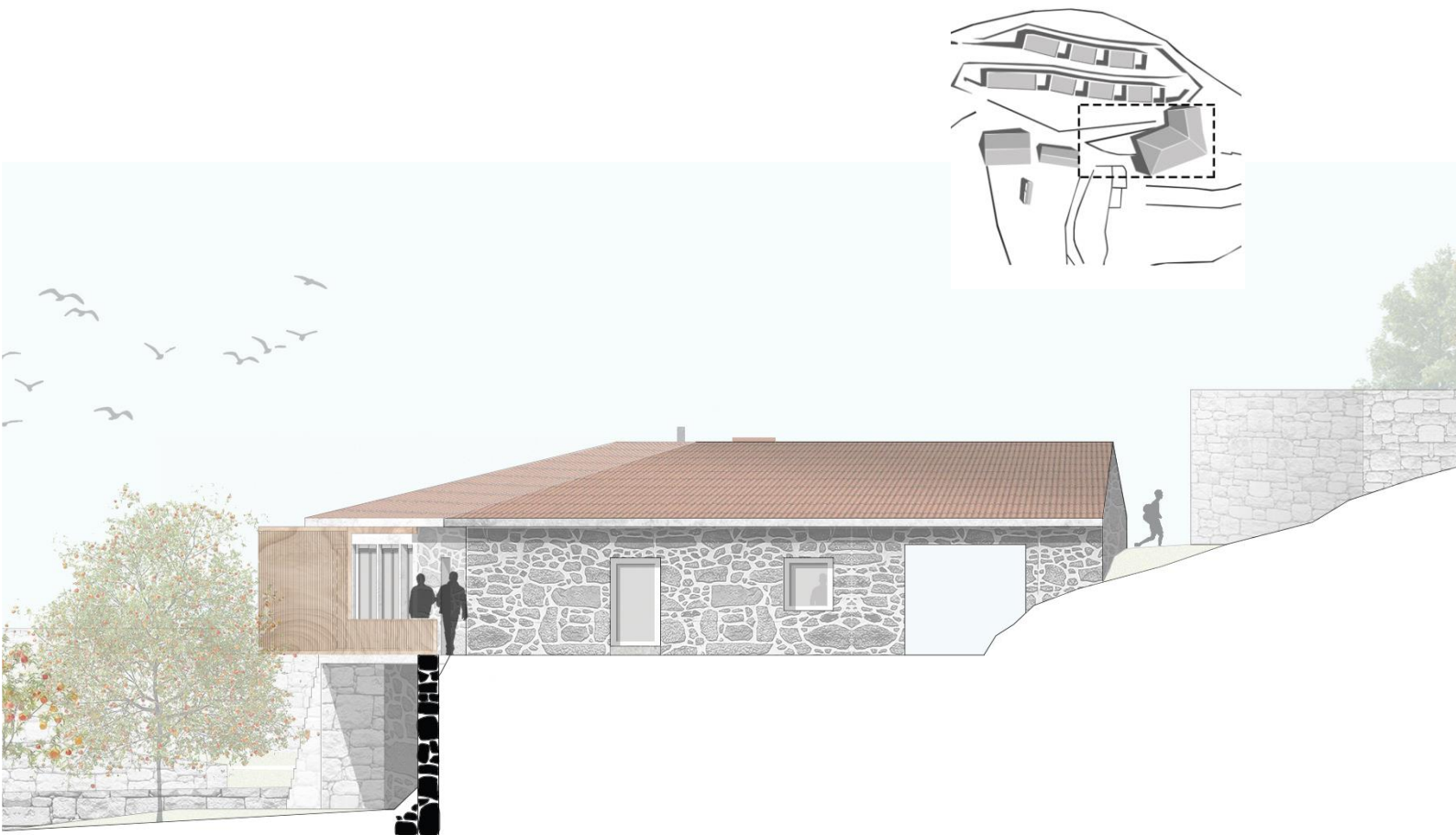


Fig. 134 Alçado Este, Casa Quinta da Torre.



Fig. 135 Corte transversal, Casa Quinta da Torre.

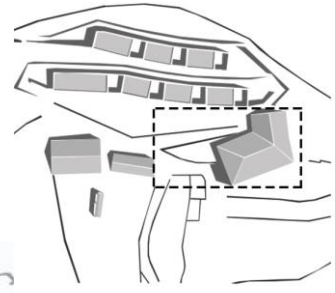
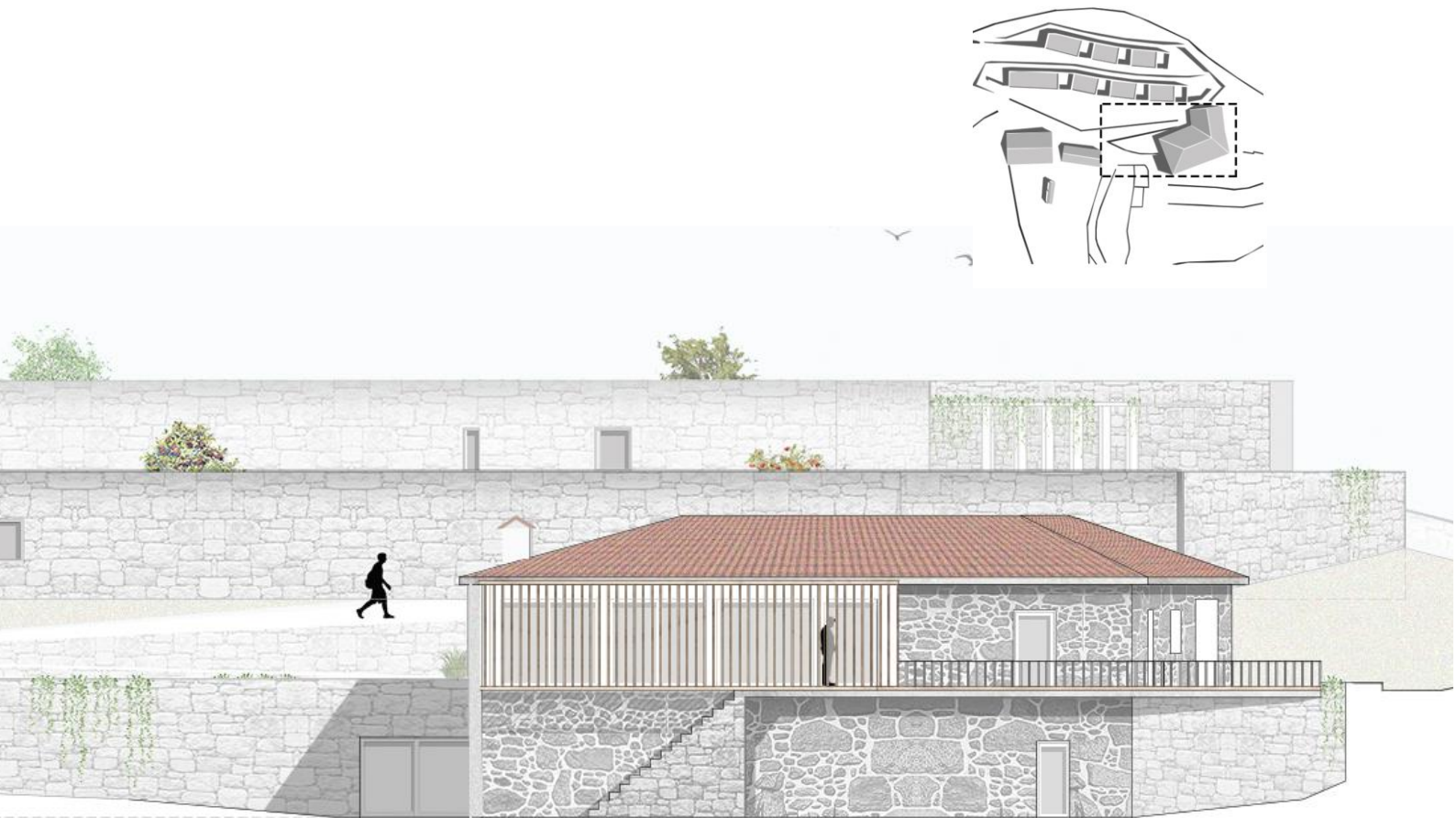


Fig. 136 Alçado Sul, Casa Quinta da Torre.



Fig. 137 Corte longitudinal, Casa Quinta da Torre.

## **ÁREA DE TRABALHO – SEQUEIRO, EIRA E COBERTO**

O projeto de intervenção para a área de trabalho é diferenciado consoante os seus elementos. No caso do sequeiro e por razões motivadas pelo interesse particular por esta construção, resultam na decisão de recuperação, mantendo a identidade original. Perante a análise ao seu estado atual, um pouco degradada principalmente na cobertura, propõe-se a sua reabilitação.

As suas características funcionais exigem em termos espaciais a sua amplitude desprovida de obstáculos, pelo que, intuitivamente, propõe-se a multifuncionalidade para este espaço.

Visto que atualmente o sequeiro não dispõe de nenhum tipo de sistema que possibilite encerrar e proteger este espaço, propõe-se a instalação de portadas com ripado de madeira, viabilizando a circulação de ar exigida ao sequeiro.

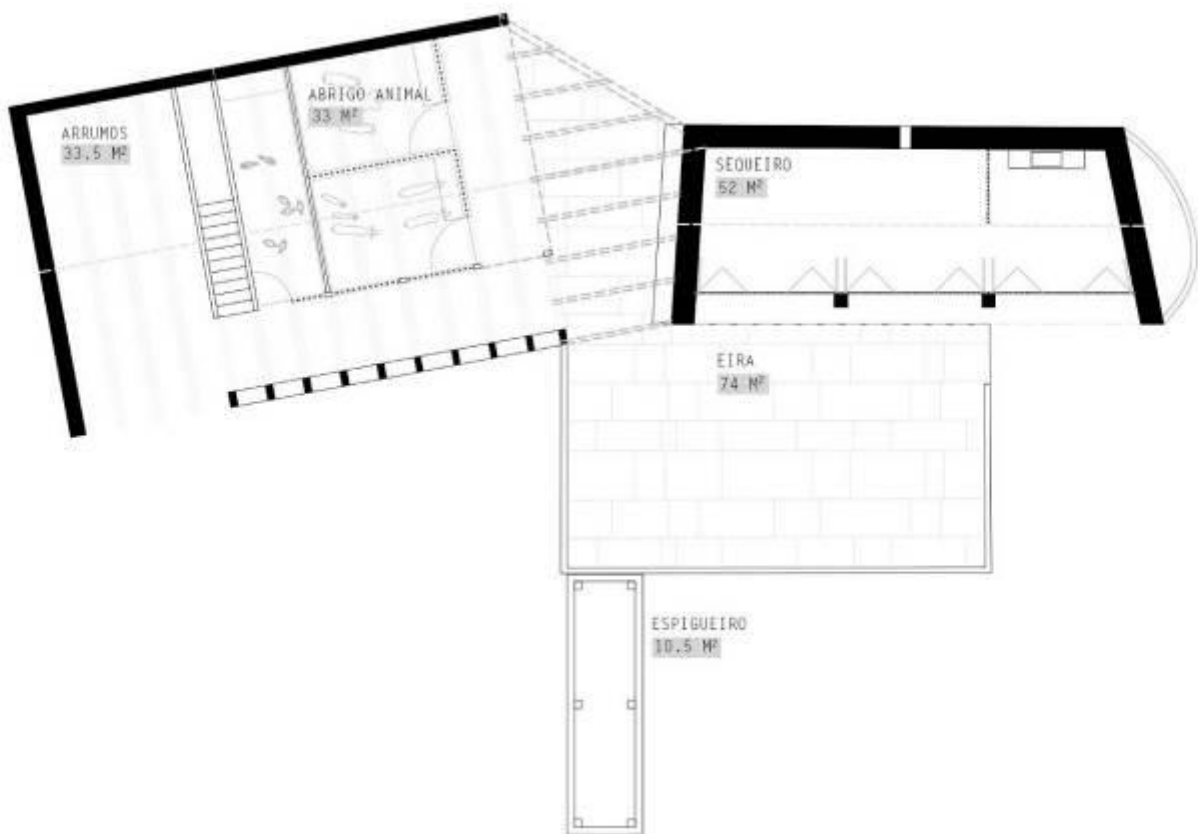
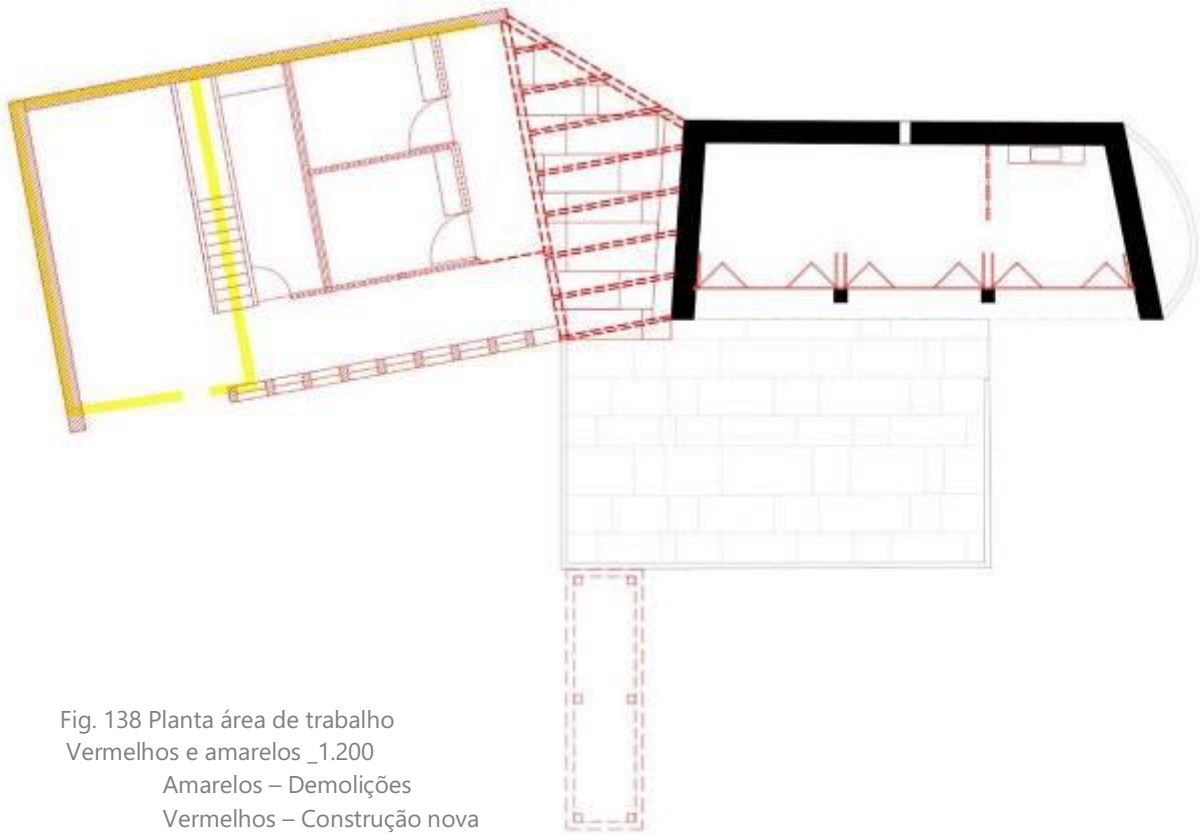
Em relação ao coberto, carente de acabamentos, vem a apresentar problemas de estabilidade e também de identidade. Como vimos, esta é uma construção constituída por paredes em bloco de cimento sem qualquer elemento de reforço estrutural, onde a cobertura de duas águas de estrutura em madeira assenta diretamente sobre a alvenaria.

Na sequência desta condição, propõe-se a demolição e a construção de um coberto que sirva as necessidades da quinta, devidamente integrado e proporcional à ambição do projeto (Fig. 138).

Respeitando a memória deste espaço, preserva-se a sua implantação original, tendo em conta alguns pontos como o reaproveitamento do muro de pedra do socalco preexistente e a circulação fluída pelo espaço.

A reorganização espacial do coberto tem como base uma divisão em três categorias, a zona de arrumos de alfaias e veículos agrícolas, como núcleo central a zona destinada ao abrigo de animais e por último a zona de interação, circulação e comunicação entre o sequeiro, a eira e o coberto.

Tendo o coberto um pé direito de 5.30 metros, surge a possibilidade da criação de um segundo piso de apoio à secagem dos produtos.



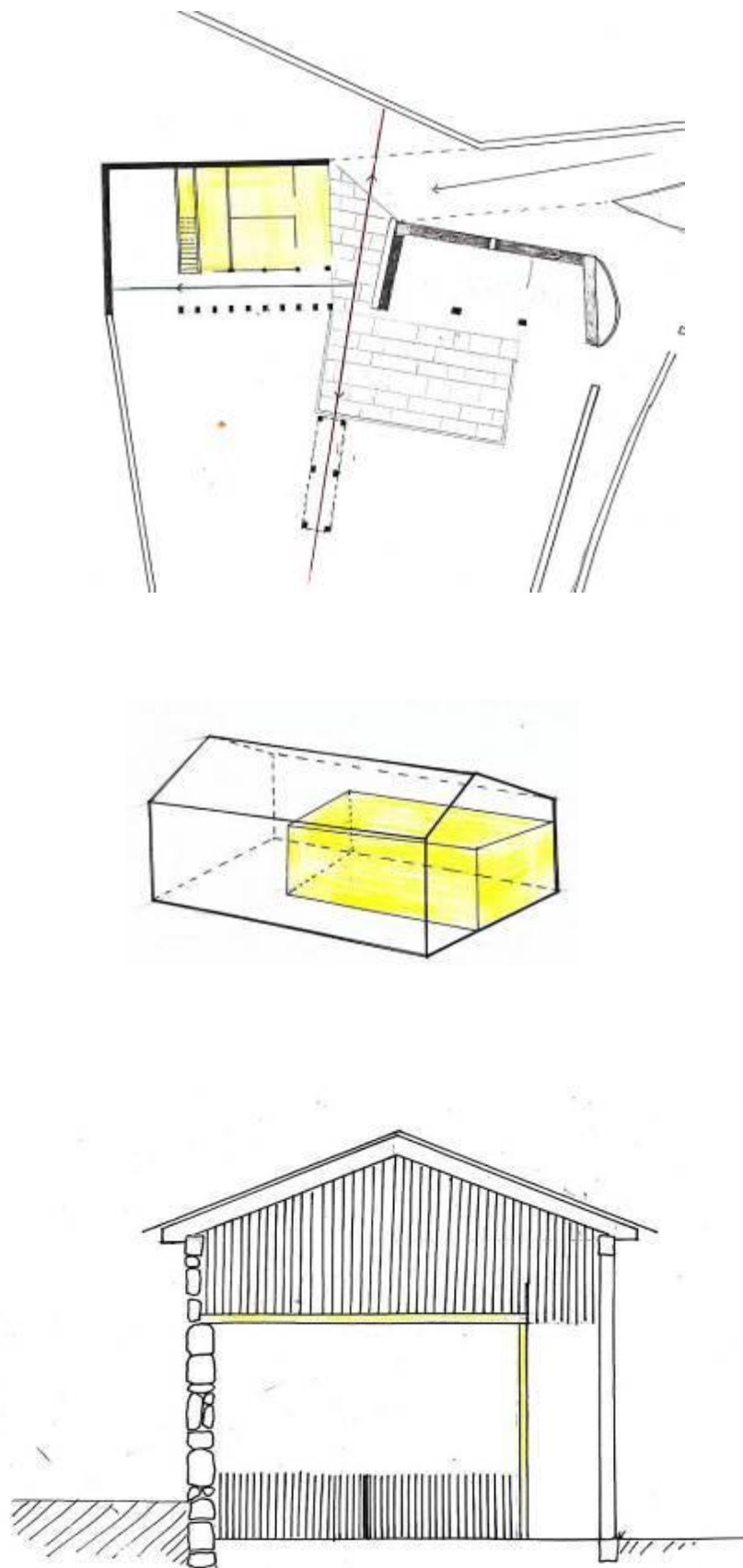


Fig. 140 Esquisso de organização espacial coberto.

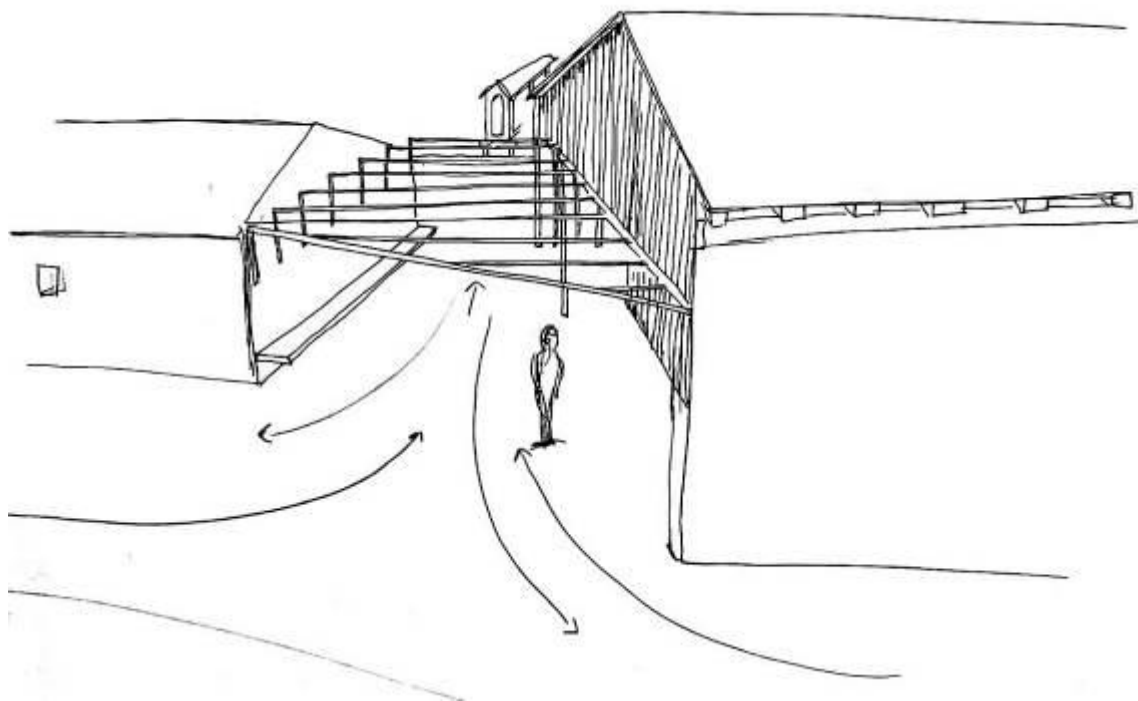


Fig. 141 Perspetiva espaço de comunicação entre volumes.

Optou-se por introduzir uma estrutura em madeira CLT, na área destinada ao abrigo animal, e assim proporcionar um segundo piso, camuflado entre ripados de madeira. (Fig. 140)

A zona de interação, circulação e comunicação (Fig. 141) reforça a unidade entre as infraestruturas da área de trabalho. A forma como este espaço atua como elo de ligação é marcada pela continuidade do pavimento que caracteriza a eira, sobre placas de pedra granítica, esta constância do pavimento evidenciando a versatilidade deste espaço.

No coberto preexistente detetamos na fachada Este, um problema de estabilidade que poderia danificar a estrutura do sequeiro. Assim, na preexistência, sobre a parede de pedra do sequeiro e como um prolongamento da mesma, assenta-se uma parede de blocos de betão. Dada a fragilidade da situação, a intervenção nova procura manter o contacto entre os dois volumes de uma forma mais delicada.

Neste sentido, acentuamos a interrupção da cobertura, proporcionando um espaço de passagem e lazer entre os dois volumes, articulando fisicamente o contacto entre o coberto e o sequeiro através de uma estrutura de ripas de madeira, como uma pérgula.

Em relação à cobertura do coberto, é mantido o sistema de duas águas assentes sobre estrutura de madeira.

Ao longo da análise deste tipo de estruturas, concluímos que o Espigueiro é a peça que está em falta neste conjunto. O proprietário atual construiu o seu próprio espigueiro em estrutura metálica, pelo que se assume a necessidade de resolver esta carência, para reforçar a unidade do conjunto.

Seguindo a lógica de implantação dos Espigueiros, orientados a sul de forma a alcançar o máximo de exposição solar, e a sua proximidade quer da Eira quer do Sequeiro, propõe-se a construção de um Espigueiro minhoto de estrutura em pedra, alinhado com a eira e proporcionando uma relação visual com o espaço de comunicação e circulação entre os volumes do sequeiro e do coberto.

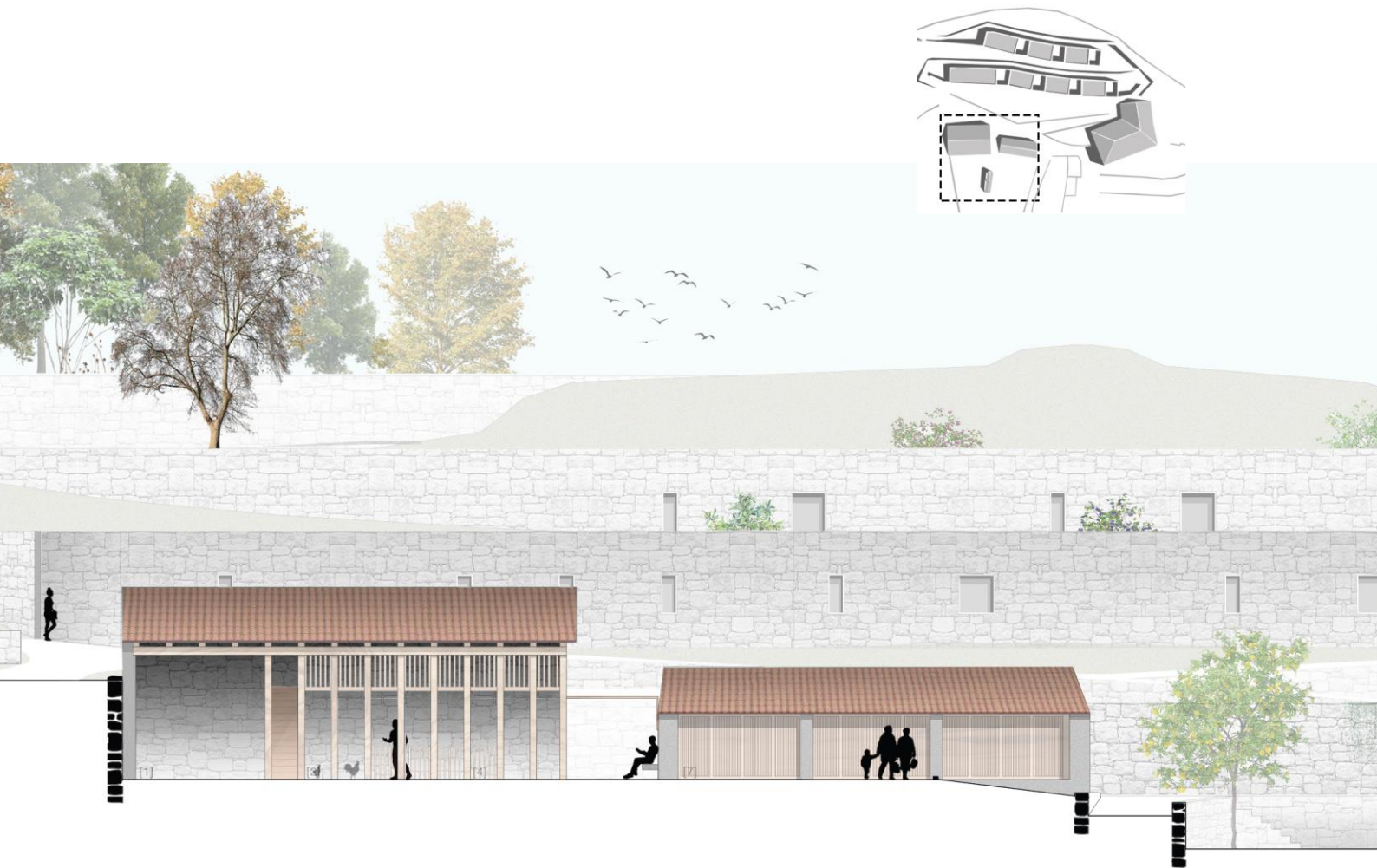


Fig. 142 Alçado Sul, área de trabalho Quinta da Torre.

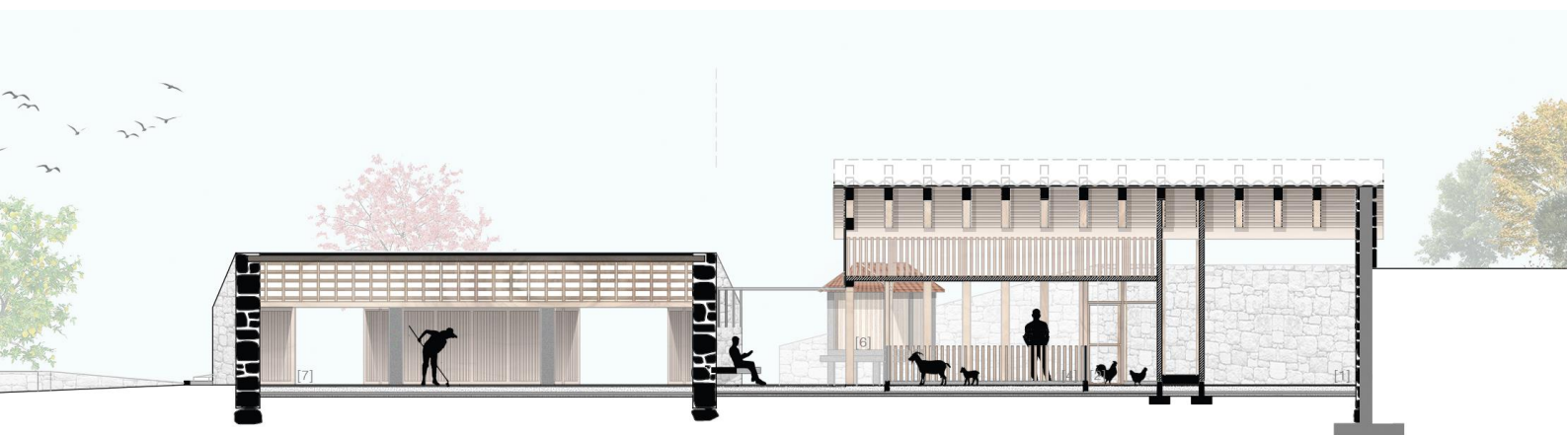


Fig. 143 Corte longitudinal, área de trabalho Quinta da Torre.

## ÁREA DE ALOJAMENTO

Na procura de valorizar o carácter do lugar, os volumes novos, destinados ao alojamento implantam-se de forma quase oculta na paisagem, criando um novo socalco. Dado o declive da encosta são implantados dois corpos dissimulados, na forma de socalco, para desta forma combater a diferença de cotas existente.

**“Os muros dividem, mas mais do que dividir, promovem uma relação própria com o que põem do outro lado. Podem limitar o acesso, mas não o toque, podem limitar o toque, mas não o olhar, podem limitar o olhar, mas não o odor, e assim por diante. Podem então gerir um enredo de relações entre o erguer de uma barreira física e a indução de uma fronteira mais subtil (...). Construir um muro é pensar num limite, percebendo o que este é ou quer ser. Um limite físico, um limite psicológico, social ou outro.”**

(Rodrigues, 2013: 67-68)

O muro de pedra gerado por estes socalcos torna-se assim um elemento fundamental nesta intervenção, onde entre muros e paredes de alvenaria de pedra, se limitam os espaços comuns e privados.

Dada a relevância do tema “percurso” em toda a intervenção, concluímos que faria sentido, ao longo do espaço de alojamento, integrar um percurso contínuo e circular (Fig. 144).

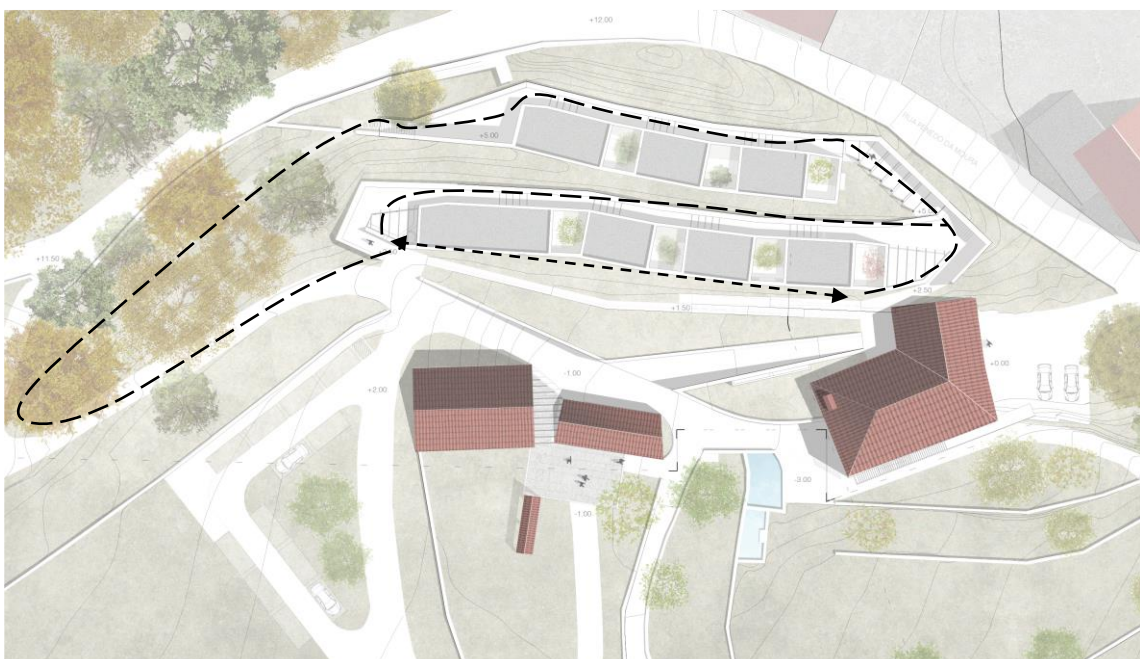


Fig. 144 Esquema explicativo do percurso.

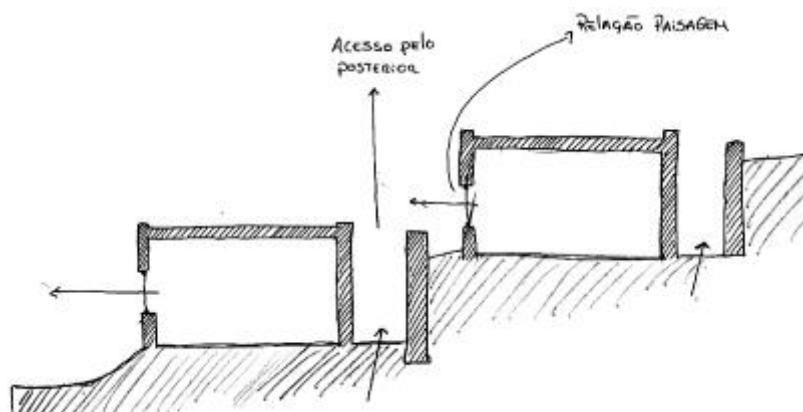


Fig. 145 Esquema explicativo do acesso exterior do alojamento.

O acesso aos alojamentos é feito pela parte posterior do corpo, acompanhado pelo muro de sustentação da terra em betão revestido com pedra granítica. Neste caso, o percurso torna-se mais definido, estreito e comprido e intuitivamente percebido como espaço para percorrer (Fig.145).

A ideia de percurso está também relacionada com a surpresa e a expectativa. Por esse motivo, a implantação de pátios comuns nas extremidades do corpo pretende proporcionar esse momento de surpresa, determinando vários pontos de paragem.

Quanto às tipologias do alojamento, apresentam-se dois tipos: alojamento coletivo e suite. Pretende-se que o alojamento seja focalizado para o seu interior, como um refugio acolhedor.

A particularidade de os quartos disporem de pátios individuais, encerrados por paredes e muros de pedra, pretende motivar uma relação intimista com o lugar. Assim, assume-se a abertura de envidraçados para o pátio e de pequenos vãos para a paisagem. Esta relação de escalas de vãos, procura realçar esta valorização do interior, não eliminando na totalidade a relação com a envolvente. Esta característica das casas voltadas para o seu interior é algo que já conhecemos da arquitetura popular. Concluímos que vãos de pequenas dimensões rasgam-se para o exterior e vãos de maior dimensão para o interior.

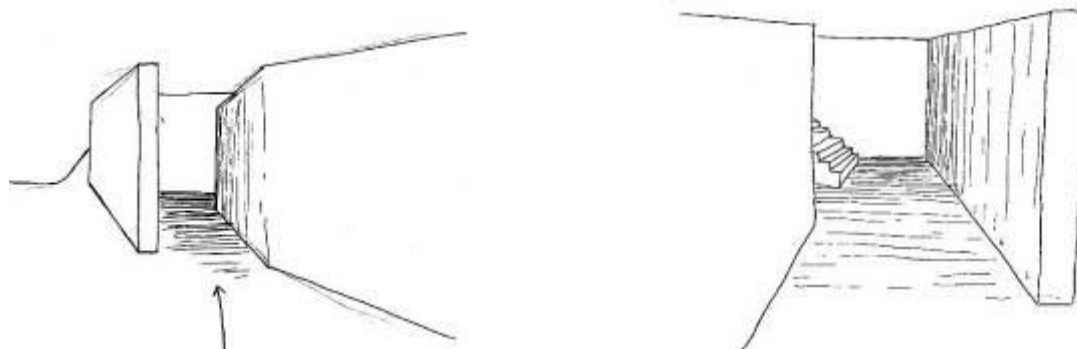


Fig. 146 Perspetivas das entradas para o corpo de alojamento – 1. Pátio do forno 2. Pátio do oleiro



Fig. 147 Planta alojamento.

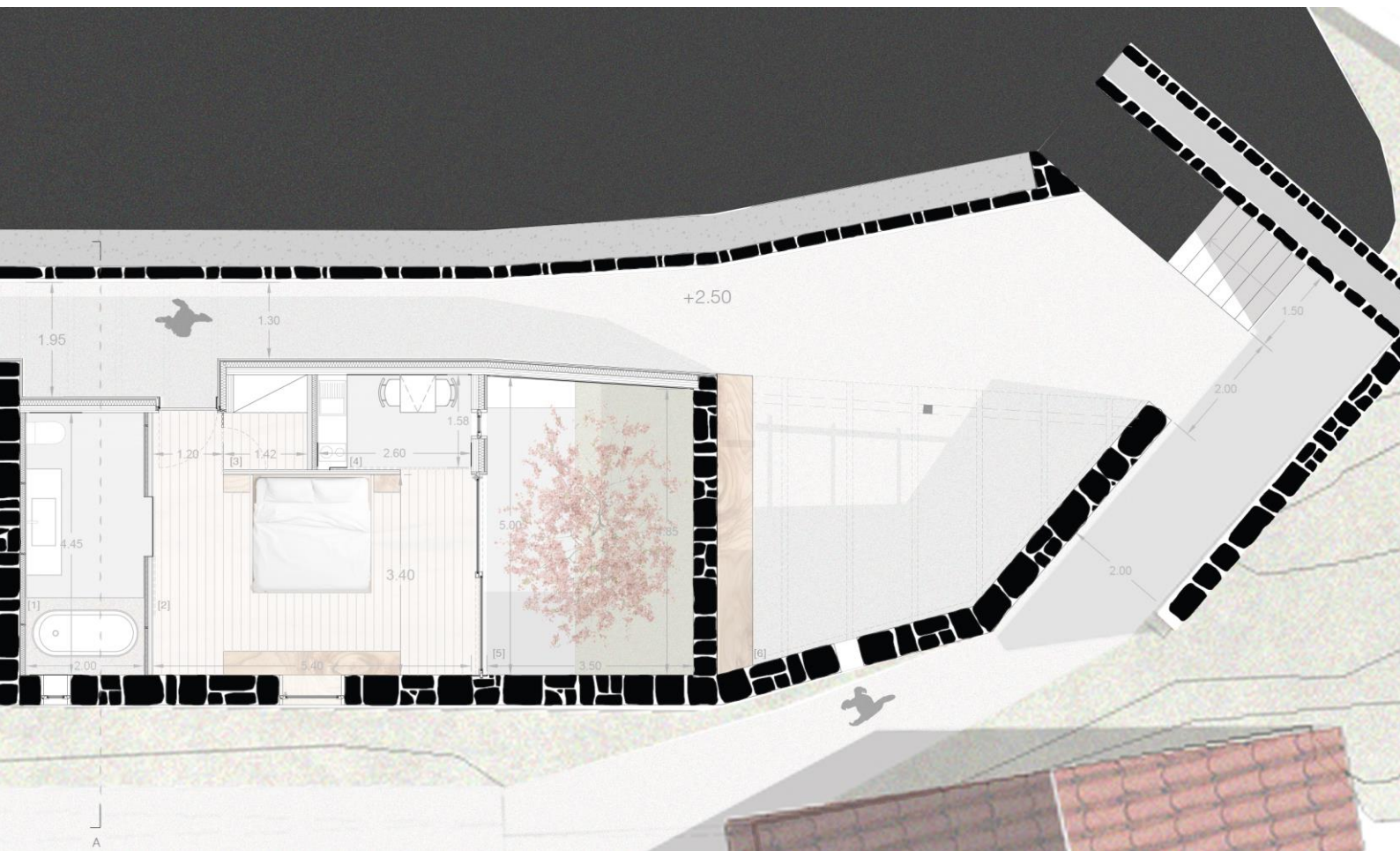


Fig. 148 Planta alojamento suite.

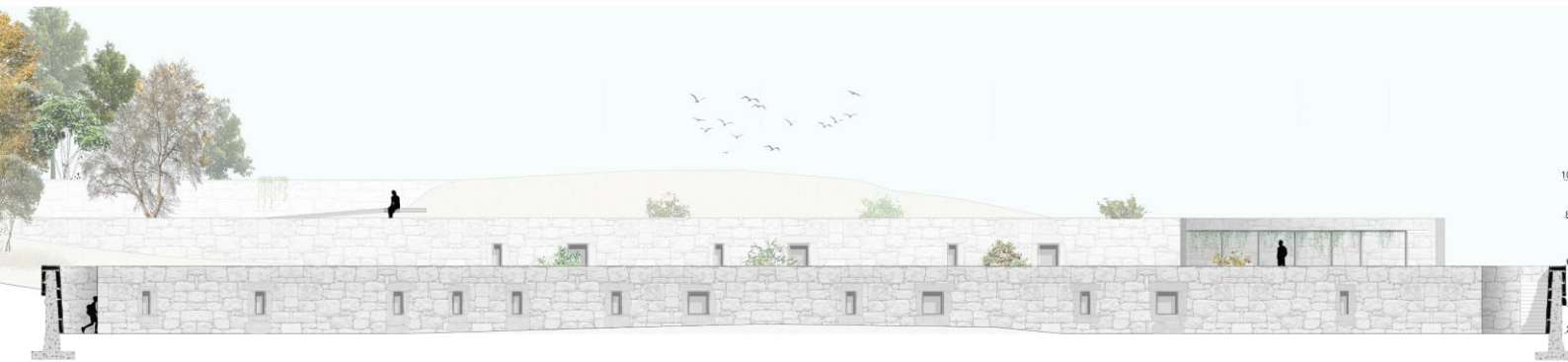


Fig. 149 Alçado Sul.



Fig. 150 Alçado Norte.

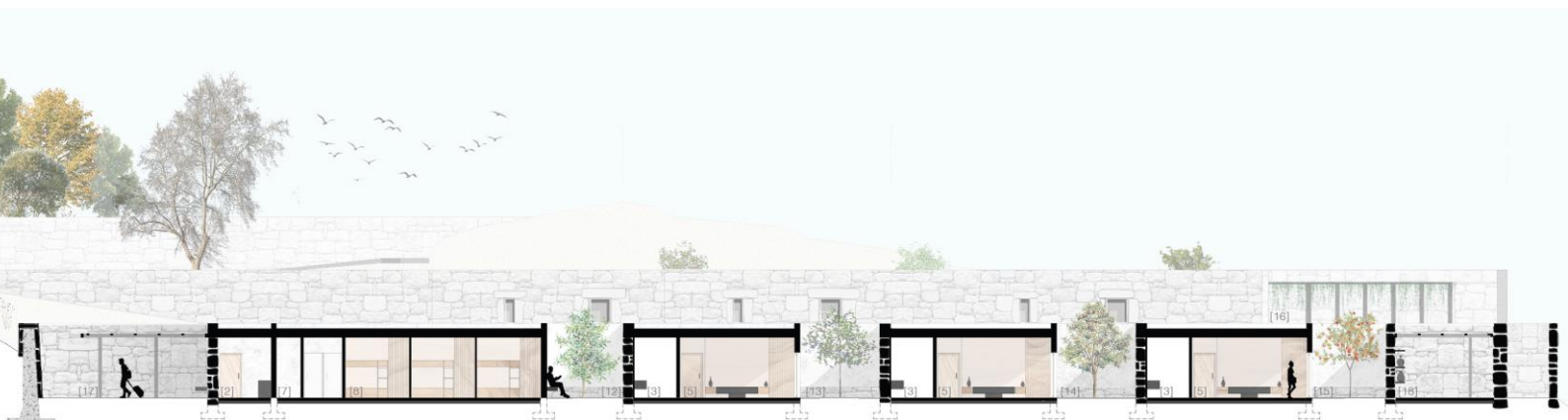


Fig. 151 Corte longitudinal.

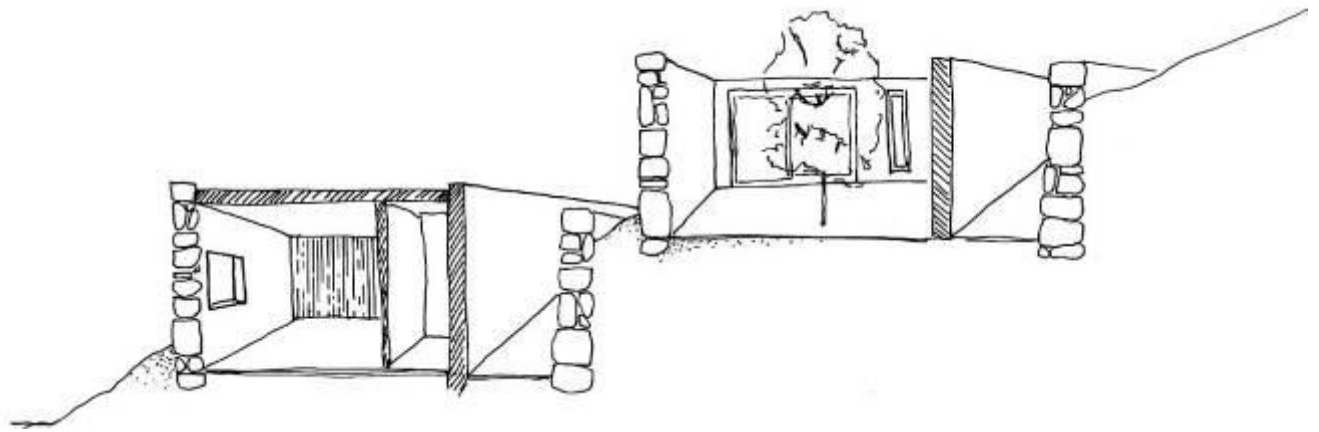


Fig. 152 Esquisso de perfil dos alojamentos, quarto e pátio.

## **PÁTIO**

Em termos espaciais, o pátio pode ser compreendido como mediador entre dois ou mais espaços, ou agregador de espaços quando definido como pátio central. Assim sendo, a intervenção procura promover diferentes espaços como pátios individuais e comuns.

Os pátios comuns definem-se como pátios de entrada, implantam-se nas extremidades dos corpos de alojamento a Oeste e a Este, permitindo a transição do percurso da Quinta da Torre até aos alojamentos.

Estes pátios comuns são os protagonistas do conjunto construtivo e não apenas um espaço de transição, resultaram de uma opção de projeto tendo em consideração a irregularidade do solo e a complexidade da integração dos alojamentos na encosta.

Constatamos que a cultura popular promovia diversos espaços de serviço comunitário, refletindo o fator essencial de se viver em comunidade. Transferindo esta característica para a proposta, os pátios comuns retratam tradições, hábitos e costumes rurais, promovendo experiências pedagógicas.

Quanto aos pátios individuais, cada alojamento dispõe do seu pátio permitindo um maior aproveitamento da luz natural e da ventilação para o interior. Num jogo de continuidades e descontinuidades, entre muros e paredes, abrem-se os pátios para o céu e os quartos para os pátios (Fig. 152).

Dado o contexto rural da Quinta da Torre, decidimos intervir nestes pátios de forma particular através da vegetação. Neste caso, cada pátio terá a sua árvore de fruto, trazendo a cultura da quinta para o momento de intimidade dos hóspedes.

A natureza confere ao espaço uma constante metamorfose devido ao desenvolvimento da vegetação. Em relação ao elemento construído, o alojamento, caracterizado pela sua horizontalidade e materialidade em pedra, a vegetação surge como equilíbrio e prolongamento do contexto natural da envolvente para o espaço dos alojamentos.

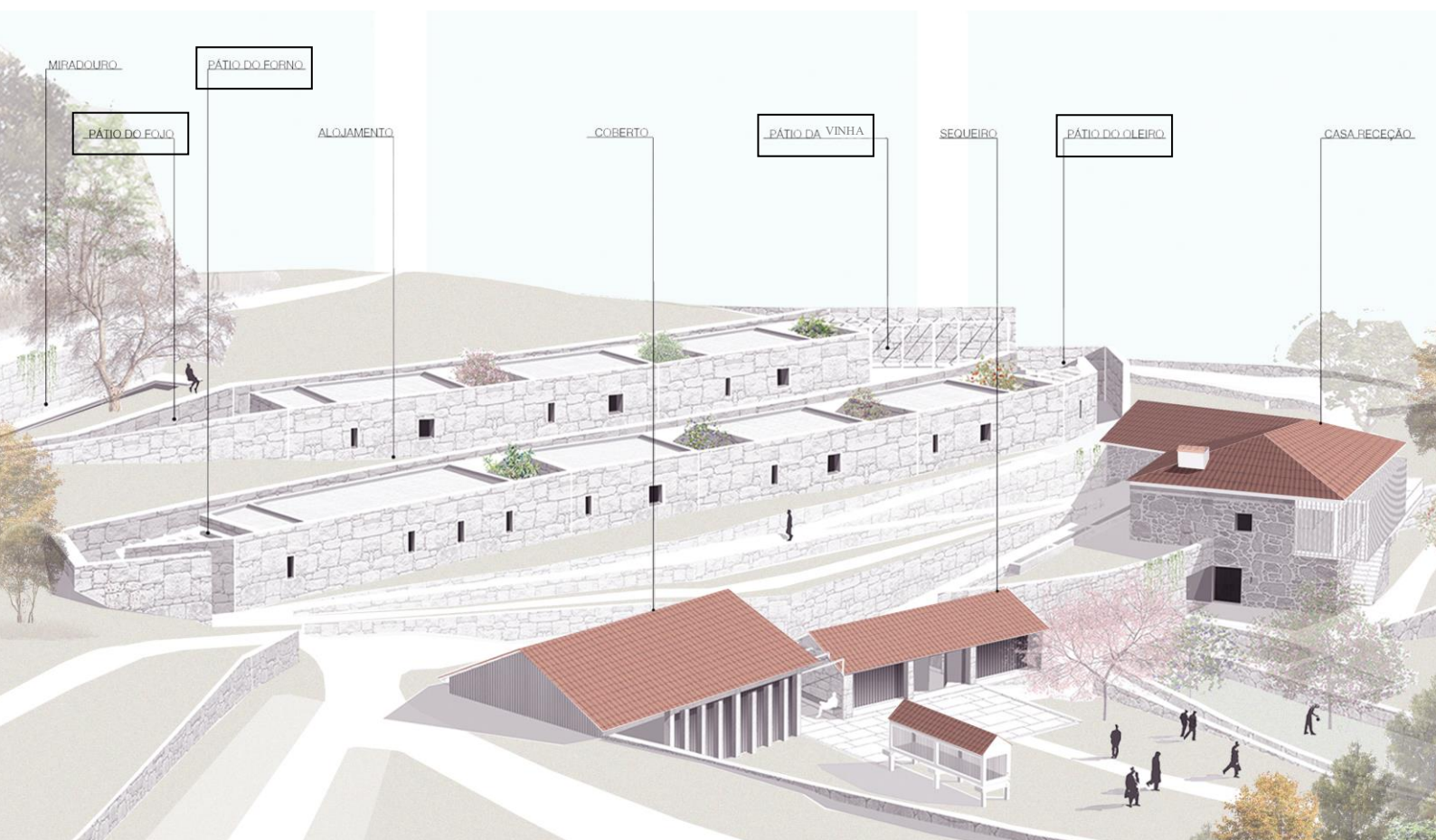


Fig. 153 Perspetiva da intervenção na Quinta da Torre.

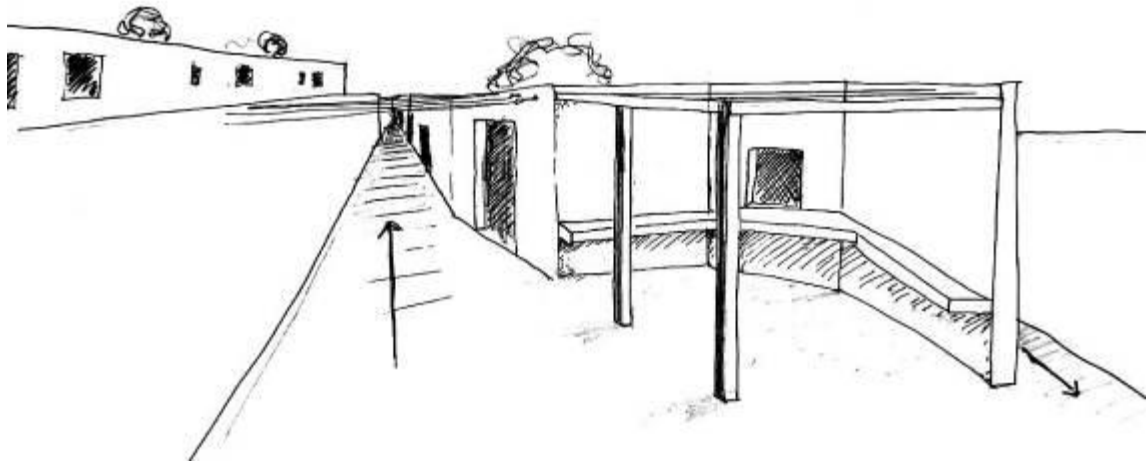


Fig. 154 Esquisso pátio do forno.

## PÁTIO DO FORNO

O pátio do forno localiza-se na extremidade Oeste no primeiro corpo de alojamentos (Fig. 154). Trata-se de um espaço que engloba um forno de pedra e que materializa uma vontade de perpetuar uma memória de infância: o pão da avó cozinhado do forno comunitário.

A Arquitetura Popular ensina-nos o sentimento de comunidade e partilha, em estrita relação com os recursos locais. O forno comunitário é reflexo disso mesmo, um espaço de responsabilidade e benefício de toda a comunidade, tal como o são as fontes, os tanques lavadouros, as alminhas, as capelas, as igrejas, entre outros.

Assim, propomos a criação de um pátio do forno para perpetuar esta ideia de comunidade, promovendo a experiência e a vivência desta tradição na Quinta da Torre.



Fig. 155 Montalegre, foto de Artur Pastor anos 50/60.

Fig. 156 Experiência, iniciativa Ubi, Montanha Mágica em Sobral S. Miguel.

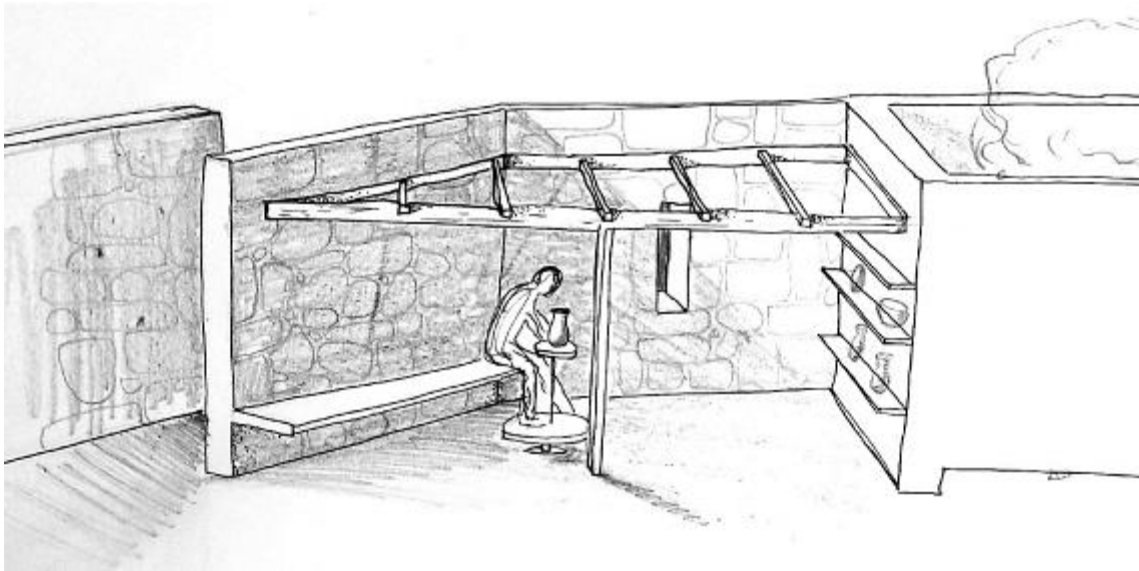


Fig. 157 esquisso pátio do Oleiro.

## PÁTIO DO OLEIRO

O concelho de Barcelos é uma terra rica em água e barro, fortemente reconhecida pela arte em torno do barro (Fig. 158). Como pano de fundo do mundo da olaria, surge o Figurado de Barcelos, tratando-se de peças de estatuário de expressão popular, que representam o modo de pensar, sentir, viver e evoluir de uma comunidade, retratando o quotidiano do seu tempo, sendo a vida rural o tema de maior foco.

Conscientes desta premissa, o pátio do oleiro, que se localiza na extremidade Este do primeiro corpo de alojamentos, é um espaço que procura revitalizar a tradição oleira da cidade, promovendo uma experiência pedagógica. Assim sendo, a roda de oleiro é o ponto central do pátio, acompanhado pela exposição de peças de olaria como arte identitária do concelho de Barcelos (Fig. 157).



Fig. 158 Feira de Barcelos, foto de Artur Pastor anos 50/60.

Fig. 159 Experiência no atelier do artesão João Lourenço em Barcelos.

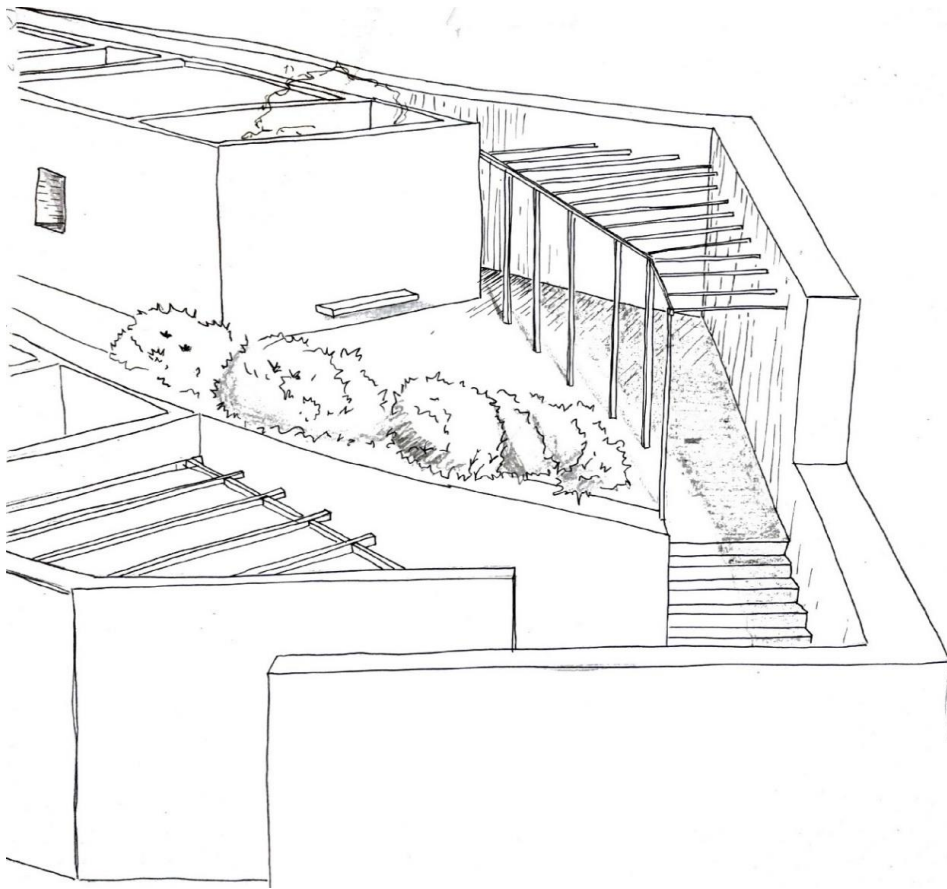


Fig. 160 Esquisso Pátio da vinha.

## PÁTIO DA VINHA

O pátio da vinha ergue-se junto ao segundo corpo de alojamentos, destacando-se em relação aos restantes por não se encerrar entre muros de pedra, esta interrupção procura salienta a cultura da vinha característica na região Minho.

Na região Cávado, as vinhas desenvolvem-se sobre uma estrutura de esteios de granito e ferro assemelhando-se ao sistema de pérgula, permitindo a sua implantação sobre caminhos (Fig. 161) ou parcelas de terreno agrícola (Fig. 163), o sombreamento destes espaços.

Imbuídos nestas características, o pátio da vinha procura orientar o percurso até ao alojamento através da estrutura da vinha, e assim prolongar esta cultura existente na Quinta da Torre.



Fig. 161 Série Minho, foto de Artur Pastor anos 50/60.

Fig. 162 Entrada Quinta da Maderme.

Fig. 163 Cultivo de batata abaixo da vinha, Quinta da Torre.

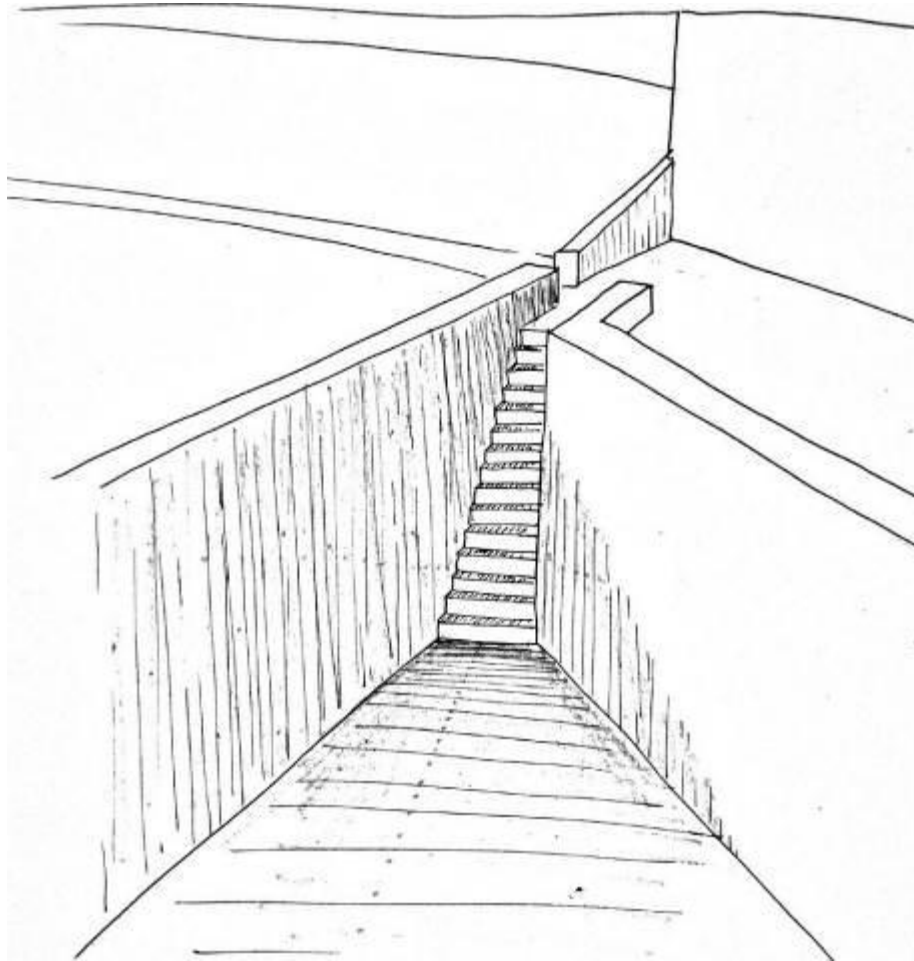


Fig. 164 Esquisso pátio do fojo.

## PÁTIO DO FOJO

No decorrer da investigação sobre Arquitetura Popular, o termo Fojo do Lobo surgiu ocasionalmente. Dada a sua proximidade, visitou-se o fojo do lobo de Fafião dentro do Parque Nacional da Penedo-Gerês.

Os fojos são armadilhas para capturar lobos, que se instalavam nas montanhas como forma de proteção dos animais que por lá pastavam. Trata-se de uma construção em pedra de muros convergentes, encaminhando até a boca do fojo, uma cova de planta circular para onde eram atraídos os lobos e conseqüentemente capturados.

Com a visita ao local e ao percorrer o fojo, questionou-se a disposição dos muros e a sensação de clausura que estes transmitiam - Longos muros de pedra, que subtilmente convergem até à cova (Fig. 166). A forma simples como os muros encaminham para a cova é uma qualidade tida em conta nesta análise, e o pátio do fojo exhibe no seu traço esta intenção de encaminhamento.

Desenvolve-se assim um pátio encerrado por muros de pedra, impossibilitando a visão sobre a sua envolvente. Pretende-se que a sensação de clausura ocorra no momento em que percorremos o pátio até ao acesso por escada. Um acesso estreito e longo encaminha-nos ao ponto mais elevado do terreno, o miradouro, onde somos convocados para a paisagem sobre a Quinta da Torre, os montes e a cidade de Barcelos.



Fig. 165 Série Minho, foto de Artur Pastor anos 50/60.

Fig. 166 Fojo do lobo em Fafião.

SOLUÇÃO CONSTRUTIVA  
E MATERIALIDADE

## **4. SOLUÇÃO CONSTRUTIVA E MATERIALIDADE**

Os sistemas construtivos adotados variam consoante as três áreas do projeto, numa adaptação às exigências impostas pelo programa. Neste sentido, procurou-se atribuir unidade ao conjunto através da materialidade e das opções cromáticas, destacando-se a madeira e a pedra, explorando as características divergentes destes materiais.

### **4.1 ÁREA SOCIAL – CASA PREEXISTENTE**

#### **EXTERIOR**

Após a análise da preexistência, percebemos que a casa sofreu diversas intervenções ao longo do tempo, tal foi perceptível através dos sistemas construtivos encontrados. Acreditamos que as paredes em alvenaria de pedra, responsáveis pelo sistema estrutural da casa, correspondam ao seu desenho original. Assim sendo, decidimos encarar a intervenção respeitando e preservando as alvenarias de pedra.

#### **FACHADAS**

A intervenção nas fachadas exteriores procurou preservar a sua forma, evidenciando certos aspetos que consideramos benéficos para o projeto.

No piso térreo optou-se pela ampliação da área de construção de forma a acolher a sala de provas, tirando partido de um socalco preexistente. Assim sendo, como o espaço se apresenta parcialmente subterrado, optamos pela aplicação de uma parede em betão armado, responsável pela sustentação de terras.

Quanto à fachada Sul, onde se encontra a entrada para a sala de provas, reaproveitou-se as pedras que sustentariam o socalco preexistente para a construção nova, respeitando o sistema de alvenaria de pedra aparelhada.

No piso superior, intervimos na fachada Norte e Sul sobre as alvenarias de tijolo. Na fachada Norte, tornou-se inevitável a sua manipulação devido à ampliação realizada no piso térreo. No entanto, é proposta uma nova alvenaria de tijolo com o sistema de isolamento em lã mineral pelo exterior, com acabamento em reboco e pintado a branco.

Na fachada sul, decidimos intervir arrojadamente. Segundo informações dadas por antigos trabalhadores da Quinta da Torre, acredita-se que nesta fachada, existiria junto à escada em pedra, uma varanda tipo alpendre, utilizada para a secagem de cereais. Após o estudo das tipologias da região, esta característica remeteu-nos à tipologia da casa-sequeiro.

Na tentativa de reavivar esta memória da casa da Quinta da Torre, optamos por implementar uma fachada de vidro, interrompida por pilares estruturais em betão armado, procurando semelhanças com sistema estrutural do típico sequeiro.

Sobre as escadas em pedra é aplicado um ripado suspenso em madeira accoya fixado na parede com ligação metálica em "T" oculta.

## **COBERTURA**

A cobertura preexistente revelava alguns problemas de impermeabilidade, por esse motivo propomos a sua demolição, redesenhando assim uma nova cobertura que respeite a forma da preexistente.

Tomada a decisão da execução de uma nova cobertura, consideramos adequado reformar o beiral da casa, para reforçar a estabilidade do assentamento da cobertura. Este beiral em betão armado, funcionará como viga estrutural.

A armação de madeira de pinho da cobertura de quatro águas, é constituída por vigas de madeira de 300x200 mm de espessura sem tesoura, que apoiam diretamente no beiral em betão armado através de uma ligação metálica. Os caibros de 100x70 mm de espessura apoiam-se na cumeeira o no beiral. Sobre o sistema de caibros assenta o painel Sandwich termochip de 100mm de espessura com ripas de madeira para o encaixe da telha lusa.

Quanto à área de provas de vinhos, surge uma cobertura plana ajardinada. Suportada pela laje de betão com camada de regularização de 2%, com as devidas camadas de impermeabilização e drenagem, tendo o acabamento ajardinado.

## VARANDA

A varanda existente assente sobre o sistema de vigotas revelou ser demasiado estreita, com apenas 800 mm de largura. Na procura melhorar este espaço, define-se a implantação de uma nova varanda de betão em balanço.



- 1- Adega
- 2- Garrafeira
- 3- I.S
- 4- Sala de provas
- 5- Cozinha
- 6- Sala de refeição

Fig. 167 Corte transversal, Casa.

## **INTERIOR**

De forma a introduzir o programa proposto para a casa, foi necessário reorganizar as áreas interiores, tentando subtilmente preservar a linguagem da preexistência, quer em termos da materialidade aplicada como da disposição funcional das diferentes divisões.

### **LAJE**

A laje de piso preexistente não apresentava qualquer tipo de anomalia, por esse motivo manteve-se a laje aligeirada de vigotas pré-fabricadas. Dada a alteração feita sobre a varanda em balanço, decidimos que seria favorável em termos estruturais, alterar a laje de piso, para uma laje maciça em betão. Tal acontece somente na laje sobre a lavandaria.

Quanto à laje aligeirada de teto preexistente, decidimos retirá-la, e assim, evidenciar a nova estrutura em madeira da cobertura. Após o reforço dado através da viga estrutural integrada no beiral, consideramos vantajosa esta decisão possibilitando a ampliação espacial interior.

### **PAVIMENTOS**

Para o pavimento, no piso térreo, optou-se pela conservação do material preexistente em placas de granito na adega, na garrafeira e na lavandaria. Na construção nova da sala de provas, copa e instalações sanitárias, optou-se pela aplicação de microcimento. Assume-se o contraste de pavimentação, com o intuito de evidenciar o novo e o antigo.

Na sala de provas de vinhos, salienta-se a distinção de zonas feita através da pavimentação, na zona de circulação aplicamos o microcimento e na zona de permanência, mais propriamente a área da mesa de provas, é feita a aplicação de soalho em pinho. O propósito desta distinção, é gerar num espaço amplo a divisão de zonas perceptível pela a materialidade aplicada.

No piso superior, a receção, a área de circulação, a sala de refeições e a sala de convívio é aplicado pavimento de pinho natural com réguas de dimensões 1380x190x8mm.

Opta-se pela aplicação deste pavimento de forma a favorecer o ambiente acolhedor, quente e natural que caracteriza a atmosfera destes ambientes, remetendo aos pavimentos de madeira maciça de pinho, usualmente aplicadas nas casas minhotas.

Nas zonas húmidas, como a cozinha e instalação sanitária, o pavimento é revestido em cerâmica natural travertino de dimensão 2000x450mm. A sua tonalidade clara harmoniza os espaços em perfeita concordância com a madeira.

## **PAREDES**

As paredes interiores do piso térreo, na área preexistente como a adega, garrafeira e lavandaria, são em alvenaria de pedra à vista. Quanto à área referente à ampliação, encontram-se dois sistemas, parede de "cortina" em betão, responsável pelo suporte de terras, isolada pelo interior em lã mineral de 40 mm de espessura, com segunda camada interior em tijolo cerâmico de 140x190x290 mm com acabamento em reboco e pintado a branco.

As paredes divisórias da copa e instalação sanitária, são em alvenaria de tijolo com acabamento em reboco e pintada a branco, da mesma forma são as paredes divisórias do piso superior.

## **TETOS**

Nos tetos optou-se pelo sistema de revestimento horizontal da laje pela face inferior, formado por uma estrutura metálica onde as placas de gesso são aparafusadas. As duas opções de placas de gesso, adequam-se ao espaço em questão, sendo que nas zonas secas instalam-se as placas de gesso laminado e nas zonas húmidas placas de gesso hidrófugo, conferindo resistência à humidade.

No piso superior, na sala de convívio assume-se a cobertura com a estrutura em madeira a vista, conferindo ao espaço mais amplitude.

## **VÃOS**

A porta principal de entrada, junto à receção, é em vidro de caixilharia mista de madeira com o núcleo interior em perfil de alumínio, sobre o sistema de porta de correr, permitindo a iluminação natural deste espaço. O mesmo sistema de caixilharia é aplicado nos restantes vãos da casa.

Quanto às janelas da fachada Sul, introduzidas numa moldura em madeira, são também de caixilharia mista, no entanto optou-se pela condição fixa, sem possibilidade de eventuais aberturas.

## **4.2 ÁREA DE TRABALHO – SEQUEIRO, EIRA E COBERTO**

### **EXTERIOR**

Na área de trabalho, a maior transformação deu-se no coberto, propondo a sua demolição por questões de estabilidade. Consequentemente desenvolve-se a construção de um novo coberto mantendo a forma da preexistência, na tentativa de preservar a memória do local.

Quanto ao sequeiro e a eira, são preservados na sua totalidade, propondo a aplicação de portadas em ripado nos vãos do sequeiro para benefício do espaço interior valorizando o seu carácter, tendo em conta o aspeto do sequeiro típico da arquitetura na região.

### **FACHADAS**

As fachadas do coberto, tiram partido das potencialidades do lugar. Tal como podemos verificar através da análise realizada ao longo da investigação, estas estruturas voltam-se para a eira, por questões de funcionalidade em apoio ao trabalho realizado.

Uma das características destas estruturas é a sua orientação a Sul, tirando proveito da exposição solar. Neste sentido, a fachada Sul do coberto, segue o método construtivo do sequeiro, assumindo a abertura total da fachada.

Nesta fachada destacam-se o conjunto de pilares em madeira CLT (Cross Laminated Timber) de 200x400 mm de espessura, apoiadas nas sapatas de betão armado com ligação metálica oculta em "T".

Na fachada Este, assumindo-se também a sua total abertura, destacam-se os elementos em ripado, no segundo piso, fixados à viga da cobertura de duas águas e à laje de segundo piso.

A Norte, a fachada encontra-se parcialmente subterrada, sendo esta em alvenaria de pedra apresentando-se totalmente encerrada. Já a Oeste, tira-se proveito do socalco preexistente implementando o coberto. No entanto, de forma a garantir a estabilidade do edifício, a parede de suporte de terras é em betão com revestimento de pedra, de forma a garantir a continuidade do material da fachada Norte.

Quanto ao sequeiro, como referimos anteriormente, as suas fachadas são integralmente preservadas.

## **COBERTURA**

Tanto a cobertura do sequeiro como a do coberto são de duas águas com estrutura em madeira, sendo a cobertura preexistente do sequeiro preservada.

A armação da cobertura do coberto, organiza-se sobre vigas de madeira CLT (Cross Laminated Timber) de 200x300 mm de espessura sem tesoura, apoiados diretamente nos pilares estruturais e sobre a viga em madeira encastrada na alvenaria de pedra. Estas vigas dispuseram-se transversalmente com um afastamento de 800mm entre si. Sobre as vigas é colocado o sistema de ripas para fixação da telha lusa.

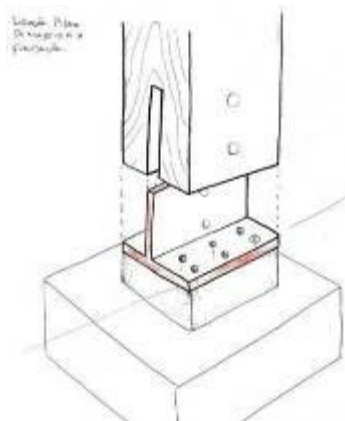
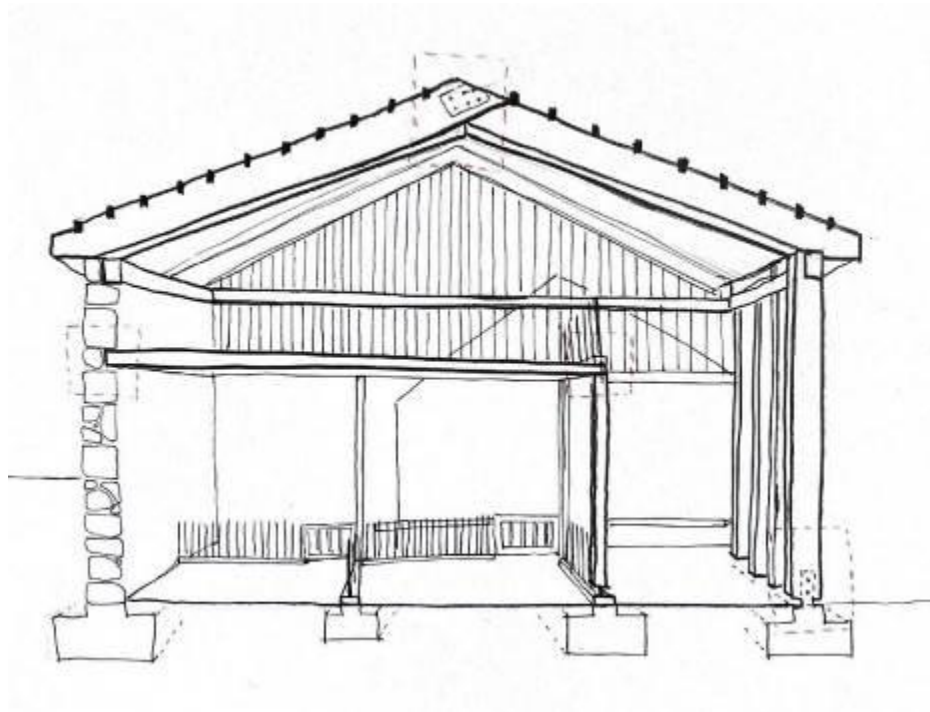


Fig. 168 Esquemas explicativos do sistema construtivo do coberto.

## INTERIOR

A construção do novo coberto, pretende criar um espaço depurado, caracterizado pela simplicidade construtiva e funcionalidade.

### LAJE

Dada a necessidade de um espaço de apoio para armazenar os produtos da terra, propomos um segundo piso sobre o abrigo animal. Pretendia-se que esta intervenção tivesse o menor impacto possível, posto isto, adotamos também na laje o painel CLT (Cross Laminated Timber) de 120 mm de espessura, dissimulado por ripas de madeiras que permitem a circulação do ar e em simultâneo vedam o espaço.

A laje em CLT (Cross Laminated Timber), apoia sobre a parede de alvenaria de pedra com reforço de fixação através de um "L" metálico, na extremidade oposta, assenta sobre pilares em CLT de 100x100 mm de espessura.

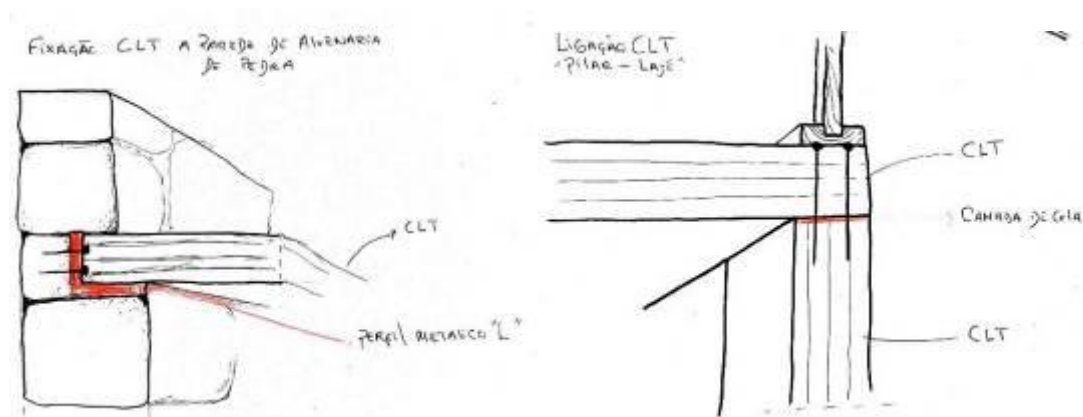


Fig. 169 Esquemas explicativos ligações laje CLT.

### PAVIMENTOS

Toda a área de trabalho exige uma pavimentação resistente e eficiente. A eira é reflexo disso mesmo, composta por robustas placas de granito.

Com a construção do novo coberto, percebemos que seria essencial a criação de um espaço capaz de proporcionar a comunicação entre o preexistente e o novo. Esse

espaço posiciona-se entre o sequeiro e o coberto, e a sua pavimentação foi o elemento integrador. A sua disposição alinhada com a eira sugeria um prolongamento da própria eira, nesse sentido, opta-se pela aplicação de placas de granito no pavimento.

As restantes áreas no piso térreo, são revestidas com microcimento, quer no coberto como no sequeiro. Consideramos que a uniformidade do microcimento correspondia quer ao sequeiro, caracterizado pela multiplicidade de utilizações, como o coberto que exigia um pavimento prático de fácil manutenção.

Em relação ao segundo piso, adota-se o CLT à vista.

## **PAREDES**

No interior só existem paredes divisórias no coberto. Com a escada de acesso vertical para o segundo piso, é aplicado dois painéis CLT (Cross Laminated Timber) que suportam a própria escada e funcionam como divisão da área de abrigo animal e a área de arrumos de alfaias.

A fixação destes painéis ao solo é feita através de "L" metálicos responsáveis pela ligação do painel à sapata em betão.

## **4.3 ÁREA DE ALOJAMENTO**

### **EXTERIOR**

A área de alojamento é a intervenção de maior impacto na Quinta da Torre, tendo em conta que as restantes áreas assentam sobre preexistências. Assim sendo, determinou-se dissimular o alojamento na paisagem através de patamares alusivos aos socalcos agrícolas.

Sendo a implantação determinante para alcançar esta ideia, considerou-se também que a materialidade seria um elemento fundamental da sua conformação.

### **MUROS DE CONTENÇÃO**

A implantação dos dois novos edifícios de alojamento, exigiu a manipulação do terreno. Sendo a zona de maior declive, é imprescindível a execução de muros de contenção de terras. Estes muros, de 3,50 m de altura, são em betão armado e revestidos por pedra.

### **FACHADAS**

A integração dos alojamentos no terreno, alusivos ao socalco, fundamentou a decisão de aplicar dois sistemas construtivos, o tradicional, como a alvenaria de pedra, e o contemporâneo, como o sistema CLT (Cross Laminated Timber).

A fachada Sul, em alvenaria de pedra emparelhada de 500 mm de espessura, funcionará como parede estrutural. Quanto à fachada Norte, onde se localizam as entradas para o alojamento, marcadas pelo recuado no momento de entrada, seguem o sistema CLT (Cross Laminated Timber), com o sistema de isolamento em lã mineral pelo exterior DE 100 mm de espessura, com acabamento em argamassa reforçada com fibra de vidro pintado a branco.

As restantes fachadas dos quartos, direcionadas para os pátios, são também em CLT (Cross Laminated Timber), caracterizam-se pelos vãos de maior dimensão responsáveis pela comunicação entre interior e exterior.

## VÃOS

A porta principal dos alojamentos, é em madeira maciça com ferragens em inox, bastante resistente promovendo um bom isolamento térmico e acústico.

O vão de ligação entre o pátio individual e o quarto, voltado a Este, é de duas folhas dub o sistema de portas de correr.

Quanto aos vãos das janelas, apresentam-se sobre uma moldura em madeira, optou-se pela aplicação de caixilharia mista de madeira com núcleo interior em perfil de alumínio, sendo janelas de vidro duplo termo-acústico.

## COBERTURA

A cobertura plana é desenvolvida com recurso aos painéis maciços CLT com 180 mm de espessura, sendo suportada pela parede de alvenaria de pedra e pelos painéis CLT. A pendente de 2% é dada pelo isolamento em lã mineral que devidamente impermeabilizada é coberta por argila expandida.

## PAVIMENTO

No percurso pedonal exterior e nos pátios, optou-se pela aplicação do pavimento em betão Unidécór® de areia, uma superfície lisa e uniforme de aspeto natural, conferindo unidade através da sua cor areada, entre a variação de materialidades como a pedra e a madeira.



Fig. 170 Corte pátio do limoeiro, alojamento.

## **INTERIOR**

### **PAVIMENTOS**

Nos quartos é aplicado o pavimento de pinho natural com régulas de dimensões 1389x190x80 mm. Opta-se pela aplicação deste pavimento de forma a favorecer o ambiente acolhedor, quente e natural.

Nas zonas húmidas, como áreas técnicas, kitchenette e a instalação sanitária, é aplicado o microcimento.

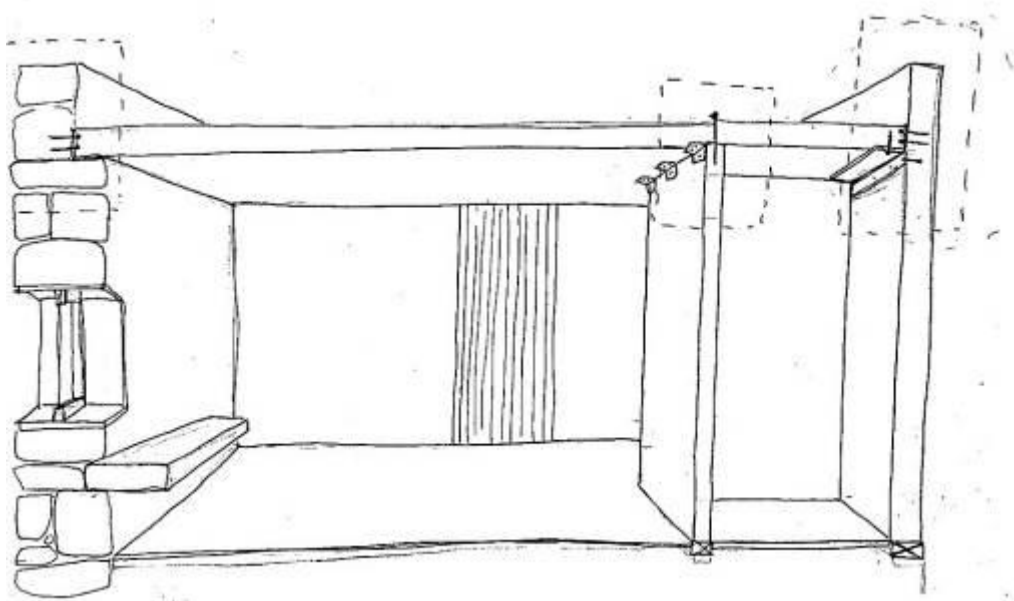
### **PAREDES**

Como já verificamos os painéis CLT (Cross Laminated Timber) consistem num sistema estrutural simples e leve, apresentando como vantagem a sua rápida aplicação, a sua estabilidade, resistência e ainda a reversibilidade da intervenção. Desta forma, determinou-se a sua aplicação nas paredes divisórias interiores, ficando o CLT à vista. No entanto, na instalação sanitária, consideramos mais adequado revestir o CLT com placas de gesso laminada hidrofugada e acabamento pronto a pintar em branco.

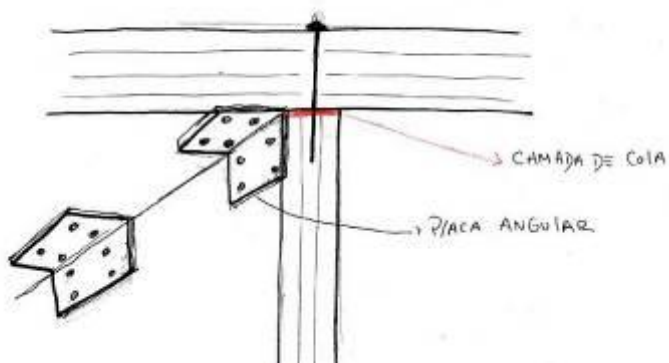
Sendo a fachada Sul em alvenaria de pedra, decidimos deixar a pedra à vista no interior em gesto de concordância com as áreas de intervenção preexistentes, a casa, o coberto e o sequeiro.

### **TETOS**

Nos tetos optou-se pelo teto falso em todas as áreas interiores, sendo que nas zonas secas instalam-se a placas de gesso laminado e nas zonas húmidas placas de gesso hidrófugo, conferindo resistência à humidade. Pretende-se criar o contraste cromático entre a madeira do CLT, a pedra granítica e o branco.



Fixação CLT Parede interior - Laje



Fixação CLT Parede - Laje

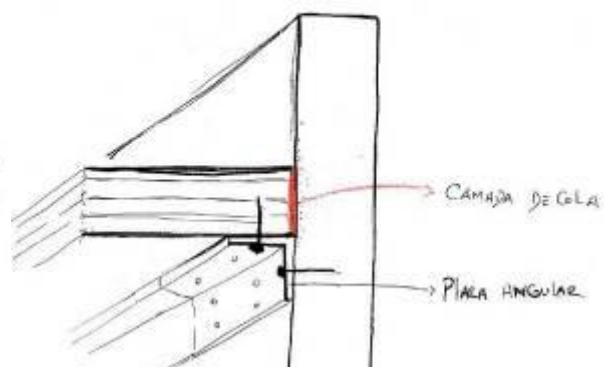


Fig. 171 Esquisso esquemático de processos construtivos.



## **PORTUGAL**

"Avivo o teu rosto o rosto que me deste,

E torno mais real o rosto que te dou.

Mostro aos olhos que não te desfigura

Quem te desfigurou.

Criatura da tua criatura,

Serás sempre o que sou.

(...)"

Miguel Torga em

Diário I

(TORGA, 1999: 148)

CONSIDERAÇÕES  
FINAIS

Durante estes anos, especialmente durante o desenvolvimento desta dissertação, a ânsia de saber sempre mais, parecendo nunca ser o suficiente, sustentou o desenvolvimento desta proposta como resultado da aprendizagem e reflexão. A partir deste ato, é agora evidente que arquitetura não procura verdades absolutas, existindo um vasto leque de opções e soluções, que dependem essencialmente de quem as lê.

A cumplicidade com o lugar, a Quinta da Torre, carregava consigo uma importante bagagem de histórias, memórias, hábitos e costumes, que se assumiram imprescindíveis para a nova interpretação do lugar, onde a arquitetura tomou a paisagem como protagonista.

A essência do projeto reside na relação com o lugar, nas experiências de quem o habita e nas memórias outrora ali vividas. A intervenção desenvolvida procura conservar as suas memórias e alcançar um equilíbrio entre o antigo e o novo, promovendo a continuidade da cultura rural adaptada às novas necessidades.

O tema Arquitetura Popular Portuguesa desde cedo me despertou interesse. A sede de compreender a sabedoria popular levou a múltiplas direções que direta ou indiretamente influenciaram para o desenvolvimento da proposta.

Analisando o resultado final do conteúdo teórico apresentado, desde a investigação, análise e a adaptação prática dos conceitos na proposta da Quinta da Torre, considera-se que os objetivos inicialmente estabelecidos foram cumpridos.

O grande objetivo seria valorizar e dinamizar a cultura da quinta, que com o tempo se tem desvanecido. Procurou-se criar um programa que fosse atrativo e estimulante para a região. Garantido a preservação da essência do lugar, propondo a exploração de vários momentos ao longo do projeto. Comprovando também, a possibilidade de revitalizar estas zonas rurais, adaptando-as aos hábitos e costumes contemporâneos.

Neste sentido, o projeto de arquitetura apresentado, numa fusão entre a práticas de reabilitação e construção de raiz, resulta numa intervenção onde a o conjunto construtivo comunica e integra em perfeita harmonia com o lugar.

É agora o encerramento de um capítulo, mas também a abertura de um novo.

## LISTA E CRÉDITO DE FIGURAS

## LISTA E CRÉDITOS DE FIGURAS

**Fig.1** – O início, Monte Nossa Senhora do Minho. (da autora)

**Fig.2** – Localização do concelho de Barcelos no país e localização da freguesia de Abade de Neiva em Barcelos. (da autora)

**Fig.3** – Diagrama localização e envolvente Quinta da Torre. (da autora)

**Fig.4** – Perspetiva fotográfica, vista sobre a cidade de Barcelos desde a Quinta da Torre. (da autora)

**Fig.5** – O caminho, Sistelo (da autora)

**Fig.6** – Casa num subúrbio no Porto.

Fonte: Livro " Casas Portuguesas" de Raul Lino (LINO, 1992)

**Fig.7** – Casa de férias.

Fonte: Livro " Casas Portuguesas" de Raul Lino (LINO, 1992)

**Fig.8** – Capa Volume I e II de Arquitectura Popular em Portugal. (da autora)

**Fig.9** – Mapa de relevo de Portugal.

**Fig.10** – Povoamento concentrado.

Fonte: Livro Arquitectura Popular em Portugal (AA.VV. 2004: 25)

**Fig.11** – Povoamento de montanha.

Fonte: Livro Arquitectura Popular em Portugal (AA.VV. 2004: 29)

**Fig.12** – Povoamento disseminado.

Fonte: Livro Arquitectura Popular em Portugal (AA.VV. 2004: 37)

**Fig.13** – Casa da lavoura - Celorico de Basto, Carvalho Pousada: Duas Casa de caseiros do mesmo proprietário, com a eira comum.

Fonte: [internet] disponível em: [Books.openedition.org/etnograficapress/6558](http://Books.openedition.org/etnograficapress/6558)

**Fig.14** – Esquisso casa da lavoura, sequeiro e eira. (da autora)

**Fig.15** – Esquisso casa da lavoura, escada perpendicular à fachada. (da autora)

**Fig.16** – Mapa tipológico região Minho, Douro litoral e Beira litoral.

Fonte: Livro Arquitectura Popular em Portugal (AA.VV. 2004: 110)

**Fig.17** – Legenda do mapa tipológico região Minho, Douro litoral e Beira litoral.

Fonte: Livro Arquitectura Popular em Portugal (AA.VV. 2004: 111)

**Fig.18** – Mapa tipológico, casos de análise. (da autora)

**Fig.19** – Desfolhar o milho.

Fonte: fotografia de Artur Pastor. [internet] disponível em: arturpastor.tumblr.com

**Fig.20** – Malhar o milho.

Fonte: fotografia de Artur Pastor. [internet] disponível em: arturpastor.tumblr.com

**Fig.21** – Estender o milho.

Fonte: fotografia de Artur Pastor. [internet] disponível em: arturpastor.tumblr.com

**Fig.22** – Caso de estudo na aldeia de Sistelo. A. Esquema explicativo da topografia.

Fonte: [internet] disponível em: [www.allaboutportugal.pt/es/arcos-de-valdevez/pueblos/sistelo](http://www.allaboutportugal.pt/es/arcos-de-valdevez/pueblos/sistelo)

**Fig.23** – Caso de estudo Quinta Terra Rosa em Vila verde. B. Esquema explicativo da topografia

Fonte: [internet] disponível em: [terrarosa.pt/](http://terrarosa.pt/)

**Fig.24** – Caso de estudo na Quinta de Montinho em Vila Verde C. Esquema explicativo da topografia

Fonte: [internet] disponível em: [quintadomontinho.pt](http://quintadomontinho.pt)

**Fig.25** – Esquema explicativo do espigueiro e sequeiro minhoto. (da autora)

**Fig.26** – Espigueiro e eira em Sistelo. (da autora)

**Fig.27** – Espigueiro e tanque de rega. Casa Terra Rosa em Vila Verde. (da autora)

**Fig.28** – Estrutura de Espigueiro, Casa Terra Rosa em Vila Verde. (da autora)

**Fig.29** – Espigueiro, Sequeiro e Eira, Quinta do Montinho, Vila Verde. (da autora)

**Fig.30** – Vista de conjunto, fachada sul. (da autora)

**Fig.31** – Fachada Oeste, entrada principal e entrada para o pátio. (da autora)

**Fig.32** – Tanque de rega. (da autora)

**Fig.33** – Capela Nossa Senhora da Lapa. (da autora)

**Fig.34** – Entrada principal para a zona habitacional. (da autora)

**Fig.35** – Análise sobre a relação topográfica na Casa de Calvelhe. (da autora)

**Fig.36** – Planta piso R/C, Casa de Calvelhe

Fonte: Livro Arquitectura Popular em Portugal (AA.VV. 2004: 42 – 43)

**Fig.37** – Escada de acesso à habitação. (da autora)

- Fig.38** – Ala Norte e Oeste. (da autora)
- Fig.39** – Sequeiro, eira e coberto. (da autora)
- Fig.40** – Eido. (da autora)
- Fig.41** – Eira. (da autora)
- Fig.42** – Eira coberta e espigueiro. (da autora)
- Fig.43** – Andar sobrado. (da autora)
- Fig.44** – Quarto. (da autora)
- Fig.45** – Análise sistemas construtivos, Casa de Calvelhe. (da autora)
- Fig.46** – Fachada Norte. (da autora)
- Fig.47** – Acesso por escada exterior. (da autora)
- Fig.48** – Sequeiro. (da autora)
- Fig.49** – Fachada sul. (da autora)
- Fig.50** – Análise da relação entre rua e a construção. (da autora)
- Fig.51** – Análise sobre a relação topográfica da Casa da Cachada. (da autora)
- Fig.52** – Planta piso R/C, Casa da Cachada. (da autora)
- Fig.53** – Planta piso 1, Casa da Cachada. (da autora)
- Fig.54** – Análise sistemas construtivos, Casa da Cachada. (da autora)
- Fig.55** – Fernando Távora.

Fonte: [internet] disponível em: <https://www.antenaminho.pt/noticias/casa-em-guimaraes-com-marca-e-memorias-de-fernando-tavora-vai-ser-classificada/3393>

- Fig.56** – Fachada Este, entrada principal, fotografia de Rui Moraes de Sousa

Fonte: [internet] disponível em: <https://ofhouses.com/post/173757312232/549-fernando-t%C3%A1vora-dr-fernando-ribeiro-da>

- Fig. 57** – Fachada Este, Pátio, fotografia de Rui Moraes de Sousa

Fonte: [internet] disponível em: <https://ofhouses.com/post/173757312232/549-fernando-t%C3%A1vora-dr-fernando-ribeiro-da>

- Fig. 58** – Fachada Oeste, entrada de garagem, fotografia de Rui Moraes de Sousa

Fonte: [internet] disponível em: <https://ofhouses.com/post/173757312232/549-fernando-t%C3%A1vora-dr-fernando-ribeiro-da>

- Fig. 59** – Fachada Sul, fotografia de Rui Moraes de Sousa

Fonte: [internet] disponível em: <https://ofhouses.com/post/173757312232/549-fernando-t%C3%A1vora-dr-fernando-ribeiro-da>

**Fig. 60** – Planta R/C Casa de Ofir

Fonte: [internet] disponível em: <https://docomomoiberico.com/pt-pt/edificios/casa-dr-fernando-ribeiro-da-silva-casa-de-ofir/>

**Fig. 61** – Esquema analítico da planta da Casa de Ofir. (da autora)

**Fig. 62** – Secção Transversal

Fonte: [internet] disponível em: <https://revisitavora.wordpress.com/casa-de-ferias-de-ofir/>

**Fig. 63** - Análise Casa de Ofir. (da autora)

**Fig. 64** - Balcão de apoio, Casa de Ofir.

Fonte: [internet] disponível em:  
<https://www.pinterest.pt/pin/77687162301236131/>

**Fig. 65** – Vão do quarto da Casa de Calvelhe. (da autora)

**Fig. 66** – Análise morfológica, Casa de Ofir. (da autora)

**Fig. 67** – Pátio central casa de Ofir. (da autora)

**Fig. 68** – Eduardo Souto de Moura.

Fonte: [internet] disponível em:  
<https://espacodearquitetura.com/artigos/entrevista-a-eduardo-souto-de-moura/>

**Fig. 69** – Fachada Oeste

Fonte: [internet] disponível em: <https://arquitecturaviva.com/works/casa-en-moledo-0>

**Fig. 70** - Escada integrada no muro de socalco.

Fonte: [internet] disponível em: <https://arquitecturaviva.com/works/casa-en-moledo-0>

**Fig.71** – Vista sobre o mar de Moledo.

Fonte: [internet] disponível em: <https://arquitecturaviva.com/works/casa-en-moledo-0>

**Fig. 72** – Entrada principal, pavimento exterior placas de granito.

Fonte: [internet] disponível em: <https://arquitecturaviva.com/works/casa-en-moledo-0>

**Fig. 73** – Análise relação topográfica Casa de Moledo. (da autora)

**Fig. 74** – Planta Casa de Moledo.

Fonte: [internet] disponível em: <https://arquitecturaviva.com/works/casa-en-moledo-0>

**Fig. 75** – Análise relação da construção com o terreno - Secção A.

Fonte: [internet] disponível em: <https://arquitecturaviva.com/works/casa-en-moledo-0>

**Fig. 76** - Análise relação da construção com o terreno - Secção B.

Fonte: [internet] disponível em: <https://arquitecturaviva.com/works/casa-en-moledo-0>

**Fig. 77** – Graça Correia e Roberto Ragazzi.

Fonte: [internet] disponível em:

<https://espacodearquitetura.com/noticias/correia-ragazzi-arquitectos-vencem-premio-best-architects-16/>

**Fig. 78** – Agroturismo em Melgaço.

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.archdaily.com.br/br/797557/agroturismo-em-melgaco-correia-ragazzi-arquitectos>

**Fig. 79** – Fachada Norte.

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.archdaily.com.br/br/797557/agroturismo-em-melgaco-correia-ragazzi-arquitectos>

**Fig. 80** – Fachada Oeste.

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.archdaily.com.br/br/797557/agroturismo-em-melgaco-correia-ragazzi-arquitectos>

**Fig. 81** – Análise sobre a relação topográfica do agroturismo em Melgaço. (da autora)

**Fig. 82** - Análise sobre a relação topográfica do agroturismo em Melgaço. (da autora)

**Fig. 83** – Análise ritmo de vãos, Fachada Oeste. (da autora)

**Fig. 84** – Análise de percursos e acessos. (da autora)

**Fig. 85** – Axonometria do conjunto construtivo do agroturismo em Melgaço.

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.archdaily.com.br/br/797557/agroturismo-em-melgaco-correia-ragazzi-arquitectos>

**Fig. 86** – Relação interior e exterior zona de refeição.

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.archdaily.com.br/br/797557/agroturismo-em-melgaco-correia-ragazzi-arquitectos>

**Fig. 87** – Relação interior e exterior a partir do quarto.

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.archdaily.com.br/br/797557/agroturismo-em-melgaco-correia-ragazzi-arquitectos>

**Fig. 88** – Relação interior e exterior a partir da sala de jantar.

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.archdaily.com.br/br/797557/agroturismo-em-melgaco-correia-ragazzi-arquitectos>

**Fig. 89** – Relação interior e exterior a partir da sala de estar.

Fonte: [internet] disponível em:

<https://www.archdaily.com.br/br/797557/agroturismo-em-melgaco-correia-ragazzi-arquitectos>

**Fig. 90** – Avó Amélia na vinha, anos 70. (da autora)

**Fig. 91** – Colheita da batata, anos 50/60, por Artur Pastor.

Fonte: fotografia de Artur Pastor. [internet] disponível em: [arturpastor.tumblr.com](http://arturpastor.tumblr.com)

**Fig. 92** – Colheita e seleção da batata, anos 50/60, por Artur Pastor.

Fonte: fotografia de Artur Pastor. [internet] disponível em: [arturpastor.tumblr.com](http://arturpastor.tumblr.com)

**Fig. 93** - Regadio do milho, anos 50/60, por Artur Pastor

Fonte: fotografia de Artur Pastor. [internet] disponível em: [arturpastor.tumblr.com](http://arturpastor.tumblr.com)

**Fig. 94** - Preparação da terra com auxílio do gado, ano 50/60, por Artur Pastor.

Fonte: fotografia de Artur Pastor. [internet] disponível em: [arturpastor.tumblr.com](http://arturpastor.tumblr.com)

- Fig. 95** – Meda de palha, uma técnica de secagem e armazenamento, na Quinta da Torre. (da autora)
- Fig. 96** – Exploração de mel, na Quinta da Torre. (da autora)
- Fig. 97** – Secagem do feijão na eira da Quinta da Torre. (da autora)
- Fig. 98** – Cultivo de batata na Quinta da Torre. (da autora)
- Fig. 99** – Cultivo de milho na Quinta da Torre. (da autora)
- Fig. 100** – Réstia de cebola, técnica de armazenamento, na Quinta da Torre. (da autora)
- Fig. 101** – Análise da envolvente. (da autora)
- Fig. 102** – Análise do terreno Quinta da Torre. (da autora)
- Fig. 103** – Análise sobre a relação topográfica da Casa da Quinta da Torre. (da autora)
- Fig. 104** - Análise de relação da construção com o terreno e os socalcos agrícolas. (da autora.
- Fig. 105** – Fachada Este, entrada principal. (da autora)
- Fig. 106** – Fachada Norte. (da autora)
- Fig. 107** – Fachada Oeste, entrada adega. (da autora)
- Fig. 108** – Fachada Sul. (da autora)
- Fig. 109** – Planta piso 1. (da autora)
- Fig. 110** - Planta piso térreo. (da autora)
- Fig. 111** – Secção e análise de sistemas construtivos. (da autora)
- Fig. 112** – Vista de conjunto, sequeiro, eira, coberto e espigueiro. (da autora)
- Fig. 113** – Alçado Norte. (da autora)
- Fig. 114** – Alçado Sul. (da autora)
- Fig. 115** – Alçado Este. (da autora)
- Fig. 116** – Espigueiro construído pelo atual proprietário. (da autora)
- Fig. 117** – Planta sequeiro, eira e coberto. (da autora)
- Fig. 118** – Secção e análise de sistemas construtivos. (da autora)
- Fig. 119** – Diagrama conceptual: Preparação da terra, Semear e Colher. (da autora)
- Fig. 120** - 1ª etapa – PREPARAÇÃO DA TERRA. (da autora)
- Fig. 121** – Diagrama programático da intervenção. (da autora)
- Fig. 122** – 2ª etapa –SEMEAR. (da autora)

- Fig. 123** – Análise sobre a relação topográfica e a implementação de novos volumes. (da autora)
- Fig. 124** – Estudo de implantação através de maquete. (da autora)
- Fig. 125** – 3ª etapa – COLHER (da autora)
- Fig. 126** – Proposta Quinta da Torre.(da autora)
- Fig. 127** – Análise de percursos preexistentes em comparação com a proposta de intervenção. (da autora)
- Fig. 128** – Piso térreo – Vermelhos e amarelos \_ 1.200 (da autora)
- Fig. 129** – Piso térreo – Planta \_ 1.200 (da autora)
- Fig. 130** – Piso 1 - vermelhos e amarelos \_ 1.200 (da autora)
- Fig. 131** – Piso 1 – Planta \_ 1.200
- Fig. 132** – Perspetiva da escada exterior. (da autora)
- Fig. 133** - Desagregação de camadas do Espigueiro. (da autora)
- Fig. 134** – Alçado Este, Casa Quinta da Torre (da autora)
- Fig. 135** – Corte transversal, Casa Quinta da Torre. (da autora)
- Fig. 136** –Alçado Sul, Casa Quinta da Torre. (da autora)
- Fig. 137** – Corte longitudinal, Casa Quinta da Torre. (da autora)
- Fig. 138** – Planta área de trabalho – Vermelhos e amarelos\_ 1.200 (da autora)
- Fig. 139** – Planta área de trabalho – Proposta \_ 1.200(da autora)
- Fig. 140** - Esquismo de organização espacial coberto (da autora)
- Fig. 141** – Perspetiva espaço de comunicação entre volumes. (da autora)
- Fig. 142** – Alçado Sul, área de trabalho Quinta da Torre. (da autora)
- Fig. 143** – Corte longitudinal, área de trabalho Quinta da Torre. (da autora)
- Fig.144** - Esquema explicativo do percurso (da autora)
- Fig. 145** – Esquema explicativo do acesso do alojamento. (da autora)
- Fig. 146** – Perspetivas das entradas para o corpo de alojamento – 1. Pátio do forno 2. Pátio do oleiro. (da autora)
- Fig. 147** – Planta alojamento (da autora)
- Fig. 148** – Planta alojamento suite. (da autora)
- Fig. 149** – Alçado Sul. (da autora)
- Fig. 150** – Alçado Norte. (da autora)

**Fig. 151** – Corte longitudinal. (da autora)

**Fig. 152** – Esquisto de perfil dos alojamento, quarto e pátio. (da autora)

**Fig. 153** – Perspetiva da intervenção na Quinta da Torre (da autora)

**Fig. 154** – Esquisto pátio do forno. (da autora) (da autora)

**Fig. 155** – Montalegre, foto de Artur Pastor anos 50/60.

Fonte: fotografia de Artur Pastor. [internet] disponível em:  
[arturpastor.tumblr.com](http://arturpastor.tumblr.com)

**Fig. 156** – Experiência, iniciativa Ubi, Montanha Mágica em Sobral S. Miguel. (da autora)

**Fig. 157** – Esquisto pátio do oleiro. (da autora)

**Fig. 158** – Feira de Barcelos, foto de Artur Pastor anos 50/60.

Fonte: fotografia de Artur Pastor. [internet] disponível em:  
[arturpastor.tumblr.com](http://arturpastor.tumblr.com)

**Fig. 159** – Experiência no atelier do artesão João Lourenço em Barcelos. (da autora)

**Fig. 160** – Esquisto Pátio da vinha. (da autora)

**Fig. 161** – Série Minho, foto de Artur Pastor, anos 50/60.

Fonte: fotografia de Artur Pastor. [internet] disponível em:  
[arturpastor.tumblr.com](http://arturpastor.tumblr.com)

**Fig. 162** – Entrada Quinta da Maderme (da autora)

**Fig. 163** – Cultivo de batata abaixo da vinha, Quinta da Torre. (da autora)

**Fig. 164** - Esquisto Pátio do Fojo. (da autora)

**Fig. 165** - Série Minho, foto de Artur Pastor anos 50/60.

Fonte: fotografia de Artur Pastor. [internet] disponível em:  
[arturpastor.tumblr.com](http://arturpastor.tumblr.com)

**Fig. 166** – Fojo do Lobo de Fafião. (da autora)

**Fig. 167** – Corte transversal, Casa. (da autora)

**Fig. 168** – Esquemas explicativos do sistema construtivo do coberto. (da autora)

**Fig. 169** – Esquemas explicativos ligações laje CLT. (da autora)

**Fig. 170** – Corte pátio do limoeiro, alojamento. (da autora)

**Fig. 171** – Perspetiva proposta Quinta da Torre. (da autora)

## BIBLIOGRAFIA

## LIVROS E FONTES PUBLICADAS

AA.VV. (1988) **Arquitectura Popular em Portugal**. Vol. 1. 3ªEd. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses.

AA.VV. (2004) **Arquitectura Popular em Portugal**. Vol. 1 4ª Ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses.

ALVAREZ, J. (1978) **Inventário do Património Cultural Construído**. Lisboa: Secretaria do Estado do Ambiente.

ANDRÉ, P.; SAMBRICIO, C. (2016). **Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda/Tradición y Vanguardia**. Lisboa: Dinâmia'cet-iul.

BENÉVOLO, L.; ALBRECHT, B. (2002). **As Origens da Arquitectura**. Lisboa: Edições 70.

COSTA, A. (2007) **Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa: Outros Textos sobre Arquitectura Portuguesa**. 2ª Ed. Porto: FAUP Publicações.

DOMINGUES, A. (2011) **Vida no Campo: Equações de arquitetura**. 1ª Ed. Porto: Dafne Editora.

ESPOSITO, A.; LEONI, G. (2003) **Eduardo Souto Moura**. 1ªEd. Porto: Editorial Gustavo Gili.

FERNANDES, M. (2007) **Pancho Guedes Metamorfoses Espaciais**. Lisboa: Caleidoscópio\_ Edições e Artes Gráficas, SA.

FERNANDEZ, S. (1988) **Percorso: Arquitectura portuguesa, 1930-1974, prefácio de Alexandre Alves Costa**. 2ª Ed. Porto: Editora Faculdade de Arquitectura do Porto.

FONSECA, T. (1948) **O conselho de Barcelos Aquém e Além – Cávado**, Reprodução fasciculada da edição 1948, Barcelos: Editora do Minho Barcelos.

GALHANO, F.; OLIVEIRA, E. (2003) **Portugal de perto. Arquitectura Tradicional Portuguesa.** Lisboa: Dom Quixote.

KAHN, L. (2002) **Conversas com estudantes.** 1ª Ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

LEAL, J. (2000). **Etnografias Portuguesas 1870 – 1970: Cultura Popular e Identidade Nacional.** 1ª Ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

LEAL, J. (2009) **Arquitectos, engenheiros, antropólogos: Estudos sobre arquitectura popular no século XX português.** 1ª Ed. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva

LINO, A. (1990) **O Homem e a casa: A casa e o tempo.** 1ª Ed. Odivelas: Instituto de cultura e língua portuguesa.

MAGALHÃES, A. (1987). **Barcelos Verde Monho. Guia Turístico.** Barcelos: Oficinas gráficas da companhia editora do Minho, S.A.

NORBERG-SCHULZ, C. (1991). **Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture.** Edinburg: Ed. Rizzoli.

OLIVEIRA, E.; GALHANO, F. (1992). **Arquitectura Tradicional Portuguesa.** 5ªEd. Porto: Publicações Dom Quixote.

OLIVEIRA, E.; GALHANO, F. (2003). **Portugal de perto.** Arquitectura Tradicional Portuguesa. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

PACHECO, H. (1985). **Portugal: património cultural popular.** Volume 1 – Ambiente dos homens. 1ªEd. Porto: Areal Editores

PEREIRA, N. **O Portugal desaparecido.** Artigo publicado no Público em 20-12-1994 in Pereira, N. **Tempos, Lugares, Pessoas.** Matosinhos: Público.

RODRIGUES, S. (2013). **A Casa dos Sentidos.** 1ªEd. Lisboa: Uzina Books.

RUDOLFSKY, B. (1964). **Architecture Without Architects: An introduction to nonpedigreed architecture.** 1ªEd. New York: The Museum of Modern Art.

SIZA, A. (1998) **Imaginar a evidência Lisboa: Edições 70.**

- TÁVORA, F. (1947). **O Problema da Casa Portuguesa**. Lisboa: Manuel João Leal.
- TÁVORA, F. (1993) **Teoria geral da organização do espaço: arquitectura e urbanismo: a lição das constantes**. Porto: Faup Publicações.
- TÁVORA, F. (2006). **Da organização do Espaço**. Porto: FAUP Publicações
- TRIGUEIROS, L. (1993) **Fernando Távora**, com artigos de Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Bernardo Ferrão e Eduardo Souto Moura. Lisboa: Blau.
- TEIXEIRA, G. BELÉM, M. (1988) **Diálogos de Edificação técnicas tradicionais de construção**. 1ª Ed. Lisboa: CRAT centro regional de artes tradicionais.
- VITRÚVIO, (2015). **Vitrúvio Tratado de Arquitectura**. Tradução do latim, introdução e notas por M. Justino Maciel. Lisboa: Instituto Superior Técnico – IST – Press.
- ZUMTHOR, P. (2009) **Pensar a Arquitectura**, trad. Astrid Brabow. 2ª Ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

## **DISSERTAÇÕES**

- CLEMENTINO, L. **Fernando Távora: de O problema da Casa ao da organização do espaço**. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura – Faculdade de ciências e tecnologia, Universidade de Coimbra. Coimbra, julho 2013.
- COSTA, A. **Fernando Távora e a Modernidade: Pablo Picasso, Fernando Pessoa, Le Corbusier e a Arquitectura tradicional Portuguesa. Estudo de 3 obras: Casa de Ofir, Convento de Refóios de Lima e Casa dos 24**. Dissertação de Mestrado Integrado de Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Porto, novembro 2016.
- DINIZ, F. **Levantamento Arquetónico para intervenção no património vernacular edificado: casos do interior beirão**. Tese para obtenção do grau de doutor em Arquitectura. Universidade da Beira Interior. Covilhã, agosto 2014.
- GOMES, F. **Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa: Contributo para o entendimento das causas do problema da “Casa Portuguesa”**. Tese de

Doutoramento em Arquitectura. Faculdade de ciências e tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra, novembro 2018.

MACEDO, M. **Projecto de transformação de um antigo sequeiro em habitação de turismo rural**. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura – Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto. Porto, 2011.

VIEIRA, R. **O entendimento de “O Lugar” na Arquitectura Transmontana: Projeto Aldeia do Barreiro**. Dissertação de Mestrado Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao Grau de mestr em Arquitectura – Universidade do Minho. Guimarães, 2018.

### **FONTES DE TEXTO ONLINE**

ICOMOS. (1999) **Carta del Patrimonio Vernáculo Construido**. México. Disponível na internet: [pt.slideshare.net/panquilana/carta-del-patrimonio-vernaculo-construido](http://pt.slideshare.net/panquilana/carta-del-patrimonio-vernaculo-construido)

DIAS, J.; OLIVEIRA, E.; GALANO, F. (1994) **Espigueiros Portugueses: sistemas primitivos de secagem e armazenamento de produtos agrícolas**. Disponível na internet: [books.openedition.org/etnograficapress/6592](http://books.openedition.org/etnograficapress/6592)

FERNANDES, J.; MATEUS, R. (2011) **Arquitectura vernacular: uma lição de sustentabilidade**. Disponível na internet: [repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/15423/arquitectura%20vernacular.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/15423/arquitectura%20vernacular.pdf)

JORGE, P. (2016). **A arquitetura popular como transição entre vernáculo e o erudito: uma tentativa de definição dos diferentes contextos arquitetónicos de raiz não-erudita**. Actas do 1º Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Arcos de Valdevez. Disponível na internet:

[researchgate.net/publication/332080156\\_A\\_ARQUITETURA\\_POPULAR\\_COMO\\_TRANSICAO\\_ENTRE\\_O\\_VERNACULO\\_E\\_O\\_ERUDITO\\_Uma\\_tentativa\\_de\\_definicao\\_dos\\_diferentes\\_contextos\\_arquitetonicos\\_de\\_raiz\\_nao-erudita](https://researchgate.net/publication/332080156_A_ARQUITETURA_POPULAR_COMO_TRANSICAO_ENTRE_O_VERNACULO_E_O_ERUDITO_Uma_tentativa_de_definicao_dos_diferentes_contextos_arquitetonicos_de_raiz_nao-erudita)

### **PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS**

CERQUEIRA, J. **O Estilo Internacional Versus Arquitectura Vernácula: O conceito de Genius Loci**. Idearte, Revista de Teorias e Ciências da Arte. Nº2, abril/junho (2015) p: 41 – 52.

QUINTÁNS, C. **Persistências Rurais: Perspetivas Críticas**, ArqA. nº101, março/abril (2012) p:38 – 39.

GILI, M. **Eduardo Souto de Moura – Obra reciente**. 2G Revista Internacional de Arquitectura nº 5, (1998).

TÁVORA, F. **Casa em Ofir**, Arquitectura nº59, julho (1957).

## DOCUMENTÁRIOS

RTP (2001). **Fernando Távora**. [documentário]. Disponível em: [arquivos.rtp.pt/conteúdos/fernando-tavora-2/](http://arquivos.rtp.pt/conteúdos/fernando-tavora-2/) [acedido a 19 de maio 2022]

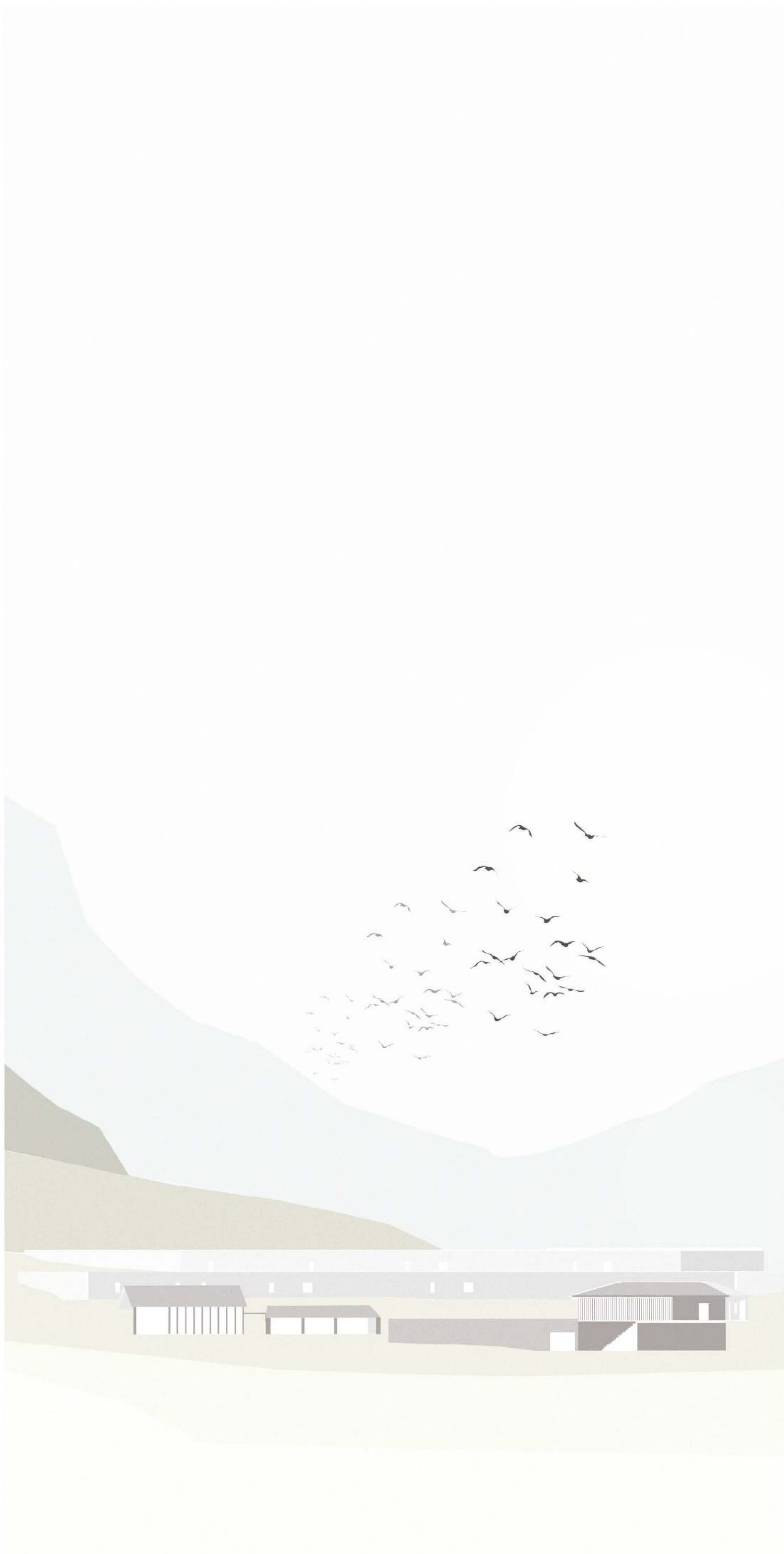
RTP (1993). **Fernando Távora**. [entrevista]. Disponível em: [arquivos.rtp.pt/conteúdos/fernando-tavora/](http://arquivos.rtp.pt/conteúdos/fernando-tavora/) [acedido a 21 de abril de 2022].

RTP (2020). **Primeira Pessoa: Eduardo Souto Moura**. [entrevista]. Disponível em: [rtp.pt/play/p7801/e501835/primeira-pessoa](http://rtp.pt/play/p7801/e501835/primeira-pessoa) [acedido a 7 de janeiro 2022]

RTP (2020). **O Lodo, as Estrelas e os Sábios**. [documentário]. Disponível em: [rtp.pt/play/p7057/e466120/o-lodo-as-estrelas-e-os-sabios](http://rtp.pt/play/p7057/e466120/o-lodo-as-estrelas-e-os-sabios)

RTP (2018). **Visita guiada: Três Casas Modernas no Minho**. [série documental]. Disponível em: [rtp.pt/programa/tv/p35566/e16](http://rtp.pt/programa/tv/p35566/e16)

**Das Arquitecturas Tradicionais**, Carlos Eduardo Viana. Viana do Castelo: Ao Norte, (2021). [Documentário]. Disponível em: [Lugarreal.com/vídeo/das-arquitecturas-tradicionais?fbclid=iwAR3F8whSILBRXx3FieCqYoIDChrJHw0MfJEWKzGvm7HTH42Tp47wvnx6HCc](https://lugarreal.com/vídeo/das-arquitecturas-tradicionais?fbclid=iwAR3F8whSILBRXx3FieCqYoIDChrJHw0MfJEWKzGvm7HTH42Tp47wvnx6HCc) [acedido a 18 de março de 2022]



## SEQUEIRO, CASA E CAMPO

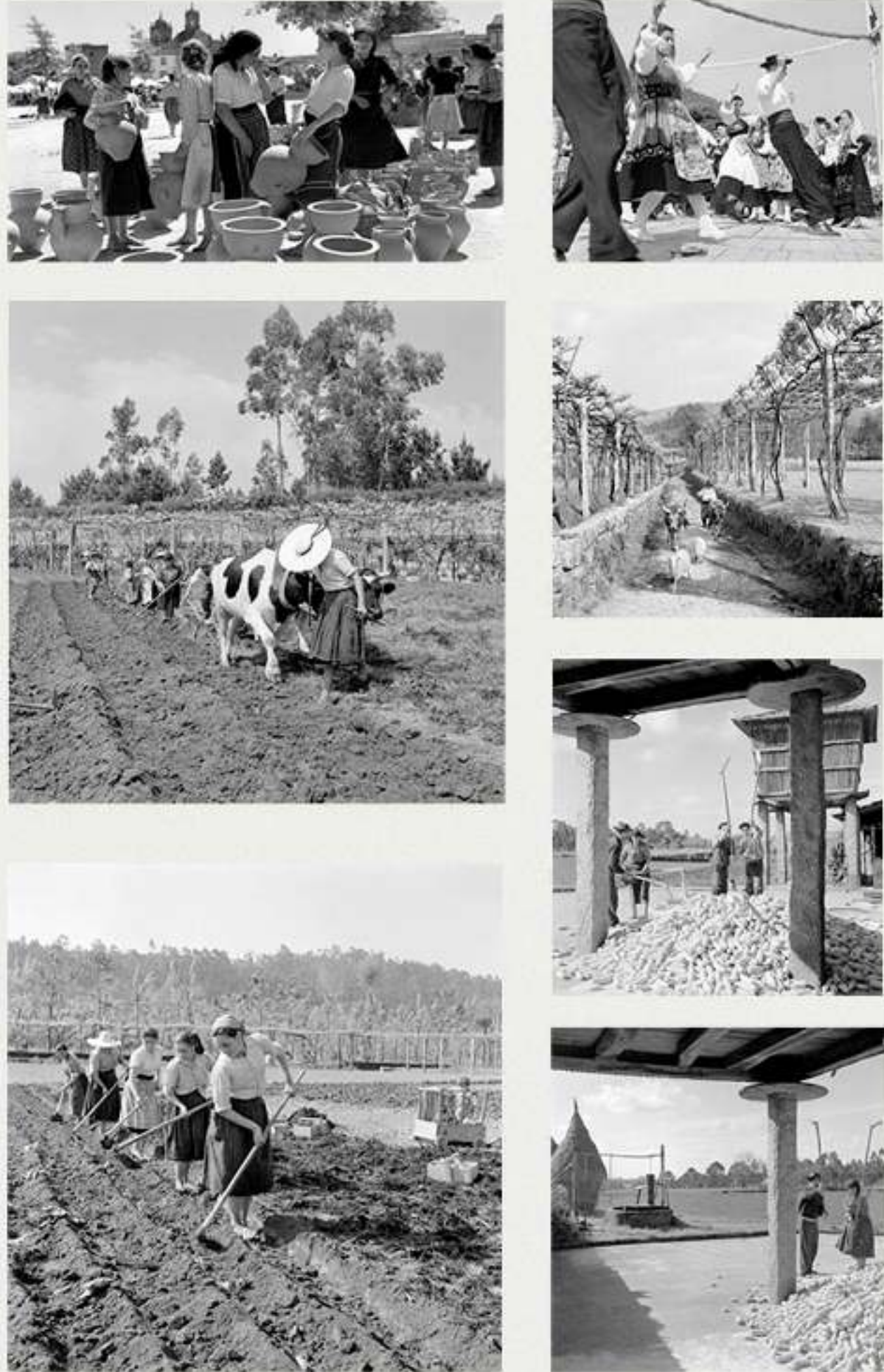
INTERVENÇÃO ARQUITETÓNICA PARA AGROTURISMO

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR \_ MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA  
ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA RITA OCHOA  
CO-ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA MIRIAM INÍCIO

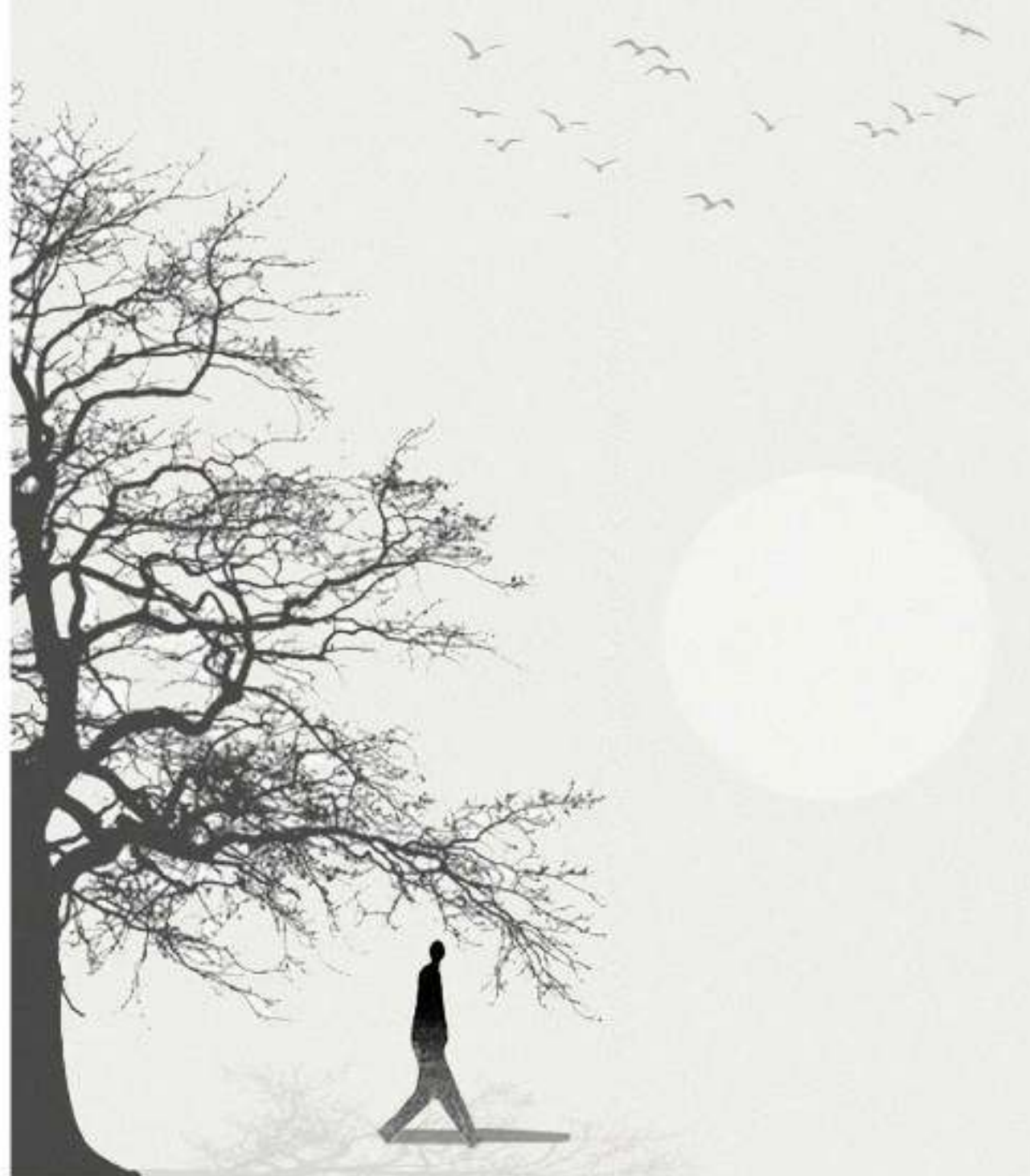
MARISA FERNANDES LOPES\_ 36479

### 1ª ETAPA\_ANALÍSE

As histórias que se vão ouvindo e contando, neste contexto rural entranham-se, e de uma memória romantizada do passado que não vivemos, nasce o sentimento de pertença, como se delas tivéssemos vivenciado. A proposta interventiva ambiciona combater o desvanecer da cultura agrícola e popular, cumprindo os objetivos principais de valorização, qualificação e dinamização da Quinta da Torre, através duma exploração da sua identidade, das memórias, das histórias e características que lhe estão intrínsecas.



Registo fotográfico de Artur Pastor - série Noris



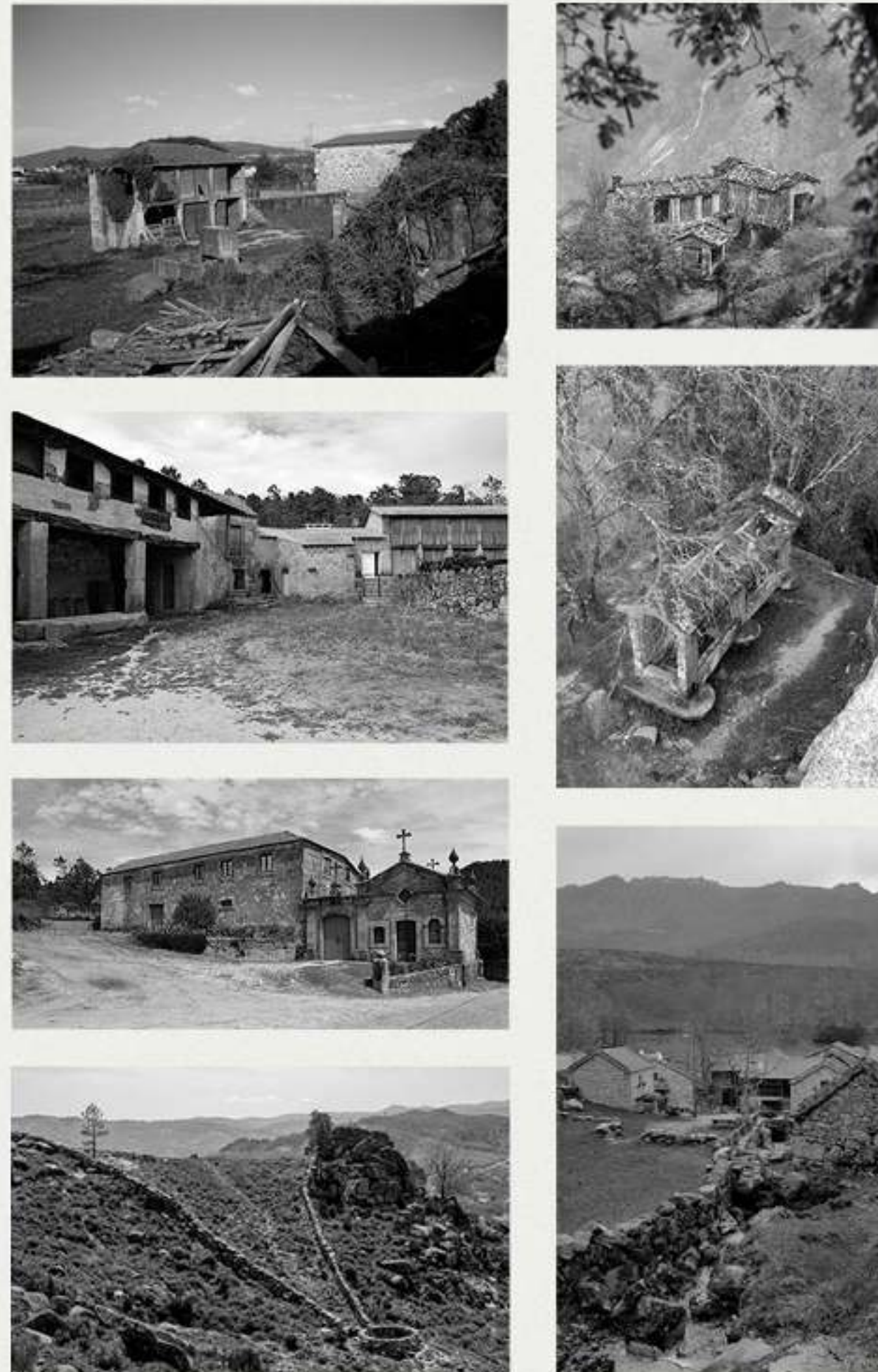
### PREPARAÇÃO DA TERRA\_ANALÍSE

A etapa da preparação da terra ou lavoura exige a leitura do local, sendo todas as suas características analisadas de forma a compreender qual a melhor abordagem a ser feita, considerando o tipo de cultivo, o produto e as suas condições.

Remetemos simbolicamente esta etapa ao processo de desenvolvimento do programa do projeto de intervenção, é feita a leitura do local à descoberta do objetivo final, tirando partido das condições e capacidades do terreno. À medida que se desenvolve a solução programática, estipulamos a divisão de três áreas primordiais, área comum, área de trabalho e área de alojamento. Esta resposta resultou de uma fusão de conhecimentos, em especial o ensinamento da arquitetura popular onde cada estrutura serve uma função assumindo-se como independente, no entanto funcionam como conjunto.

### 2ª ETAPA\_IDEIA

A intenção de projeto sustenta-se na essência de relacionar o novo com o antigo, o passado com o presente, numa fusão de conhecimentos populares com a arquitetura contemporânea, assim sendo na procura incessante de um método de raciocínio surge o conceito. Pretende-se estabelecer uma alusão à atividade agrícola, neste sentido apontam-se três etapas inerentes a esta cultura: **a preparação da terra, o semear e o colher**, exploram-se metafóricamente estes termos.



Registo fotográfico da autora - visitas ao local



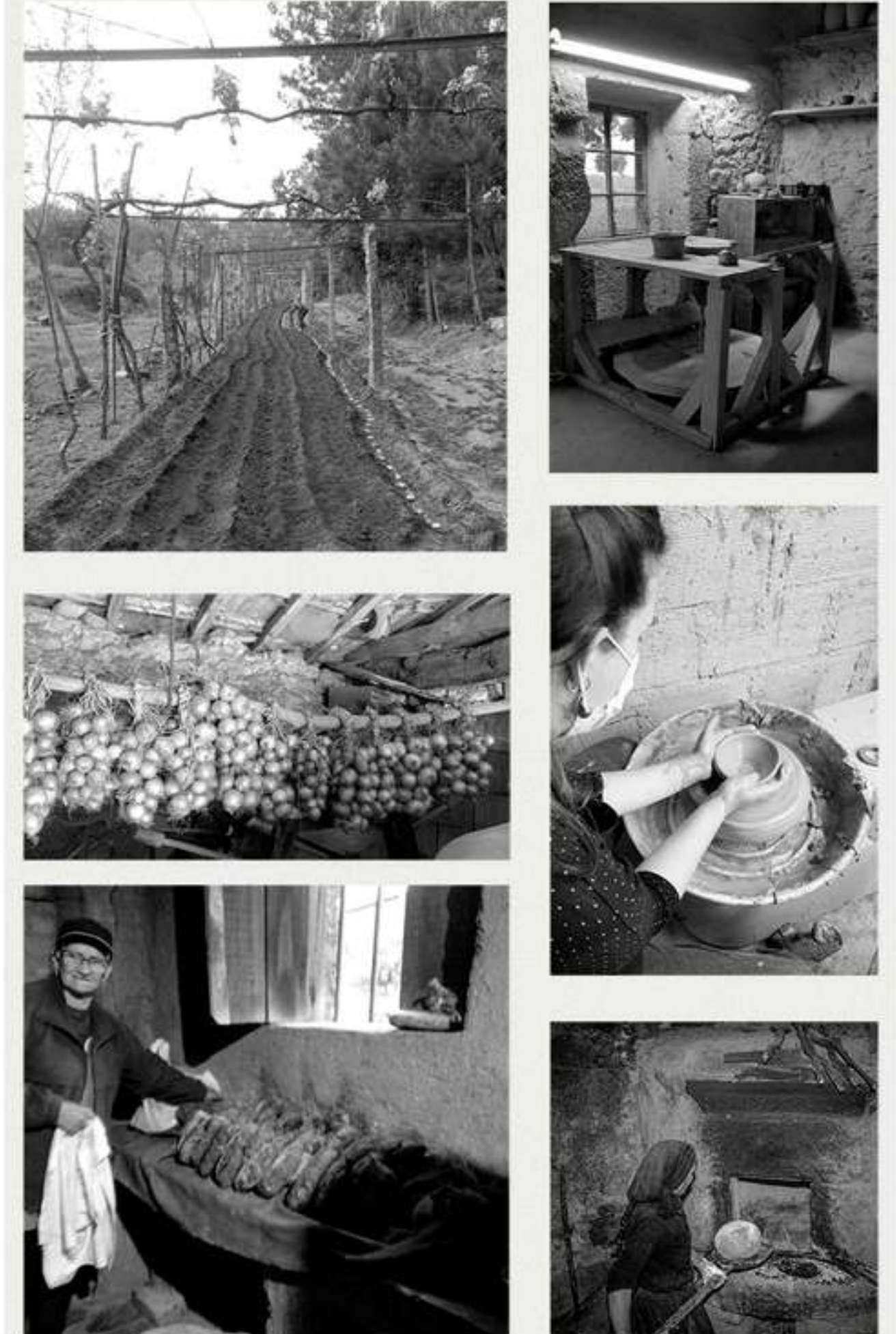
### SEMEAR\_IDEIA

A terra, pronta a receber a sementeira sinaliza o início da transformação da paisagem. Algo como uma semente, brotará e de um espaço vazio irá nascer vida.

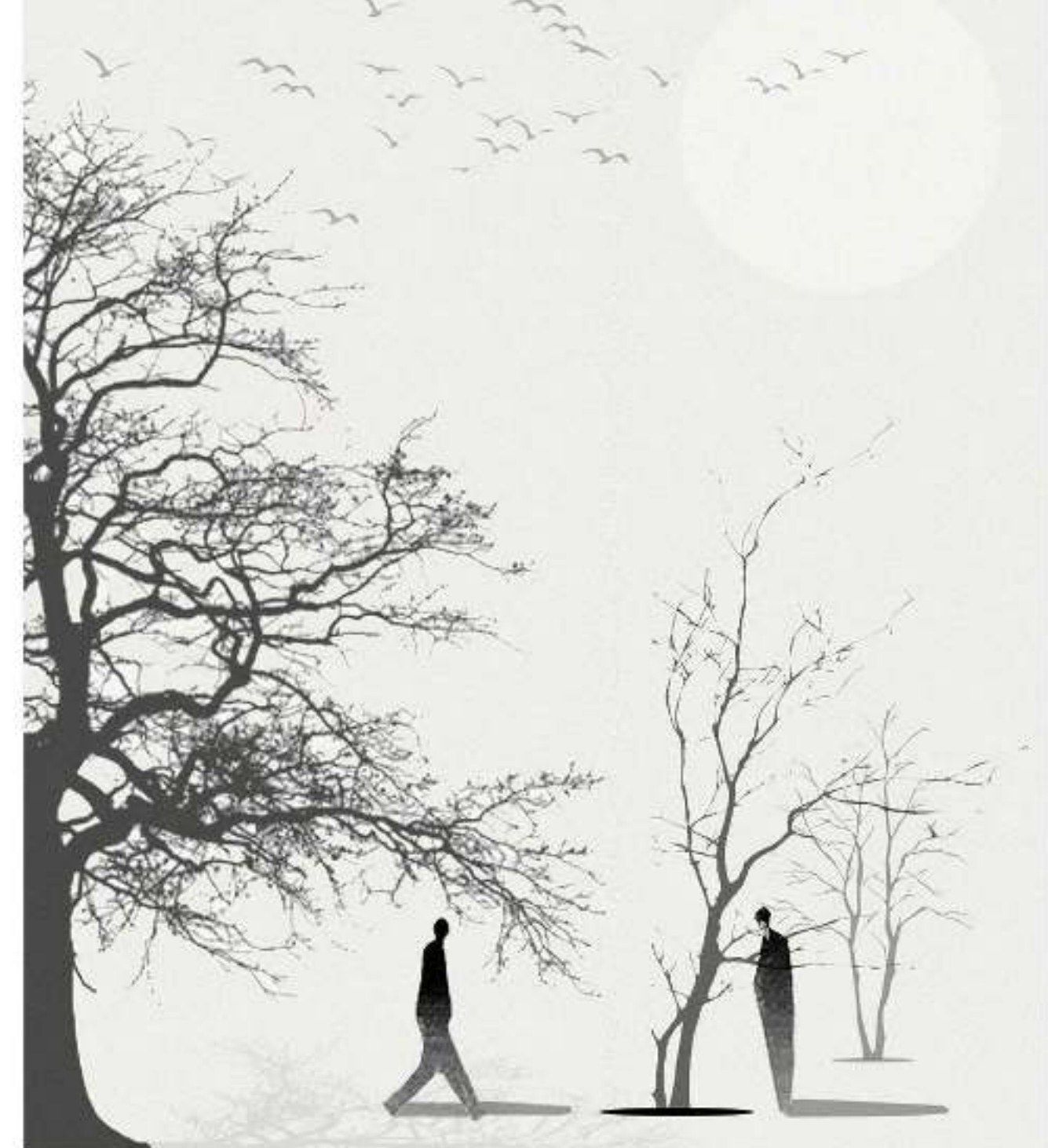
Associamos simbolicamente, esta etapa à fase de manipulação do terreno, para que nele sejam conformadas novos volumes e novos caminhos. Exploram-se as cotas do terreno, na tentativa de desenvolver uma continuação das suas características, assente em linhas irregulares marcadas pelos muros dos socalcos agrícolas que se alastram pela Quinta da Torre. Nesta etapa da sementeira, concluímos que a estratégia a adotar passaria pelo domínio do sistema de socalcos e patamares na estruturação das novas intervenções, com a premissa de valorizar o caráter do lugar.

### 3ª ETAPA\_RESULTADO

Tenta-se tirar partido do potencial das estruturas existentes e reinterpretá-las em função da contemporaneidade, integrando novos elementos que retratem as vivências e aprendizagens adquiridas ao longo do processo de investigação. Recorrendo a memórias, histórias, hábitos e costumes rurais, nasce a intervenção na Quinta da Torre intimamente relacionado com a autora.



Registo fotográfico da autora - vivências do cotidiano rural



### COLHER\_RESULTADO

Colher é o resultado das etapas anteriores - preparação da terra e semear, sendo este, o momento de maior envolvimento com a atividade agrícola, pois recebemos o que outrora demos ao solo, e colhemos o "fruto" semeado.

Remetemos simbolicamente esta etapa ao resultado final da intervenção, onde obtemos a percepção do culminar de ideias e decisões que de uma forma ou de outra tentam explorar a identidade rural da Quinta da Torre. O momento do percurso, torna-se um elemento articulador vital para a integridade da proposta, capaz de contar uma história, uma narrativa, na ligação dos três momentos principais, a Casa, o Sequeiro e o Alojamento, proporcionando a união e a continuidade dos três momentos, promovendo lugares de passagem, de repouso, de aprendizagem, de reflexão e contemplação.



A Quinta da Torre localiza-se no concelho de Barcelos, na freguesia de Abade de Neiva junto à encosta do Monte Penedo da Moura. Caracteriza-se pelos seus afloramentos graníticos, pela topografia acidentada apresentando um declive considerável, vencido por socalcos agrícolas suportados por muros de pedra.

O sistema de socalcos agrícolas definem a paisagem da quinta, uma solução inerente à atividade principal da Quinta da Torre, a agricultura.

A quinta integra-se no tipo de povoamento disseminado, evidenciando-se as áreas dos campos de cultivo e áreas florestais, em simultâneo, a sua localização é valorizada pela relativa proximidade do centro da cidade, sendo esta de 2.5 Km de distância. Esta proximidade permite a leitura do crescente desenvolvimento da cidade em contraste com a resistente zona rural.

PLANTA DE LOCALIZAÇÃO  
ESCALA 1:5.000



- ÁREA VERDE
- ÁREA FLORESTAL
- ÁREA DE EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA

- ÁREA DE EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA
- ÁREA DE EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA
- EDIFICADO

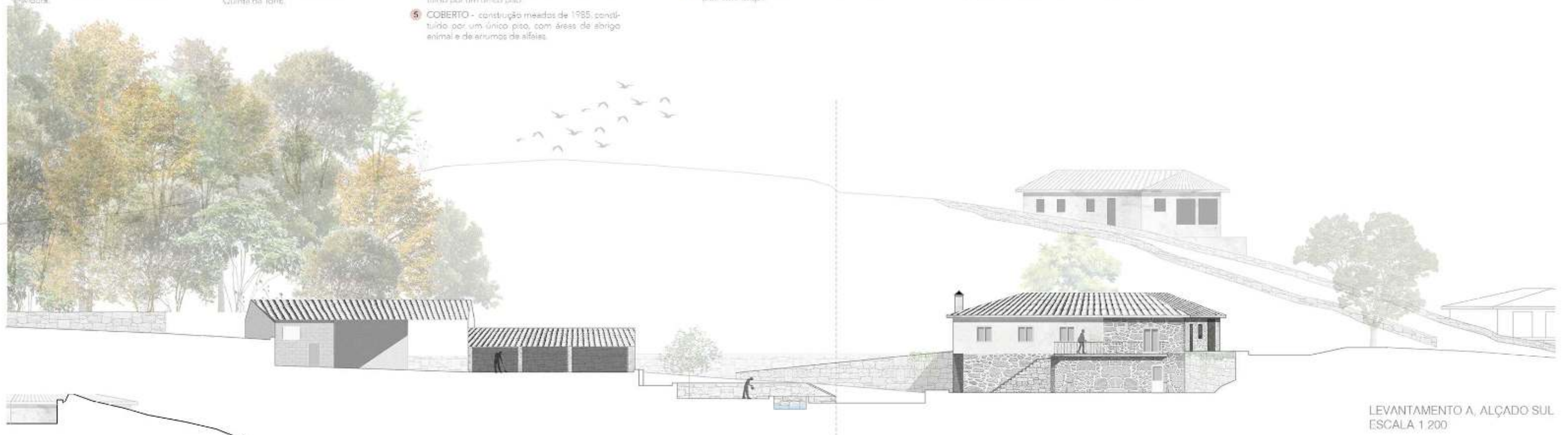
- TERRENO QUINTA DA TORRE
- TRAJETO DESDE A QUINTA AO CENTRO DA CIDADE
- LINHA DE ROTURA ÁREA URBANA E RURAL

COLLAGE PONTOS DE REFERÊNCIA DO TRAJETO DESDE A QUINTA DA TORRE ATÉ AO CENTRO DA CIDADE



- 1 ENTRADA PRINCIPAL - acesso junto à casa preexistente - via pública em calçada, sendo o caminho de ligação às áreas florestais do Monte da Pedra de Moura.
- 2 ENTRADA SECUNDÁRIA - acesso feito pela área florestal, sendo este em terra batida, tal como acontece nos acessos preexistentes no terreno da Quinta da Torre.
- 3 CASA - construção meados de 1900, constituída por dois pisos - piso térreo, áreas de apoio à atividade agrícola; - piso superior, áreas de habitação.
- 4 SEQUEIRO - construção meados de 1900, constituído por um único piso.
- 5 COBERTO - construção meados de 1985, constituído por um único piso, com áreas de abrigo animal e de armazém de alfaias.
- 6 EIRA - construção meados de 1900, área exterior caracterizada pela sua pavimentação em pedras.
- 7 TANQUE DE REGADIO
- 8 TANQUE DE REGADIO - usado simultaneamente para lavar roupa.
- 9 ÁREA AGRÍCOLA
- 10 ÁREA FLORESTAL
- 11 ÁREA DE AFLORAMENTOS GRANÍTICOS

1 PLANTA DE COBERTURA  
ESCALA 1:200



LEVANTAMENTO A, ALÇADO SUL  
ESCALA 1:200



LEVANTAMENTO B, ALÇADO OESTE  
ESCALA 1:200

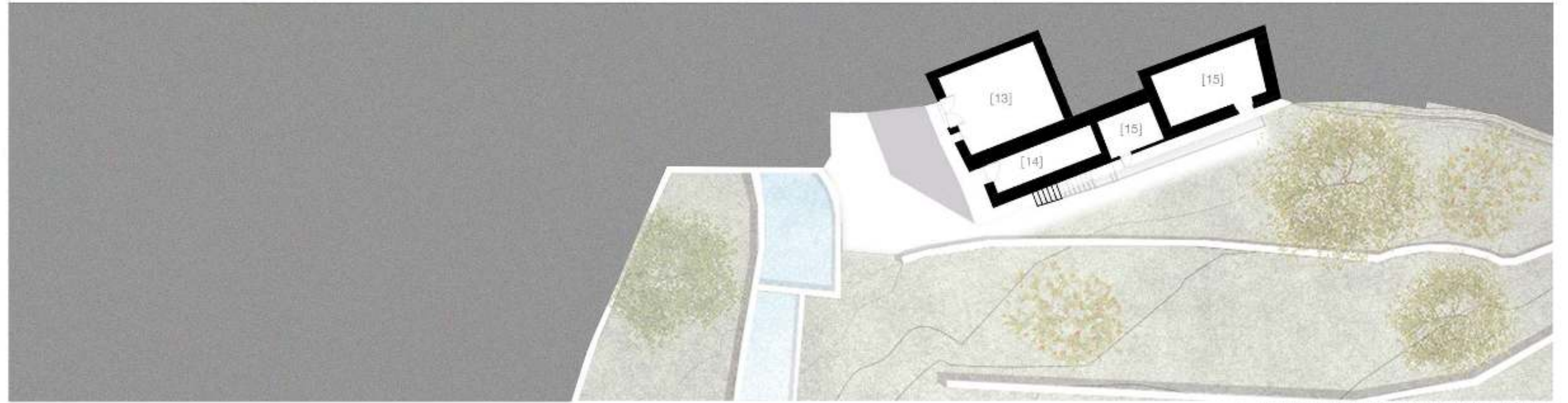
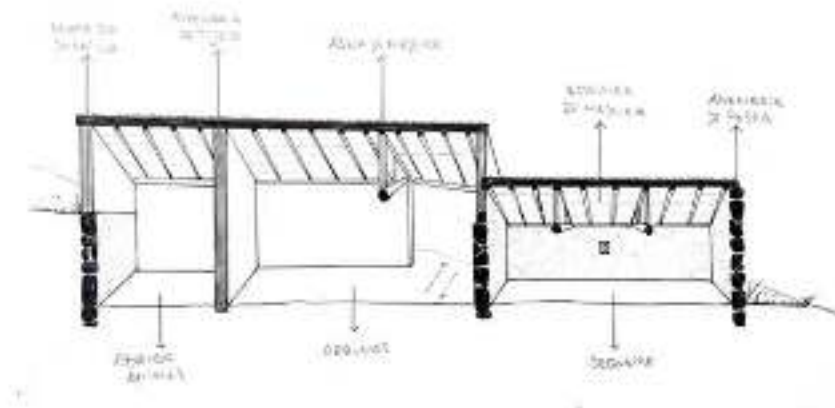
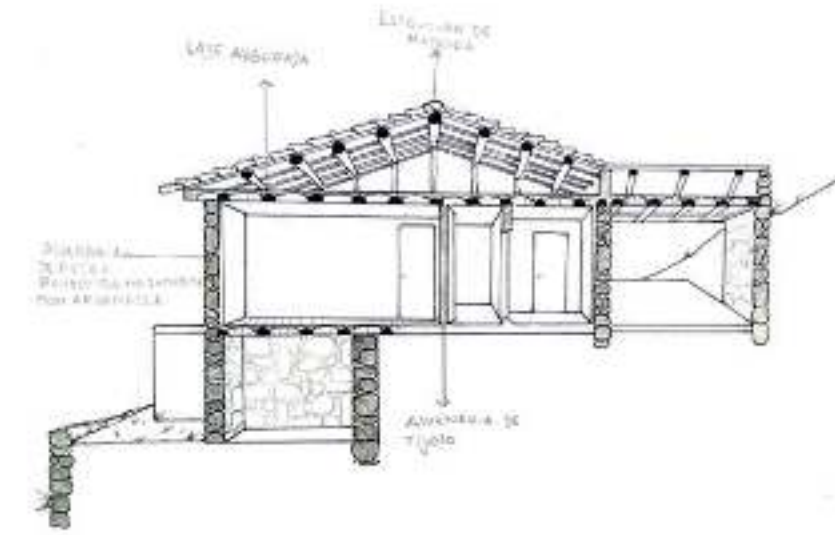
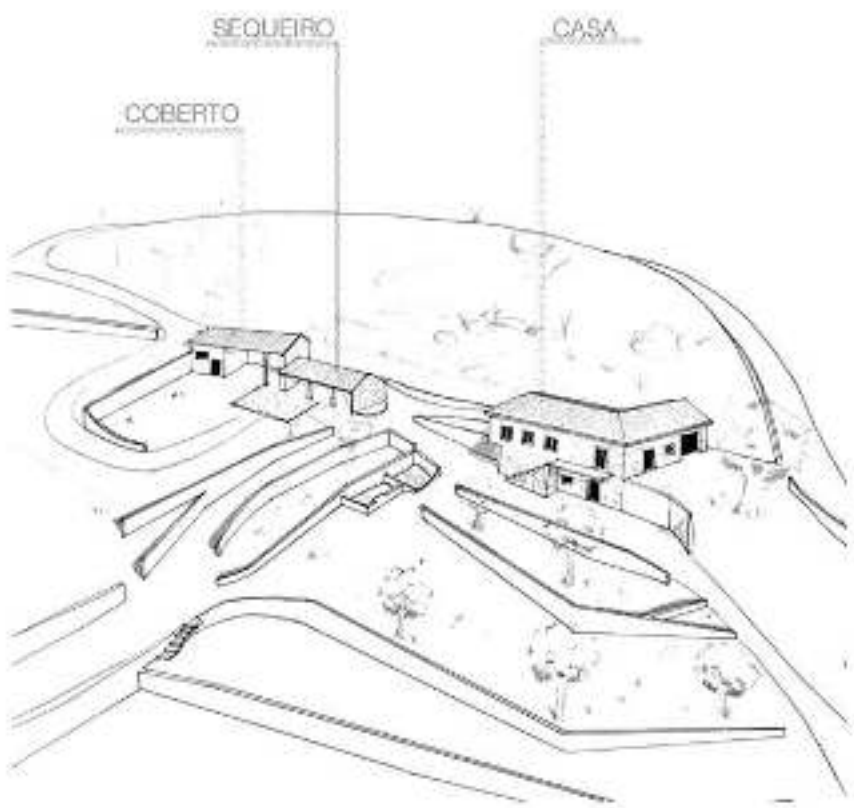
A Quinta da Torre, fixada na encosta do monte do Penedo da Moura, inclui três construções de caráter popular, a casa, o sequeiro e o coberto, um conjunto construtivo típico da casa de lavoura minhota.

A casa é organizada em dois pisos, o piso térreo destinado a funções associadas à atividade agrícola e o piso superior à habitação. É importante referir que os dois pisos apresentam acessos distintos, dando origem a uma leitura singular do edifício, através das suas fachadas. Tal acontece, devido ao declive do terreno, impondo a necessidade de vencer as diferenças de cotas através de patamares e socacos agrícolas.

O sequeiro, a eira e o coberto exercem funções fundamentais para o cotidiano da vida rural, é possível averiguar que o coberto trata-se de uma construção posterior em resposta às necessidades agrárias.



REGISTO FOTOGRÁFICO QUINTA DA TORRE

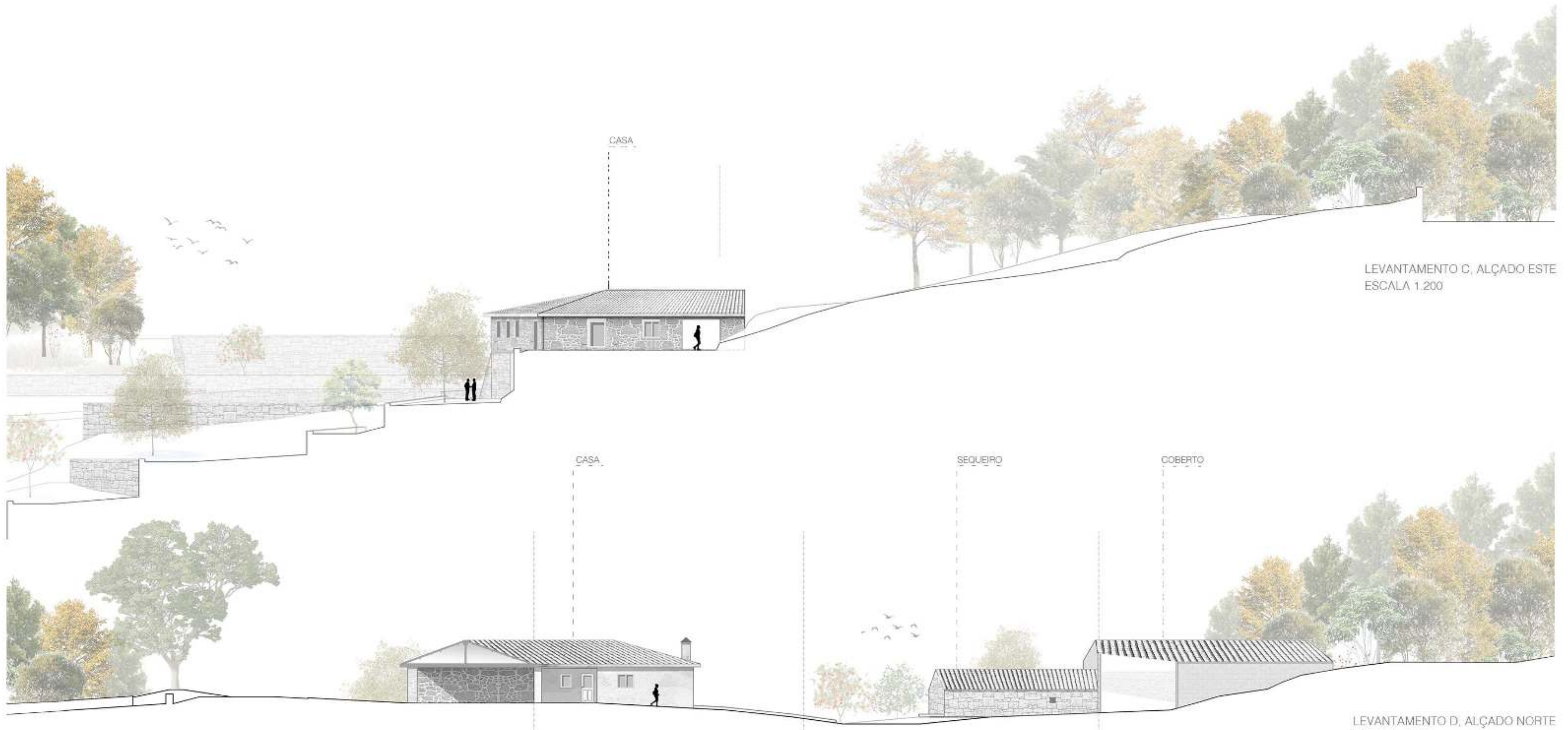


LEVANTAMENTO, PLANTA PISO TERREO  
ESCALA 1:200



LEVANTAMENTO, PLANTA PISO 1  
ESCALA 1:200

- LEGENDA:
- [1]\_ COBERTO DE ENTRADA
  - [2]\_ COZINHA
  - [3]\_ ALPENDRE
  - [4]\_ CORREDOR DE DISTRIBUIÇÃO
  - [5]\_ INSTALAÇÃO SANITÁRIA
  - [6]\_ QUARTO
  - [7]\_ DESPENSA
  - [8]\_ SALA DE ESTAR
  - [9]\_ ADRIGO ANIMAL
  - [10]\_ ARRUMOS
  - [11]\_ SEQUEIRO
  - [12]\_ EIRA
  - [13]\_ ADEGA
  - [14]\_ ARRUMOS
  - [15]\_ ABRIGO ANIMAL



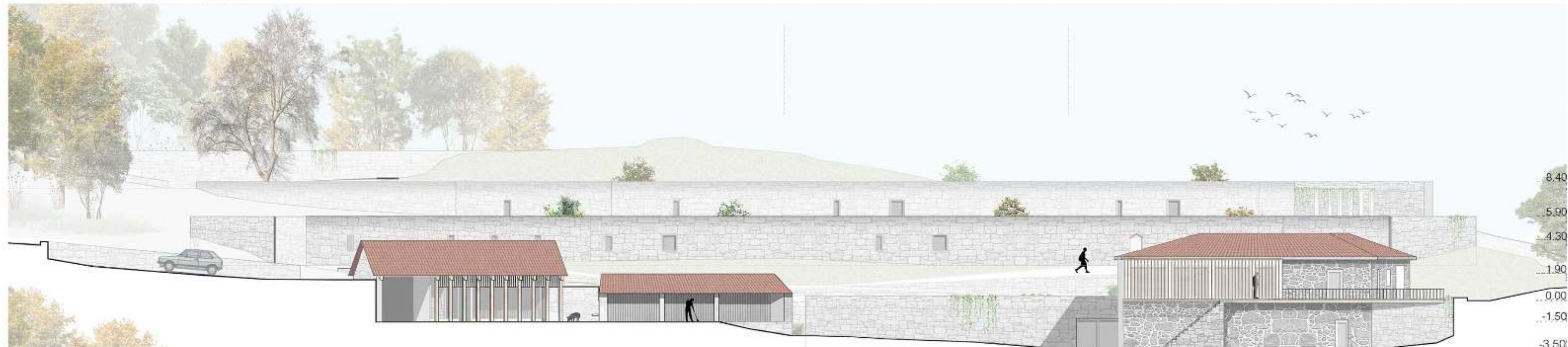
LEVANTAMENTO C, ALÇADO ESTE  
ESCALA 1:200

LEVANTAMENTO D, ALÇADO NORTE  
ESCALA 1:200

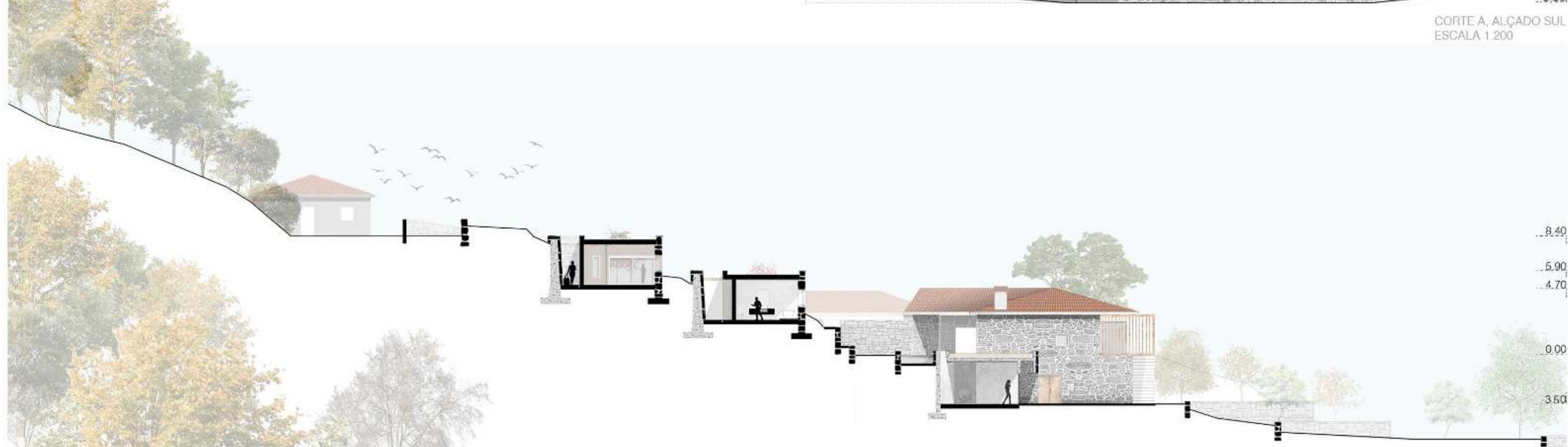


- 1 ENTRADA PRINCIPAL
- 2 ENTRADA DE VEÍCULOS
- 3 ESTACIONAMENTO
- 4 ÁREA SOCIAL - piso térreo com ampliação para sala de provas, piso superior espaço de receção, refeição e cozinha
- 5 ÁREA DE TRABALHO - preservação do sequeiro e área existentes
- 6 ÁREA DE TRABALHO - demolição da cobertura existente - construção nova de um coberto com zona de abrigo animais e animais
- 7 ÁREA DE TRABALHO - construção de um espigueiro típico minhoto, com estrutura estrutural em pedra
- 8 ÁREA DE ALOJAMENTO - construção nova de alojamento composto por seis suites com quarto individual, alojamento coletivo com quarto individual e piscinas comuns, desde a pista da fôrma, da oleira, da vinha e da loja.

PLANTA DE COBERTURA PROPOSTA  
ESCALA 1:250



CORTE A, ALÇADO SUL  
ESCALA 1:200

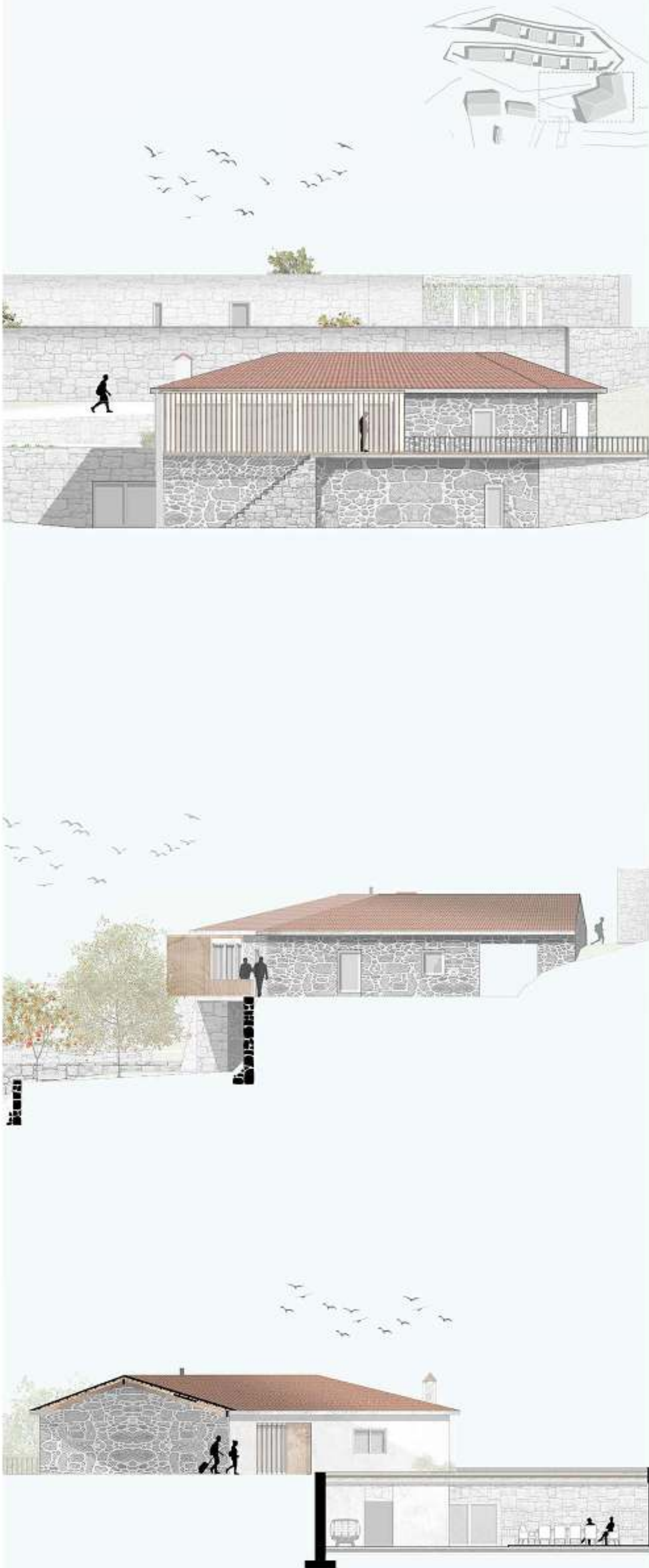


CORTE B, ALÇADO OESTE  
ESCALA 1:200



ÁREA SOCIAL - CASA  
INTERVENÇÃO SOBRE PREEXISTÊNCIA

A decisão de adaptação da casa para área social surge na tentativa de preservação da essência da sua funcionalidade original, receber e acolher. A casa é composta por dois pisos, sendo o piso superior referente à habitação e o piso térreo à adega. No piso térreo, optamos por valorizar a área destinada à adega, neste seguimento, sentimos a necessidade de aumentar a área do piso, de forma a receber uma sala de provas de vinhos. A preexistência de um soalco a Oeste junto à casa incentivou o reaproveitamento deste mesmo soalco para a criação da sala de provas, e assim dissimular esta intervenção tirando partido das características do terreno.



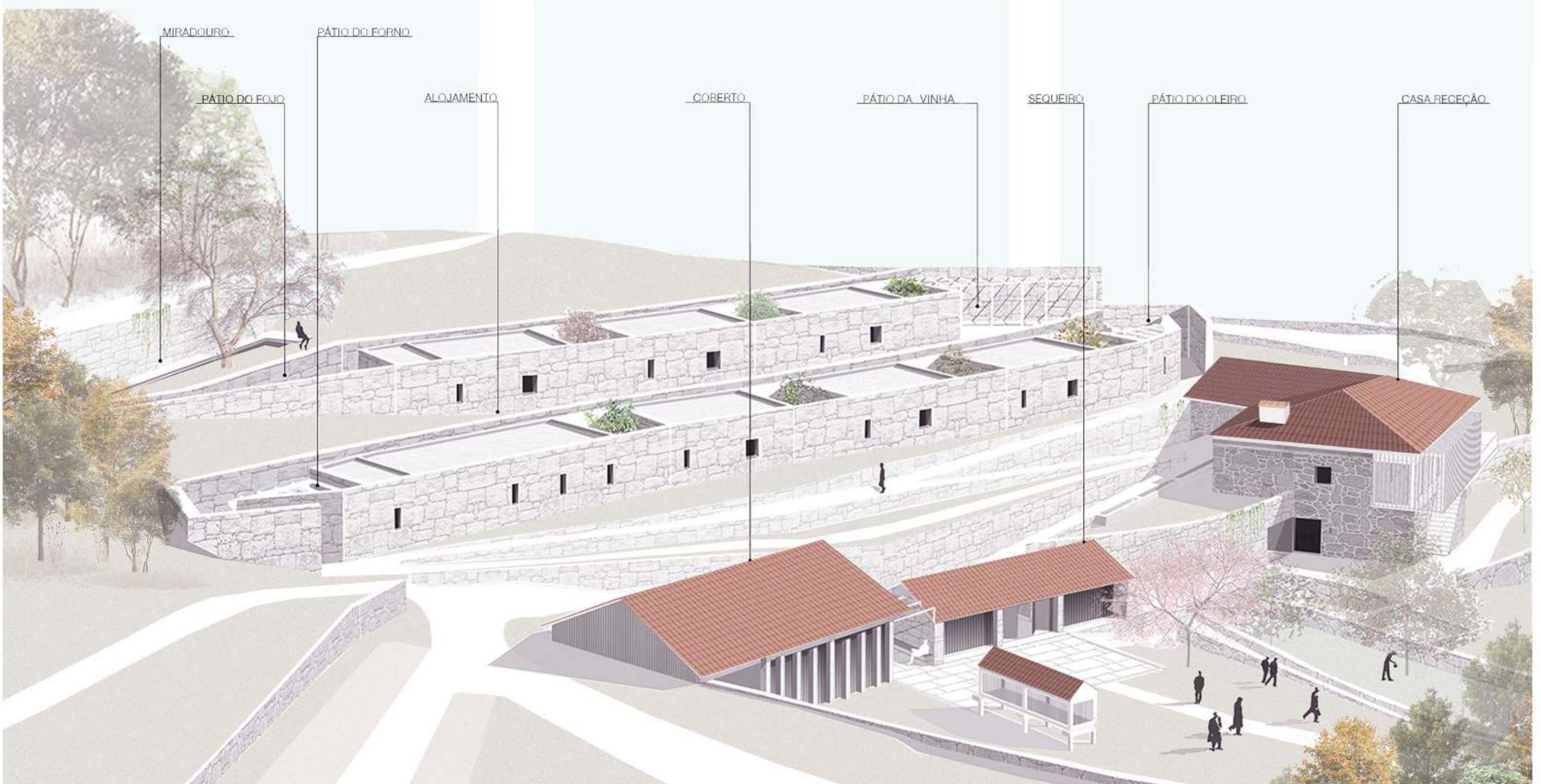
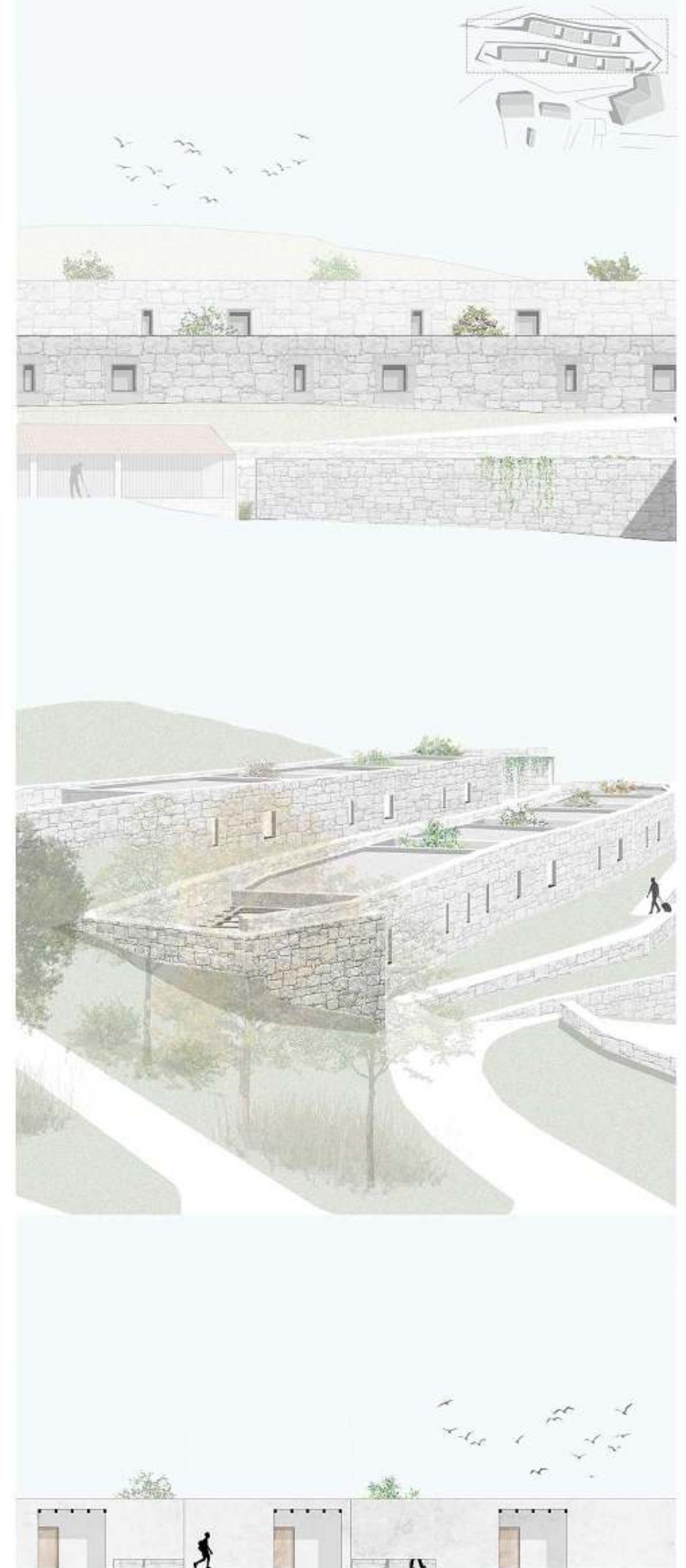
ÁREA DE TRABALHO - SEQUEIRO, COBERTO E EIRA  
INTERVENÇÃO SOBRE PREEXISTÊNCIA

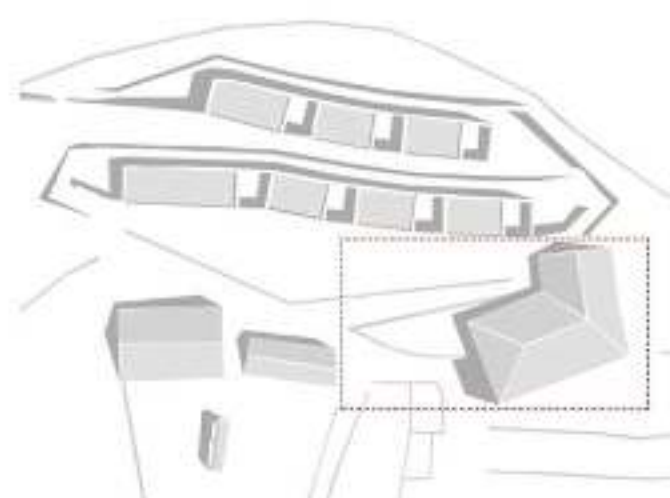
O projeto de intervenção para a área de trabalho é diferenciado consoante os seus elementos. no caso do sequeiro e por razões motivadas pelo interesse particular por esta construção, resultam na decisão de recuperação, mantendo a sua identidade original. Em relação ao coberto preexistente apresenta problemas de estabilidade e também de identidade, na sequência desta condição, propõe-se a demolição e a construção de um coberto que sirva as necessidades da quinta, devidamente integrado e proporcional à ambição do projeto.



ÁREA DE ALOJAMENTO  
INTERVENÇÃO NOVA

O volume novo, destinado ao alojamento implanta-se de forma dissimulada na paisagem, dado o declive da encosta são implantados dois corpos em forma de soalco para combater a diferença de cotas. Os alojamentos desenvolvem-se internamente numa agregação de volumes interrompidos por pátios, proporcionando uma dinâmica de cheios e vazios ao longo da construção. O muro de pedra gerado por estes soalcos torna-se assim um elemento fundamental nesta intervenção, onde entre muros e paredes de alvenaria de pedra, se limitam os espaços comuns e privados.

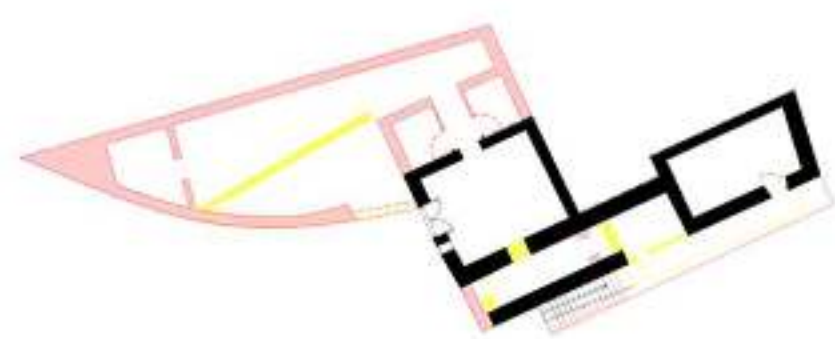




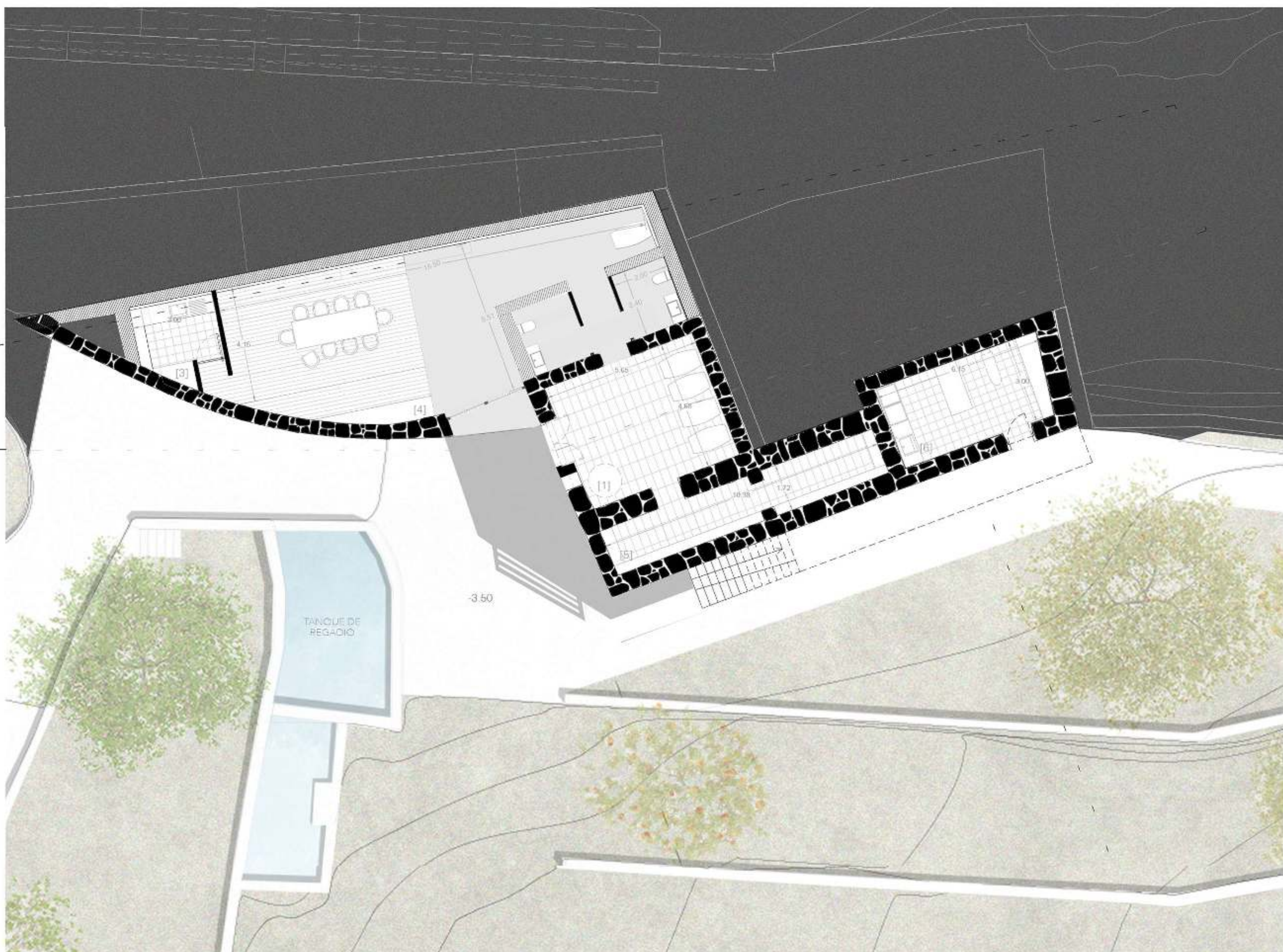
O acesso principal à Quinta da Torre acontece junto à habitação, estabelecido como o primeiro momento de receção, a casa. A casa é composta por dois pisos, o piso superior referente à habitação e o piso térreo à adega.

No **piso térreo**, optamos por valorizar a área destinada à adega, reorganizando as restantes divisões com a garrafeira e a lavandaria. Neste seguimento, sentimos a necessidade de aumentar a área do piso, de forma a receber uma sala de provas de vinhos.

A preexistência de um soalco a Oeste junto à casa incentivou o reaproveitamento deste mesmo soalco para a criação da sala de provas, e assim dissimular esta intervenção tirando partido das características do terreno.



- ELEMENTOS A CONSTRUIR
- ELEMENTOS A DEMOLIR
- ELEMENTOS A CONSERVAR



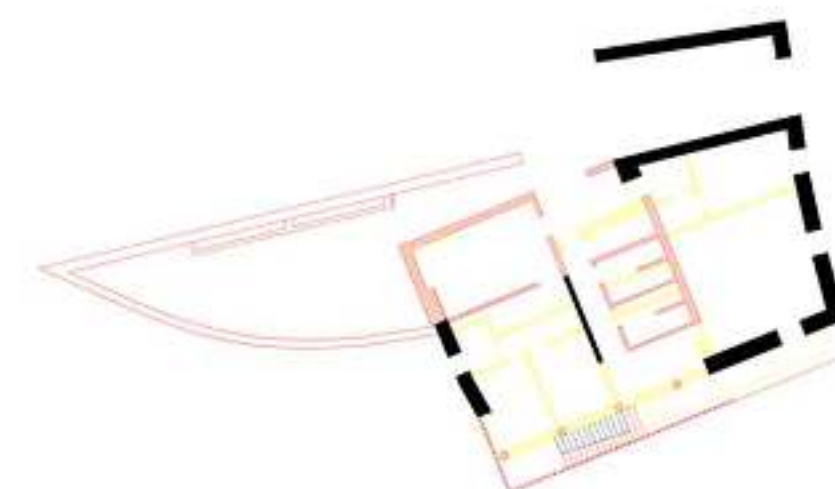
- |  |                     |  |                 |                          |                     |
|--|---------------------|--|-----------------|--------------------------|---------------------|
|  | ALVENARIA DE PEDRA  |  | SOALHO DE PINHO | [1] ADEGA                | 26M <sup>2</sup>    |
|  | ALVENARIA DE TIJOLO |  | CERÂMICO        | [2] INSTALAÇÃO SANITÁRIA | 9.95M <sup>2</sup>  |
|  | ALVENARIA DE BEIÃO  |  | GRANITO         | [3] COPA                 | 6.75M <sup>2</sup>  |
|  | MICROCIMENTO        |  |                 | [4] SALA DE PROVAS       | 65M <sup>2</sup>    |
|  |                     |  |                 | [5] GARRAFEIRA           | 17.30M <sup>2</sup> |
|  |                     |  |                 | [6] LAVANDARIA           | 18.10M <sup>2</sup> |

PLANTA PISO 0  
ESCALA 1:100

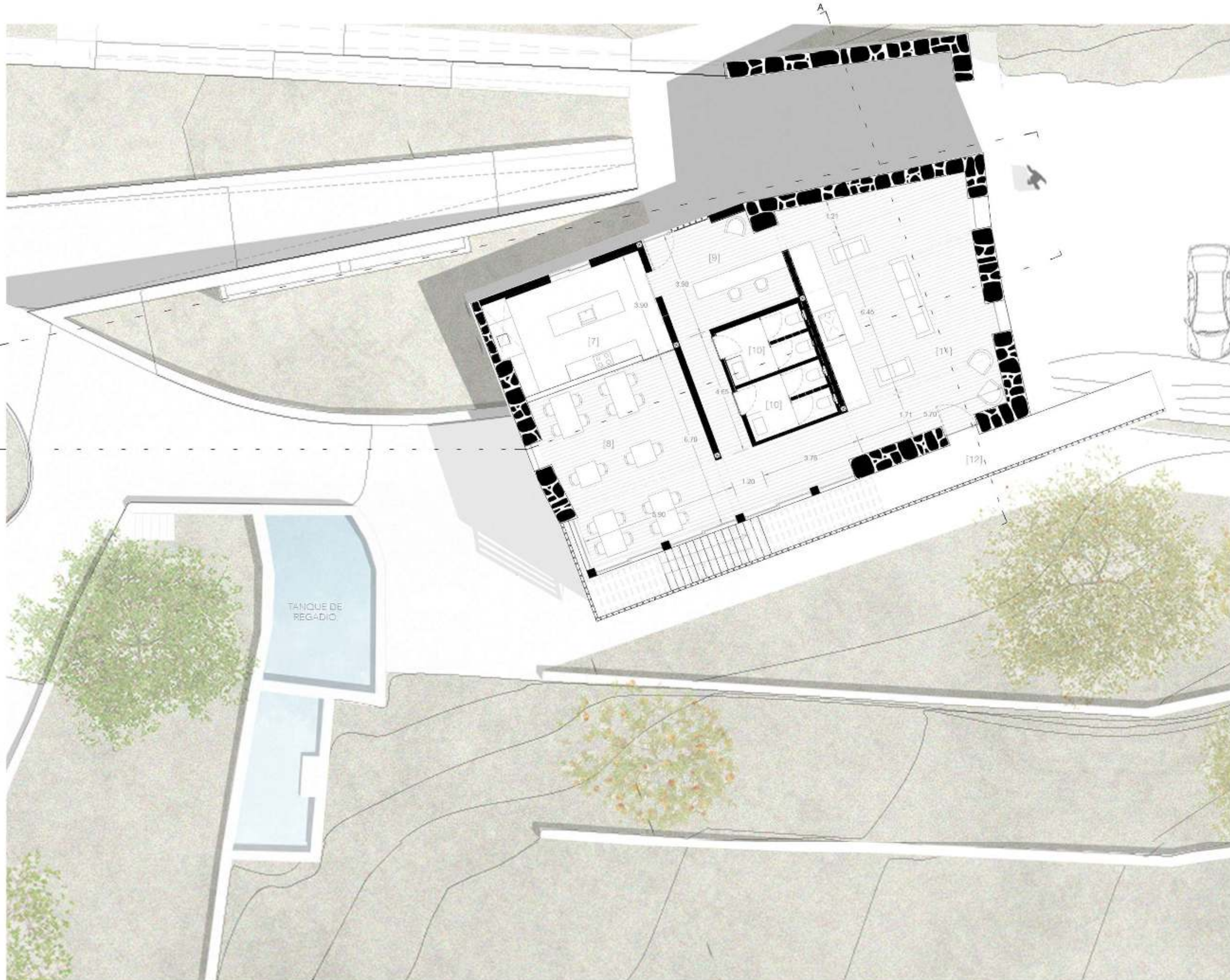
Para o **piso superior**, propomos uma zona de receção, uma instalação sanitária, a cozinha, a zona de refeição e a zona de convívio.

A entrada é feita pela fachada Norte, onde se encontrava a entrada original da habitação. Optamos por instalar a receção sobre o antigo alpendre, responsável pela organização e distribuição dos espaços, desta forma é possível manter a diversidade de acessos, proporcionando uma deambulação pelo piso mais fluida desde a receção. O objetivo inicial seria manter intactas todas as paredes de fachada exterior da preexistência, no entanto, uma das potencialidades da Quinta da Torre é a sua paisagem. Por esse motivo, consideramos que abertura de uma sequência de vãos seria uma solução vantajosa para o ambiente interior da casa.

Procuramos não modificar as paredes de alvenaria de pedra encarregues do sistema estrutural da casa, por isso optamos por implementar a sequência de vãos sobre a antiga alvenaria de tijolo da fachada Sul, proporcionando uma conexão com a envolvente.

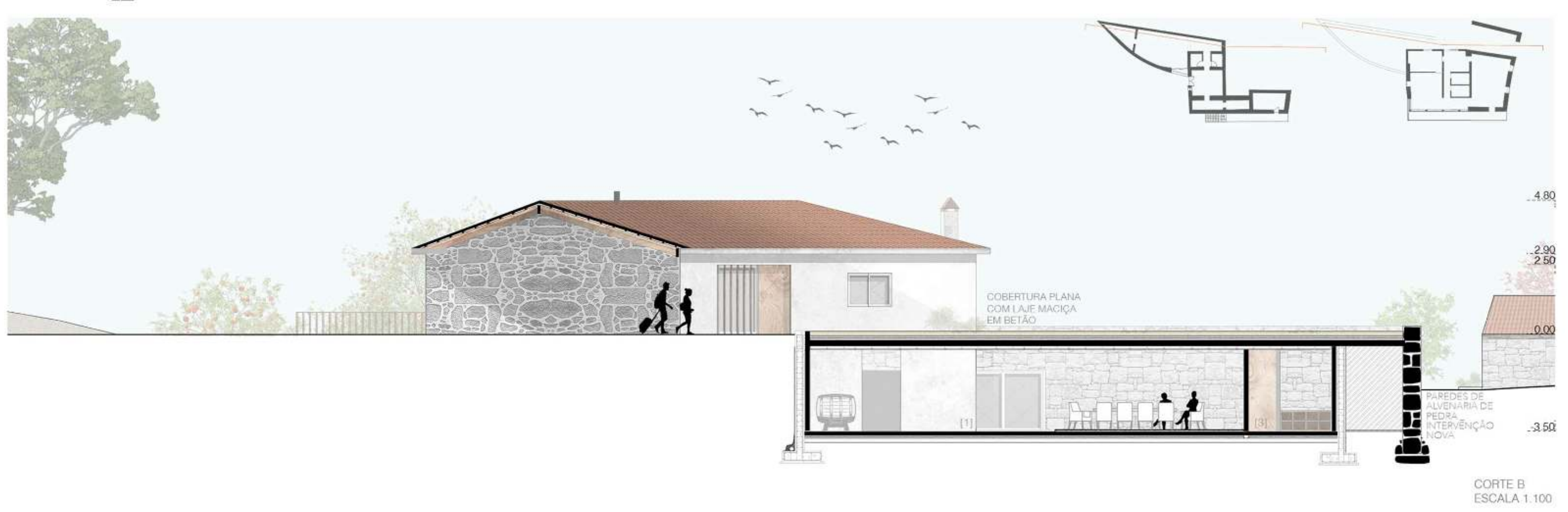
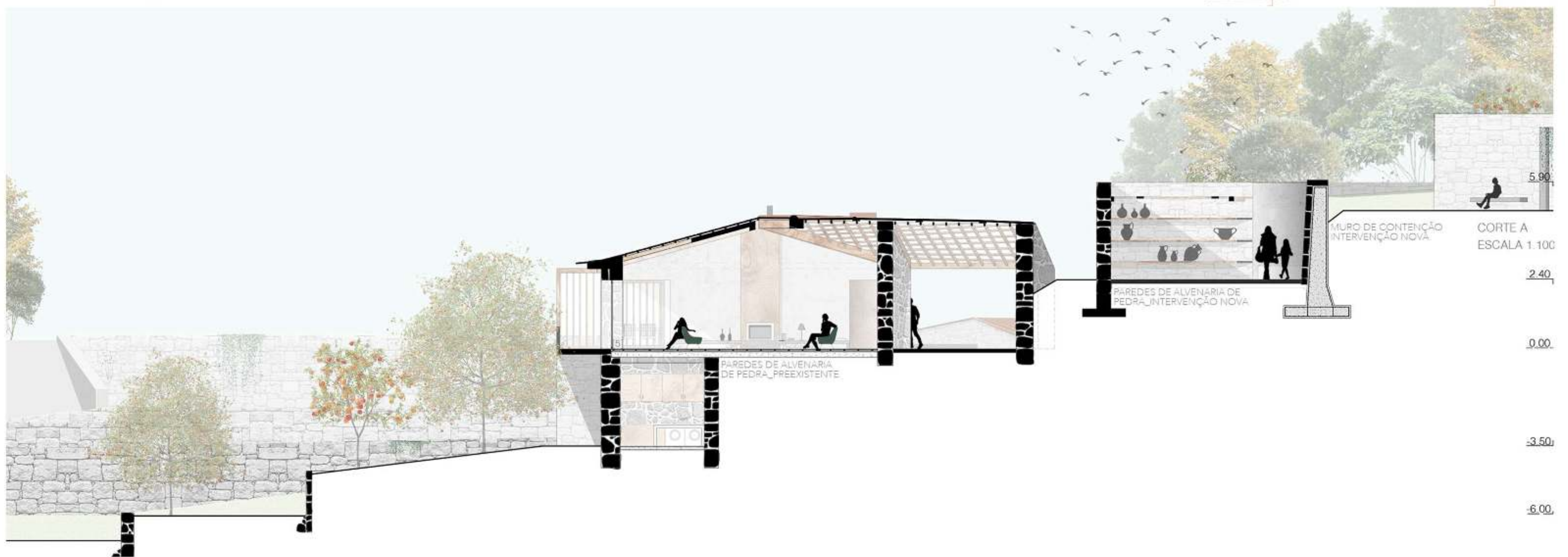
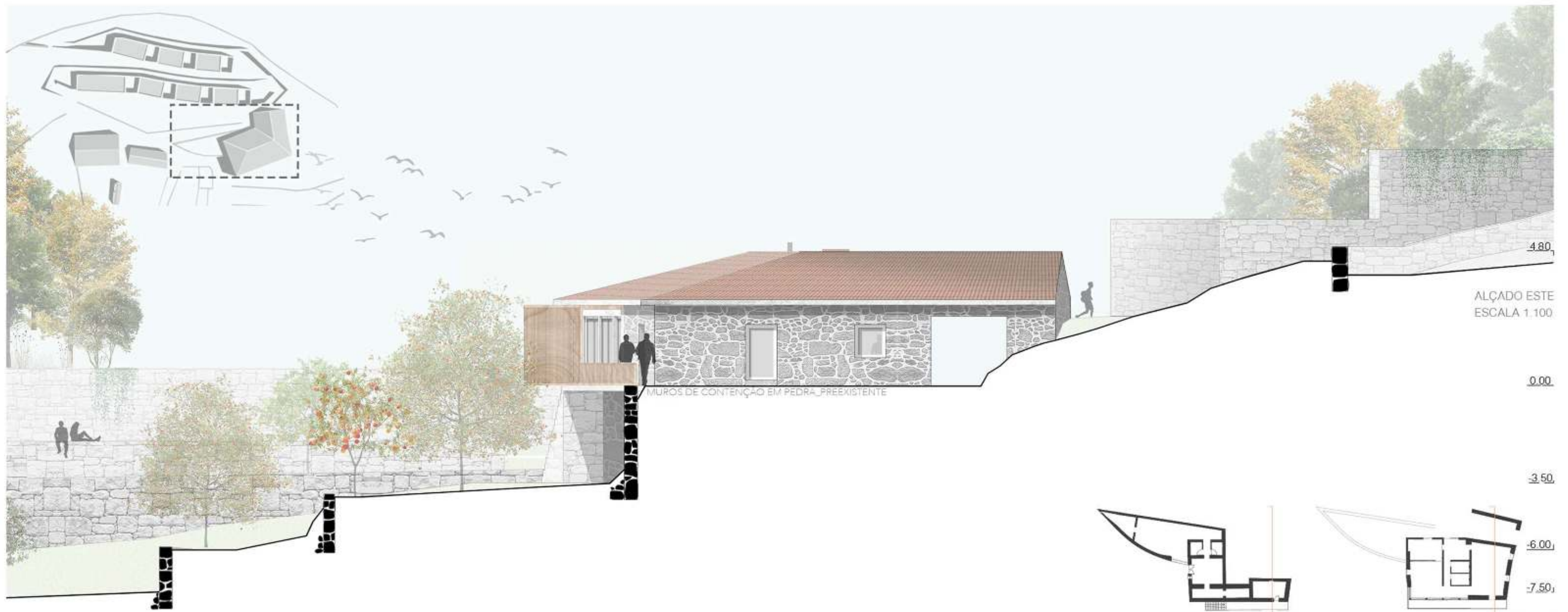


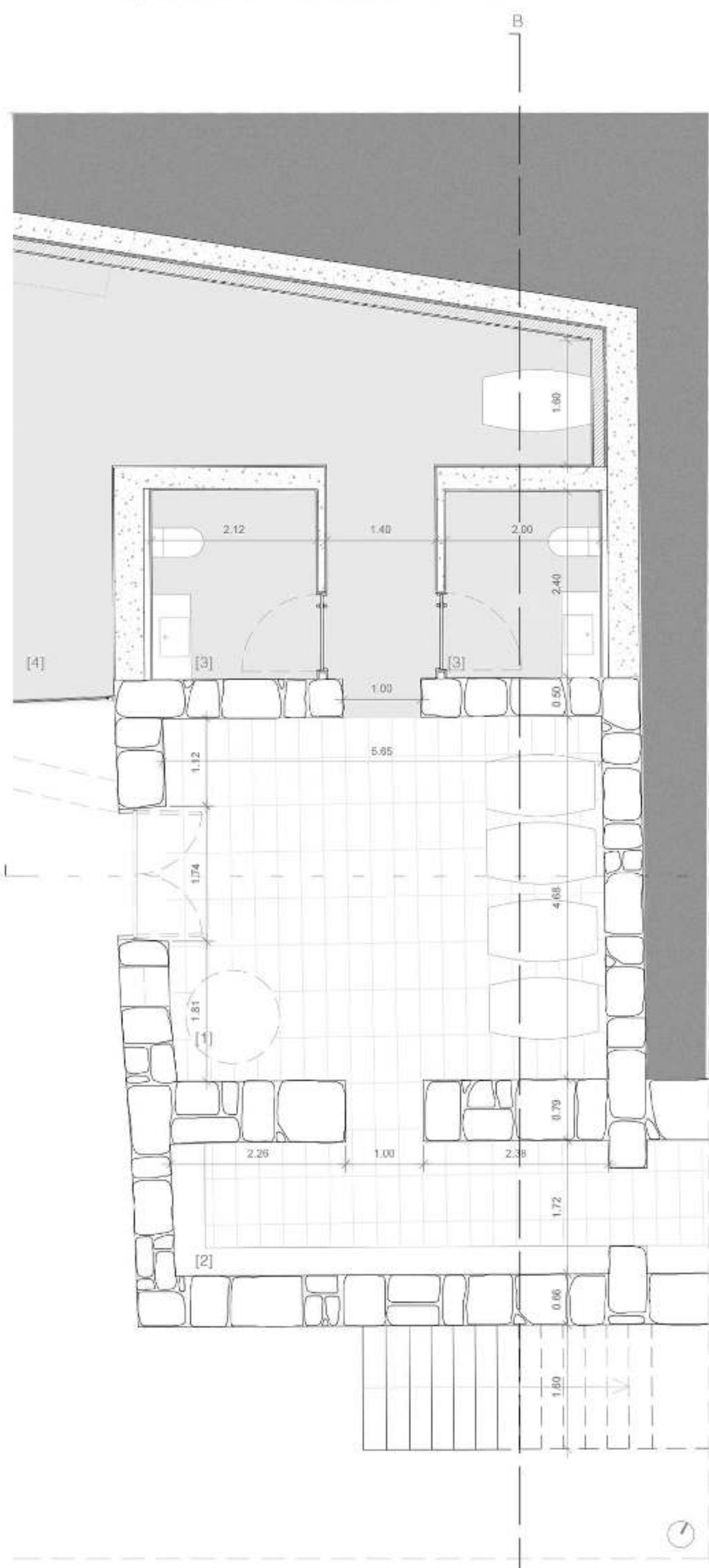
- ELEMENTOS A CONSTRUIR
- ELEMENTOS A DEMOLIR
- ELEMENTOS A CONSERVAR



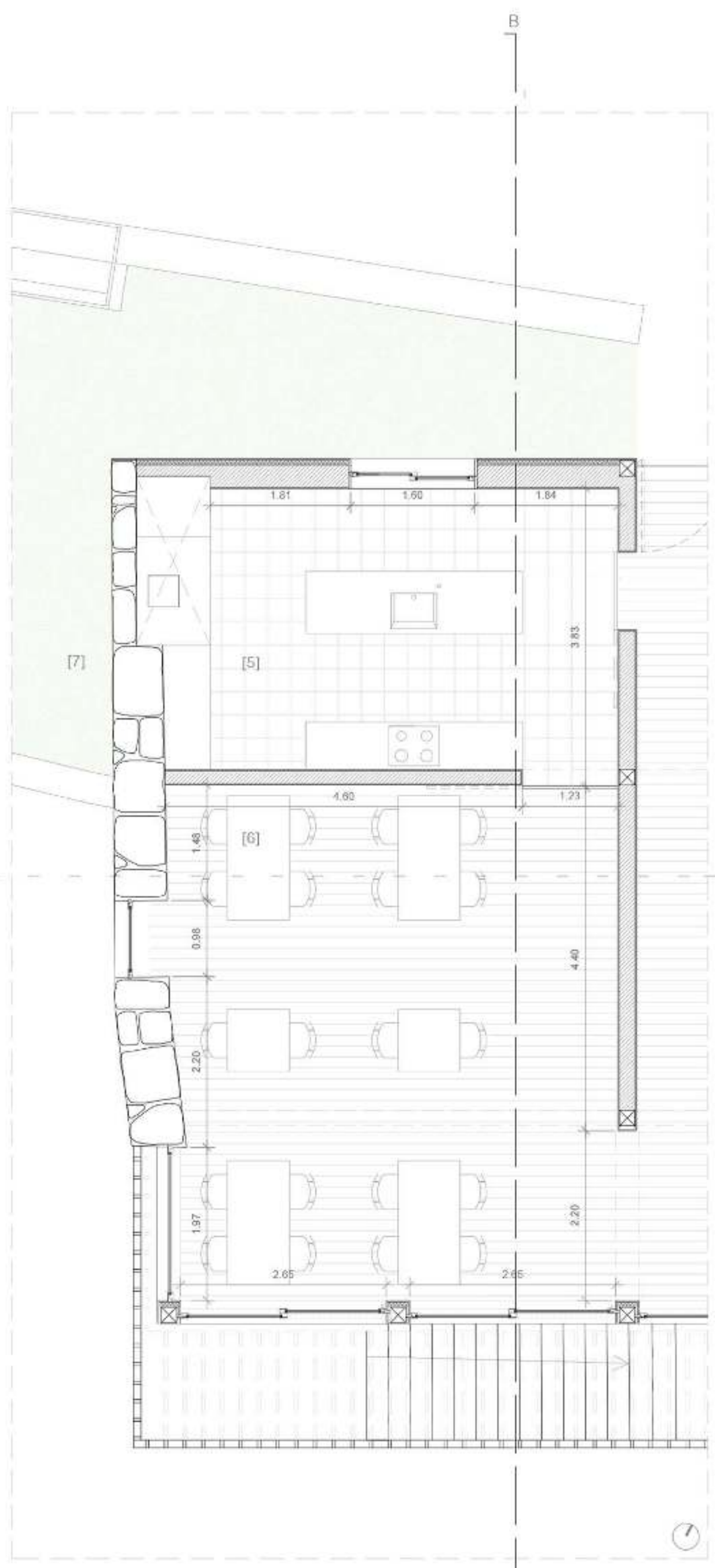
- |  |                     |  |
|--|---------------------|--|
|  | ALVENARIA DE PEDRA  | [7] COZINHA (20.40 M <sup>2</sup> )              |
|  | ALVENARIA DE TIJOLO | [8] SALA DE REFEIÇÃO (38.40 M <sup>2</sup> )     |
|  | SOALHO DE PINHO     | [9] RECEÇÃO (17.60 M <sup>2</sup> )              |
|  | MÁRMORE TRAVERTINO  | [10] INSTALAÇÃO SANITÁRIA (6.85 M <sup>2</sup> ) |
|  |                     | [11] SALA DE CONVÍVIO (58.30 M <sup>2</sup> )    |
|  |                     | [12] VARANDA (23.40 M <sup>2</sup> )             |

PLANTA PISO 1  
ESCALA 1:100





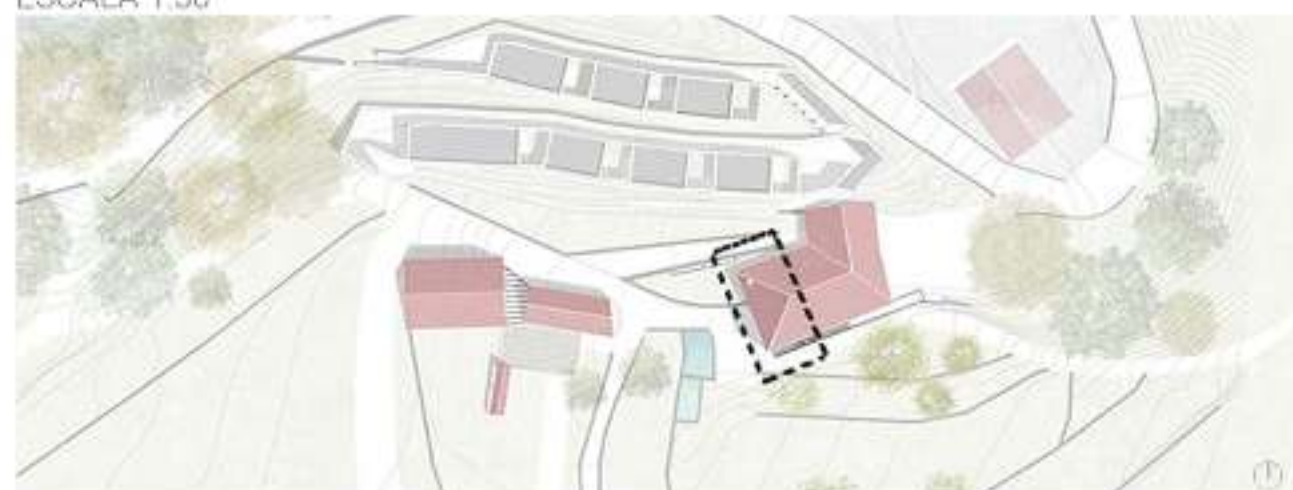
PLANTA SECCIONADA PISO TÉRREO  
ESCALA 1:50



PLANTA SECCIONADA PISO 1  
ESCALA 1:50



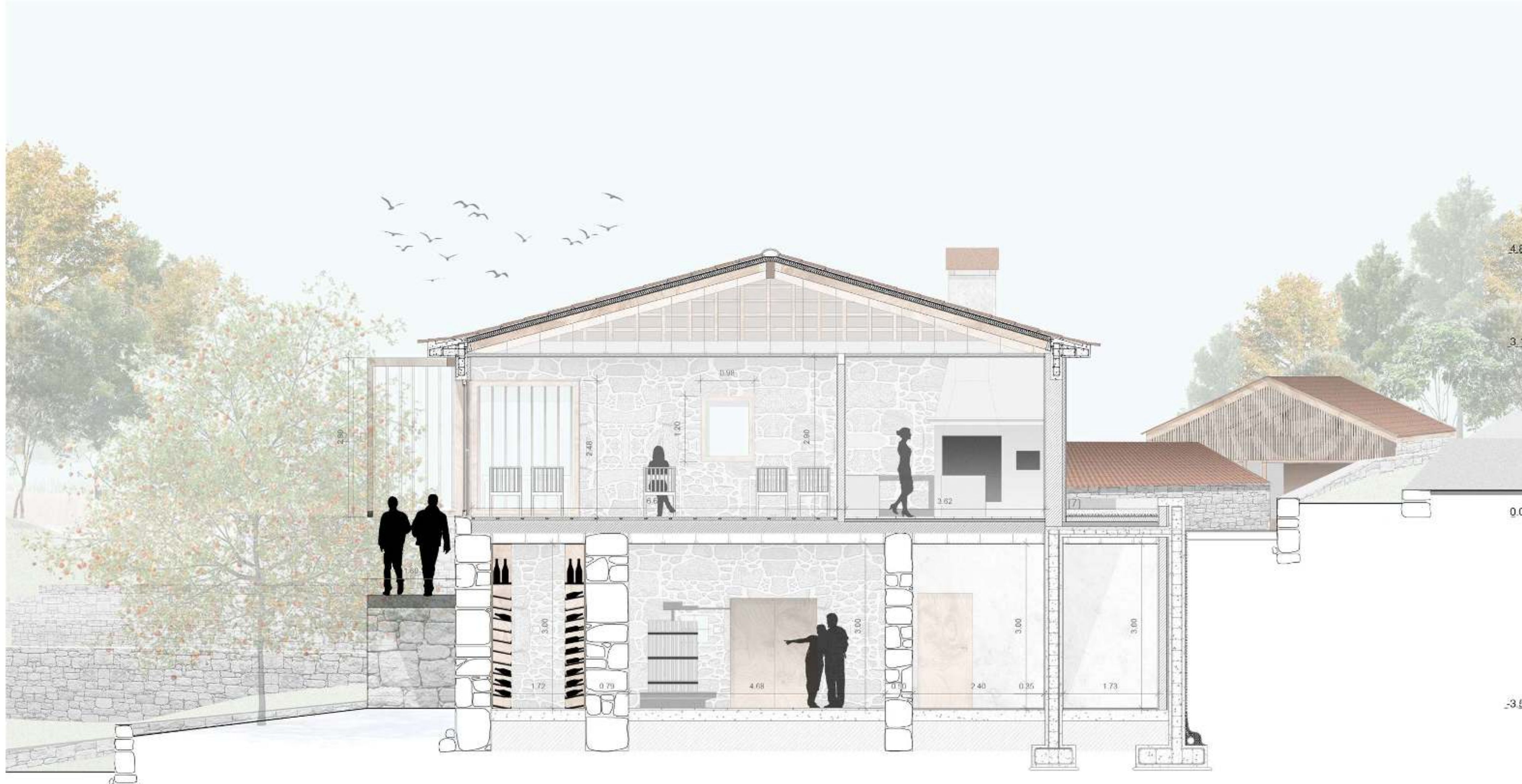
CORTE A SECCIONADO  
ESCALA 1:50



LEGENDA DE MATERIAIS

	ALVENARIA DE PEDRA		SOALHO DE PINHO
	ALVENARIA DE TIJOLO		MÁRMORE TRAVERTINO
	ALVENARIA ESTRUTURAL DE BETÃO		GRANITO
	MICROCIMENTO		SOLO

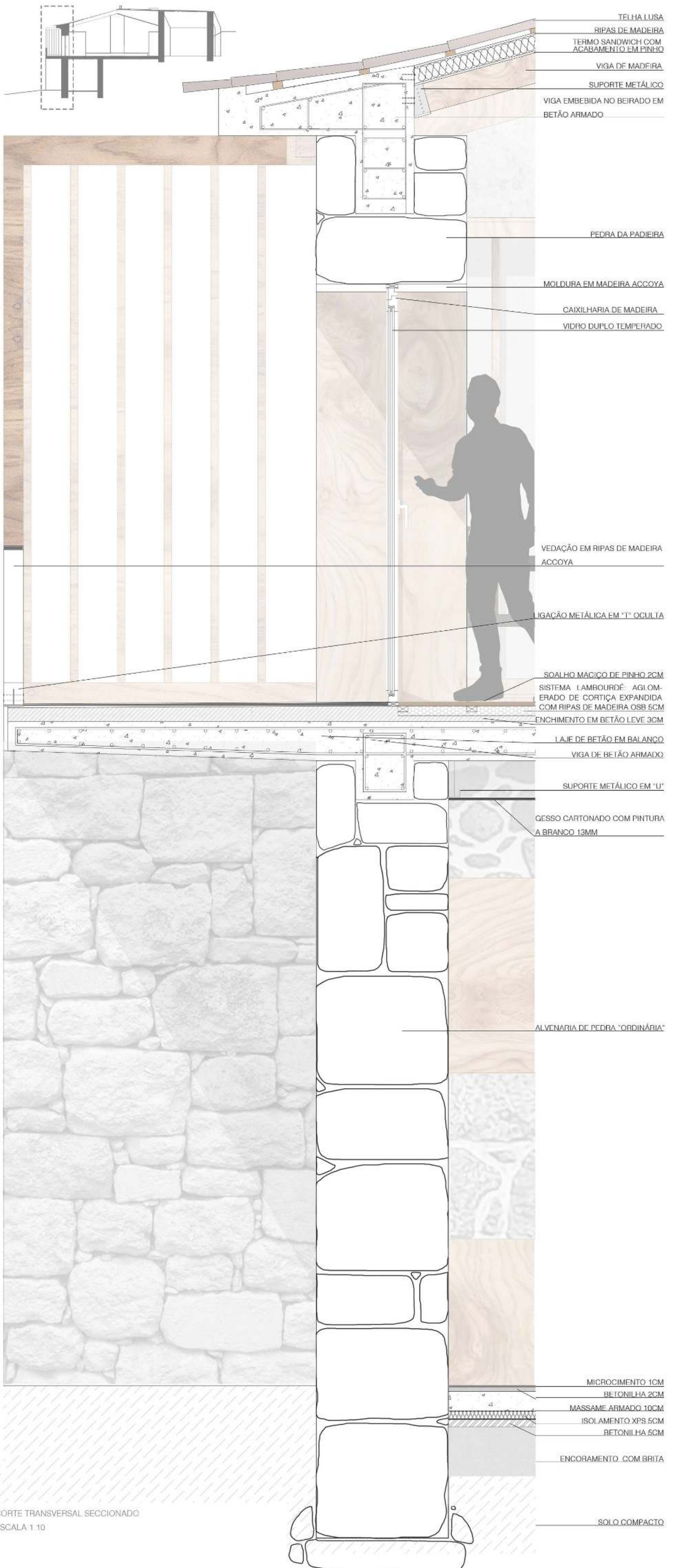
[1] ADEGA	(26 M <sup>2</sup> )	[5] COZINHA	(20.40 M <sup>2</sup> )
[2] GARRAFEIRA	(17.30 M <sup>2</sup> )	[6] SALA DE PROVAS	(58.30 M <sup>2</sup> )
[3] INSTALAÇÃO SANITÁRIA	(9.95 M <sup>2</sup> )	[7] COBERTURA VERDE	
[4] SALA DE PROVAS	(65 M <sup>2</sup> )		



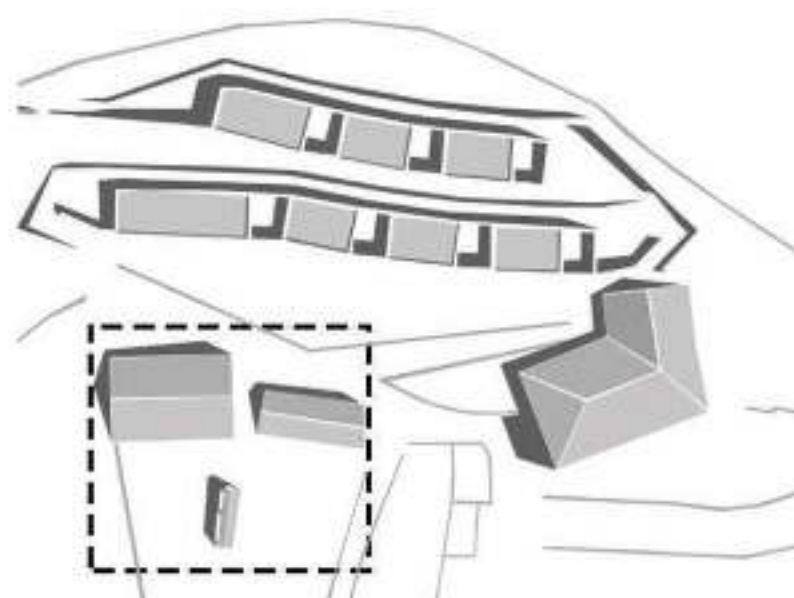
CORTE B  
ESCALA 1:50



ALÇADO FRONTAL SECCIONADO  
 ESCALA 1:10



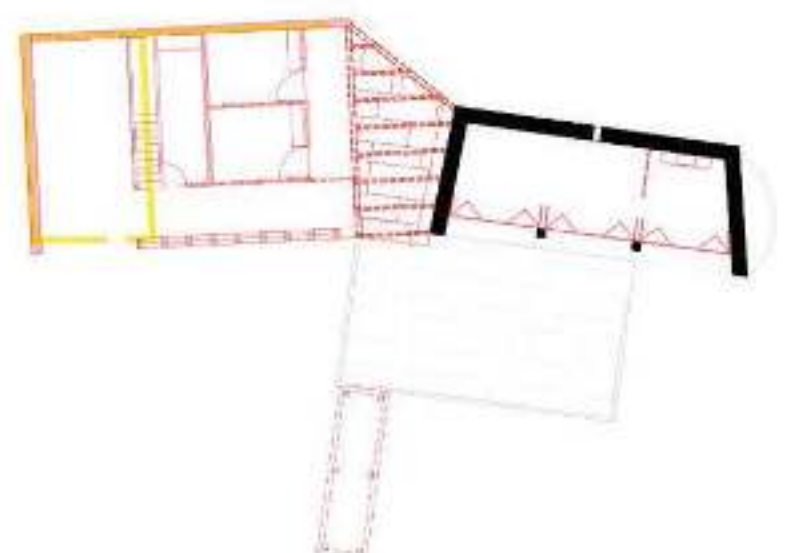
CORTE TRANSVERSAL SECCIONADO  
 ESCALA 1:10



O projeto de intervenção para a área de trabalho é diferenciado consoante os seus elementos. No caso do **sequeiro**, opta-se pela recuperação, mantendo a sua identidade original.

Em relação ao **coberto**, carente de acabamentos, vem a apresentar problemas de estabilidade e também de identidade. Na sequência desta condição, propõe-se a demolição e a construção de um coberto que sirva as necessidades da quinta, devidamente integrado e proporcional à ambição do projeto.

Ao longo da análise deste tipo de estruturas, concluímos que o **Espigueiro** é a peça que está em falta neste conjunto, assume-se a necessidade de resolver esta carência, para reforçar a unidade do conjunto, propondo a implantação de um espigueiro minhoto.



- ELEMENTOS A CONSTRUIR
- ELEMENTOS A DEMOLIR
- ELEMENTOS A CONSERVAR

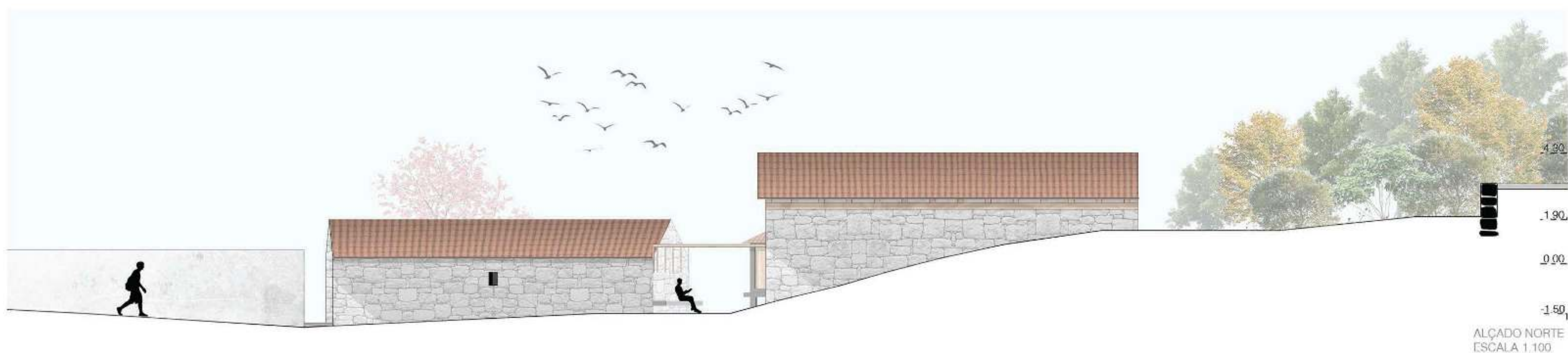
- ALVENARIA DE PEDRA
- CLT (CROSS LAMINATED TIMBER)
- MICROCIMENTO
- GRANITO

- [1] ARRUMOS DE ALFAIAS (33.56M<sup>2</sup>) (33.56M<sup>2</sup>)
- [2] CAPOEIRO (5.40M<sup>2</sup>) (5.40M<sup>2</sup>)
- [3] POCILGÁ (20.50M<sup>2</sup>) (20.50M<sup>2</sup>)
- [4] ABRIGO DE CAPHINOS (14.80M<sup>2</sup>) (14.80M<sup>2</sup>)
- [5] JEIRA (71.20M<sup>2</sup>) (71.20M<sup>2</sup>)
- [6] ESPIGUEIRO (8.50M<sup>2</sup>) (8.50M<sup>2</sup>)
- [7] SEQUEIRO (42.00M<sup>2</sup>) (42.00M<sup>2</sup>)

PLANTA PISO TÉRREO  
ESCALA 1:100



ALÇADO SUL  
ESCALA 1:100





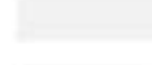

ALÇADO NORTE  
ESCALA 1:100

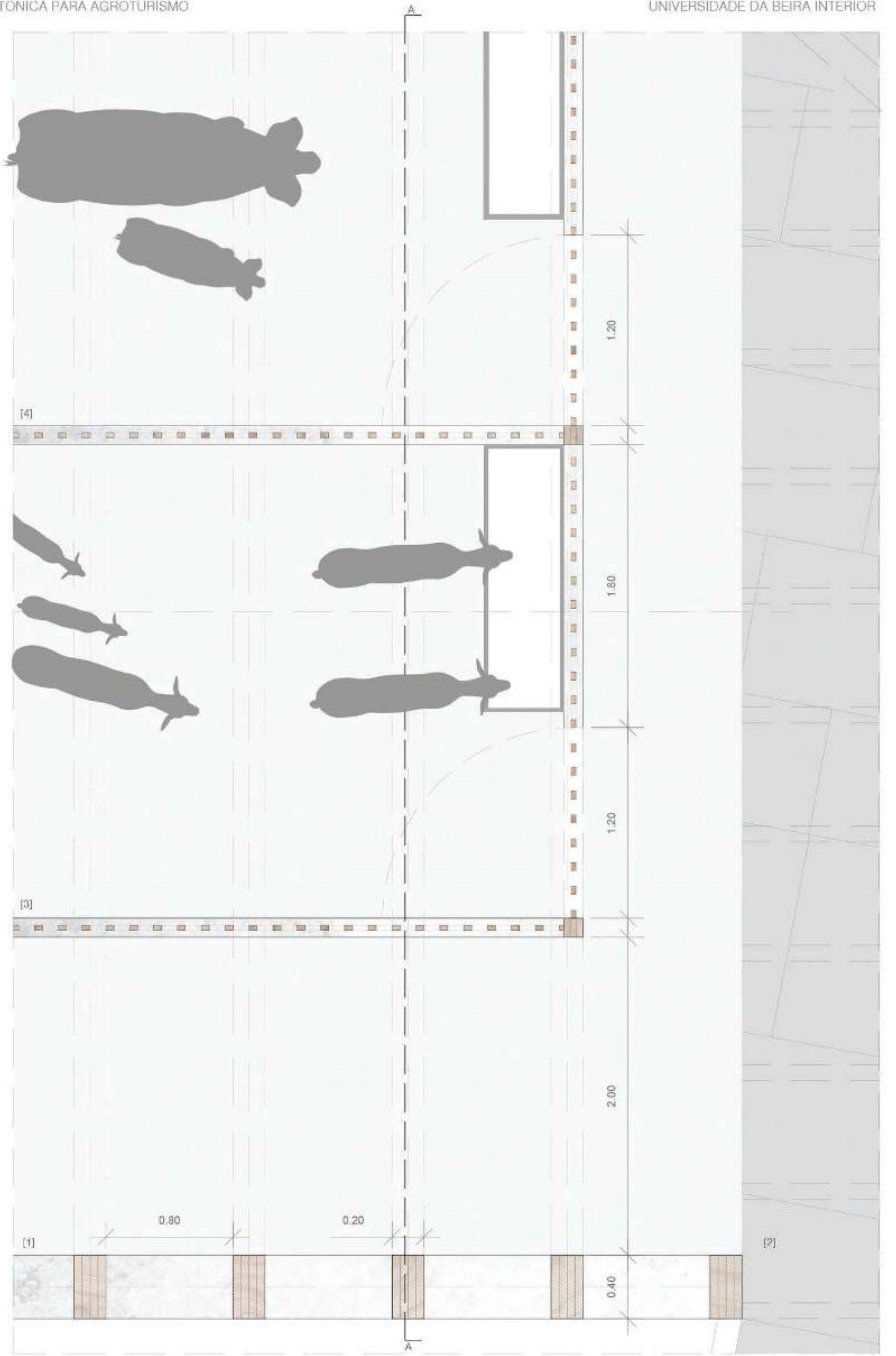


CORTE A  
ESCALA 1:100



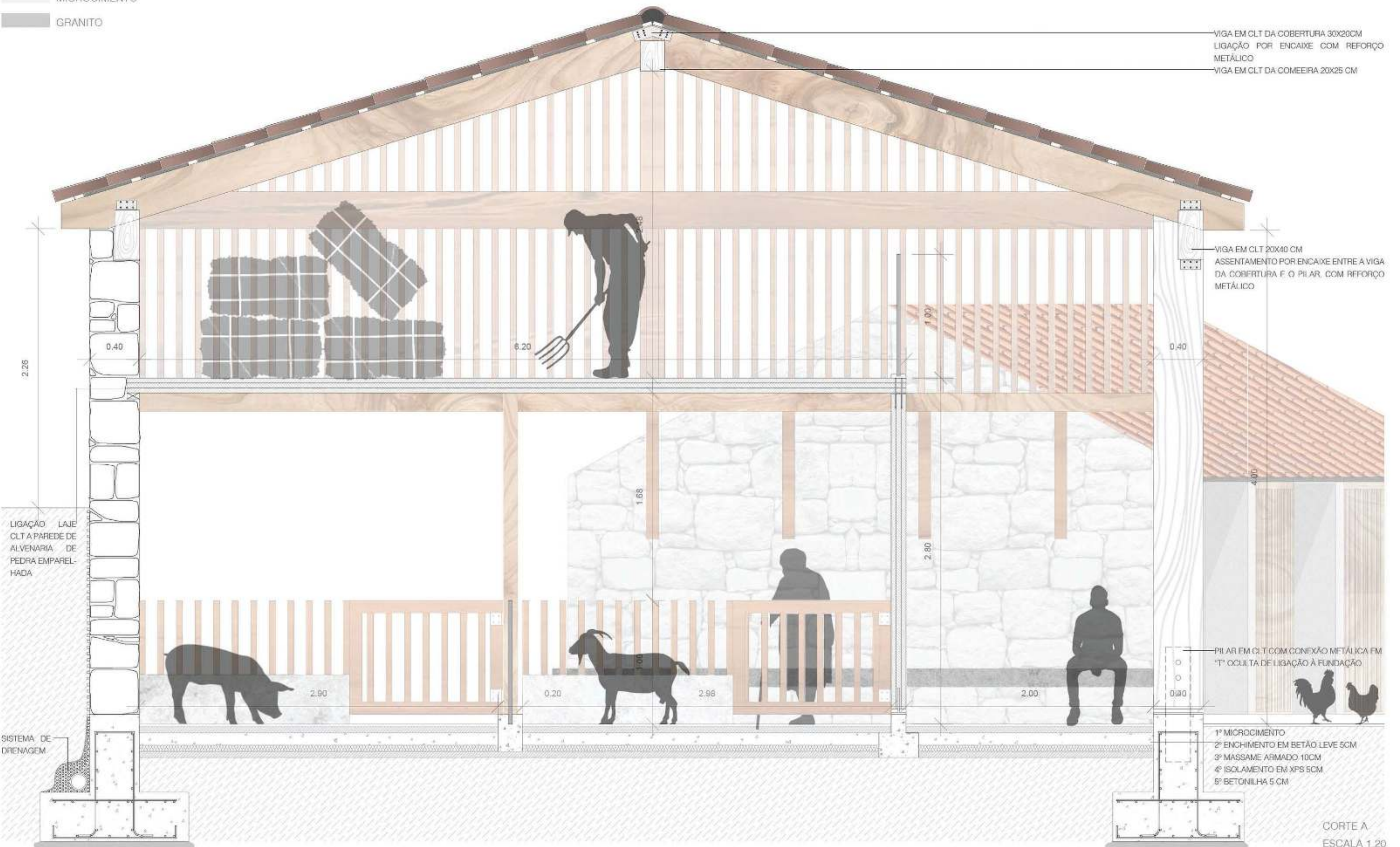
ALÇADO SUL SECCIONADO  
ESCALA 1:20

-  ALVENARIA DE PEDRA
-  CLT (CROSS LAMINATED TIMBER)
-  CLT (CROSS LAMINATED TIMBER)
-  MICROCIMENTO
-  GRANITO



PLANTA SECCIONADA  
ESCALA 1:20

- [1] ÁREA DE CIRCULAÇÃO (24.60 M<sup>2</sup>)
- [2] ÁREA DE VISITAS (24 M<sup>2</sup>)
- [3] ABRIGO DE CAPRINOS (14.80 M<sup>2</sup>)
- [4] POCILGA (20.50 M<sup>2</sup>)



VIGA EM CLT DA COBERTURA 30X20CM  
LIGAÇÃO POR ENCAIXE COM REFORÇO METÁLICO  
VIGA EM CLT DA COMEIRA 20X25 CM

VIGA EM CLT 20X40 CM  
ASSENTAMENTO POR ENCAIXE ENTRE A VIGA DA COBERTURA E O PILAR, COM REFORÇO METÁLICO

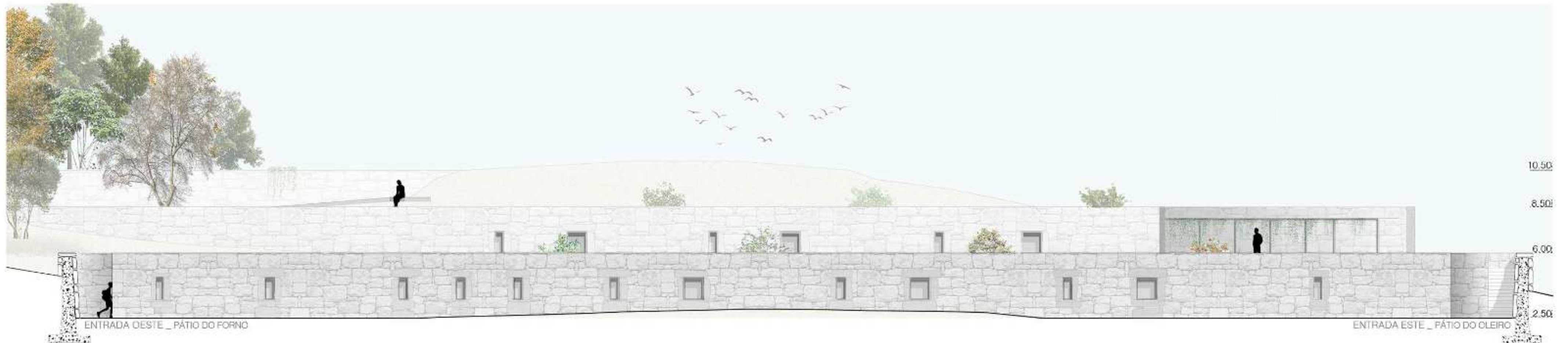
PILAR EM CLT COM CONEXÃO METÁLICA EM "T" OCULTA DE LIGAÇÃO À FUNDAÇÃO

1º MICROCIMENTO  
2º ENCHIMENTO EM BETÃO LEVE 5CM  
3º MASSAME ARMADO 10CM  
4º ISOLAMENTO EM XPS 5CM  
5º BETONILHA 5 CM

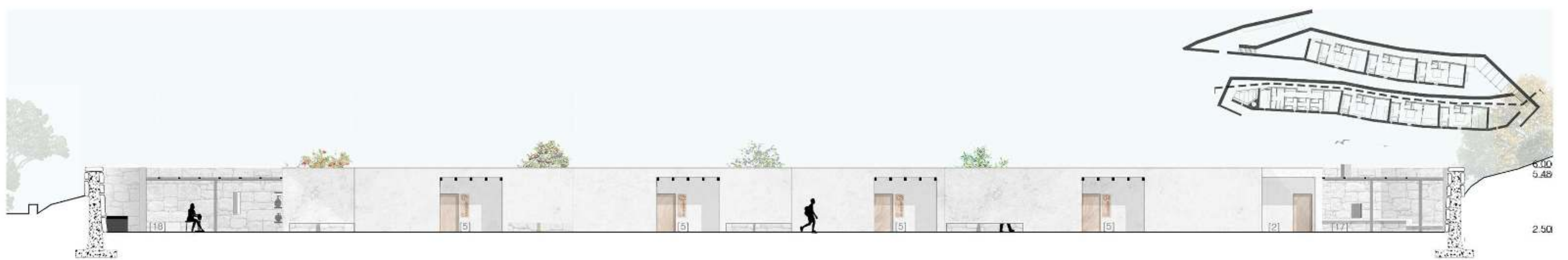
CORTE A  
ESCALA 1:20



ALVENARIA DE PEDRA	[1] PÁTIO DO FOJO (47.00M <sup>2</sup> )	[10] PÁTIO INDIVIDUAL DA OLIVEIRA (18.70M <sup>2</sup> )	PLANTA ALOJAMENTO ESCALA 1.150
MURO DE CONTENÇÃO (BETÃO)	[2] ÁREA SUPORTE TÉCNICO (11.00M <sup>2</sup> )	[11] PÁTIO INDIVIDUAL DA PEREIRA (17.20M <sup>2</sup> )	
CLT (CROSS LAMINATED TIMBER)	[3] INSTALAÇÃO SANITÁRIA (8.90M <sup>2</sup> )	[12] PÁTIO INDIVIDUAL DA MACIEIRA (18.70M <sup>2</sup> )	
MICROCIMENTO	[4] CLOSET (2.20M <sup>2</sup> )	[13] PÁTIO INDIVIDUAL DA AMEIXOEIRA (18.50M <sup>2</sup> )	
UNIDECOR AREIA (PAVIMENTO POROSO PERMEÁVEL)	[5] SUÍTE (20.00M <sup>2</sup> )	[14] PÁTIO INDIVIDUAL DA LARANJEIRA (18.50M <sup>2</sup> )	
SOALHO DE PINHO	[6] KITCHENETTE (4.10M <sup>2</sup> )	[15] PÁTIO INDIVIDUAL DA GEHEJEIRA (17.20M <sup>2</sup> )	
	[7] BANHEÁRIO (15.45M <sup>2</sup> )	[16] PÁTIO DAS GRANJAS (64.00M <sup>2</sup> )	
	[8] DORMITÓRIO (43.60M <sup>2</sup> )	[17] PÁTIO DO FORNO (40.90M <sup>2</sup> )	
	[9] PÁTIO INDIVIDUAL DO PESSEGUIRO (18.25M <sup>2</sup> )	[18] PÁTIO DO OLEIRO (47.00M <sup>2</sup> )	



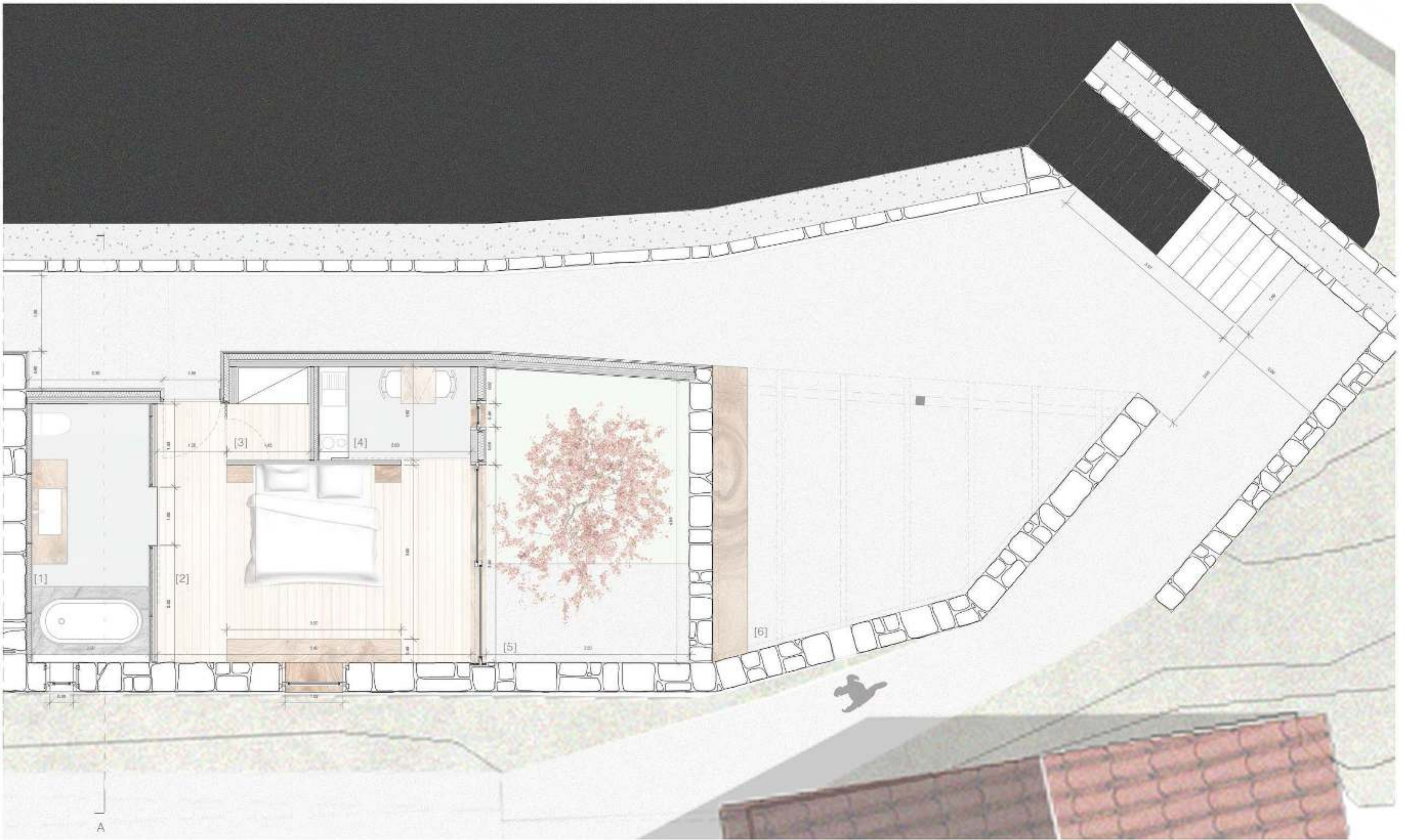
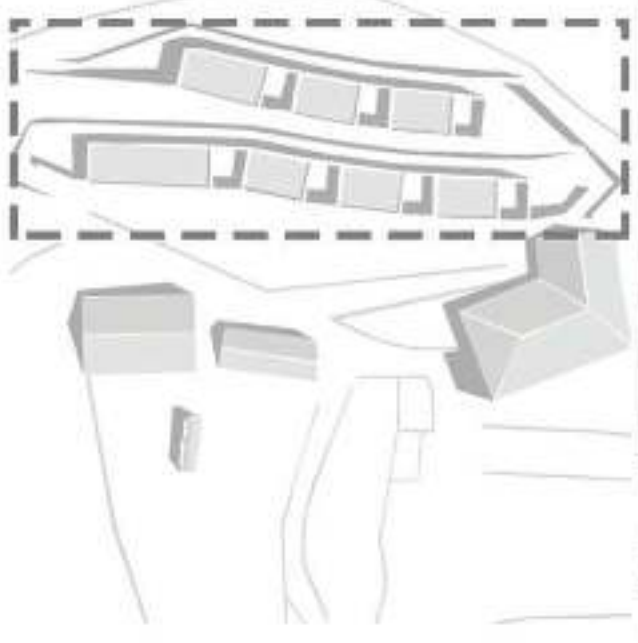
ALÇADO SUL  
ESCALA 1.150



ALÇADO NORTE  
ESCALA 1.150



CORTA A  
ESCALA 1.150



PLANTA SECCIONADA ALOJAMENTO COTA 2.50  
ESCALA 1.50

A área de alojamento é a intervenção de maior impacto na Quinta da Torre, tendo em conta que as restantes áreas assentam sobre preexistências. Assim sendo, determinou-se disimular o alojamento na paisagem através de patamares alusivos aos socacos agrícolas. O muro de pedra gerado por estes socacos torna-se assim um elemento fundamental nesta intervenção, onde entre muros e paredes de alvenaria de pedra, se limitam os espaços comuns e privados.

Na procura de uma intervenção devidamente integrada no contexto da Quinta da Torre, idealizou-se a união de dois sistemas construtivos, o tradicional, como a alvenaria de pedra, e o contemporâneo, como o sistema de CLT. Os painéis CLT (Cross Laminated Timber) consistem num sistema estrutural simples e leve, apresentando como vantagem a sua rápida aplicação, a sua estabilidade, resistência e ainda a reversibilidade da intervenção. Desta forma, determinou-se a sua aplicação nas paredes divisórias interiores, nas paredes de fachada exterior e na cobertura.

- [1] INSTALAÇÃO SANITÁRIA (8.90 M<sup>2</sup>)
- [2] SUÍTE (20.00 M<sup>2</sup>)
- [3] CLOSET (2.20 M<sup>2</sup>)
- [4] KITCHENETTE (4.10 M<sup>2</sup>)
- [5] PÁTIO DA CEREJEIRA (17.20 M<sup>2</sup>)
- [6] PÁTIO DO OLEIRO (47.00 M<sup>2</sup>)

- ALVENARIA DE PEDRA
- MURO DE CONTENÇÃO (BETÃO)
- CLT (CROSS LAMINATED TIMBER)
- MICROCEMENTO
- UNIDECOR AREIA (PAVIMENTO POROSO PERMEÁVEL)
- SOALHO DE PINHO
- MADEIRA NATURAL



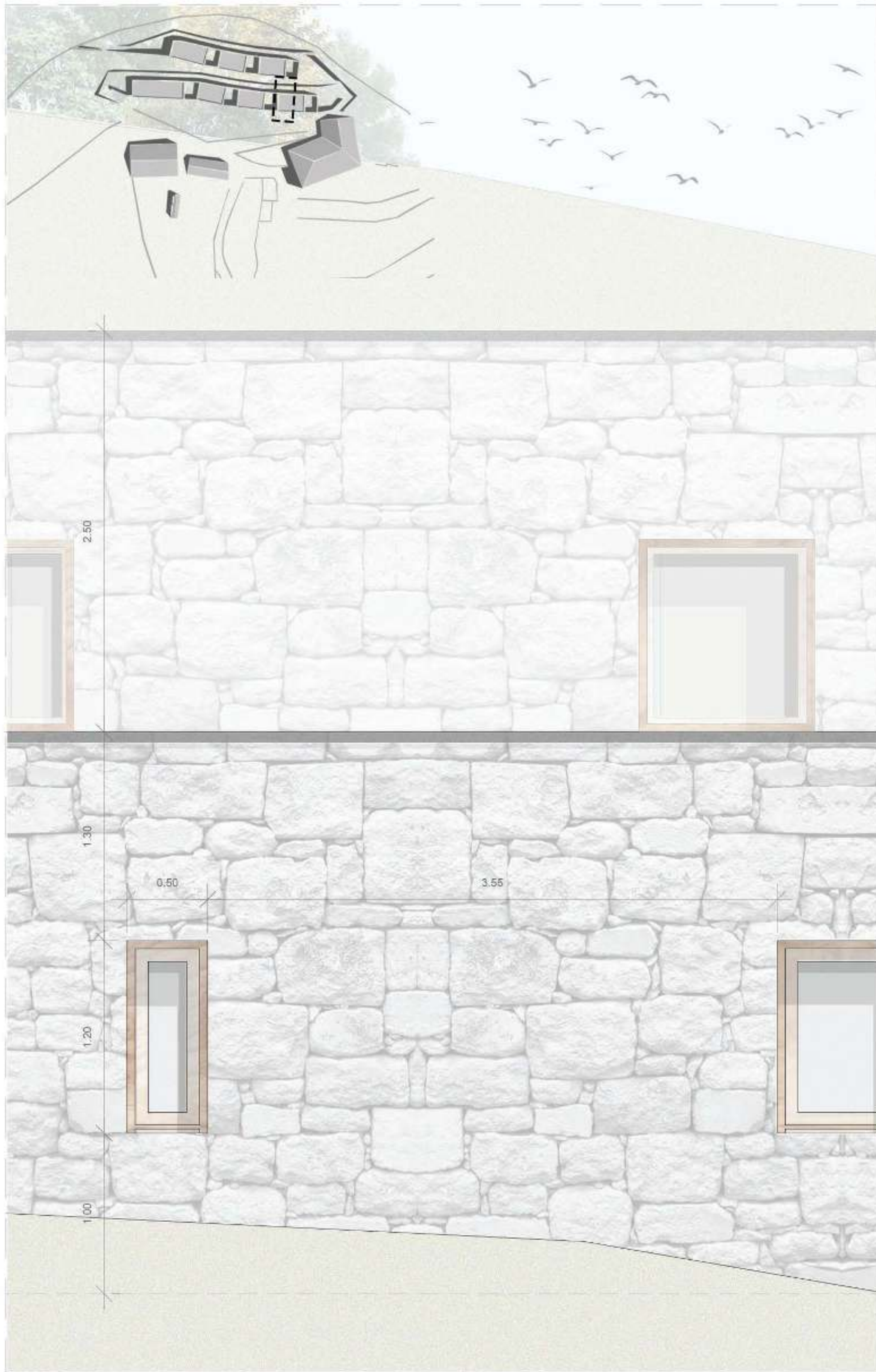
ALÇADO SUL SECCIONADO  
ESCALA 1.50



ALÇADO NORTE SECCIONADO  
ESCALA 1.50

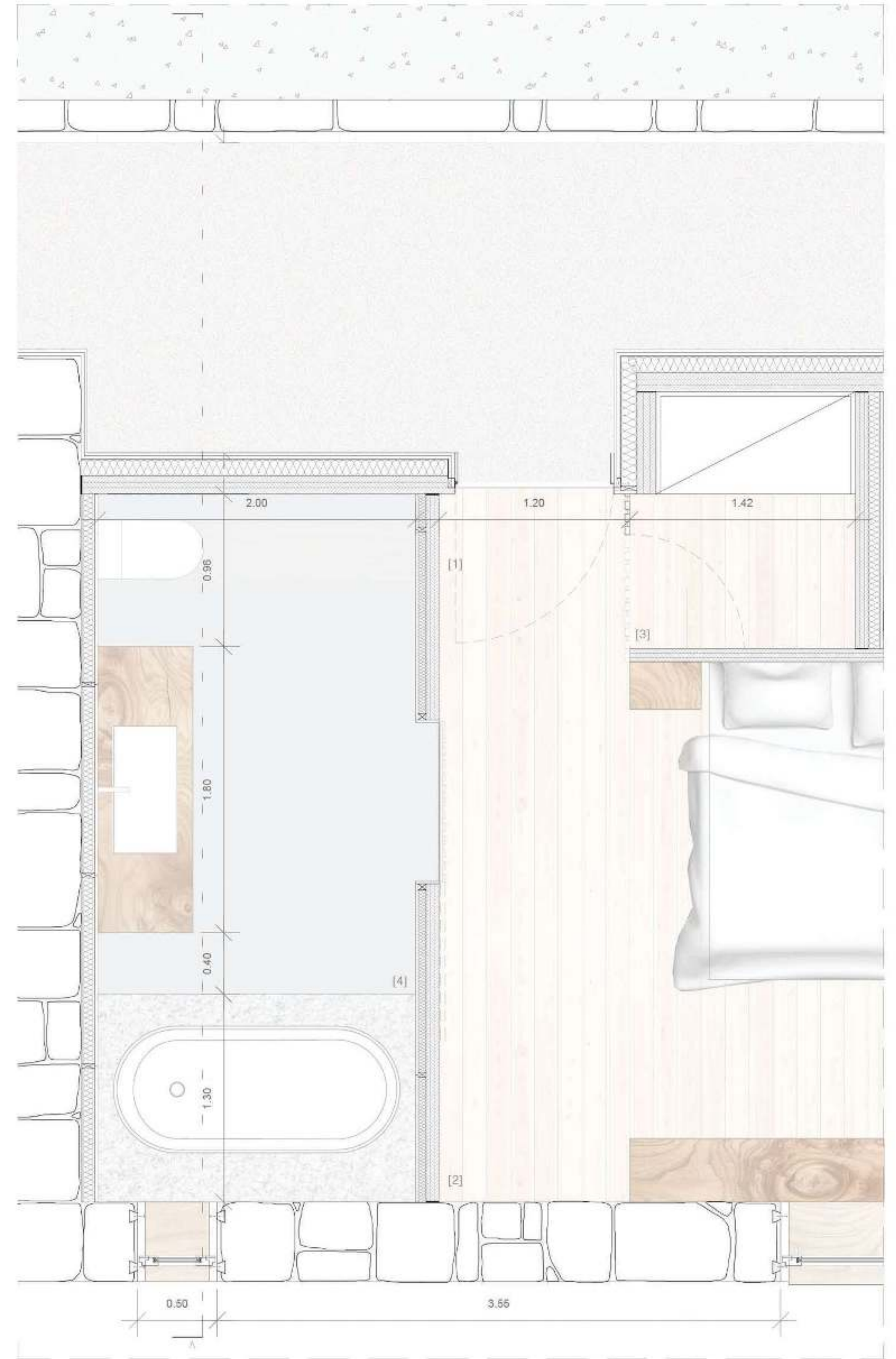


CORTE 0.00  
ESCALA 1.50



- ALVENARIA DE PEDRA
- SOALHO DE PINHO
- MICROCIMENTO
- CLT (CROSS LAMINATED TIMBER)
- ISOLAMENTO DE LÃ MINERAL
- GRANITO
- UNIDECOR AREIA (PAVIMENTO POROSO PERMEÁVEL)
- MADEIRA

ALÇADO SECCIONADO ALOJAMENTO COTA 2.50  
ESCALA 1:20



PLANTA SECCIONADA ALOJAMENTO COTA 2.50  
ESCALA 1:20

- [1] ACESSO EXTERIOR (20.00 M<sup>2</sup>)
- [2] SUÍTE (2.20 M<sup>2</sup>)
- [3] CLOSET (2.20 M<sup>2</sup>)
- [4] INSTALAÇÃO SANITÁRIA (8.90 M<sup>2</sup>)



- COBERTURA PLANA EM PAINEL CLT COM 18CM DE ESPESSURA. ISOLAMENTO EM LÃ MINERAL COM PENDENTE DE 2%. SISTEMA DE DRENAGEM, MEMBRANA IMPERMEÁVEL ANTI RAÍZES E ARGILA EXPANDIDA.
- SISTEMA DE DRENAGEM SOBRE COBERTURA PLANA.
- Tecto falso de placas de gesso cartonado com pintura à cor branca.
- SOLEIRA E UMBREIRA EM MADEIRA ACQOYA, COM TRATAMENTO DE ACETILAÇÃO. CAIXILHARIA EM MADEIRA COM VIDRO DUPLO TEMPERADO.
- PAREDE EXTERIOR EM ALVENARIA DE PEDRA COM APARELHAMENTO EM GRANITO ASSENTE SOBRE FUNDAÇÃO EM BETÃO ARMADO.
- BANHEIRA ASSENTE SOBRE PLACA DE PEDRA EM GRANITO.

- 1º MICROCIMENTO 2 CM
- 2º ENCHIMENTO EM BETÃO LEVE 12 CM
- 3º MASSAM. ARMADO 15 CM
- 4º ISOLAMENTO EM XPS 5 CM
- 5º BETONILHA 5 CM
- 6º ENCORAMENTO COM BRITA 20 CM

PAVIMENTO EXTERIOR UNIDECOR AREIA, UM PAVIMENTO POROSO E PERMEÁVEL COM SISTEMA DE ESCOAMENTO DE ÁGUAS OCULTO.

MURO DE CONTENÇÃO DE TERRAS EM BETÃO ARMADO REVESTIDO COM PEDRA GRANÍTICA DE 20 CM DE ESPESSURA.

SISTEMA DE DRENAGEM

CORTE A  
ESCALA 1:20



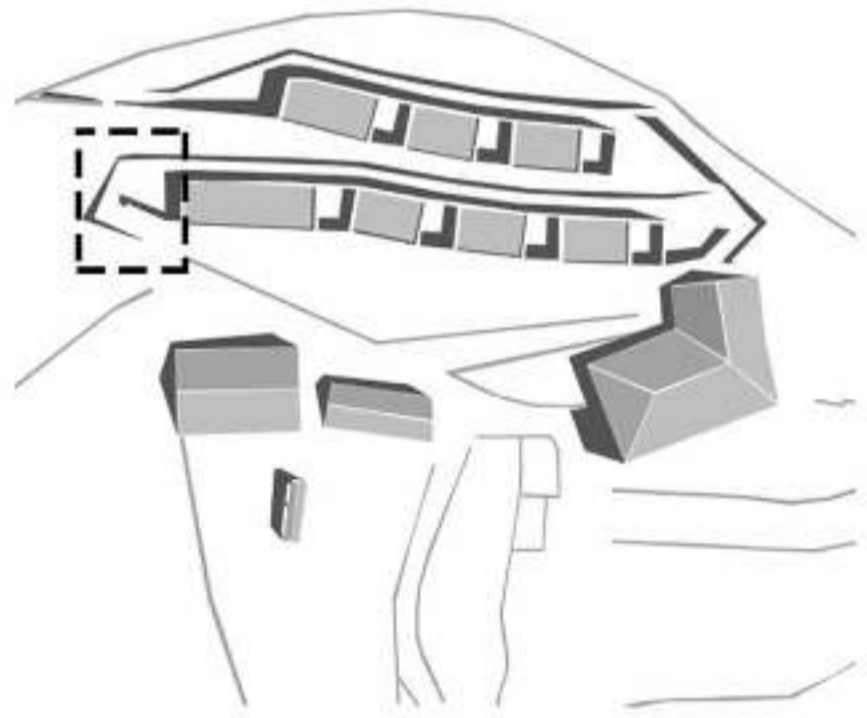
REGISTO DE ARTUR PASTOR



REGISTO DA AUTORA - SOBRALS MIGUEL



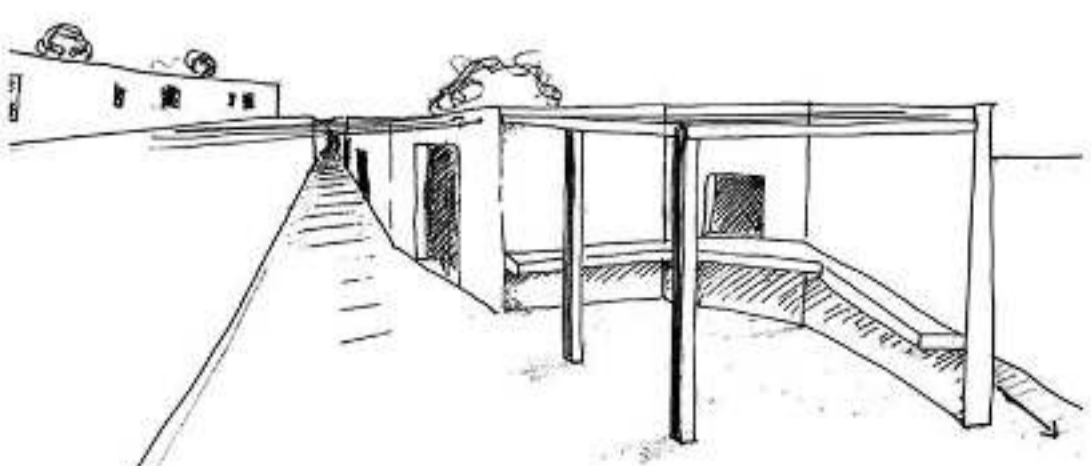
REGISTO DA AUTORA - SOBRALS MIGUEL

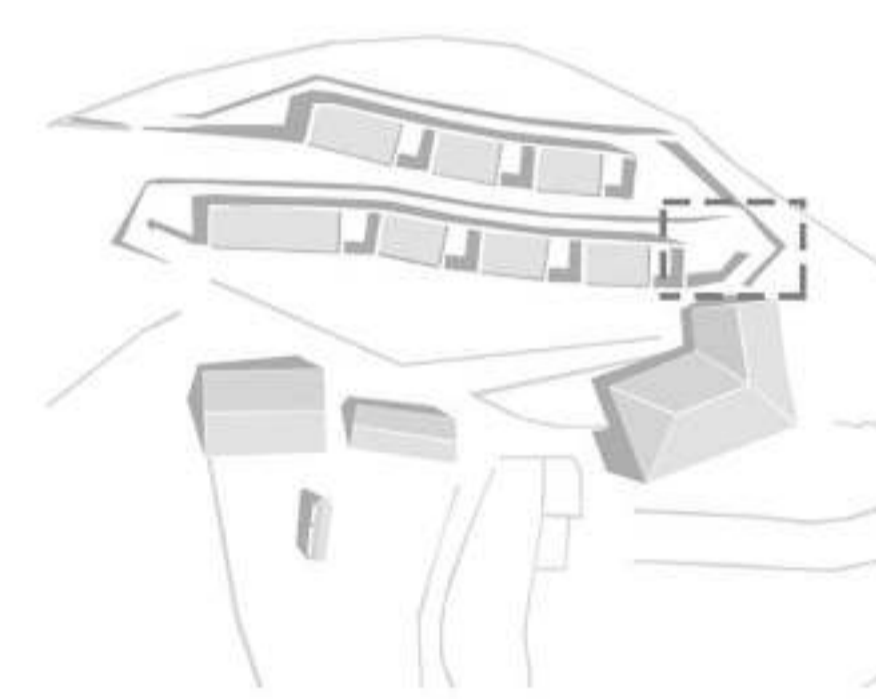
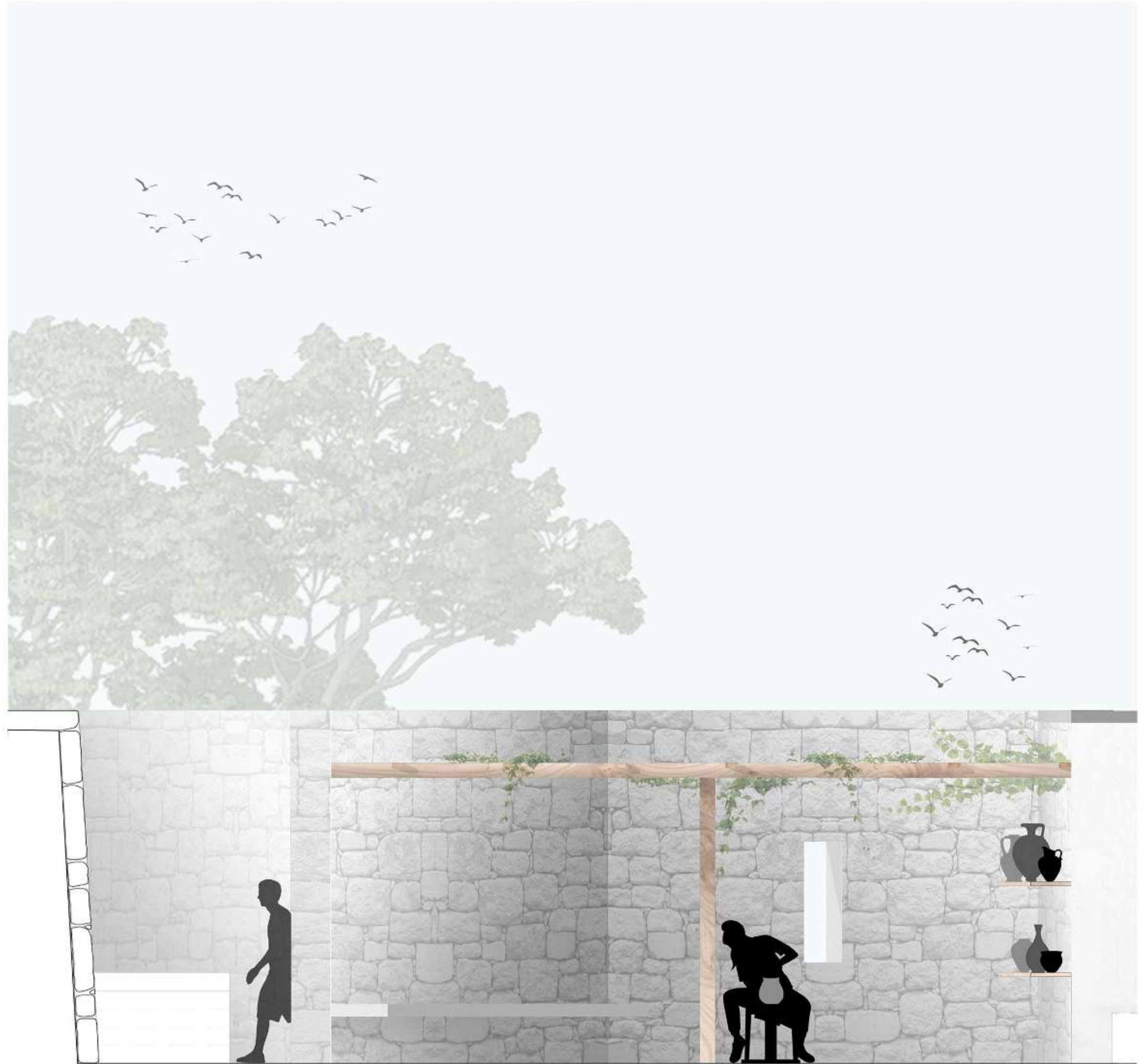


A ideia de percurso está relacionada com a surpresa e a expectativa. Por esse motivo, a implantação de pátios comuns nas extremidades do corpo do alojamento, pretende proporcionar esse momento de surpresa, determinando vários pontos de paragem.

O **pátio do forno** localiza-se na extremidade Oeste no primeiro corpo de alojamentos. Trata-se de um espaço que contém um forno de pedra com a premissa de materializar a vontade de perpetuar uma memória da infância: o pão da avó cozinhado no forno comunitário.

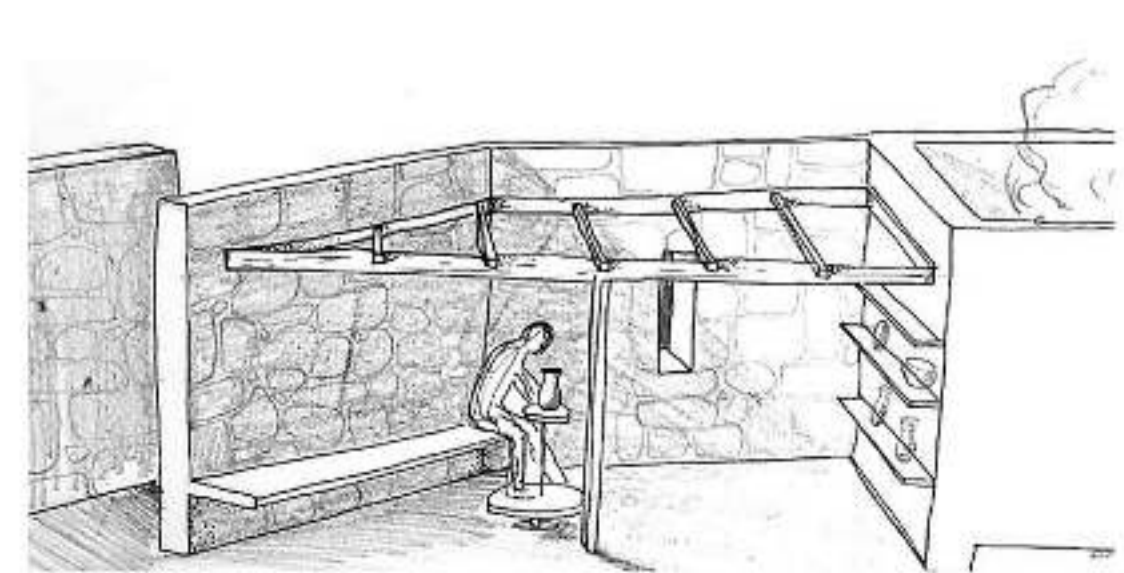
A Arquitetura popular reflete o sentimento de comunidade e partilha, em estrita relação com os recursos locais. O forno comunitário é resultado disso mesmo, um espaço de responsabilidade e benefício de toda a comunidade. Assim, propomos a criação de um pátio do forno para perpetuar esta ideia de comunidade, promovendo a experiência e a vivência desta tradição na Quinta da Torre.

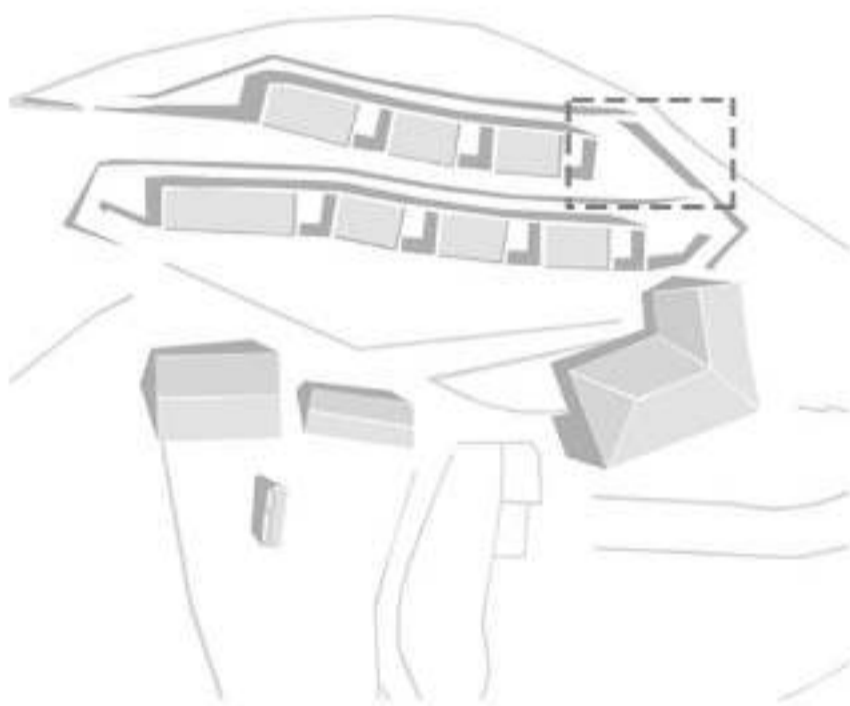
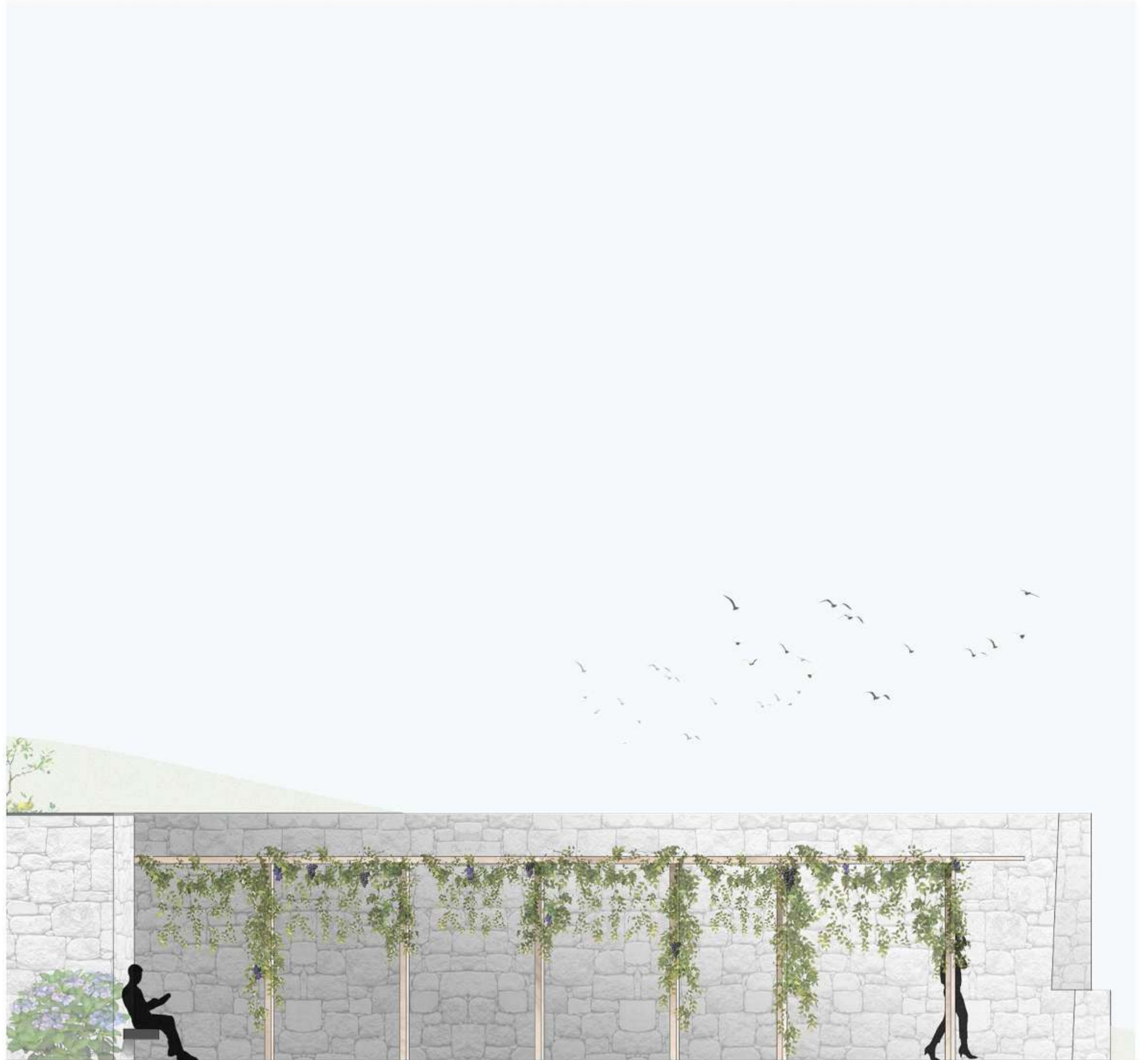




O concelho de Barcelos é uma terra rica em água e barro e fortemente reconhecida pela arte em torno do barro. Como pano de fundo do mundo da olaria, surge o Figurado de Barcelos, tratando-se de peças de estatário de expressão popular, que representam o modo de pensar, sentir, viver e evoluir de uma comunidade, retratando o quotidiano do seu tempo, sendo a vida rural o tema de maior foco.

Conscientes desta premissa, o **pátio do oleiro**, que se localiza na extremidade Este do primeiro corpo de alojamentos, é um espaço que procura revitalizar a tradição oleira da cidade, promovendo um experiência pedagógica. Assim sendo, a roda do oleiro é o ponto central do pátio, acompanhado pela exposição de peças de olaria como arte identitária do concelho de Barcelos.





O **pátio da vinha** ergue-se junto ao segundo corpo de alojamentos, destacando-se em relação aos restantes por não se encerrar entre muros de pedra. Esta interrupção procura salienta a cultura da vinha característica na região do Minho.

Na região Cávado, as vinhas, desenvolvem-se sobre uma estrutura simples formada por esteios de granito e ferro assemelhando-se aos sistema de pérgola, permitindo a sua implantação sobre caminhos ou parcelas de terreno agrícola proporcionando o sombriamento destes espaços, como acontece na Quinta da Torre.

Embutidos nestas características, o pátio da vinha procura salienta esta particularidade de orientar o percurso até ao alojamento através da estrutura da vinha, e assim prolongar esta cultura já existente na Quinta da Torre.

